



**Universidade Federal do Amazonas  
Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais  
Programa de Pós-Graduação em História  
Mestrado em História**

**Sérgio Carvalho de Lima**

**CARVOEIROS**  
**Trajectoria do Trabalho e dos Trabalhadores da Carvoaria em**  
**Manaus (1945-1967)**

**MANAUS/AM**  
**2017**



**Universidade Federal do Amazonas  
Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais  
Programa de Pós-Graduação em História  
Mestrado em História**

**Sérgio Carvalho de Lima**

## **CARVOEIROS**

**Trajетória do Trabalho e dos Trabalhadores da Carvoaria em  
Manaus (1945-1967)**

Orientador:

Prof. Dr. César Augusto Bubolz Queirós

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Amazonas como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História Social.

**MANAUS/AM  
2017**

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L732c	Lima, Sérgio Carvalho de Carvoeiros: trajetória do trabalho e dos trabalhadores da carvoaria em Manaus (1945-1967) / Sérgio Carvalho de Lima. 2017 200 f.: il.; 31 cm.  Orientador: César Augusto Bubolz Queirós Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas.  1. Trabalho. 2. Manaus. 3. Carvão . 4. Carvoeiros. I. Queirós, César Augusto Bubolz II. Universidade Federal do Amazonas III. Título
-------	--

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Cesar Augusto Bubolz Queirós (DH/UFAM)  
Orientador/Presidente

---

Prof. Dr. Francisco Teixeira da Silva (DH/UNICAMP)  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Davi Avelino Leal (DH/UFAM)  
Membro Interno

---

Prof. Dr. Aldrin Armstrong Castellucci (DH/UFBA)  
1º Suplente – Membro Externo

---

Profa. Dra. Patrícia Rodrigues da Silva (DH/UFAM)  
2º Suplente - Membro Interno

## AGRADECIMENTOS

Acredito que ninguém chega ao final de um trabalho acadêmico, seja ele de que natureza for, exclusivamente à custas do seu esforço individual. São muitas as pessoas e instituições as quais agradeço, que sem dúvida por suas valorosas contribuições este esforço não teria obtido êxito. Nesse sentido, agradeço a todos que direta e indiretamente colaboraram para realização da pesquisa que ora se materializa na presente dissertação.

Ao Prof. Dr. César Augusto Bubolz Queirós, por sua orientação sempre presente, atenciosa e acessível. Agradeço por todo incentivo ao longo do mestrado, indicando as leituras, os rumos e as pistas para a análise, favorecendo assim que uma ideia ainda muito primária constituída no projeto tomasse o corpo verdadeiramente de uma pesquisa acadêmica.

A todo corpo docente do Curso de Graduação em História, por proporcionarem as primeiras leituras, reflexões, o gosto e prazer pelo estudo da História. Agradeço especialmente aos professores Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, Maria Luiza Ugarte Pinheiro, Geraldo Sá Peixoto Pinheiro, Maria Eugênia Mattos Luchsinger, Patrícia Maria Melo Sampaio, Sinval Carlos Mello Gonçalves, Francisco Jorge dos Santos e Aloysio Nogueira por nos instigar dentro dos primeiros passos da pesquisa histórica.

Ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFAM) por todo apoio institucional dispensado durante a seleção ainda no ano de 2014, o ingresso e realização do Curso de Mestrado entre os anos de 2015 e 2017. A todos os professores do Programa que, de alguma forma também contribuíram nesta caminhada seja nas disciplinas, seja na forma de ideias e reflexões pertinentes ao tema de estudo.

Ressalto nesse sentido todo aporte teórico e metodológico no que diz respeito a História Oral propiciado pelo Prof. Dr. Glauber C.F. Biazio ao ministrar a disciplina “Memória e Militância Política no Brasil (Século XX) - A Contribuição das Fontes Oraís para a Pesquisa em História” ainda no primeiro semestre do mestrado, realizado no ano de 2015.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio com concessão de bolsa de estudo durante parte do curso, que sem sombra de dúvida em muito ajudaram nos custos pertinentes à realização da pesquisa (material, transportes, entre outros).

A todos os meus familiares, meus pais José Carvalho de Lima e Maria do Socorro C. de Lima e meus avós Maria Camarão de Souza e Francisco Moreira de Carvalho (*in memoriam*) pelo constante apoio ao longo da minha vida estudantil. Em especial, agradeço a minha esposa Cristina Lucia, pelo contínuo incentivo durante a realização do curso e suas generosas palavras de motivação em todos os momentos. Aos meus sobrinhos, Pedro Henrique, Felipe Carlos e Matheus Medeiros pela inestimável ajuda na transcrição das entrevistas realizadas para a pesquisa.

Agradeço à Secretaria de Estado da Educação (Seduc/Am) pela liberação, ainda que parcial, das atividades docentes. De modo especial agradeço a Secretaria Municipal de Educação (Semed/Manaus) por ter proporcionado através do Programa Qualifica minha liberação total de sala de aula para realização das disciplinas e pesquisas do Mestrado. Estendo, nesse sentido, esse agradecimento à pessoa da Professora Aldrey Noronha, coordenadora do programa, pelo permanente acompanhamento no decorrer do curso.

Ao Prof. Dr. Davi Avelino Leal e a Profa. Dra. Patrícia Rodrigues Silva, pelas inestimáveis críticas, observações e recomendações realizadas durante a banca do exame de qualificação que certamente também ajudaram a estruturar e enriquecer o presente trabalho.

A todos os colegas da turma de mestrado por dividirem conosco durante o tempo em que realizamos as disciplinas do curso um pouco de suas leituras, preocupações e reflexões. Em especial ao amigo e companheiro de magistério no ensino básico Giovanni Amaral.

Não poderia deixar de agradecer àqueles que são o objeto, mas, sobretudo, o motivo para realização desta pesquisa: os trabalhadores e trabalhadoras que lidavam com a fabricação e comercialização do carvão vegetal. Agradeço imensamente a todos que, a despeito de suas dificuldades, se dispuseram a contribuir para a produção deste trabalho, dispondo parte de seu precioso tempo para realização das entrevistas.

Desse modo destaco e cito nominalmente cada um deste colaboradores: Wilton Alves Pereira, Alfredo Castro Lisboa (*in memoriam*), Francisco Soares da Silva (*in memoriam*), Judith dos Santos e Raimunda Soares. Posso afirmar que serei eternamente grato a todos.

Estendo esse agradecimento também aos familiares dos colaboradores, sobretudo pela atenção e mediação em determinados momentos das entrevistas, quando estes se faziam necessários. Nesse sentido, agradeço a José Canuto e Josimar Pinheiro,

que muito ajudaram na realização das entrevistas com a senhora Judith dos Santos e com o senhor Wilton Alves Pereira, seus respectivos genitores.

Nesse sentido agradeço também ao senhor Moacir Andrade (*in memoriam*) que, não obstante sua vasta produção artística e literária, e no alto de seus quase noventa anos de idade se dispôs a contribuir com a pesquisa, trazendo valiosas e inestimáveis observações sobre a cidade e em especial sobre os carvoeiros.

A Deus por esta realização!

## RESUMO

O período compreendido entre o declínio da economia gomífera, por volta de 1920, e a instalação da Zona Franca de Manaus em 1967 é tido tradicionalmente na historiografia local como uma época de estagnação, crise e paralisia econômica na cidade. Após uma nova e breve euforia nos anos da segunda guerra com a batalha da borracha, a cidade continuou seu estado de inércia que só findaria com a Zona Franca, que a colocaria novamente nos rumos do progresso. Essa concepção, fruto de uma historiografia oficial, no entanto, acaba por ocultar diversos processos e realidades do espaço urbano, homogeneizando os sujeitos e relegando às sombras diversas experiências, de viver e trabalhar, moldadas nesse contexto. Nesse sentido, a presente dissertação procura abordar uma das muitas categorias de trabalhadores, os carvoeiros, que compunham o trabalho informal na cidade Manaus nesse período. Esses trabalhadores lidavam com um produto fundamental para a economia do país e muito presente no cotidiano da cidade na época, o carvão vegetal, seja no ambiente doméstico, seja nas fábricas, usinas e outros espaços. Assim, a partir dos relatos orais de antigos carvoeiros e carvoeiras, de alguns periódicos, documentos oficiais e outras fontes buscamos perceber esses sujeitos em suas múltiplas dimensões e experiências de viver e trabalhar, estas muitas vezes entrelaçadas em seu próprio cotidiano e exercidas simultaneamente a outras atividades.

Palavras-chave: Trabalhadores; Manaus; carvão vegetal; carvoeiros.



## **ABSTRACT**

The period between the decline of the rubber economy, around 1920, and the establishment of the Manaus Free Trade Zone in 1967 is traditionally seen in local historiography as a time of economic stagnation, crisis, and paralysis in the city. After a new and brief euphoria in the years of the second war with the battle of the rubber, the city continued its state of inertia, that would only end with the Free Trade Zone, that would put it again in the course of the progress. This conception, the result of an official historiography, however, ends up hiding various processes and realities of urban space, homogenizing the subjects and relegating the shadows to different experiences, to live and to work, shaped in this context. In this sense, the present dissertation tries to approach one of the many categories of workers, the coal workers, who composed the informal work in the city Manaus in that period. These workers dealt with a product which was fundamental to the economy of the country and very present in the daily life of the city at the time, charcoal, whether in the domestic environment, factories, power plants and other spaces. Therefore, from the oral reports of ancient coal workers, from newspapers, official documents and other sources, we intend to understand these subjects in their multiple dimensions and experiences of living and working, that are often intertwined in their own daily life and exercised simultaneously to other activities.

Keywords: Workers; Manaus; Charcoal; Coal workers.

## LISTA DE TABELAS, FIGURAS E GRÁFICOS

<b>Tabela 1</b> – Renda Ordinária de exportação .....	30
<b>Figura 1</b> – Planta da cidade de Manaus (1937) .....	40
<b>Figura 2</b> – Planta da cidade de Manaus (1969) .....	42
<b>Tabela 2</b> – Consumo de combustíveis vegetais .....	48
<b>Figura 3</b> – Sub-usina de Luz e Viação.....	58
<b>Tabela 3</b> – Balanço energético do Brasil.....	77
<b>Gráfico 1</b> – Índice das reservas florestais dos estados brasileiros.....	78
<b>Figura 4</b> – Rua Boa Sorte no bairro da Matinha .....	81
<b>Figura 5</b> – Abrição de palhas .....	81
<b>Figura 6</b> – Um Porto de lenha no Paraná da Eva.....	88
<b>Figura 7</b> – Interior de uma residência popular.....	99
<b>Figura 8</b> – Anúncio de fogão a carvão.....	100
<b>Figura 9</b> – Anúncio de fogão a carvão.....	100

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	12
CAPITULO 1 – Visão panorâmica: cidade, trabalho e cultura do carvão .....	21
1.1. “Não existia emprego e a gente se virava” – cidade, trabalho e a cultura do carvão na Manaus em “crise” .....	23
1.2. “No presente momento, o Brasil precisa de carvão” .....	44
1.3. A cidade, o carvão e os carvoeiros .....	53
CAPITULO 2 – “A cidade fumegante: o mundo do trabalho na carvoaria em Manaus” .....	69
2.1. O Mundo do Trabalho na carvoaria: processos e condições .....	72
2.2. Lenheiros e carvoeiros .....	86
2.3. De “todo canto se exportava carvão” – o trabalho, a produção, a circulação e a comercialização do carvão .....	92
CAPÍTULO 3 – Dimensões do trabalho na carvoaria .....	103
3.2. As mulheres e o trabalho .....	104
3.2. Cavando espaços: o trabalho de mulheres na carvoaria .....	109
3.3. Infância e carvoaria .....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	130
FONTES: .....	134
1. Revistas e coletâneas .....	134
2. Periódicos: .....	134
3. Documentos oficiais: .....	134
4. Relatos orais: .....	134
ANEXOS .....	135
ANEXO 1 – Roteiro das questões .....	136
ANEXO 2 – Entrevistas .....	137
ANEXO 3 - Imagens .....	197

*Os trabalhadores pobres não deixaram os seus asilos repletos de documentos para os historiadores examinarem, nem é convidativa a identificação com a sua dura labuta.*

*E.P. Thompson*

## INTRODUÇÃO

A pesquisa que ora apresentamos tem como objeto de estudo uma categoria de trabalhadores da cidade de Manaus, os carvoeiros, num período que tradicionalmente enfatiza a cidade como estagnada e paralisada economicamente. Ademais, tem como objetivo geral compreender, a trajetória do trabalho e dos trabalhadores da carvoaria, bem como a importância dessa atividade na cidade de Manaus, procurando perceber ainda alguns aspectos da ação dos carvoeiros nessa lida, tais como: suas formas de viver, morar, trabalhar, as relações com a cidade, as lutas, etc. Busca-se assim tomar esses trabalhadores como sujeitos do processo histórico no contexto em destaque.

O recorte temporal que utilizamos apresenta como marco inicial o ano de 1945, tendo em vista assinalar o momento em que a cidade, saindo de um rápido período de euforia econômica, fruto de um segundo surto da borracha na Amazônia, durante a segunda guerra mundial, vê-se ainda mais mergulhada em sua “inevitável” estagnação econômica, esta iniciada com o desmoronamento do primeiro *boom* gomífero.

Por outro lado é importante ressaltar também que a maior parte das experiências de vida e sobretudo de trabalho dos colaboradores da pesquisa tem como ponto de partida ou gravitam em torno desta década. Sempre presente no cotidiano em momentos anteriores, vale destacar que atividade carvoeira foi ainda mais significativa no referido período, seja tratando-se do contexto mais amplo, seja no próprio espaço citadino de Manaus.

O ano de 1967 colocou-se um como marco final da pesquisa, considerando-se dois aspectos: a criação da Zona Franca de Manaus, que assinala um novo período de mudanças para a cidade e, nesse bojo, para o universo do trabalho e da atividade da carvoaria. É nesse período também que ocorre a criação, pela ditadura militar implantada em 1964, através do decreto-lei nº 289, do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), cuja finalidade principal era a de “fazer executar as medidas necessárias à utilização racional, à proteção e à conservação dos recursos

naturais renováveis e ao desenvolvimento florestal do País”<sup>1</sup>. Nesse sentido, a criação do órgão trará um relativo impacto na atividade carvoeira, tendo em vista uma maior fiscalização e controle de atividades ligadas à extração de madeira.

Outrossim, acreditamos que a feição de uma pesquisa emerge e está por vezes intimamente ligada a nossas trajetórias de vida, profissionais e acadêmicas. Entendemos assim que, de modo geral, nossa preocupação com uma temática ligada a História Social e especificamente ao mundo do trabalho reflete em certa medida a atuação como sujeito social, em diferentes espaços: a fábrica, o comércio, a escola, dentre outros.

Do ponto de vista acadêmico, articula-se principalmente às questões e inquietações suscitadas, ainda enquanto aluno de graduação, pela Nova História e mais ainda pela História Social do Trabalho, sobretudo a partir das reflexões e ideias de historiadores como Eric Hobsbawm e Edward P. Thompson. Nesse caminho, foram extremamente importantes, no interior do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, as discussões, debates e reflexões em torno da História do Trabalho, sobretudo em disciplinas como História, Trabalho e Movimentos Sociais na Amazônia e Trabalho e Cidade<sup>2</sup>.

Nesse sentido, observamos que os estudos no campo da história do trabalho tem passado nas últimas décadas “por um acelerado processo de expansão e renovação”<sup>3</sup> e, dentre os diversos aspectos que se sobressaem neste movimento destaca-se sobretudo o adensamento e enriquecimento da produção acadêmica sobre os trabalhadores no Brasil suscitando ainda “a revisão de algumas interpretações clássicas e sugerindo novos caminhos de investigação”<sup>4</sup>. Nessa direção, há algum tempo, questiona-se a perspectiva que elege a fábrica e o operário fabril como foco exclusivo das discursões sobre a temática da história do trabalho.

Não se pretende, como salienta Cruz, “questionar o estudo do universo da fábrica e do operariado fabril mas, centralmente, sua eleição enquanto lugar privilegiado e agente exclusivo do processo de transformação das sociedades capitalistas”<sup>5</sup>. De igual

---

<sup>1</sup> Decreto-lei 289, 28 de fevereiro de 1967, art. 2º. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/Del0289.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0289.htm). Acesso em: 31 de março de 2016.

<sup>2</sup> As disciplinas foram ministradas respectivamente pelo Prof. Dr. César Augusto Bubolz Queirós e pela Prof. Dr<sup>a</sup> Maria Luiza Ugarte Pinheiro no primeiro semestre de 2015.

<sup>3</sup> FORTES, Alexandre et al. Cruzando fronteiras: novos olhares sobre a história do trabalho. São Paulo: Ed. Fundação Perseu, 2013, p. 7

<sup>4</sup> CHALHOUB, S. & SILVA, F.T. “Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980” Cadernos AEL, v. 14, n. 26, 2009, p. 15

<sup>5</sup> CRUZ, Heloisa de Faria. Trabalhadores em serviços: dominação e resistência (São Paulo – 1900/1920). São Paulo: Marco Zero/MCT-CNPq, 1990, p.7.

modo June Hahner, ao estudar os pobres urbanos no final do século XIX e início do XX, também contesta a centralidade das análises sobre o trabalhador unicamente pelo viés institucional, organizativo, destacando a necessidade de observar por outro lado as “realidades concretas e complexas dos trabalhadores brasileiros: as dimensões precisas de sua pobreza, as formas específicas de exploração a que eram submetidos e as maneiras pelas quais demonstravam seu sofrimento”<sup>6</sup>.

É notório também que a história social e do trabalho no Brasil, assim como na América Latina de um modo geral, tem forte inspiração nos trabalhos de historiadores ingleses, sobretudo os de E.P. Thompson e E. Hobsbawn, por isso não podemos deixar de mencionar igualmente no processo de reflexão teórico/metodológico de nossa temática a contribuição dos mesmos, no sentido de evidenciarem a partir de um pensamento de renovação e, sobretudo ampliação da história tradicional, a importância da história vista de baixo, perspectiva histórica no qual vislumbramos, os carvoeiros, foco desta pesquisa se enquadram.

Do mesmo modo, é inegável que, rompendo com uma visão idílica e fáustica do passado local, a recente produção acadêmica tem buscado observar trajetórias e processos que envolvem as experiências e lutas de diversos sujeitos sociais<sup>7</sup>, projetando assim novas questões e olhares sobre o viver urbano, ressaltando as tensões e contradições muitas vezes presentes nesse espaço urbano manauara. Concordamos, assim, com a historiadora Sandra Pesavento quando, parafraseando Walter Benjamin, afirma que fazer uma leitura

Da cidade dos excluídos, pobres e marginais conduz o historiador a escovar a história a contrapelo... buscando os cacos, vestígios ou vozes daqueles que figuram na história como ‘povo’ ou ‘massa’ ou que se encontram na contramão<sup>8</sup>.

E nesse sentido, procurando ressaltar outros espaços e sujeitos inseridos no mundo do trabalho urbano, a presente temática focaliza o universo de trabalho dos

---

<sup>6</sup> HAHNER, June. Pobreza e Política: os pobres urbanos no Brasil, 1870-1920. Brasília: Edunb, 1989, p. 10.

<sup>7</sup> PINHEIRO, Luís Balkar S. Peixoto. Na Contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945). In: Canoa do Tempo: revista do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, vol.1, n.1. Manaus: EDUA, jan/dez 2007, p. 12.

<sup>8</sup> PESAVENTO, Sandra J. Uma Outra Cidade: O Mundo dos Excluídos no final do século XIX. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2001, P. 284.

carvoeiros, trabalhadores que lidavam com o fabrico e comercialização do carvão vegetal na cidade de Manaus.

Verificamos que tal atividade foi significativa no contexto socioeconômico do país e da cidade no período aqui observado, muito embora também já estivesse presente em momentos anteriores. Sabemos que o produto com o qual lidavam, o carvão, constitui-se ainda em uma das principais fontes de energia usadas no mundo e embora seja um recurso conhecido e utilizado há séculos, é somente no contexto da Revolução Industrial, de acordo com Hobsbawn<sup>9</sup>, com a indústria têxtil, o ferro e o vapor, que o carvão, em suas principais formas, o mineral e o vegetal, passam a desempenhar papel crucial na sociedade

O carvão mineral e o carvão vegetal, embora tenham suas similaridades enquanto fontes energéticas, apresentam grandes diferenças do ponto de vista dos aspectos relacionados à produção, circulação e relações de trabalho. Na atividade da mineração, o agente principal desse processo, o mineiro, geralmente possui uma relação formal com uma empresa que realiza uma produção em escala industrial e o produto final não lhe pertence. O trabalho com o carvão vegetal, por sua vez, realizado pelos carvoeiros tem se embasado em relações não formais de trabalho e na maioria das vezes por conta própria. Brannstrom afirma que as demandas por madeira no contexto brasileiro tem dado suporte a atividades e relações que ainda são pouco entendidas e conhecidas<sup>10</sup>.

É notória a existência de uma relativa produção acadêmica de estudos voltados para o mundo do trabalho na indústria do carvão mineral. A historiadora Clarice G. Speranza observa que, de modo geral, o trabalho em mineração tem ocupado nos últimos anos um certo espaço nas ciências sociais e sobretudo na historiografia brasileira; o foco desses estudos tem recaído, além das minas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em processos de trabalho envolvendo a exploração de outros minérios, como o manganês na Amazônia<sup>11</sup>.

Observamos, por outro lado que os estudos ligados a atividade de exploração do carvão vegetal, são ainda relativamente escassos, ocupando algum espaço nas análises

---

<sup>9</sup> HOBBSAWM, Eric. A Era das revoluções. Paz e Terra, 2009, p. 32

<sup>10</sup> BRANNSTROM, Christiam. “A madeira foi o combustível que moveu a industrialização brasileira? Avaliando a hipótese da madeira, 1900-1960. In: FRANCO, Jose Luiz de Andrade et al (orgs). Historia Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza. Rio de Janeiro: Garamond, 2012p. 65.

<sup>11</sup> SPERANZA, Clarice G. Os mineiros e o trabalho em mineração: experiências, lutas e identidades. In: Revista Mundos do Trabalho, vol. 7, n. 14, jul-dez/2015, p. 6.

das Ciências Sociais, do Ambiente, bem como da Geografia<sup>12</sup>, tendo a perspectiva histórica tido pouca atenção<sup>13</sup>. Ressaltamos desse modo que a presente pesquisa pretende trazer alguma contribuição a essa perspectiva.

Como opção metodológica, buscamos tanto as fontes escritas (periódicos, mensagens de governo e outros documentos oficiais) quanto as fontes orais. É notório que estas últimas tem se consolidado nos últimos anos como uma importante metodologia de investigação histórica. Mais que “uma onda passageira” ou um complemento à fonte escrita, definitivamente a história oral se apresenta como uma rica fonte de pesquisa para o historiador na medida em que possibilita meios de reconstrução do cotidiano e da memória de sujeitos diretamente envolvidos na pesquisa, captando assim parte de suas vivências e experiências, bem como sua percepção subjetiva do processo histórico. E nessa perspectiva, Ferreira e Amado salientam que

o uso sistemático do testemunho oral possibilita a história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos e processos que as vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos...São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essas características permitiram inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada a história dos excluídos<sup>14</sup>

Nesse caminho, entendemos que o uso das fontes orais torna-se extremamente importante na medida em que, também, segundo Meihy, respondem “à necessidade de preenchimento de espaços capazes de dar sentido a uma cultura explicativa dos atos sociais vistos pelas pessoas que herdaram dilemas e benesses da vida no presente”<sup>15</sup>. Ademais, é importante destacar o estrito vínculo que história oral mantém com a

---

<sup>12</sup> Ver nesse sentido os seguintes trabalhos: BETHONICO, Maria B. de Magalhaes. Produção do Carvão Vegetal no município de Montezuma: impactos socioambientais. Mestrado em Geociências, UFMG, 2002; PEREIRA, Altamira. Os Desafios Para O Trabalho Nas Carvoarias De Ribas Do Rio Pardo/ MS. Mestrado em Geografia. UEP/Presidente Prudente, 2007; CAETANO, Érika De Cássia Oliveira. No Calor Do Inferno: Trabalho E Trabalhadores Das Carvoarias No Entorno Da Cidade De Curvelo/MG. Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica/MG, 2008; SANTOS, Fernanda Vieira. Florestas e carvoeiros: resultantes estruturais do uso da Mata Atlântica para fabricação de carvão nos séculos XIX e XX no Rio de Janeiro. Mestrado em Ciências Ambientais e Florestais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

<sup>13</sup> GIRÃO, Simone Anselmo. Do Ideário Desenvolvimentista Ao Universo Social - **Carvoeiro**: 1964 – 1994. Mestrado em História, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003; SOARES Fagno da Silva. Escravizados do **Carvão**: historiando identidades e memória em Açailândia/MA no tempo presente. Mestrado em História, Universidade Federal do Piauí, 2012.

<sup>14</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. Usos e Abusos da História Oral. 8.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 14.

<sup>15</sup> MEIHY, José Carlos S. Bom. Manual de História Oral. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 24.



memória, e vice-versa<sup>16</sup>. Nesse sentido, ao trabalharmos com esta categoria não devemos entendê-la simplesmente como um fenômeno individual, como nos alerta M. Pollak quando diz que

a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes<sup>17</sup>

Assim, a memória não é estática, ao contrário, sua principal característica é a dinamicidade. Para Ferreira e Amado, essa perspectiva é de veras significativa, haja vista que, na história oral, “o objeto de estudo do historiador é recuperado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa assim a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes”<sup>18</sup>. Na mesma linha, Pollak, ao discutir memória, esquecimento e silêncio, nos lembra que

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional<sup>19</sup>.

É inegável que, no trabalho com história oral, emerge um aspecto que lhe é intrínseco: a subjetividade. Portelli ressalta a importância da subjetividade para o historiador, que deve(ria) vê-la não como um empecilho, mas exatamente o contrário, ou seja, uma importante contribuição para a pesquisa, pois

a subjetividade *existe*, e constitui, além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos. Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la [...] Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais<sup>20</sup>

Desse modo, entendemos que, mais que um acessório ou complemento às fontes escritas, a história oral traz aspectos valiosos ao trabalho do historiador. Verena Alberti

---

<sup>16</sup> MEIHY, José Carlos S. Bom. Op. cit., p. 62.

<sup>17</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 2.

<sup>18</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. Op. cit. p. 9.

<sup>19</sup> POLLAK, Michael, Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 4.

<sup>20</sup> PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Dossiê Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p.61.

ressalta um desses aspectos ao afirmar que “a história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a "histórias dentro da história" e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”<sup>21</sup>.

É certo também que nas últimas décadas a imprensa diária tornou-se uma valiosa fonte para o historiador. Considerada de um lado como uma fonte suspeita e de outro como um repertório da verdade, a compreensão a que se chega hoje em relação a este documento é de “manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado”<sup>22</sup>. Segundo Luciano Teles, “por meio dela, tornou-se possível recuperar dimensões sociais importantes, notadamente as lutas, os ideais, os compromissos e os interesses de diversos setores que compõem a sociedade”<sup>23</sup>. Como nos adverte, no entanto, a historiadora Patrícia Silva, é necessário ter cuidado e observar que a fonte jornalística, assim como qualquer outra, não é neutra. Desse modo,

Cumpra perceber que o jornal não revelará a verdade objetiva dos fatos, muito pelo contrário, o uso do jornal enquanto fonte pressupõe a percepção de que o discurso jornalístico é permeado de subjetividade, pela postura política do proprietário do jornal, dos articulistas<sup>24</sup>.

Sendo assim, acreditamos que as informações e as notícias divulgadas pela imprensa diária, longe de representarem a “realidade”, constituem-se na verdade num “determinado filtro que cabe ao historiador determinar e equacionar em sua análise”<sup>25</sup>. Por outro lado, isso nos possibilita também perceber múltiplas dimensões do viver social, além de “tensões e conflitos que permeiam a própria sociedade”<sup>26</sup>.

As fontes oficiais aqui utilizadas (código de posturas e mensagens e governos), entendemos, são importantes, pois ao representarem o poder governamental acabam expressando os interesses e concepções dos grupos a ele ligados ou que lhe dão suporte e nesse sentido permitem confrontar com as visões dos demais segmentos da sociedade.

---

<sup>21</sup> ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla B. Fontes Históricas (Org.). 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155.

<sup>22</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. Imprensa e História do Brasil 1988, p.13

<sup>23</sup> TELES, Luciano Ewerton Costa. A vida operária em Manaus: Imprensa e Mundos do Trabalho (1920). Dissertação (Mestrado em História). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2008, p. 25.

<sup>24</sup> SILVA, Patrícia Rodrigues da. Disputando Espaço, Construindo Sentidos: Vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/Am – 1967-2010). Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011, p. 41.

<sup>25</sup> SPIG, Marcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. Estudos Ibero-Americanos. Porto Alegre: PUC/RS, v. 24, n. 2, 1998, p. 276.

<sup>26</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte. Manaus: Edua 2015, p. 20.

Na capital amazonense, é pela memória de escritores e artistas locais que os carvoeiros, assim como outros trabalhadores são primeiramente visualizados e colocados com alguma evidência, sobretudo nas obras de Moacir Andrade, “Manaus: ruas, fachadas e varandas”<sup>27</sup>; Jefferson Peres, “Evocação de Manaus: como a vi ou sonhei”<sup>28</sup> e Thiago de Mello, “Manaus: Amor e Memória”<sup>29</sup>.

No geral, são obras escritas em sua maioria na década de 1980 e se apresentam como lembranças e recordações de pessoas específicas, em um olhar pessoal, em que retomam a Manaus do pós-período da borracha (sobretudo as décadas de 1930 a 1960), buscando tratar de uma cidade estagnada, mas romântica, de costumes e tradições desaparecidos, enfim, lançando-se a priori numa observação despreziosa.

A fim de estruturar as temáticas relacionadas à pesquisa, organizamos o trabalho em três capítulos, que abaixo destacamos:

No primeiro capítulo apresentamos uma visão panorâmica do período pela pesquisa, observando a conjuntura urbana da cidade de Manaus. Enfatizamos, nesse contexto, o carvão como uma das principais fontes na movimentação energética do país e da cidade. Por fim, procuramos traçar um histórico desse trabalho específico, o carvoeiro, e, com base nos depoimentos obtidos de antigos trabalhadores e trabalhadoras perceber como se deu o envolvimento dessas pessoas nessa ocupação.

O segundo capítulo busca analisar alguns aspectos relacionados direta e indiretamente à atividade dos carvoeiros, sobretudo seus processos de trabalho, as condições em que o mesmo se dava, suas etapas e os diferentes agentes sociais inseridos na carvoaria (homens, mulheres), seja no processo da produção, seja na circulação e comercialização do produto.

No terceiro capítulo, ressaltamos uma dimensão presente no trabalho da carvoaria que a princípio não fazia parte das preocupações iniciais da pesquisa, mas que emergiu ao longo do processo e que diz respeito à presença da mulher neste espaço social. Desse modo, buscamos com base nos estudos sobre a história das mulheres e do

---

<sup>27</sup> ANDRADE, Moacir. “Os Carvoeiros” In: *Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas*. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1985.

<sup>28</sup> PERES, Jefferson. *Evocação de Manaus: como eu a vi ou sonhei*. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.

<sup>29</sup> MELO, Thiago de. *Manaus, Amor e Memória*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984 (Coleção Ofício do Viver, 1).

gênero ressaltar as experiências vivenciadas por mulheres no âmbito desta atividade específica.

## **CAPÍTULO 1 – Visão panorâmica: cidade, trabalho e cultura do carvão**

A presente pesquisa busca analisar a trajetória do trabalho e dos trabalhadores da carvoaria, bem como a importância dessa atividade, no contexto específico da cidade de Manaus em que a mesma estaria imersa na mais sua profunda estagnação econômica; procura destacar ainda alguns aspectos da ação dos carvoeiros nessa atividade, tais como: suas vivências, as lutas, os processos de trabalho, a informalidade, etc.

Tendo em vista que essa análise se faz em um determinado espaço geográfico, a cidade de Manaus, pretendemos, primeiramente, neste capítulo tecer algumas considerações em relação a esse ambiente urbano, observando ao mesmo tempo as construções históricas elaboradas sobre o mesmo, as relações com o contexto nacional e nesse quadro pensar os sujeitos discutidos na pesquisa, os carvoeiros.

Conforme Brescianni, a cidade não pode ser pensada simplesmente em seus aspectos estruturais e arquitetônicos, como um conjunto de casas dispostas em ruas, cercadas por uma cinta comum<sup>30</sup>. Desse modo, entendemos que a cidade vai além de seus artefatos físicos, monumentos, prédios e edifícios, ela envolve, sobretudo os modos como as pessoas vivem, trabalham e se relacionam.

Nesse sentido, concordamos com Pinheiro, quando afirma que o espaço urbano deve ser entendido como o lugar onde se instituem as relações, as experiências de seus próprios habitantes, e, partindo desse entendimento, buscar perceber os processos interativos entre o fazer-se de ambos, ou seja, moradores, trabalhadores e a própria cidade<sup>31</sup>.

Nessa direção, são extremamente importantes também as observações da historiadora Patrícia Silva quando, em seu estudo sobre as vivências populares na área da Manaus Moderna, salienta que as configurações das cidades estão sempre em processo de definição e redefinição, haja vista que

---

<sup>30</sup> BRESCIANNI, M<sup>a</sup> Stella. “Cidade e História”. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (org.). Cidade: História e Desafios. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 20.

<sup>31</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Cidade Sobre os Ombros. Manaus: Valer, 1999, p. 11.

são resultados das relações sociais nela estabelecidas; vemos a cidade como um palco e resultado de vivências e experiências múltiplas. Nessa direção, a história da cidade só tem sentido quando buscamos compreender essas vivências, as lutas cotidianas em defesa de interesses diversos, os modos de morar, trabalhar, se divertir e viver<sup>32</sup>.

Entendemos assim que, entre outras coisas, cabe ao historiador tentar perceber nesse processo de construção da cidade os diferentes sujeitos que dela participam em seus variados modos de viver e trabalhar. Nesse entendimento, o geógrafo José Aldemir de Oliveira, quando analisa a Manaus do período de 1920 a 1967, afirma que, ao contrário de boa parte dos tradicionais estudiosos da região, os quais muitas vezes primam pelo ufanismo a monumentalidade e as grandes figuras, assevera que “a cidade é uma realidade social composta de relações a conceber, a construir e a reconstruir e todos os seus moradores são partícipes desse processo, com maior ou menor relevância”<sup>33</sup>.

Nessa perspectiva, é que projetamos a Manaus do período estudado, em que muitos trabalhadores, entre eles os carvoeiros, constroem suas próprias estratégias de sobrevivência, estas entendidas, de acordo com Pierre Bourdieu, como o “senso prático, ou, se preferirmos, o que os esportistas chamam de ‘sentido do jogo, como domínio prático da lógica ou da necessidade imanente de um jogo’”<sup>34</sup>. Por outro lado, também neste espaço é que estabelecem e entrelaçam suas vidas em diversos movimentos, entre campo e a cidade, como na análise do historiador Raymond Williams, criando assim suas “redes de relacionamentos e decisões”<sup>35</sup>.

É importante destacar que a nova historiografia social do trabalho tem passado por grandes transformações nos últimos anos, alargando suas fronteiras teóricas e temáticas, priorizando não apenas o estudo do operariado fabril, dos movimentos organizados que se sobressaem em seu processo de luta<sup>36</sup>, mas estudando ainda

---

<sup>32</sup> SILVA, Patrícia Rodrigues da. Disputando Espaço, Construindo Sentidos: Vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/Am – 1967-2010). Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011. p. 20.

<sup>33</sup> OLIVEIRA, Jose Aldemir de. Manaus de 1920 a 1967: A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer, 2003, p. 25.

<sup>34</sup> BOURDIEU, Pierre. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 79.

<sup>35</sup> WILLIAMS, Raymond. “Campo e Cidade”. In: O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989, p. 19.

<sup>36</sup> CHALHOUB, Sidney & SILVA, Fernando T. da. Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980. Campinas, Cad. AEL, v.14, n.26,2009, p. 43.

categorias de trabalhadores que não se enquadram nesses perfis. A própria noção de trabalhador e classe trabalhadora, como destaca Fortes<sup>37</sup>, vem se ampliando.

Nesse sentido, fabricar ou vender carvão vegetal era uma atividade que se realizava num momento em que o país – e mais especificamente a cidade – apresentava uma considerável necessidade dessa fonte energética. Sendo assim, entendemos ser necessário destacar também neste capítulo a importância do referido produto, seja no contexto nacional, seja no âmbito local. Por fim, nesse quadro, buscamos destacar os carvoeiros enquanto uma categoria específica de trabalhadores desse contexto, ressaltando alguns sujeitos que através de seus relatos orais e sua memória se dispuseram a colaborar com a presente pesquisa.

### **1.1. “Não existia emprego e a gente se virava” – cidade, trabalho e a cultura do carvão na Manaus em “crise”.**

O recorte abordado neste estudo está circunscrito a um momento mais amplo do processo histórico da cidade que, tradicionalmente, recebe o qualificativo de “período de estagnação”. De acordo com esse enfoque a cidade teria mergulhado em um período negro de decadência, em um imobilizante marasmo econômico, tornando-se assim um imenso território empobrecido, no qual a vida teria entrado em completo estado de inércia. O escritor memorialista Jefferson Peres, um dos representantes desta concepção, assinala que

Em meados dos anos 40, do século passado, Manaus era um modesto aglomerado urbano, de pouco mais de 100 mil habitantes, com todas as características de uma típica capital de província. A vida fluía sem pressa e sem sobressaltos, num ritmo ditado pelas condições físicas, econômicas e culturais de uma comunidade pequena, com três décadas de estagnação e obediente a valores tradicionais.<sup>38</sup>

Nessa perspectiva a cidade seria redimida desta estagnação somente a partir de meados da década de 1960 quando da reformulação e implantação da Zona Franca de

---

<sup>37</sup> FORTES, Alexandre et al. Cruzando Fronteiras: Novos olhares sobre a História do Trabalho. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, p. 25

<sup>38</sup> PERES, Jefferson. Evocação de Manaus: como eu a vi ou sonhei. Manaus: Ed. Valer, 2002, p. 23

Manaus<sup>39</sup> durante o período da ditadura militar. É notório, porém, que a ideia de uma totalizante paralisia econômica pós-borracha vem sendo questionada nos últimos anos a partir de estudos produzidos, não somente no campo da História<sup>40</sup>, mas em outras áreas das ciências humanas, como a Geografia<sup>41</sup>. Nesse sentido, ainda que se tenham reduzido drasticamente as exportações do principal produto até então, a borracha, outros itens primários ganharam importância, e a cidade continuou fluindo, vivendo e trabalhando, mas em outro ritmo.

Embora tenha havido durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) um novo momento de euforia econômica em virtude da nova procura pela borracha amazônica, é inegável também que o mesmo foi bastante efêmero e com efeitos menos visíveis que o primeiro período gomífero, que se deu por volta de 1890 a 1920.

Nesse sentido, a ideia de uma cidade letárgica, estagnada, merecendo ressalvas ou não, implica perceber um ambiente urbano ainda pontuado pelos emblemas do período de apogeu da borracha, cuja malha central, se mantinha mais ou menos fiel ao que fora projetado na *belle époque*. Sendo assim, caberia tecer algumas considerações sobre o período em questão tendo em vista principalmente a interação com o mundo do trabalho, bem como possíveis continuidades e rupturas com o período subsequente.

É notório que, relativamente em três décadas (1890-1920), Manaus passou um intenso surto de crescimento econômico, propiciado pelo chamado *boom*<sup>42</sup> da economia da borracha. A historiadora Maria Luiza U. Pinheiro destaca que a crescente aceitação da goma elástica amazônica no mercado mundial foi o móvel impulsionador desse

---

<sup>39</sup> A Zona Franca de Manaus (ZFM) foi idealizada pelo Deputado Federal Francisco Pereira da Silva e criada pela Lei Nº 3.173 de 06 de junho de 1957, como Porto Livre. Dez anos depois, o Governo Federal, por meio do Decreto-Lei Nº 288, de 28 de fevereiro de 1967, ampliou essa legislação e reformulou o modelo, estabelecendo incentivos fiscais por 30 anos para implantação de um pólo industrial, comercial e agropecuário na Amazônia. Foi instituído, assim, o atual modelo de desenvolvimento, que engloba uma área física de 10 mil km<sup>2</sup>, tendo como centro a cidade de Manaus e está assentado em incentivos fiscais e extrafiscais. (Fonte: [http://www.suframa.gov.br/zfm\\_historia.cfm](http://www.suframa.gov.br/zfm_historia.cfm). Consulta realizada em 31 de julho de 2016)

<sup>40</sup> Ver SOUZA, Leno José Barata. “Cidade Flutuante” - Uma Manaus Sobre as Águas (1920-1967). Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica/SP. 2010, p. 19

<sup>41</sup> Ver OLIVEIRA, Jose Aldemir de. Manaus de 1920 a 1967: A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer, 2003.

<sup>42</sup> A brasilianista Barbara Weinstein salienta, no entanto, que existe uma certa imprecisão no termo *boom*, por significar uma súbita explosão de prosperidade. Por outro, concorda que “nenhum outro termo em inglês exprime tão sucintamente a agitação e a confusão de uma sociedade que experimenta um surto insólito de atividade econômica” (WEINSTEIN, 1993, p. 89).



crescimento, ocasionando diversas mudanças na área central, sobretudo na zona portuária, espaço de atuação dos estivadores, sujeitos de sua pesquisa<sup>43</sup>.

Em tom de exaltação, por outro lado, o historiador local Luís de Miranda Correa<sup>44</sup>, em certa medida tributário de uma escrita oficial e ufanista do período gomífero, recupera esse momento como uma época de grandes

empreendimentos governamentais e particulares unidos em uma gigantesca faina de construção e de coragem transformaram o aglomerado de casebres, herdado dos tempos imperiais, contando apenas com quatro ou cinco edifícios importantes, em uma das cidades mais bem planejadas do país, milagre da audácia humana<sup>45</sup>.

No entanto, se, por um lado, a prosperidade verificada na cidade no período proporcionou a incorporação de uma moderna tecnologia urbana, como bondes, iluminação elétrica, entre outros elementos, por outro lado, estes ficaram restritos à malha central da cidade e, conforme, destaca Ana Maria Daou,

a Manaus modernizada atendia particularmente aos interesses da burguesia e da elite tradicional, vinculada às atividades administrativas e burocráticas. Foram implantados vários serviços urbanos: rede de esgotos, iluminação elétrica, pavimentação de ruas, circulação de bondes e o sistema de telégrafo subfluvial, que garantia a comunicação da capital com os principais centros mundiais de negociação da borracha<sup>46</sup>

O projeto modernizador que é delineado para a cidade nesse novo contexto econômico, contudo, é em certa medida excludente, haja vista que postulava através das políticas urbanas, códigos de posturas e leis, a segregação dos trabalhadores e pobres da área central, entendida então como uma vitrine<sup>47</sup> para os negócios da borracha. Para Edinea Dias, ocorria, na verdade, “a transformação do espaço público, com a preocupação de mostrar ao mundo o progresso material da cidade, mas ao mesmo tempo

---

<sup>43</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925). Manaus: Edua, 1999, p. 31.

<sup>44</sup> Luís de Miranda Correa, cronista, ensaísta e historiador local; nasceu em Manaus em 13/12/1933; estudou em Paris, no Museu do Louvre, onde fez o curso de História da Arte e Civilização; fez parte do clube da madrugada e ocupou vários cargos na administração pública estadual, principalmente durante o governo de Arthur Reis (1964-1967), entre os quais Diretor do Departamento de Turismo e Propaganda do Amazonas. Fonte: ENGRACIO, Arthur. Portas e prosadores Contemporâneos (sumula bibliográfica). Manaus: UA, 1994, p. 71.

<sup>45</sup> CORREA, Luiz de Miranda. A Borracha da Amazônia e a II Guerra Mundial. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1967, p. 16.

<sup>46</sup> DAOU Ana Maria. Cidade, teatro e o “Paiz das seringueiras”: práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014, p. 36.

<sup>47</sup> MESQUITA, Otoni. La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900). Manaus: Edua, 2009, p. 25.

era necessário não esquecer de destruir qualquer elemento que pudesse contrariar a imagem de uma cidade civilizada”<sup>48</sup>.

Sandra Pesavento observa que este processo é inerente à constituição das cidades na modernidade, onde são levantadas verdadeiras “murallas internas, simbólicas, mas nem por isso menos sólidas que as antigas de pedra; elas são estruturadoras de comportamentos, imagens e discursos discriminatórios”<sup>49</sup>.

É evidente que a nova dinamicidade econômica produzida pela economia da borracha trouxe reflexos significativos em relação ao mundo do trabalho na cidade, haja vista a ampliação e diversificação das atividades (comércio, bancos, serviços, etc.). De acordo com Deusa Costa, será “nos espaços e serviços de infraestrutura a essa economia e no próprio funcionamento da cidade que encontraremos a maior parte dos trabalhadores urbanos do período”<sup>50</sup>. Nessa direção, como aponta Pinheiro, “um dos resultados mais significativos da expansão da atividade portuária em Manaus, foi o surgimento de novos personagens até então inexpressivos, ou mesmo inexistentes, como os estivadores”<sup>51</sup>.

Importante salientar, como destaca Paulo Marreiro S. Junior em sua dissertação de mestrado, que, para a cidade de Manaus, evidencia-se toda uma revisão historiográfica que tem definido a emergência de novas perspectivas de abordagem em relação aos trabalhadores urbanos, como a história do cotidiano de estivadores, mulheres, operários, prostitutas<sup>52</sup>.

Nesse diversificado universo do trabalho formado em torno da economia da borracha e das novas atividades urbanas, é possível perceber também a existência de ocupações mais tradicionais ligadas às necessidades cotidianas e oriundas muitas vezes do meio rural, como a própria carvoaria, remetendo-nos a existência de uma “outra cidade”. Estas atividades estão incluídas no que tem se chamado de trabalho autônomo, por conta própria e, em grande medida, ainda continuarão muito presentes no dia-a-dia da cidade no período que aqui enfocamos.

---

<sup>48</sup> DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999, p. 82.

<sup>49</sup> PESAVENTO, Sandra J. *Uma Outra Cidade: O Mundo dos Excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2001, p. 26.

<sup>50</sup> COSTA, Francisca Deusa Sena da. *Quando viver ameaça a ordem urbana (1890-1915)*. Manaus: Valer, 2014, p. 45.

<sup>51</sup> PINHEIRO, Maria Luiza U. *op cit.*, p. 34.

<sup>52</sup> SANTOS JUNIOR, Paulo Marreiro dos. *Criminalidade e criminalização de praticas populares em Manaus, 1906-1917*. 2005. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005, p. 15.

Deusa Costa destaca nesse contexto a existência de um “variado comércio ambulante, da pesca, da pequena atividade de pecuária, da agricultura ou fornecimento de lenha e carvão”<sup>53</sup>. Benta Litaiff Praia ressalta, em sua dissertação de mestrado, uma infinidade de “pequenas” atividades autônomas, como calceteiros, carvoeiros, lenheiros, vidraceiros, pintores, carpinteiros, marceneiros, ferreiros, ourives, escultores, gravateiros, sapateiros, jornaleiros<sup>54</sup>, entre outros, que disputavam os espaços na agitada e movimentada Manaus do período.

Nesse quadro, a atividade da carvoaria já apresentava-se como uma das mais significativas e disputadas no contexto urbano, haja vista a grande disponibilidade de recursos florestais no entorno da cidade e a constante demanda de lenha e carvão para sua movimentação energética, pois, como salienta Francisca Deusa Sena da Costa “Manaus sustentava-se majoritariamente, da energia a vapor”<sup>55</sup>. É significativo nesse contexto a notícia policial que relata que dois carvoeiros turcos disputam parte de uma produção de carvão em uma área então afastada da cidade, certamente ponto de fabricação de produto.

#### Coisas policiais

Uma rusga de dois turcos

Residem no lugar denominado Colonia dos Francezes os turcos Nagib Sayd e Assem Amud, que são vendedores ambulantes de carvão. Assem mais esperto que seu patrício, havia se apossado, sem autorização, de quatro sacas de carvão pertencentes ao mesmo, originando-se d’ahi a inimizade entre ambos. As primeiras da manhã de hontem, encontraram-se do dois a margem de um igarapé no bairro dos Bilhares. Encarando o patrício, Nagib inquiriu-lhe:

- Então, você está disposto ou não a restituir-me os sacos de carvão?

Assem não deu nenhuma resposta, nesse sentido, limitando-se apenas a meia dúzia de palavras ofensivas ao seu interlocutor. Dahi estabeleceu-se acalorada discussão. A uma certa altura armado de cacete, Nagib vibrou duas pancadas na cabeça de seu patrício, que recebeu um pequeno ferimento. Era natural a represalia. E foi o que se deu. Investindo furiosamente contar Nagib, Assem lhe vibrou uma bofetada, que o fez rolar pela margem afora e o fez cair nas aguas do igarapé.<sup>56</sup>

Edinea Dias observa que boa parte dessas ocupações era realizada por um grande contingente de imigrantes, tanto nacionais, quantos estrangeiros que chegavam à

---

<sup>53</sup> COSTA, Francisca Deusa Sena da. Op. cit., p. 66

<sup>54</sup> PRAIA, Benta Litaiff. A crise da economia e o mundo do trabalho em Manaus (1910-1930). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas. Manaus: 2010, p. 155

<sup>55</sup> COSTA, Francisca Deusa Sena da. Op. cit., p. 66.

<sup>56</sup> Jornal do Comércio, 16 de dezembro de 1919. Fonte: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Consulta realizada em 31 de março de 2016.

capital e que mormente “aparecem como vendedores de carvão, frutas e hortaliças, peixes, fósforos, gelo, bilhetes de loteria, vísceras, garapa, sorvete, tecidos, etc.”<sup>57</sup>. Para Maria Inez M. Borges Pinto, essas ocupações autônomas fazem parte de uma “economia invisível, oculta, subterrânea, submersa, informal, paralela, não oficial”<sup>58</sup>. Segundo a autora, elas se constituem em alternativas de sobrevivência não somente em momento de crise, como uma resposta a essa situação, mas também estão presentes em épocas de efervescência econômica<sup>59</sup>.

Foi pela escrita de uma historiografia tradicional que a Manaus pós-fim do monopólio gomífero<sup>60</sup> na Amazônia entrou em crise, em completo estado de estagnação e letargia econômica. Para escritores como Arthur Reis, Mário Ypiranga, Antônio Loureiro e Agnello Bittencourt, que retomavam a região e a cidade exatamente dessa época menos intensa, o período anterior era recuperado sempre forma de saudosista, exaltado como uma época de grandes realizações políticas, culturais e materiais.

Arthur Reis, um dos principais representantes dessa corrente, em sua obra *Súmula de História do Amazonas*, pinta contornos quase que “apocalípticos”, quando afirma que, com o colapso do ciclo da goma silvestre na região, “começou o êxodo dos seringueiros; e com ele, todo o vasto cortejo de desastres econômicos, financeiros e sociais”<sup>61</sup>. A ideia que se depreende é que, desse modo, o período que se estende por volta de 1920 até 1967 seria de completo caos, de atraso econômico e social que precisaria ser inequivocamente superado.

---

<sup>57</sup> DIAS, Edinea Mascarenhas. Op. cit., p. 39

<sup>58</sup> PINTO, Maria Inez Machado Borjes. *Cotidiano e Sobrevivência: A Vida do Trabalhador Pobre na Cidade de São Paulo (1890-1914)*. São Paulo: Edusp, 1994 (Campi; 18), p. 109.

<sup>59</sup> PINTO, Maria Inez Machado Borjes. Op.cit, p. 110.

<sup>60</sup> Entre outros fatores que também contribuíram para a derrocada da borracha amazônica estavam as questões ligadas a pureza do produto. Segundo Lima, “convém lembrar outros problemas que contribuíram igualmente para a derrocada da indústria extrativista do látex de seringueira no início da segunda década do século XX: a inépcia de alguns administradores públicos para enxergar as limitações da produção exclusiva de borracha silvestre, as doenças e epidemias, os conflitos com as populações indígenas locais, as relações de trabalho assemelhadas às da escravidão, o desejo dos seringueiros (e em muitos casos, sua opção) de retorno para as plagas natais...” (LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha: das vivencia do passado às lutas contemporâneas*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2013, p. 32). Segundo Samuel Benchimol, a depreciação no preço da borracha atingiu seu ponto mais crítico no ano de 1932, “o mais negro na história da Amazônia”, um efeito entre outros fatores da grave crise do capitalismo no final da década de 1920, cujo sinal foi a queda na bolsa de valores de Nova York em 1929 (BENCHIMOL, Samuel. op.cit., p. 25)

<sup>61</sup> REIS, Arthur. *Súmula de História do Amazonas*. Manaus: Ed. Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001, p.77.

Nesse entendimento, para escritores como Marcio Souza<sup>62</sup>, a perda do monopólio da borracha representou para as principais metrópoles regionais, Manaus e Belém, a mais significativa derrota econômica, conduzindo as respectivas cidades a um completo estado de letargia e entrada em um verdadeiro processo de “liquidação”. Para o referido autor,

com a crise do fim do monopólio, a região torna-se um imenso território empobrecido, abandonado, atolando-se aos poucos no marasmo tão característico das terras que viveram o fausto artificial. Por falta de interesse econômico, as comunicações são cortadas, os vínculos com a Europa se desvanecem e, pela primeira vez a região derrotada foi obrigada a se interessar pelas coisas do Brasil<sup>63</sup>.

Ainda nessa direção, para outro escritor local, Luís de Miranda Correa, o fim da economia da borracha relegou o Estado do Amazonas e a cidade de Manaus a dependência de outros produtos primários e extrativistas que não possuíam o mesmo vigor de outrora, servindo apenas como meios primitivos de subsistência. Para Correia, apenas

sobrou a castanha, os óleos vegetais e a madeira, explorados primitivamente, servindo apenas para impedir que as cidades desaparecessem da paisagem regional, mas sem jamais substituírem a goma elástica na pauta da exportação amazônica<sup>64</sup>.

A despeito da queixa e da depreciação do escritor em relação aos produtos florestais, é notório que, nos anos que compreendem o período da estagnação econômica do Amazonas e da cidade em “crise”, mais da metade das rendas obtidas pela balança estadual com a arrecadação de tributos provinha exatamente da exportação de itens oriundos do extrativismo, seja ele vegetal ou animal. A tabela abaixo, embora elaborada com base nos relatórios apresentados no final da década de 1930 e início da

---

<sup>62</sup> Márcio Gonçalves Bentes de Souza nasceu em Manaus em 1946; ainda jovem, começa a trabalhar como crítico de cinema no jornal *O Trabalhista*, do qual seu pai é sócio. Em 1965, assume a coordenação das edições do governo do Estado do Amazonas, mas logo em seguida muda-se para São Paulo e ingressa no curso de ciências sociais da Universidade de São Paulo - USP. Regressa a Manaus três anos depois e entra para o Teatro Experimental do Serviço Social do Comércio - Tesc/Sesc, grupo que discute temas ligados à cultura local. Em 1976, assume o cargo de diretor de planejamento da Fundação Cultural do Amazonas e publica seu primeiro romance, *Galvez, Imperador do Acre*. Publica em folhetins, no jornal *Folha de S. Paulo*, o romance *A Resistível Ascensão do Boto Tucuxi*, entre 1981 e 1982. E, após divergências com políticos amazonenses, muda-se para o Rio de Janeiro, em 1983. Preside a Fundação Nacional de Arte - Funarte, entre 1995 e 2002. Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br>

<sup>63</sup> SOUZA, Marcio. História da Amazônia. Manaus: Valer, 2009, p. 306.

<sup>64</sup> CORREIA, Luiz de Miranda. Op.cit., p. 16.

década de 1940 pelo então interventor do governo varguista Álvaro Maia<sup>65</sup>, nos permite visualizar essa realidade econômica presente no estado no contexto histórico aqui observado, ou seja, do período tido como estagnação e paralisia:

RENDA ORDINARIA - EXPORTAÇÃO		
Produtos	Itens	Percentual
Produtos da indústria extrativa	Gomas elásticas (borracha, sernambi, etc.) castanha, óleo de copaíba, madeira em toros, piaçaba, fibras, raízes etc.	70%
Produtos da indústria agrícola	Cacau, guaraná em sementes, fumo em molhos etc	09%
Produtos da indústria pastoril	Gado vacum; gado de outras espécies.	10%
Produtos da indústria fabril	Bolacha e balata, borracha e seus subprodutos, madeira beneficiada etc.	11%

Tabela 1 - Fonte: Relatório do Interventor Federal Álvaro Maia (1941-1942)

Chama a atenção que, sem o mesmo vigor produtivo de outrora e após uma rápida retomada de fôlego no período da guerra que se estendeu por mais alguns anos, a borracha continuou sendo ainda um dos principais produtos de exportação da economia amazonense, acompanhada ao mesmo tempo de outros artigos oriundos do economia extrativista<sup>66</sup>, como a castanha, couros e peles de animais, madeiras, fibras vegetais (juta, malva), guaraná, entre outros.

Embora ausente dos relatórios e estatísticas oficiais, pode-se incluir ainda nesse rol de produtos, como lembram os memorialistas Moacir Andrade<sup>67</sup> e Jefferson Peres<sup>68</sup>, algo que era na “época essencial à vida da população”<sup>69</sup>, sobretudo à economia doméstica da cidade, e também às usinas elétricas, pequenas indústrias e oficinas, o combustível, ou seja, a lenha e o carvão, o qual era produzido e oferecido sobretudo pelos carvoeiros. Nesse sentido, chama a atenção publicação em um periódico local da queixa geral da população quando da elevação no preço do carvão em meados da década de 1940.

<sup>65</sup> Os relatórios governamentais subsequentes limitavam-se a prestar informações mais genéricas em seus balancetes, tais como, rendas ordinárias e extraordinárias. No entanto, entendemos que o quadro acima mostrado não se alterou significativamente nos anos que compreendem o período aqui estudando.

<sup>66</sup> LOUREIRO, Antônio. Tempos de esperança: Amazonas 1917-1945. Manaus: Ed. Sergio Cardoso, 1994, p. 56-71.

<sup>67</sup> ANDRADE, Moacir. Manaus: Ruas, fachadas e varandas. Manaus: Ed. Humberto Calderaro, 1984.

<sup>68</sup> PERES, Jefferson. Evocação de Manaus: como eu a vi e sonhei. Manaus: Valer, 2002.

<sup>69</sup> PERES, Jefferson. Op.cit. p. 208

A saca de carvão subiu novamente a 15 cruzeiros. A pobreza se queixa desse fato, pois o preço antigo era de 8 cruzeiros. Não há muito tempo, vários universitários, integrantes da extinta Liga de Defesa Popular, com o objetivo comum de beneficiar a gente pobre da cidade, na campanha de reivindicações populares promovida por este organismo moço, pleiteou e conseguiu que as sacas de carvão, com capacidade para duas latas de querosene, pudessem ser vendidas por preços razoáveis, a 7 ou 8 cruzeiros, contrariamente ao que vinha fazendo, até então, quando a saca desse precioso produto era adquirido por 15 e até 20 cruzeiros. Pelas colunas do JORNAL DO COMERCIO tivemos ensejo de noticiar o ato que assinalaria mais uma vitória da L.D.P. e que representava, sem dúvida, um significativo feito refletido diretamente na economia popular. Com a marcha, porém, dos acontecimentos, alguns vendedores de carvão das proximidades da 2ª ponte principiaram a aumentar, sem consulta previa a Comissão Municipal de Preços, o preço da saca do carvão, elevando-se consequentemente esse produto a importância absurda de 15 cruzeiros a unidade, como antigamente, o que prejudica os pobres, que disso se queixam<sup>70</sup>

Ademais, embora não se possa negar que a derrocada da economia da borracha, sobretudo em seus momentos de maior surto<sup>71</sup>, tenha abalado de alguma forma a economia regional, sobretudo com a redução nas arrecadações, com consequente diminuição no ritmo das obras, abandono de seringais, etc., entendemos ser importante não pensar em uma cidade imobilizada, paralisada e engessada econômica e socialmente.

Nesse sentido, conforme salienta Benta L. Praia, a própria ideia de crise pode ser discutida e repensada, levando-se em conta as particularidades e questões pertinentes à ordem capitalista, em que a noção de crise se apresenta como um elemento básico de reestruturação do referido sistema. O Brasil, e especificamente a região, sabemos, nessa ordem exerciam um papel secundário. Sendo assim, Benta Praia analisa que

Neste momento, no Estado nacional, não há capitalismo plenamente constituído, mas há o determinante capitalista externo, provocando de fora para dentro transformações na estrutura produtiva interna. O Brasil como parte desse todo está inserido na ordem capitalista mundial como principal exportador de café e borracha, portanto, qualquer abalo em relação a um desses produtos pode refletir imediatamente nas regiões produtoras<sup>72</sup>.

---

<sup>70</sup> Jornal do Comércio, 09 de novembro de 1947, p. 4. Fonte: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Consulta realizada em 31/06/2016.

<sup>71</sup> O primeiro corresponderia ao final do século XIX e início do XX e o segundo ao período da Segunda Guerra Mundial, sobretudo a partir dos acordos de Washington (1942), quando a borracha amazônica foi revalorizada, encerrando-se nos anos subsequentes ao final do conflito.

<sup>72</sup> PRAIA, Benta Litaiff. A crise da economia e o mundo do trabalho em Manaus (1910-1930). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas. Manaus: 2010, p. 23.

Por outro lado, Ana Maria Daou, ressalta a necessidade de não se reduzir os processos sociais e históricos apenas à perspectiva do capital. Nesse sentido, a autora observa que os efeitos da crise na verdade podem

ser percebidos de diferentes formas, destacando-se as temporalidades distintas existentes entre os fatos econômicos e as estruturas internalizadas, os estilos de vida e as concepções de mundo. Reduzir as transformações ocorridas na Amazônia à crise da borracha, tal como entendida e narrada pela história do capital, do volume e do valor das exportações, significa perder de vista uma série de permanências caudatárias das posições particulares dos diferentes agentes sociais que promoveram o amplo acontecimento da borracha<sup>73</sup>.

José Aldemir de Oliveira, ao analisar a cidade no período de 1920 a 1967 na perspectiva da constituição de sua espacialidade, de seu movimento cotidiano e das práticas socioespaciais, não minimiza a ideia da cidade em crise. Assinala, entretanto, o autor, que o entendimento da cidade somente pelo viés da economia gomífera representa um esvaziamento e uma limitação de seu processo histórico<sup>74</sup>. Nesse sentido para Oliveira

a crise da cidade ou a cidade em crise que se caracteriza a Manaus de 1920 a 1967 tem dimensões diversas para segmentos diferenciados da população, pois, da mesma maneira que a cidade não é produzida de modo equânime, a crise pode não ter o mesmo significado para o conjunto de seus moradores<sup>75</sup>.

Leno Jose Barata Souza, em tese de doutorado intitulada “Cidade Flutuante – Uma Manaus sobre as águas (1920-1967)” onde aborda a formação da “cidade flutuante”, além das experiências e vivências de seus moradores, questiona a concepção totalizante de uma cidade letárgica. Segundo Souza, se por um lado a capital do Estado sofria um processo de abandono pelos grandes seringalistas que buscavam novas praças para empregar seus capitais e pelos altos funcionários das empresas transnacionais, estrangeiros que voltavam para suas terras natais<sup>76</sup>, por outro lado desembarcavam na cidade inúmeros interioranos, além de viajantes ocasionais, o que em certa medida contrariava

---

<sup>73</sup> DAOU Ana Maria. Op.cit., p. 67

<sup>74</sup> OLIVEIRA, Jose Aldemir de. Op.cit., p. 19

<sup>75</sup> OLIVEIRA, Jose Aldemir de. Op.cit., p. 137

<sup>76</sup> SOUZA, Leno José Barata. “Cidade Flutuante” - Uma Manaus Sobre as Águas (1920-1967). Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica/SP. 2010, p. 78



a tradicional ideia de uma Manaus da crise, em abandono, em liquidação, vazando de gentes todos os dias, deixando-a sob uma completa inércia cultural em que a sociedade manauense apenas respirava a nostalgia do passado de *belle époque* gomífera e aspirava por um futuro de redenção<sup>77</sup>.

O intenso movimento migratório de interioranos para a capital provocado pelo “baque” na economia da borracha, mais que uma explicação “puramente sociológica”, significou, pela memória de homens como o poeta Thiago de Melo, a oportunidade da cidade experimentar “toda uma vivência interiorana, que chegava e se manifestava na vida da capital”<sup>78</sup>. Há de se ressaltar que essa movimentação campo/cidade ou interior/cidade constituía a realidade de muitos dos homens e mulheres que de alguma forma se envolveram no trabalho da carvoaria em Manaus no período aqui abordado, realidade esta que explorada ao final do presente capítulo.

Ademais, longe de negar a retração que se verificou na economia amazonense com mais intensidade a partir da década de 1920 e, sobretudo nos anos que norteiam o presente trabalho (1945-1967), acreditamos sim que, diante de tal contexto, novas dinâmicas sociais se efetivaram, principalmente em relação ao mundo do trabalho. Nessa direção, salientamos as observações da historiadora Benta Litaif Praia, quando afirma que

no tempo de crise e recessão econômica, o mercado de trabalho assalariado ficou restrito e as dificuldades vividas no setor informal da economia tornaram-se acentuadas, por isso o aumento da população miserável cresceu consideravelmente embalado pelos grandes contingentes de seringueiros depauperados que chegavam à cidade. Os recém chegados juntaram-se aos cidadãos pobres e foram condenados ao semi-emprego crônico tentando sobreviver das pequenas ocupações autônomas e do trabalho informal<sup>79</sup>.

Acreditamos, porém, que para além de uma simples condenação é possível perceber na verdade que, diante do novo cenário que se apresentava, novos arranjos no mundo do trabalho, a medida que parte da população via nessas atividades ditas “informais”, como o fabrico e venda do carvão, uma realidade possível. Imersas, como já salientado, em uma economia invisível/oculta, estas ocupações e as pessoas nelas

---

<sup>77</sup> Ibid, p. 78

<sup>78</sup> MELO, Thiago de. Manaus, amor e memória. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984, p. 30

<sup>79</sup> PRAIA, Benta Litaiff. Op.Cit., p. 155.

envolvidas, foram negligenciadas no passado pelas estatísticas e recenseamentos oficiais, como ressalta a historiadora M<sup>a</sup> Inez Machado Borges Pinto.

Geralmente este exército de pessoas e minúsculos empreendimentos, na maioria das vezes, de base estritamente familiar, não estava computado nas estatísticas, nos recenseamentos ou registros oficiais, e nem mesmo nas análises acadêmicas de seus contemporâneos. Por este fato, apesar do grosso da população pobre, economicamente ativa, subsistir trabalhando por conta própria e por meio de expedientes variados, à base do trabalho não-institucionalizado, muitas vezes intermitente, calcular seu número aproximado é quase impossível<sup>80</sup>

Nessa perspectiva recorreremos às observações feitas pelos historiadores Eder Sáder, Maria Célia Paoli e Vera da Silva Telles quando já em meados da década de 1980 discutiam um novo pensar analítico em relação às experiências dos trabalhadores urbanos, para os quais iam além do movimento operário organizado, mas são também os

sujeitos sociais que se expressam em múltiplas dimensões, com formas de vida própria, estratégias de vida caracterizáveis, definindo-se a cada momento em seu local de moradia, de trabalho, nas suas formas de lazer, de religiosidade, de saber. São, sobretudo, sujeitos de práticas diversas que recobrem os vários campos de sua experiência, que se constituem na luta contra opressões específicas, não redutíveis a um único lugar dado pelo Estado fundador de uma dominação de classe unívoca e homogênea e que produzem, portanto, a imagem de sujeitos múltiplos, que não se subordinam a uma figuração única, para ganhar uma visibilidade que confira significado político às suas práticas<sup>81</sup>

Por outro lado, mais recentemente historiadores como Marcel van der Linden tem destacado, dentro de uma perspectiva global da história do trabalho, um repensar em torno da noção de classe trabalhadora e mais especificamente um olhar menos rígido quanto as próprias fronteiras entre trabalho livre assalariado e trabalho autônomo (por conta própria). Desse modo, para o autor

---

<sup>80</sup> PINTO, Maria Inez Machado Borges. Op. cit. p. 110

<sup>81</sup> PAOLI, M. C.; SADER, E.; TELLES, V. da S. Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico (notas de uma pesquisa). *Revista Brasileira de História*, n. 6, p. 129-149, set. 1983, p. 149.

O conceito de “classe trabalhadora”, que se originou na Europa do século XIX, tem sido questionado mais e mais nas últimas décadas. Estas críticas vêm, em parte, de acadêmicos interessados em Ásia, África e América Latina. Eles apontam que as fronteiras entre trabalho “livre” assalariado, trabalho por conta própria e trabalho compulsório não são tão claramente demarcadas, e que a oposição entre trabalho urbano e rural não deve ser tomada como absoluta<sup>82</sup>.

Em meio a essas considerações que certamente problematizam e ampliam as noções e experiências em torno do trabalho para além do espaço fabril e em um ambiente que emerge projetado e construído como paralisado e estagnado é que delineamos de modo mais específico os comentários subsequentes. E, nesse sentido, são significativas as observações do escritor memorialista Jefferson Peres quando evidencia um aspecto do universo do trabalho nesse período, a saber, a recorrente permanência por parte da população a determinadas ocupações, tidas como informais, autônomas. Desse modo, afirma o autor

Naquele tempo já havia, também, o que os economistas e sociólogos chamam hoje de subemprego. Impossível quantificá-lo, mesmo por estimativa, pois não se faziam pesquisas nem levantamentos estatísticos, mas uma boa parte da população era constituída de empregados e autônomos, que viviam a margem da legislação trabalhista e previdenciária. Entre eles eu incluiria, numa classificação sem rigor técnico, um número incontável de pequenos comerciantes, que viviam do seu trabalho estafante (...) De todas essas categorias profissionais, a mais desamparada, creio, era a das empregadas domésticas (...) Era muito grande o número de vendedores ambulantes, entregadores e carreteiros que atendiam em domicílio; os mais solicitados, e talvez os mais sacrificados, eram os **carvoeiros** (...) não menos dura era a atividade dos carroceiros, a conduzir suas carroças puxadas a burros, semelhantes a carros de bois.<sup>83</sup>

Se por um lado na concepção de Peres estes trabalhadores encontram-se a margem das leis e da sociedade, vivendo em total desamparo e vitimizados pelas suas próprias ocupações, entendemos que por outro lado a inserção nestas atividades pode representar também escolhas e opções diante de determinados cenários e alternativas. Nessa direção, são relevantes as palavras de um dos nossos entrevistados, Alfredo Castro, quando nos relatava sua permanência na atividade da carvoaria por longos anos

---

<sup>82</sup> LINDEN, Marcel van der. Rumo a uma nova conceituação histórica da classe trabalhadora mundial. *História*, São Paulo, v. 24, n. 42, p. 11-40, 2005.

<sup>83</sup> PERES, Jefferson. *Evocação de Manaus – como a vi e sonhei*. 2.ed. Manaus: Editora Valer, 2002, p. 205-209.

Porque pra mim foi o que eu vi que dava pra meu sustento; eu era novo, farreava muito, gostava da putaria, de farrear, mas toda vida eu gostei de farrear com que era meu, nunca gostei de farrear com o que era dos outros, nem serrar um copo de bebida de ninguém, só bebia quando eu tava com meu dinheiro no bolso pra mim beber, assumir meu vicio e pagar dos colegas que não tinha coragem de trabalhar; então eu trabalhava pra isso né pra assumir meus compromisso; tinha muita mulher também, então muitos trabalho pra mim eu vi que num dava, e aqui o carvão deu, dava pra tudo, minhas despesas de casa, pra todos os abusos<sup>84</sup>

Nesse sentido, de modo mais específico, nos remetemos ao universo dos trabalhadores “subempregados” e marginais citados por Peres, o Estado e a cidade das empregadas domésticas, certamente também lavadeiras, dos carregadores, carroceiros, padeiros, geleiros e sobretudo dos carvoeiros, os sujeitos da presente pesquisa.

Sabemos que no início da década de 1940 o Brasil e, mais especificamente a Amazônia, são sacudidos pelos ventos da Segunda Guerra Mundial. O bloqueio dos seringais asiáticos possibilitou que a borracha amazônica novamente despertasse interesse, tendo em vista a necessidade do produto por parte dos países aliados, sobretudo os Estados Unidos para seus “esforços de guerra”<sup>85</sup>.

No plano nacional, inicialmente a política varguista em relação à guerra europeia ancora-se cautelosamente, segundo Gerson Moura, numa posição de neutralidade, buscando manter, na medida do possível, um “*equilíbrio pragmático* entre as Grandes Potências”<sup>86</sup>. Assim, oscilando entre apoiar ora os Aliados, ora os países do Eixo, conseguiu apoio norte-americano para instalação em 1941, da CSN, importante alicerce da chamada indústria de base<sup>87</sup>. Alexandre Fortes analisa pois que, nesse contexto, a guerra representou

---

<sup>84</sup> Entrevista realizada em 01 de outubro de 2016.

<sup>85</sup> Além da extração da borracha natural, três outras possibilidades se apresentavam como alternativa para suprir a demanda: produção da borracha sintética, a reutilização da borracha, além da plantação racional de seringueiras. No entanto, todas mostraram-se dispendiosas e contraproducentes em relação a urgência que o esforço de guerra exigia (Cf. LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. Soldados da Borracha: das vivências do passado às lutas contemporâneas. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2013, p. 46)

<sup>86</sup> MOURA, Gerson. Relações exteriores do Brasil, 1939-1950: Mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: FUNAG, 2012, p. 58

<sup>87</sup> De acordo, com Gerson Moura o bloqueio naval britânico contra a Alemanha em 1940 removeu a América Latina da esfera de ação comercial alemã, afetando significativamente as bases da ideia de equilíbrio pragmático da política brasileira. Ao mesmo tempo, fez com que o governo americano intensificasse sua ofensiva econômica, política e cultural em relação a América Latina e em particular o Brasil. (MOURA, Gerson. Op.cit., p. 59)

simultaneamente o estabelecimento definitivo da industrialização como condição *sine qua non* para a defesa nacional e condições para o exercício da chamada ‘barganha nacionalista’ visando efetivar essa industrialização que se estabeleceria, a partir de então, como objetivo central da diplomacia brasileira<sup>88</sup>.

A assinatura dos Acordos de Washington em agosto de 1942 sela a efetiva participação do Brasil na guerra ao lado dos Aliados e inaugura um efêmero período da “Batalha da Borracha” na Amazônia. No contexto da política nacional, a Amazônia era observada como uma região-problema, um imenso vazio demográfico a ser novamente ocupado e civilizado<sup>89</sup>. Em trecho do “Discurso do Rio Amazonas”, proferido por Vargas em Manaus, no salão do Ideal Club, em 9 outubro de 1940<sup>90</sup>, evidencia-se essa concepção nas palavras do ditador

o nomadismo do seringueiro e a instabilidade econômica dos povoadores ribeirinhos devem dar lugar a núcleos de cultura agrária, onde o colono nacional, recebendo gratuitamente a terra, desbravada, saneada e loteada, se fixe e estabeleça a família com saúde e conforto... Nada nos deterá nesta arrancada que é, no século XX, a mais alta tarefa do homem civilizado: conquistar e dominar os vales das grandes torrentes equatoriais, transformando a sua força cega e a sua fertilidade extraordinária em energia disciplinada.<sup>91</sup>

Assim, as culturas ribeirinhas, tradicionais, com suas formas singulares de viver e trabalhar no ambiente amazônico, deveriam dar lugar à inevitável marcha da civilização que as afastaria do atraso e imobilismo social e econômico. Para Oliveira, contudo, tais preocupações do governo central

sintetizavam e articulavam o discurso que já se esboçava a partir de então, de integração nacional visando o desenvolvimento da região, de modo que ela fosse engajada no movimento de reconstrução nacional (...) Por trás do discurso do mandatário maior do país, estava o interesse externo de retomada da produção da borracha nativa visando garantir a demanda surgida com o conflito mundial<sup>92</sup>

---

<sup>88</sup> FORTES, Alexandre. Do reformismo tecnocrático ao nacionalismo de massas: a II Guerra Mundial e a emergência do trabalhismo brasileiro IN: FERRERAS, Norberto O. (org.). A Questão nacional e as tradições nacional-estatistas no Brasil, América latina e África. Rio de Janeiro: FGV, 2015, p. 76.

<sup>89</sup> Cf. OLIVEIRA, Jose Aldemir de, p. 51.

<sup>90</sup> LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. Soldados da Borracha: das vivencia do passado às lutas contemporâneas. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2013, p. 61

<sup>91</sup> VARGAS, Getúlio. Discurso do Rio Amazonas. In: Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, ano IV, n. 2, abril-junho, 1942, p. 3-6.

<sup>92</sup> OLIVEIRA, Jose Aldemir de. Op.cit., p. 54

Nas páginas da imprensa local, contudo, a “Batalha da Borracha” era aclamada como uma “era nova de construção e progresso no Amazonas”<sup>93</sup> e que tal empreendimento revestia-se, em uma verdadeira missão histórica da terra e do povo amazonense. Para Arthur Reis, a operação constituía-se em um

capítulo de excepcional importância relacionado com nossa participação no grande conflito militar”. Em decorrência deles, nossa presença não se processou apenas nos campos de batalha mas, igualmente, numa participação econômica, representado pelos produtos florestas e minerais necessários à fortificação do parque industrial ligado às operações de guerras”<sup>94</sup>.

Por outro lado, tal euforia vislumbrava para determinados segmentos a possibilidade de retomada do *boom* gomífero ocorrido no início do século. O Jornal do Comércio, uma das vozes da elite comercial da cidade, projeta na “Batalha da Borracha” a perspectiva de reconquista do espaço perdido pelo estado na primazia da economia da borracha, visão expressa em edição de outubro de 1943:

Resta-nos esperar que, com o desenvolvimento dos serviços seja cada vez maior a produção e que seringueiros e seringalistas, com seu trabalho reconquistem definitivamente, os mercados externos, que um dia foram nossos e que não deverão mais escapar das nossas mãos<sup>95</sup>.

Sem dúvida que um dos aspectos mais importantes relacionados à “Batalha da borracha” foi o deslocamento de milhares de nordestinos arregimentados para trabalhar nos seringais amazônicos. Diferente do que ocorreu no primeiro período gomífero, nesse contexto, o recrutamento dos “soldados da borracha” envolveu a montagem de todo um aparato institucional e a construção de um discurso para promover a vinda do contingente necessário. Conforme destaca Lima,

ao contrário do que ocorrera na primeira fase de exploração da borracha, onde o capital privado financiava a migração, agora o governo tomava para si o controle desse movimento para a Amazônia, estribada no afluxo de capitais americanos e nas ideias de ocupação de vazio demográfico que serviam de mote para a Marcha para o Oeste proposta por Vargas<sup>96</sup>.

---

<sup>93</sup> Jornal do Comercio, 02 de janeiro de 1944, p. 1

<sup>94</sup> REIS, Arthur Cesar F. In CORREA, Luiz de Miranda. A Borracha da Amazônia e a II Guerra Mundial. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1967, p. 9.

<sup>95</sup> Jornal do Comercio, 03 de outubro de 1943, p.1.

<sup>96</sup> LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. Soldados da Borracha: das vivencias do passado as lutas contemporâneas. Manaus: Valer, 2014, p. 56.

O quantitativo de imigrantes recrutados para os seringais amazônicos e amazonenses não são precisos. Samuel Benchimol chega a afirmar que “ninguém jamais saberá”<sup>97</sup> exatamente o efetivo contingente de soldados da borracha enviados para a região, mas chega a estimar<sup>98</sup> um número de aproximadamente 75.000 nordestinos no período e 1941 a 1945 somente para Amazônia Ocidental. Ainda segundo o autor, nesse período, do total de imigrantes que passassem pela capital do Amazonas, cerca de 34.000 teriam permanecido na cidade, sem especificar se eram somente nordestinos ou de outras procedências. Salienta, porém, o expressivo incremento demográfico para a cidade ocorrido com esse processo, que com o êxodo rural “iria se avolumar nas décadas subsequentes”<sup>99</sup>. Conforme destaca Leno Souza,

depois de 1945, ondas sucessivas de ‘ex-soldados’ (nordestinos e ribeirinhos) partem para Manaus, convulsionando de vez uma cidade despreparada para atender as novas demandas urbana desta população por trabalho, alimentação e espaços de moradia e lazer, alargando de vez os limites da capital<sup>100</sup>.

É certo que o interesse externo pela borracha amazônica cessa tão logo finda a guerra e, embora haja a crescente desvalorização, sua produção passa a ser canalizada para atender o mercado interno, sobretudo de fabricas de pneus instaladas em São Paulo. Para Oliveira, graças a uma diversificada produção extrativa e agrícola presente no estado, como cultivo da juta, castanha, guaraná e outros produtos mesmo que não tenham se consolidado como efetivas alternativas, conseguiram atenuar a substancial redução na produção de borracha nos seringais (Tabela 1).

Ainda que no contexto pós “Batalha da Borracha” o estado e, sobretudo, a cidade tenham vivenciado tão somente um breve momento de euforia econômica, é notório nesse ínterim o expressivo adensamento urbano da capital, fruto em grande medida do processo migratório ocorrido nos primeiros anos da década. Nesse sentido, os limites da cidade observados no mapa apresentando em 1937 pelo prefeito Antônio Botelho Maia à Câmara Municipal (Figura 1) encontram-se assim em claro processo de expansão. Desse modo, para Souza,

---

<sup>97</sup> BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um pouco antes e além depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1997, p; 247.

<sup>98</sup> O autor se vale de dados do Departamento estadual de Estatística acerca dos registros de entrada e saída de passageiros no porto de Manaus.

<sup>99</sup> Ibid, op. cit., p. 250.

<sup>100</sup> SOUZA, Leno José Barata. Op.cit., p. 105.

até o início de 1940, a malha urbana da capital não tinha sofrido transformações impactantes. Manaus, além de seu centro, tinha o Educandos e Cachoeirinha a leste, Mocó/Vila Municipal ao norte e a oeste destaca-se o bairro de São Raimundo (...) a pressão de novas necessidades sociais, propiciadas pelas imigrações dos anos quarenta, fez-se sentir em todos os limites da capital estendidos sobre os terrenos das florestas ao norte, ampliando antigos subúrbios e criando outros<sup>101</sup>.

Para Benchimol, esse foi o começo da “explosão urbana na Amazônia”<sup>102</sup>, fazendo com que Manaus e outras cidades da região caminhassem para um processo de “favelização”. O autor, no entanto, acaba por associar esses espaços populares de moradia à violência e à criminalidade, em que “muitos se marginalizavam logo, outros desafogavam o desespero no crime, na valentia e na cachaça”<sup>103</sup>.

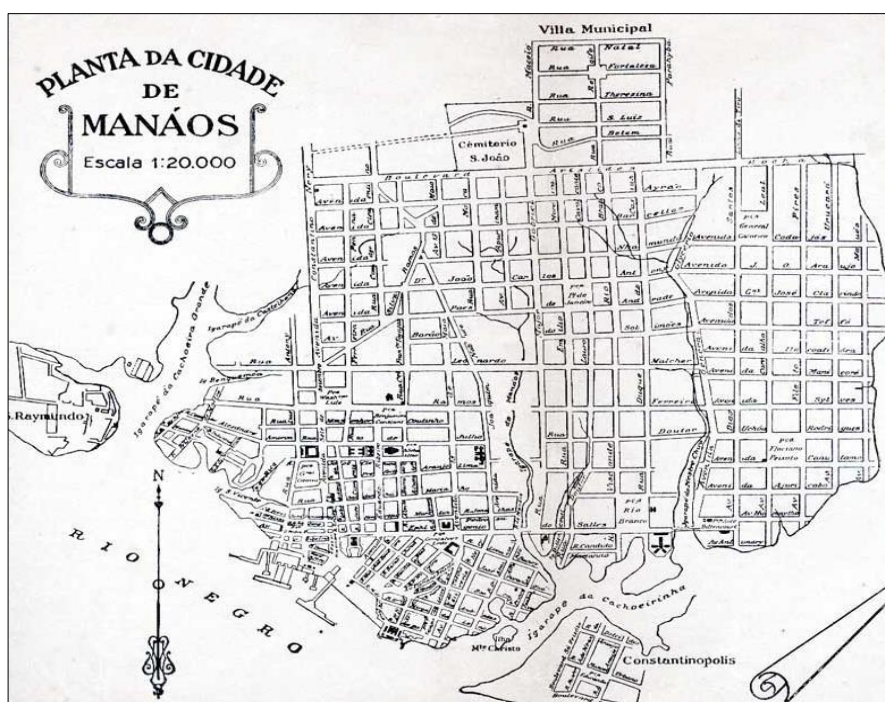


Figura 1 – Planta da Cidade de Manaus  
(Fonte: Mensagem do Prefeito de Manaus, Antônio B. Maia, 15/04/1937)

No plano nacional, o contexto pós-Estado Novo, assim como os governos que se sucederam encerrados no que se tem definido como período democrático (1946-1964), mostrou-se bastante agitado politicamente. Se no plano eleitoral ocorreu a

<sup>101</sup> Ibid. op.cit., p. 135-136.

<sup>102</sup> BENCHIMOL, Samuel. Op.cit., p. 360.

<sup>103</sup> Ibid. Op. cit., p. 360.



“redemocratização” do país com ascensão de Dutra, politicamente este apresentou um caráter conservador, reprimindo greves e colocando na ilegalidade o PCB (Partido Comunista Brasileiro)<sup>104</sup>. Promulgada em seu primeiro ano de governo, a Constituição de 1946 previa a aplicação de 3% da renda tributária nos estados e municípios da região amazônica, o que não chegou a ser efetivado. Somente em 1953, quando do retorno de Vargas ao poder, é que o artigo constitucional foi enfim regulamentado, dentre outras medidas criando a SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia).

Um dos efeitos da criação da Superintendência e da política desenvolvimentista do período foi a aprovação da Lei 3.173, de 6 de junho de 1957, que criava uma área específica de livre-comércio destinada a atender o consumo interno na Amazônia. Na prática, porém, a Zona Franca, até sua ampliação e reformulação em 1967 durante a ditadura militar, constituía-se em um Porto Livre, e suas dependências físicas funcionaram em depósito alugado da Administração do Porto de Manaus<sup>105</sup>.

No início dos anos de 1950, uma nova configuração urbana é projetada pela Lei nº 367, de 28/07/1951, dividindo a cidade em três zonas territoriais: Zonas Central, Zona Urbana e Zona Suburbana. Contudo, a dinâmica demográfica ocorrida ao longo da década facilitada pela chegada de nordestinos e interioranos<sup>106</sup>, acarreta o surgimento de novos núcleos urbanos e rápido alargamento dos limites pensados pela divisão territorial tecida pela lei<sup>107</sup>. Nesse sentido, bairros como São Francisco<sup>108</sup>, São Lázaro, Crespo, Petrópolis, Santo Antônio, São Jorge, Glória<sup>109</sup>, dentre outros, são resultado desse

---

<sup>104</sup> FILHO, Jose Dantas & DORATIOTO, Francisco Fernando M. De Getúlio a Getúlio: O Brasil de Dutra e Vargas, 1945 a 1954. São Paulo: Atual, 1991, p. 13.

<sup>105</sup> MACHADO, Jose Alberto da Costa et al. Metamorfose do modelo Zona Franca de Manaus: desafios à pesquisa e ao planejamento regional. In: SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir de (orgs.). Amazônia: políticas públicas e diversidade cultural. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, p. 57.

<sup>106</sup> Em 1953, o Estado do Amazonas vivencia uma das maiores cheias até então registradas na sua história.

<sup>107</sup> É por volta desse período que ocorre a expansão da cidade flutuante em frente a cidade de Manaus, experiência de moradia sobre as águas que marcou profundamente a cidade até a época da criação da Zona Franca. Segundo Leno Souza “um fenômeno social e urbano produzido por uma cultura própria do lugar na qual a relação com as águas fluviais foi sempre uma característica marcante na vida dos ribeirinhos da hinterlândia amazônica...foi sem dúvida, a mais impactante experiência social desta cidade em transformação”. A cidade flutuante começou a ser desarticulada a partir de 1965, no governo de Arthur Reis (1964-1967). (SOUZA, Leno Jose Barata. Op. cit., p. 9).

<sup>108</sup> A origem desse bairro liga-se diretamente a atividade carvoeira na cidade, quando por volta de 1947, “trabalhadores que fabricavam carvão começaram a se fixar na região. Nesta época, a paisagem do bairro era dominada por grande quantidade de caieiras, fornos nos quais era fabricado o carvão, mas já contava com algumas casas de madeira, habitada pelos próprios trabalhadores e suas famílias”. Fonte: Jornal do Comércio, 24 de outubro de 2006, Suplemento Especial, p. 24.

<sup>109</sup> SOUZA, Leno José Barata. Op.cit., p. 136.

processo. Nesse sentido, ao final da década de 1960, o desenho espacial da cidade já era completamente diferente (Figura 2) daquele delineado pelo então prefeito Antônio Botelho Maia no final do anos de 1930 e início de 1940.



Figura 2 – Planta da Cidade de Manaus: 1969  
Fonte: Ocupação do Amazonas: Manaus, Zona Franca, 1969/1970.

Observamos que, no âmbito desse processo de adensamento populacional ocorrido no período, era significativo o número de pessoas que apostavam em atividades autônomas como estratégia de sobrevivência, tais como: “barbearias, marcenarias, ferrarias, mercearias, pequenas lojas, botecos, quitandas, carvão, costureiras, lavadeiras, engomadeiras, domésticas...”<sup>110</sup>. Além do ambiente terrestre, a presença de trabalhadores era constante em determinados pontos da extensa orla fluvial de Manaus, vendendo, negociando seus produtos e mercadorias, como ressalta o escritor Moacir Andrade.

mais ou menos às seis da manhã, quando o sol começava a clarear para as bandas do nascente, começava também a se intensificar o movimento de barcos, motores, canoas, batelões e pequenos cascos, que costuravam os mais estreito espaços do emaranhado de veículos flutuantes

<sup>110</sup> ARAUJO, André Vidal de. Sociologia de Manaus: aspectos de sua aculturação. Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1974, p. 186.

ancorados na chamada praia do mercado, oferecendo uma eclética mercadoria<sup>111</sup>

Certamente que o carvão produzido nos municípios que se encontravam nos arredores de Manaus, assim como nas áreas ribeirinhas da própria capital, ainda não acessíveis por estrada, também era comercializado nestes espaços, como observamos no noticiário policial impresso pelo *Jornal do Comércio*

Hontem de madrugada, o larapio Lourival Monteiro preparava-se para fazer uma colheita na canoa do **carvoeiro** Raymundo Cypriano de Lima, atracado na rampa do mercado publico. Pé ante pé, o malandro tateava os objetos que estavam no porão da montaria, encontrando afinal o que queria: uma mala contendo dinheiro e roupas.<sup>112</sup>

Pela memória de um dos nossos entrevistados, Wilton Alves Pereira, que se dedicava a fazer carvão e revendê-lo pelas áreas ribeirinhas de Manaus, o produto nessa época era proveniente, sobretudo das áreas interioranas

O carvão era feito no interior, vamos dizer, era feito no Castanho, alto Rio Negro, o carvão mais conhecido era o de Puraquequara, o carvão mais conhecido nesse tempo não tinha lavra, não tinha caminhão, como eu to falando era carregado na voga, no remo mesmo, tirava um dia e meio no remo, remando, remando, remando, ate chegar aqui no porto de Manaus. Mas naquela época Manaus era uma população pouca, não é como agora, agora Manaus tá grande<sup>113</sup>

Homem do interior amazonense, acostumado a percorrer muitos de seus rios, igarapés, furos e outros espaços característicos da região, Wilton visualiza a origem do carvão consumido em Manaus como proveniente unicamente dessas áreas. No entanto, sabemos que, diferente do que Wilton imaginava, pelos arredores da cidade também era intensa a presença de carvoarias, como lembra Jeferson Peres: “quem percorresse as estradas do Tarumã e de Campos Sales divisava, com frequência, rolos de fumaça que saíam da mata, indicando os locais onde se fazia o carvoejamento”<sup>114</sup>

A partir desse quadro entendemos que a memória da Manaus estagnada, concebida como uma cidade mais parada, tranquila e de uma quietude provinciana<sup>115</sup>,

---

<sup>111</sup> ANDRADE, Moacir. Op. cit., p.59.

<sup>112</sup> Jornal do Comercio, 18 de setembro de 1947. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<sup>113</sup> Entrevista realizada em 01 de outubro de 19

<sup>114</sup> Cf. PERES, Jeferson. Op. cit., 2002, p. 208.

<sup>115</sup> Cf. PERES, Jeferson. Op. cit., 2002, p. 21.

que só encontraria novamente seu e realidades caminho para o progresso com a criação da Zona Franca, acaba, em certa medida, por ocultar diversos processos do espaço urbano, homogeneizando os sujeitos e jogando nas sombras diversas experiências, de viver e trabalhar, moldadas nesse contexto.

E nessa perspectiva ressaltamos a experiência dos trabalhadores que lidavam com o fabrico e a venda do carvão vegetal nos diferentes espaços da cidade. O carvão, seja ele mineral ou vegetal, era essencial para a economia do país e para o cotidiano dos moradores da cidade. Desse modo, o ser carvoeiro ou carvoeira estava relacionado a um contexto mais amplo, por isso, buscamos na próxima seção abordar alguns aspectos ligados ao referido produto.

## 1.2. “No presente momento, o Brasil precisa de carvão”

A frase que dá título a esta seção foi proferida pelo botânico Cezar Antônio Elias<sup>116</sup> que, em trabalho escrito sob os auspícios do Ministério da Agricultura em 1945, busca detalhar e racionalizar o processo de fabricação do carvão vegetal, uma atividade realizada em praticamente todo o país de forma bastante rudimentar. Segundo Elias, não se deve esquecer a devastação que a atividade acarreta, mas no “presente momento o Brasil precisa de carvão”<sup>117</sup>. Nesse sentido, como entender tal preocupação?

O carvão serviu de base para a estruturação da primeira Revolução Industrial, na Inglaterra, em meados do século XVIII. Já na segunda metade do século XIX, porém, gestavam-se, nas principais economias capitalistas, os elementos que constituiriam a Segunda Revolução Industrial que tinha como base a indústria química, o aço, a eletricidade, o petróleo e a produção em larga escala. O Brasil, entretanto, levou pelo

---

<sup>116</sup> Cezar Antônio Elias nasceu no Rio de Janeiro, em 1926. Na juventude, teve uma aproximação com as artes plásticas, fazendo um curso livre de pintura na Escola de Belas Artes. Sua primeira formação foi como botânico pelo Ministério da Agricultura, enquanto cursava a faculdade de medicina que veio a interromper para trabalhar no Instituto Radium, com Latargé e Lacassae. Retorna em 1950 para o Brasil, iniciando suas atividades no Instituto de Biofísica e retomando os estudos na Faculdade de Medicina. Já formado, retorna ao exterior e faz diversos cursos em países como a França, os Estados Unidos e Israel. Volta para o Brasil como Livre Docente e começa a exercer diversas funções na Faculdade de Medicina da UFRJ.

<sup>117</sup> ELIAS, Cezar Antônio. *Fabricação de Carvão Vegetal*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945, p. 35.

menos cem anos para “internalizar os adventos da Primeira revolução industrial”<sup>118</sup>, chegando a década “de 1930 ainda sem um sistema industrial e um mercado integrado”<sup>119</sup>.

Desse modo, no Brasil, o carvão tinha uma grande importância para a economia, servindo basicamente como combustível para o transporte ferroviário e marítimo, pequenas indústrias e, a partir da década de 1940, como a principal fonte alimentadora da Companhia Siderúrgica Nacional<sup>120</sup>, onde alimentava o alto forno de Volta Redonda. Nessa direção, Clarice Speranza destaca que

em 1947, o carvão nacional era o primeiro produto de extração mineral do Brasil em termos de quantidade, e ocupava um confortável primeiro lugar também em termos de valor. A quantidade produzida nesse ano beirava 2 milhões de toneladas, bem acima do segundo produto do ranking nacional (o minério de ferro, com 590 mil toneladas. O valor do carvão chegava a Cr\$ 274 milhões, mais que o dobro do ouro (segundo colocado), que obtinha Cr\$ 111 milhões. Naquele ano, o carvão era responsável por mais da metade do valor da riqueza oriunda dos produtos de extração mineral<sup>121</sup>.

Até a Primeira Guerra Mundial, porém, o carvão mineral utilizado no Brasil era originário em sua quase totalidade do mercado externo. Com o advento do conflito, as importações sofreram uma drástica queda, já que o minério servia como base para a indústria bélica. Nesse contexto, “aumentou a preocupação do governo brasileiro em buscar uma fonte de energia interna que substituísse o carvão importado”<sup>122</sup> pelo carvão nacional. Forma-se, então, um acalorado debate em torno da exploração do carvão nacional, em que se opunham basicamente duas correntes: “uma que lhe era extremamente favorável e defendia uma exploração em larga escala com investimento nacional, a outra sistematicamente lhe hostilizava e defendia a importação da hulha”<sup>123</sup>.

---

<sup>118</sup> FILHO, Alcides Goularti & LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. Relações de Trabalho e formação da mão-de-obra mineira em Santa Catarina. In: FILHO, Alcides Goularti (org.). Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 36

<sup>119</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>120</sup> “Siderúrgicas instaladas em volta Redonda, no Rio de Janeiro, em Cubatão, São Paulo, queimavam carvão coque importado e nacional, mas o ferro e o aço do resto do país continuaram a ser produzidos com carvão vegetal.” (DEAN, Warren. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 290)

<sup>121</sup> SPERANZA, Clarice. Cavando Direitos – As leis trabalhistas e os conflitos entre trabalhadores e patrões nas minas do Rio Grande do Sul nos anos 40 e 50. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 198-199.

<sup>122</sup> BERNARDO, Roseli T. O Carvão Nacional: do discurso formado à ação concretizada, 1880-1930. In: FILHO, Alcides Goularti (org.). Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 63.

<sup>123</sup> Ibidem, p. 64.

Ainda na primeira República, o presidente Wenceslau Brás adota as primeiras medidas de proteção e incentivo ao carvão nacional<sup>124</sup>. A ascensão de Vargas ao poder, através do Movimento de 1930, desencadeou o processo de substituição de importações, o que amplia a “industrialização” do Brasil. Na esteira desse processo são sancionadas diversas medidas legais nacionalizantes, entre as quais figuram o decreto 20.089<sup>125</sup>, de 09 de junho de 1931, que define um percentual de 10% para o consumo do carvão nacional em relação ao estrangeiro<sup>126</sup>. Cinco anos depois, através do decreto federal 1.828, o percentual passa para 20%. Ademais, o decreto estabeleceu ainda “uma série de vantagens aos que adaptaram seu maquinário ao carvão nacional e, praticamente isentou o ramo carbonífero nacional de impostos e taxas”<sup>127</sup>.

As medidas alavancaram significativamente o setor e nesse contexto as maiores beneficiadas foram as mineradoras gaúchas que, nesse momento, controlavam 82% da produção nacional<sup>128</sup>. Ao lado do Rio Grande do Sul, o estado de Santa Catarina também desponta como outro grande produtor nacional, embora até a época da Segunda Guerra Mundial em uma condição inferior.

Importante destacar que, nesses estados, o carvão já vinha sendo explorado pelo menos desde meados do século XIX. Em 1872, é fundada no Rio Grande do Sul a primeira companhia de exploração de carvão no Brasil, a *Brazilian Collieries Company Limited*, de capital inglês. A historiadora Clarice Speranza observa que, neste período, a lavra deixou a sua época romântica para ingressar nos primórdios da indústria do carvão, onde o foco passa a ser a exploração racional dos recursos com vistas a maximizar os lucros<sup>129</sup>.

Ao final da Segunda Guerra Mundial e com ascensão de Dutra à presidência do país, ocorrem mudanças em relação às políticas que protegiam o carvão nacional. Com o restabelecimento das relações comerciais do mercado mundial, o Brasil voltou a consumir o carvão importado, o que em muito desagradou os dirigentes da indústria carbonífera nacional. Além disso, a importação do óleo combustível, que aos poucos era

---

<sup>124</sup> Ibid, p. 65.

<sup>125</sup> Fonte: site da Câmara dos Deputados (<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20089-9-junho-1931-519084-publicacaooriginal-1-pe.html>)

<sup>126</sup> SPERANZA, Clarice. Op.cit., p.45

<sup>127</sup> KLOVAN, Felipe Figueiró. Quebrando a calma: a mobilização dos mineiros de carvão do Rio Grande do Sul pelo cumprimento das leis trabalhistas durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas (1930-1934). In: Revista Mundos do Trabalho, vol. 7, n.14, jul-dez/2015, p. 54.

<sup>128</sup> SPERANZA, Clarice. Op.cit., p.47.

<sup>129</sup> SPERANZA, Clarice. Op.cit., p.43.

introduzido no país e um substituto mais barato para o produto nacional, significaram a paulatina diminuição na produção do setor minerador, em particular no Rio Grande do Sul, ficando esta mais restrita ao consumo interno. Em contrapartida verifica-se o crescimento da exploração em Santa Catarina<sup>130</sup> na mineração de carvão.

A importância da “indústria” do carvão mineral no Brasil, contudo, não pode ser mensurada apenas pelos seus aspectos econômicos e da produção. Clarice Speranza destaca que, somente no Rio Grande do Sul, em seu período de auge, as minas do estado chegaram a abrigar cerca de 7 mil mineiros, formando assim uma das maiores concentrações de trabalhadores do país na época<sup>131</sup>. Nesse sentido, tem sido significativo o número de estudos sobre o trabalho em mineração nos últimos anos, ocupando assim um importante espaço no campo da história social do trabalho no Brasil. Esses trabalhadores “participaram de greves que se tornaram quase lendárias como a de 1946. Além disso, encabeçaram movimentos coletivos pelo cumprimento da legislação”<sup>132</sup> trabalhista vigente à época.

Ainda que fundamental para a economia do país e comportando um dos mais expressivos contingentes de trabalhadores, a mineração de carvão, enquanto fonte energética primária, era, nesse contexto, superada por dois combustíveis naturais: a lenha<sup>133</sup> e, sobretudo, o carvão vegetal. Embora desde o início do século XX já se importasse petróleo e o próprio carvão mineral e houvesse um enorme potencial hidrelétrico<sup>134</sup>, segundo Warren Dean, a economia e a indústria brasileira dependiam

---

<sup>130</sup> Para Clarice Speranza, contribuiu também para o declínio da mineração no RS, além de fisicamente o carvão gaúcho apresentar menor poder calorífico, o fato de o Estado ficar mais distante do Sudeste, que nesse momento passava por processo de industrialização. A produção de Santa Catarina era destinada inteiramente a Companhia Siderúrgica Nacional. (SPERANZA, Clarice. Op.cit., p.48)

<sup>131</sup> SPERANZA, Clarice. Op.cit., p. 19.

<sup>132</sup> SPERANZA, Clarice. Op.cit., p. 19.

<sup>133</sup> Segundo Oliveira & Fraga “historicamente a lenha tem acompanhado a trajetória humana como uma fonte energética de primeira necessidade. A sua transformação em carvão via combustão abafada (os fornos de carvão) possibilita um aumento do poder calórico com uma redução de massa, o que o torna uma fonte de energia que permite ser transportada a distâncias mais longas. O poder calorífico do carvão vegetal por unidade do peso é quase três vezes maior do que a lenha. Ao contrário do petróleo, o carvão pode ser produzido localmente e – uma consideração de grande relevância para o presente trabalho - trata-se de uma fonte de energia cujo custo de produção é composto quase exclusivamente do trabalho investido nele. Vale lembrar que a produção do carvão é feita na própria floresta” (OLIVEIRA, Rogerio Ribeiro de & FRAGA, Joana Stingel. Metabolismo social de uma floresta e de uma cidade: paisagem, carvoeiros e invisibilidade social no Rio de Janeiro dos séculos XIX e XX. Revista do Departamento de Geografia da PUC/Rio, ano 4, n. 7, 2011, p. 5)

<sup>134</sup> DEAN, Warren. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 267.

“primordialmente de seu enorme estoque de recursos vegetais nativos para ter combustível”<sup>135</sup>.

Para alguns estudiosos, esta predominância contribuía apenas para produzir uma imagem negativa do país, na medida em que tal realidade acabava ensejando “vários ditos irônicos e humilhantes para nossa civilização, ainda mais agora que o mundo entra rápido e decisivamente na era da energia nuclear”<sup>136</sup>. Não obstante, é significativo o quadro abaixo, elaborado por Artur Levy<sup>137</sup>, quando nos remete exatamente a este predomínio exercido pelos combustíveis naturais no quadro econômico nacional no período aqui observado.

CONSUMO DE COMBUSTIVEIS VEGETAIS								
ANOS	Lenha para Queima direta		CARVÃO VEGETAL			Total da lenha (mil m <sup>3</sup> )	Bagaço de cana	
	mil m <sup>3</sup>	%	Mil T	%	Lenha para fabricação do carvão (mil m <sup>3</sup> )		Mil T	%
1948	83.114	—	630,2	—	8.823	92.237	3.920,4	—
1949	81.289	-2,5	604,1	-4,0	8.457	89.746	3.783,0	—
1950	82.939	+1,9	712,5	+18,0	9.975	92.914	3.640,8	—
1951	83.511	+0,7	865,5	+21,4	12.117	95.614	4.213,3	16
1952	78.383	-6,1	1.021,9	+18,0	14.307	92.690	4.806,2	14
1953	82.000	+2,0	1.226,3	+20,0	17.168	99.168	5.527,1	15
1954	83.600	+2,0	1.471,6	+20,0	20.602	104.202	6.356,1	15
1955	85.300	+2,0	1.765,9	+20,0	24.723	110.023	7.309,5	15
1956	87.000	+2,0	2.119,1	+20,0	29.667	116.667	8.405,9	15
1957	88.700	+2,0	2.542,9	+20,0	35.601	124.301	9.666,8	15
1958	90.500	+2,0	3.051,5	+20,0	42.721	133.221	11.116,8	15
1959	92.300	+2,0	3.661,8	+20,0	51.265	143.565	12.784,3	15
1960	94.100	+2,0	4.394,2	+20,0	61.519	155.619	14.701,9	15
1961	96.000	+2,0	5.273,0	+20,0	73.822	169.822	16.907,2	15
1962	97.200	+2,0	6.327,6	+20,0	88.586	185.786	19.443,3	15

**Tabela 2 - Levy, Arthur. Energia não se importa 1962, p. 165.**

Embora deficientes, como reconhece o autor, visto que não abarcam a totalidade das regiões brasileiras, os dados indicam uma constante e crescente produção de lenha e, sobretudo carvão vegetal desde o final da década de 1940 e início da década de 1960.

<sup>135</sup> DEAN, Warren. Op.cit., p. 267.

<sup>136</sup> LEVY, Arthur. Energia não se importa (estudo da melhor estrutura energética para o Brasil). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1962, p. 145.

<sup>137</sup> Artur Levy foi um militar de carreira do Exército Brasileiro, tendo exercido diversos cargos nos governos de Vargas e Dutra e durante o período da ditadura militar. Destacam-se sua atuação no CNP (Conselho Nacional do Petróleo) entre 1945 e 1953 e na Petrobras, onde exerceu a presidência entre 1954 e 1956. Apoiou o golpe civil-militar de 1964 e durante o período também ocupou importantes cargos na empresa. (Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LEVY,%20Artur.pdf>).



Chama a atenção, no caso do último, a expressiva taxa de crescimento anual em torno de 20%. Essa demanda quase que desenfreada por lenha e carvão vegetal levou o estudioso Amadeu Saraiva, em artigo publicado em meados da década de 1950, a denominar o Brasil de “civilização lignívora”<sup>138</sup>, devoradora de madeira.

Para Arthur Levy, assim como para outros técnicos e estudiosos da questão energética do país, o problema não estava tanto nestes combustíveis figurarem com um peso ainda importante para a economia nacional, como indica o quadro supracitado, mas no fato de serem explorados em moldes “primitivos e obsoletos de há três séculos”<sup>139</sup>.

Historicamente, é notório que o carvão vegetal desponta como uma significativa fonte energética durante a revolução industrial inglesa. O historiador inglês Eric Hobsbawm, ao analisar as origens desse processo, destaca nesse momento a existência de um mercado interno em que o carvão vegetal apresentava-se como uma sólida “indústria” e em visível crescimento. Nesse sentido, o autor sublinha que

O mercado interno proporcionava ainda importante escoadouro para produtos que mais tarde se transformariam em bens de capital. O carvão vegetal cresceu quase que inteiramente com o aumento de lareiras urbanas, e principalmente metropolitanas; o ferro – a um grau muito menor – refletiu a procura de panelas, caçarolas, pregos, fogões, etc. como a quantidade consumida nos lares britânicos era muitíssimo maior que o consumo interno de ferro (graças em parte, à curiosa ineficiência da lareira britânica em comparação com o fogão da Europa Continental), a base pré-industrial da indústria de carvão era muito mais sólida que a da indústria do ferro. Mesmo antes da Revolução Industrial sua produção já podia ser medida em milhões de toneladas, sendo o primeiro produto ao qual podiam ser aplicadas tais cifras<sup>140</sup>.

Até meados do século XIX, o carvão vegetal foi muito utilizado no continente europeu, sobretudo para fundição do ferro, quando então passou a ser substituído pelo carvão mineral como principal combustível nessa atividade<sup>141</sup>. Conforme Hobsbawm, essa mudança em parte explica-se pela relativa redução das florestas nativas na Grã-Bretanha<sup>142</sup>. Posteriormente, a crescente utilização de outros produtos, principalmente derivados do petróleo, veio colocá-lo num plano inferior.

---

<sup>138</sup> Correio da Manhã (RJ), 3 a 9 de agosto de 1956, p.2

<sup>139</sup> LEVY, Arthur. Op. cit. p. 158.

<sup>140</sup> HOBBSAWM, Eric. op.cit., p. 44.

<sup>141</sup> HOBBSAWM, Eric. A Era do Capital, 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 70.

<sup>142</sup> HOBBSAWM, Eric J. A Era das Revoluções: 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009, p. 31

Por outro lado, ainda era significativa a dependência da economia brasileira em relação a seus recursos vegetais na primeira metade do século XX, sobretudo aqueles derivados da madeira. Embora já houvesse uma defesa quanto ao uso exclusivo do carvão minerado nas indústrias de ferro e aço, sobretudo aquele oriundo dos estados do sul, alegando que as técnicas de exploração do carvão vegetal eram rudimentares e primitivas, muitos defendiam a viabilidade dessa fonte e a saída seria então modernizar sua fabricação. Nesse sentido, “o debate carvão vegetal versus carvão mineral deve ter estimulado os cientistas durante os anos 1920 e 1930 a apresentar propostas para a modernização da indústria de fabricação do carvão vegetal”<sup>143</sup>. Alguns pesquisadores como Frederich Freise defendiam

a noção de que as indústrias de ferro e aço brasileiras deveriam usar o carvão vegetal. Freise acreditava também que o Brasil poderia melhorar o seu setor de produção de carvão vegetal e fazer dele uma fonte eficiente de combustível para locomotivas, metalurgia e outras indústrias<sup>144</sup>.

No período entreguerras, conforme aponta ainda Brannstrom, a relativa falta de carvão mineral reforçou ainda mais a dependência em relação à madeira<sup>145</sup>. Segundo Warren Dean, durante a Segunda Guerra Mundial, o carvão mineral e o petróleo importados foram racionados em face da demanda crescente. Motores a diesel e a gasolina eram desativados e máquinas a vapor abandonadas eram reparadas e novamente colocadas em uso. Geradores de gás por queima de carvão vegetal e mineral, os gasogênios (Anexo 3, imagem 1) eram anexados a automóveis e caminhões<sup>146</sup>.

Em 1945, o Ministério da Agricultura, através de seu Serviço de documentação pública, publicou trabalho produzido pelo botânico Antônio Cezar Elias intitulado “Fabricação de Carvão Vegetal”. O documento tem um caráter ambíguo, pois ao mesmo tempo em que ressalta a preocupação com a preservação das florestas por parte de todos aqueles que fabricam carvão, em especial carvoeiros profissionais ou ocasionais, destaca a necessidade do produto para a economia do país naquele momento<sup>147</sup>.

---

<sup>143</sup> BRANNSTROM, Christian. A madeira foi o combustível que moveu a industrialização brasileira? Avaliando a hipótese da madeira, 1900-1969. In: FRANCO, Jose Luiz de Andrade et al (orgs). História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.58.

<sup>144</sup> BRANNSTROM, Christian. Op.cit., p. 58

<sup>145</sup> Ibid., p.61

<sup>146</sup> DEAN, Warren. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 270.

<sup>147</sup> ELIAS, Cezar Antônio. Fabricação de Carvão Vegetal. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945, p. 35

Nessa direção, em artigo publicado na Revista Brasileira de Geografia de 1946, a geógrafa Elza Coelho de Souza, embora não identifique claramente o local de sua observação, se volta, em uma seção denominada “Tipos e Aspectos do Brasil”, para a atividade extrativa do carvoeiro, a quem designa como um “tipo interessante”<sup>148</sup> da realidade social brasileira. Embora necessário, um combustível barato e indispensável, o carvão vegetal configura-se como um peso para o país, pois

no Brasil, onde escasseia o carvão mineral limitado a poucas jazidas no extremo sul do país, tem sido intensa a devastação da sua riqueza florestal, utilizada, indiscriminadamente, para produção de lenha e de carvão vegetal destinados ao consumo doméstico, às fabricas e estradas de ferro<sup>149</sup>.

Para Arthur Levy, a solução deste problema viria com a implantação entre os grandes e pequenos produtores de carvão vegetal de uma exploração mais racional deste combustível, criando para tanto as “florestas industriais”, ou seja, áreas de plantio e abate de árvores com posterior distribuição aos mercados consumidores. O processo demandaria necessariamente o constante replantio das árvores abatidas, contribuindo assim para reduzir a destruição das reservas florestais do país.

Observa-se, porém, que tais ideias não chegaram a constituir ainda uma prática recorrente, pelo menos neste período, restringindo-se a algumas industriais siderúrgicas do Sudeste. No mais os recursos florestais estavam entregues, segundo Levy, “ao machado e ao fogo”<sup>150</sup>.

Outra face importante deste mundo foi levantada por Warren Dean, em seu famoso estudo sobre a história da devastação da Mata Atlântica. O autor chama atenção para dificuldade em se precisar quantitativamente os trabalhadores envolvidos nessa atividade, haja vista o caráter disperso em que muitas das vezes a mesma era realizada, o que torna as estimativas governamentais bastante inseguras. Ainda assim, para o autor, é possível estimar que

Em 1948, lenha e carvão vegetal representavam 79% de toda energia consumida no Brasil – ainda que um percentual bem menor dessa energia fosse de fato utilizado, porque a queima da lenha era, sem dúvida, ineficiente. No Sudeste, a queima de lenha e carvão por certo não era menor que 50% do consumo de combustível<sup>151</sup>.

---

<sup>148</sup> SOUZA, Elza Coelho de. “Carvoeiro” In: Revista Brasileira de Geografia, Out-Dez 1946, n. 4, p. 151.

<sup>149</sup> SOUZA, Elza Coelho de. Op.cit. p. 151.

<sup>150</sup> LEVY, Arthur. Op. cit. p. 163.

<sup>151</sup> DEAN, Warren. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 269.

Desse modo, segundo o autor, é possível presumir que, dadas essas estimativas, o contingente de trabalhadores envolvidos na atividade da carvoaria em todo o país no período aqui observado era bastante significativo. Nesse sentido, são exemplares e reveladores, segundo Dean, “o número de pessoas ocupadas no corte da lenha e fabrico de carvão, que em 1950 chegava, em São Paulo, a 76 mil trabalhadores, ou 7,5% da força de trabalho rural”<sup>152</sup>. Em outros estados, como Minas Gerais<sup>153</sup>, grande polo siderúrgico do país, mesmo no início dos anos de 1970, 10% da força de trabalho rural extraía lenha e carvão vegetal<sup>154</sup>.

Muito provavelmente, segundo Brannstrom, grande parte desses trabalhadores não se dedicava de modo exclusivo a essas atividades, podendo ser pequenos produtores, arrendatários ou mesmo parceiros, que junto com suas famílias cortavam lenha e faziam carvão em época de folgas das atividades agrícolas ou em outros intervalos relativamente ociosos<sup>155</sup>.

No contexto amazonense, é possível afirmar que, a simultaneidade de atividades era algo muito presente em relação ao trabalho da carvoaria, sobretudo quando sabemos, o caboclo ribeirinho em seus modos de vida entrecruza variadas e sinuosas experiências: roceiro das várzeas, extrator de lenha das terras altas, canoeiro, mateiro, caçador, pescador, entre outras<sup>156</sup>.

Nesse sentido, Marcel van der Linden, retomando e reavaliando as análises de Marx<sup>157</sup>, em artigo intitulado “Rumo a uma nova conceituação histórica da classe trabalhadora mundial”, observa que as fronteiras entre trabalho livre assalariado e trabalho por conta própria não são tão claramente demarcadas e que a oposição entre trabalho urbano e rural não deve ser tomada como absoluta<sup>158</sup>. Além de mostrar a existência de diversas formas intermediárias de trabalho entre as cinco classes ou

---

<sup>152</sup> DEAN, Warren. Op.cit., p. 269

<sup>153</sup> Embora já existisse em meados do século XIX uma incipiente atividade siderúrgica na região leste de Minas Gerais é, segundo Guerra, somente em 1921 que a produção do ferro-gusa a carvão vegetal se estabelece, com a criação da Siderúrgica Belgo Mineira, na cidade de Sabará. (GUERRA, Claudio. “O carvão vegetal no Brasil” In: PRADO, Marcos. Os carvoeiros. Brasília: Ministério da Cultura, 1999, p. 21-24)

<sup>154</sup> DEAN, Warren. Op.cit., p. 269.

<sup>155</sup> BRANNSTROM, Christiam. Op.cit., p. 67.

<sup>156</sup> Cf. SOUZA, Leno José Barata. Op. cit. p. 75.

<sup>157</sup> Linden afirma que “usamos Marx como um ponto de partida por duas razões: ele ainda é uma importante fonte de inspiração para acadêmicos de todo o mundo e, apesar de várias limitações, sua análise ainda é o que nós temos de melhor” (LINDEN, Marcel van der. Rumo a uma nova conceituação histórica da classe trabalhadora mundial. História, São Paulo, v. 24, n. 42, p. 12)

<sup>158</sup> LINDEN, Marcel van der. Op. cit., p. 1.

semiclasses subalternas<sup>159</sup> existentes no sistema capitalista, Linden questiona alguns postulados da visão clássica em que os trabalhadores simplesmente trocam a sua força de trabalho por dinheiro e então compram alimentos com esse dinheiro. O autor demonstra, por exemplo, ser possível que um trabalhador ou trabalhadora se envolva simultaneamente em mais de uma relação de trabalho<sup>160</sup>.

As considerações do autor são significativas, nesse sentido, dado que nos remetem a alguns aspectos da atividade dos sujeitos analisados na pesquisa, pois embora desempenhassem o trabalho na carvoaria e sejam aqui tratados como carvoeiros, é interessante observar que, como será verificado, também esses trabalhadores transitavam por variadas esferas, ambientes e ocupações, entrecruzando assim no espaço citadino seus modos de viver e trabalhar.

Dentro deste espaço, tido como inerte, que se mostrava significativamente permeado por uma economia ligada aos produtos florestais e que se amparava para sua movimentação energética na utilização dos combustíveis naturais, é que a atividade da carvoaria e os carvoeiros a ela ligados engendraram e movimentaram suas vidas e a vida da cidade.

### 1.3. A cidade, o carvão e os carvoeiros:

Em seu estudo sobre a cidade e os trabalhadores urbanos de Manaus do início do século XX, a historiadora Francisca Deusa Sena da Costa afirma que a despeito de ter sido uma das primeiras capitais a contar com energia elétrica, “tido como fator de

---

<sup>159</sup> Segundo Linden “a tradição marxiana distingue cinco classes ou semiclasses subalternas no capitalismo: os trabalhadores assalariados livres, que apenas possuem a sua força de trabalho e a vendem; a pequena burguesia, consistindo em pequenos produtores e distribuidores de mercadoria; os trabalhadores por conta própria, que possuem sua força de trabalho e meios de produção e vendem os produtos do seu trabalho ou serviços (“o trabalhador por conta própria é o seu próprio trabalhador assalariado, seus meios de produção próprios aparecem para ele como capital. Como seu próprio capitalista ele emprega a si mesmo como seu próprio trabalhador assalariado”); os escravos, que nem possuem sua própria força de trabalho nem suas ferramentas e *são* vendidos (na escravidão “o trabalhador não é nada mais do que uma máquina de trabalho viva, que portanto tem um valor para os outros, ou antes é um valor”); e o lumpem-proletariado, que não é vendido e não vende nada. O último grupo usualmente permanece fora da análise e é usado principalmente como uma categoria residual” (LINDEN, Marcel Van der. Op. cit., p. 15)

<sup>160</sup> LINDEN, Marcel Van der. Op. cit., p. 25.

modernidade, Manaus sustentava-se, majoritariamente, da energia a vapor, seja nos navios, pequenas fábricas, padarias, gráficas ou usinas”<sup>161</sup>.

Por essa época também o periódico *Correio do Norte* informava que em Manaus “a população pobre vive quase que exclusivamente da pesca e do fabrico do carvão”<sup>162</sup>. Outro periódico, *Quo Vadis*, imprimia em suas páginas o anúncio de uma “Empresa de combustível vegetal” que se propunha a explorar o comércio de produtos madeireiros, entre eles lenha e carvão vegetal: “E. Daniel & Co., estabelecidos na Villa Municipal, dispondo de grande depozito de lenhas apropriadas para padarias, fogões comuns e inglezes; carvão vegetal próprio para oficinas, fogareiros e ferros de engomar”<sup>163</sup>.

A dependência do “combustível” natural não se constituía em uma novidade na região haja vista que, de acordo com o escritor Antônio Loureiro, a viagem inaugural da navegação a vapor no Amazonas passou por uma terrível dificuldade quando, por falta de suprimento de carvão, viu-se obrigada utilizar a lenha para aquecer suas caldeiras e seguir o itinerário até Belém. O escritor observa que “essa utilização da lenha em barcos a vapor talvez tenha sido uma experiência pioneira, depois tornada rotina nos anos seguintes”<sup>164</sup>.

É notório que decorridas mais de três décadas do período evocado pela historiadora, assim como pelos periódicos, a estrutura energética da cidade de Manaus e do país, como já salientado, continuava ligada aos combustíveis naturais, ou seja, a lenha e o carvão vegetal. A existência de um maquinário antigo<sup>165</sup> no que diz respeito à geração de energia e de equipamentos domésticos (fogões, fogareiros, ferros de passar/engomar), das embarcações que usavam esses materiais e da própria floresta como uma fonte em tese inesgotável destes recursos contribuía de modo particular para essa preponderância.

---

<sup>161</sup> COSTA, Francisca Deusa Sena da. Quando viver ameaça a ordem urbana – trabalhadores de Manaus (1890-1915). Manaus: Valer, 2014, p. 66.

<sup>162</sup> *Jornal Correio do Norte*, Ano I, nº 12, 03/02/1906, p. 2.

<sup>163</sup> *Jornal Quo Vadis*, 03 de janeiro de 1903, p. 4. Fonte: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em 31/06/2016

<sup>164</sup> LOUREIRO, Antônio. O Amazonas na época imperial. Manaus: T.Loureiro & Cia., 1989, p. 177.

<sup>165</sup> Em relatório ao interventor Álvaro Maia, o engenheiro E.B. Kirk, diretor da empresa concessionária do fornecimento de luz e tração dos bondes Manaus Tramways, reclama da situação em que se encontram as máquinas da Usina central de Luz: “Como vê V. Excia. as máquinas foram construídas em 1909 e 1914. Tem todas mais de vinte anos de uso continuo...pensa a Companhia ser desaconselhável andar a fazer remendos parciais, em seu prejuízo, do Estado e dos próprios serviços” (Fonte: Relatório do Governador Alvaro Botelho Maia, 3 de maio de 1937)

Nesse sentido, é significativo mencionar que, no contexto aqui abordado a “indústria” madeireira ocupava um expressivo contingente de pessoas, sobretudo, na extração de madeira para serrarias, de lenha, fabricação e venda de carvão vegetal. Anúncios, como o citado abaixo, publicado em um periódico local e outros no decorrer do período, deixam entrever essa realidade, em que esse trabalho quase sempre feito de forma autônoma, por conta própria, poderia assumir também um caráter de organização empresarial:

Trabalhadores – Pedro Aureliano de Souza precisa de 60 homens para serviços de carvão, lenha e agricultura. Paga lenha de padaria, grossa, de quatro palmos, a 60\$000 o milheiro e mocotó a 30\$000. No serviço de carvão paga a braça de 12 palmos por seis de altura, a 20\$000. Aos trabalhadores de campo paga 8\$000. Aos tiradores de madeira paga 10\$000 diários. Informações na Rua Paraíba, canto da Rua Salvador<sup>166</sup>.

Certamente que o funcionamento e a movimentação energética da cidade dependiam dos serviços de trabalhadores que ora eram arregimentados para a extração da lenha, e do fornecimento do carvão. Desse modo é possível estimar que qualquer dificuldade ou problema quanto a isso poderia acarretar sérios prejuízos e transtornos à urbe. Em meados da década de 1940 o então interventor Álvaro Botelho Maia evidencia em relatório encaminhado a Assembleia Legislativa esta realidade ao mesmo tempo em que deixa transparecer as dificuldades quanto ao fornecimento dos produtos, sobretudo na arregimentação de braços para a extração da lenha.

O fornecimento de luz e água tem sido regular, o que se justifica pela impossibilidade de importação de grandes máquinas e respectivos materiais, de estoques de lenha suficientes, uma vez que as usinas excetuando um conjunto da Manaus Tramways, a gás pobre, consome carvão vegetal. Os braços rarearam para o trabalho na lenha, e tivemos de nos utilizar, por mais de uma vez, de sentenciados e soldados da Polícia Militar. Basta dizer que, no interior, os navios estacionavam nas margens dos rios, sem uma acha de lenha para acionar as caldeiras. Tripulantes e trabalhadores em transito (sic) para os altos rios, eram forçados a cortar lenha virgem nas margens desabitadas<sup>167</sup>

É significativo dizer que, nesse sentido, ao longo do período a cidade viveu diversos contratemplos relacionados ao fornecimento de energia elétrica, decorrentes em grande medida, de questões que envolviam os referidos combustíveis naturais, como

---

<sup>166</sup> Jornal do Comércio, 27 de junho de 1941. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<sup>167</sup> Relatório do Interventor Álvaro Maia, Maio de 1943 – julho de 1944, p. 132-133

preços, fornecedores, etc. É notório que, desse modo, a cidade achava-se quase sempre às escuras. Nas páginas da imprensa, eram constantes as reclamações em relação às frequentes quedas ou mesmo os longos períodos em que a cidade ficava sem energia elétrica.

Está de novo a Manaus Tramways impossibilitada de fornecer energia suficiente para nossa indústria, já que os fornecedores de lenha, dispendo-se a aumentar de novo o preço desse combustível, se negam de entregar a empresa, como de resto aos Serviços de Água e demais consumidores, a quota necessária aos seus serviços. Não são poucas as vezes que temos dito aqui, e não cansaremos de repetir, que enquanto dependermos do gasto de lenha nas caldeiras da Tramways ou de outra organização que a substitua, não teremos energia suficiente para as nossas necessidades<sup>168</sup>

Com o cancelamento, no início da década de 1950, do contrato com empresa concessionária, Manaus Tramways and Light Company Ltda, que remontava ainda ao início do século, o fornecimento da energia passa então a ser administrado pelos Serviços Elétricos do Estado (SEE). Percebe-se, porém, que, ao longo da década não ter havido nenhuma mudança substancial na matriz energética e a cidade contava ainda com duas usinas elétricas, ambas a vapor, uma movida totalmente a lenha (Usina Central) e a outra a carvão vegetal (a Sub-Usina). É notório que os problemas anteriores também continuavam. Nesse contexto, os responsáveis pelos SEE apresentam ao governador Álvaro Botelho Maia o seguinte comentário:

Por mais absurdo que parecer possa, apesar de estarmos localizados na maior densidade florestal do mundo, o combustível das nossas Usinas, a 'lenha' chega aos nossos depósitos, a terrestre (arredores de Manaus) pelo preço que varia de Cr\$ 68,00 a Cr\$ 124,58 a tonelada e a desembarcada por via fluvial originária dos rios Negro, Solimões e Preto por preço que oscila entre Cr\$ 68,00 a Cr\$ 88,35 [...] Outro ponto de desequilíbrio orçamentário, é, sem dúvida, a pequena capacidade de produção das atuais usinas destes S.E.E. Na Usina Central, a do Plano Inclinado, contamos com quatro geradores de 400 KW cada, afora um outro grupo de 400 KW, incapaz de render serviço, pelo elevado do seu consumo [...] Na Sub-Usina, da Cachoerinha existem em pleno funcionamento, dois grupos, a gás pobre, com um total de 910 KW. O total pois, de KW, supondo-se rendimento normal da maquinaria seria de 2.510 KW. As caldeiras da Usina Central e os Gasogênios da Sub-Usina, tem recebido, já não só os concertos habituais e indispensáveis mas, reparações maiores...evitando-nos males maiores com maior caducidade no fornecimento de energia elétrica a cidade<sup>169</sup>

---

<sup>168</sup> Jornal do Comércio, 20 de junho de 1946. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<sup>169</sup> Mensagem apresentada pelo Governador Álvaro Botelho Maia, 15 de março de 1951.



Em passagem pela cidade no início em 1953, o geógrafo paulista Aziz Ab'Saber produz algumas observações sobre o sítio urbano de Manaus que abrangiam desde seus aspectos históricos até suas feições topográficas, econômicas e sociais. Em uma delas afirma que

Em 1940, a população era de 108.000 habitantes e, em 1950, de 110.678. Note-se que sua população continua crescendo entre 1920 e 1940, enquanto a de Belém sofreu um ligeiro decréscimo. Mais recentemente, porém, o aumento da população tem sido mínimo. Inúmeros problemas urbanos novos têm atingido a cidade, a começar pela constante falta de energia elétrica, que veio influir na iluminação pública e nos transportes coletivos, obrigando a cidade a viver às escuras (exceção feita apenas para uma pequena porção do Centro) e estancando a aptidão industrial que sempre a caracterizou<sup>170</sup>.

Chama a atenção assim no relatório de governo, bem como nos comentários do autor acima citado que, embora a cidade vivendo uma crise sem precedentes, como se propagava, continuava apresentando, embora minimamente, um crescimento populacional no período, demandando desse modo a ampliação dos serviços elétricos e conseqüentemente de mais combustíveis. Por outro lado, percebe-se que os serviços, mesmo deficitários<sup>171</sup>, restringiam-se apenas a área central, não atendendo o grosso da população que habitava os subúrbios.

Muito em função desta e de outras demandas, é importante salientar também que, não por acaso, foi exatamente nos arredores de uma das usinas elétricas existentes á época, a Sub-Usina<sup>172</sup> da Cachoeirinha (Figura 3), que funcionava a base de carvão vegetal, que se constitui um dos principais pontos populares de comercialização do produto na cidade Manaus<sup>173</sup>. Este local atravessou décadas de funcionamento, sendo o

---

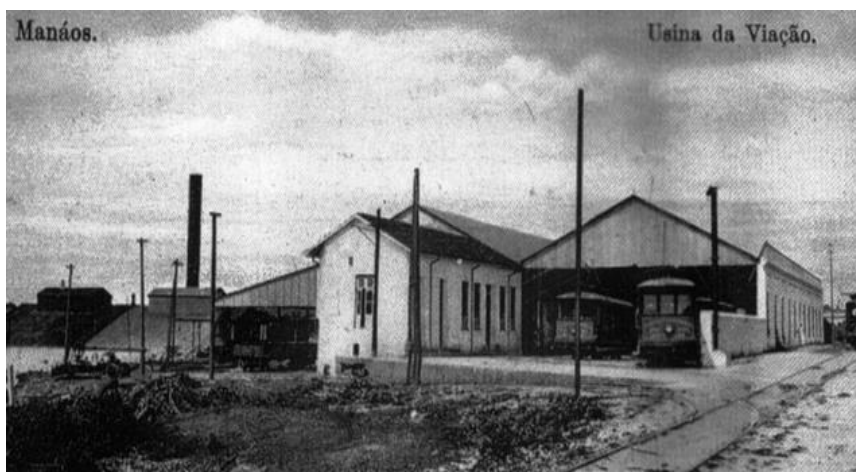
<sup>170</sup> AB-SABER, Aziz Nacib. A cidade de Manaus: primeiros estudos In: MODENESI-GAUTIERI, Mary Christine et al (orgs.). A obra de Aziz Nacib Ab-saber. São Paulo: Becaball Edições, 2010, p. 117. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/>

<sup>171</sup> As tentativas para se equacionar tal problema foram objeto de preocupação dos governos desse período, como o de Plínio Coelho, quando ao assumir o poder em 1955, nomeia o engenheiro Eugênio Chauvin, cedido pela empresa General Electric. Segundo o então governador este seria enfim o homem para fazer “o milagre de dar energia elétrica a Manaus, até então vivendo em trevas” (Relatório do Governador Plínio Ramos Coelho, 15 de março de 1955, p. 115).

<sup>172</sup> A Sub-Usina de tração e luz foi inaugurada, segundo o escritor Mavignier de Castro em 1939. Funcionava anteriormente no local a Usina de Viação dos bondes (foto).

<sup>173</sup> Sublinhamos ainda que este local só muito recentemente, ao final dos anos 2000, foi desmantelado pela gestão municipal, sob a justificativa de, entre outras coisas, combater a “ilegalidade” ambiental no qual a atividade da carvoaria passou a ser concebida nos últimos anos. Há de se mencionar ainda que essa área foi alvo na última década de um projeto de saneamento dos igarapés ocorrido na cidade,

espaço de trabalho de diversos carvoeiros, tanto produtores como revendedores, sobretudo daquele carvão procedente de regiões próximas a Manaus, como o município do Manaquiri.



**Figura 3 – Sub-Usina de Luz e Viação**  
**Fonte: MAGALHÃES, Soraia P., 2014, p. 72**

Ao largo desse contexto é que focalizamos a presente pesquisa sobre os carvoeiros e carvoeiras da cidade de Manaus na conjuntura da cidade em crise. Transitando muitas vezes entre o espaço rural e urbano, eram responsáveis pelo fornecimento de um produto à época essencial à economia. Se ainda hoje o carvão vegetal faz parte do nosso cotidiano, sendo de alguma forma importante no preparo de determinados alimentos, reforçando determinadas sociabilidades familiares e comunitárias, em outros momentos históricos o carvão ia muito além do uso no espaço doméstico.

Até o momento em que a exploração do petróleo e instalação das refinarias<sup>174</sup> no Brasil se torna predominante e a produção de seus derivados (querosene, óleo diesel, gasolina, gás de cozinha, etc.) se consolida, o carvão vegetal, juntamente com o mineral,

---

denominado PROSAMIM. O Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM) foi criado em 2003 pelo governo do Estado do Amazonas, durante a gestão de Eduardo Braga (2003-2010). Considerando, no entendimento do governo, o cenário de degradação ambiental dos igarapés da cidade, o programa tinha como objetivo a melhoria urbanística dessas áreas, priorizando obras e ações em áreas de risco... Com intervenções nos igarapés de Educandos e São Raimundo, alcançando assim cerca de 70 Km de curso d'água que integram as duas maiores e mais populosas sub-bacias hidrográficas existentes na área urbana de Manaus (Cf. BATISTA, Selma Paula Maciel. Injustiça Socioambiental: o caso do Prosamim. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2013, p. 62. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-13092013-104105/pt-br.php>.

<sup>174</sup> Em Manaus A Refinaria Isaac Sabbá (Reman) foi inaugurada em três de janeiro de 1957; em maio de 1974, foi incorporada ao Sistema Petrobras. Fonte: site da Petrobras (<http://www.petrobras.com.br/pt/>)

eram os principais combustíveis. E, nesse sentido, os carvoeiros através de seu ofício artesanal e rudimentar, eram os trabalhadores que garantiam o fornecimento do referido produto. O que definia, desse modo, o ser carvoeiro nesse período?

Pode-se afirmar que os carvoeiros são trabalhadores que detêm determinados saberes e práticas relacionados à fabricação e, em alguns lugares, também à comercialização do carvão vegetal. O dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo, edição de 1947, por exemplo, definia o termo carvoeiro como aquela pessoa “que faz, transporta ou vende carvão”<sup>175</sup>. Para Bueno, o carvoeiro é tão somente aquele “que faz ou vende carvão”<sup>176</sup>. Uma versão recente do dicionário “Aurélio” guarda ainda essa definição quando sublinha que o carvoeiro é o “fabricante ou vendedor de carvão”<sup>177</sup>. Entre os entrevistados para a presente pesquisa, observamos que todos, independentemente de serem fabricantes ou vendedores, se reconheciam como carvoeiro ou carvoeiras. “Eu comecei a trabalhar como carvoeiro a minha idade era 14 anos”<sup>178</sup> afirmou Wilton Alves, um dos nossos entrevistados.

Para Thieblot, o carvoeiro realiza um ofício que se constrói dentro de uma determinada comunidade, ensinado geralmente pelos pais ou os mais velhos<sup>179</sup>. Envolve, desse modo, um saber tradicional, onde os conhecimentos necessários para o exercício da atividade advêm da própria experiência cotidiana, como a montagem das caieiras<sup>180</sup>, a escolha da madeira, a atenção ao ponto correto de queima da lenha, entre outros conhecimentos.

Se o ofício da carvoaria remonta a períodos muito antigos, é somente a partir do contexto da Revolução Industrial que a atividade e o produto desse trabalho terão grande relevância econômica e notório destaque, tendo em vista que o carvão torna-se então o combustível essencial para o capitalismo naquele momento histórico.

E.P. Thompson, ao analisar a relação entre a *gentry* e os trabalhadores pobres em um dos capítulos da obra *Costumes em Comum*, destaca algumas especificidades, pelo

---

<sup>175</sup> FIGUEIREDO, Cândido de. Dicionário da Língua Portuguesa. 14.ed. Lisboa: Livraria Bertrand, Rio de Janeiro: Ed. Mérito S/A, 1947 (vol. 1), p 557.

<sup>176</sup> BUENO, Francisco da Silveira. Grande Dicionário Etimológico-prosódico da Língua Portuguesa. São Paulo: Edição Saraiva, 1964.

<sup>177</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1999, p. 419.

<sup>178</sup> Entrevista realizada em 23 de novembro de 2016, em sua residência.

<sup>179</sup> THIÉBLOT, Marcel Jules. Escuros artesãos de uma valiosa energia: carvoeiros e carvão de lenha. São Paulo: Escola de Folclore, 1984 (coleção pesquisa, vol. 9), p. 20.

<sup>180</sup> Local onde a lenha era depositada para queima e produção do carvão.

menos no contexto inglês, de determinados grupos que estariam afastados do controle social daquela classe. Nesse sentido, o historiador inglês afirma que

desses grupos – roupeiros, artesãos urbanos, **carvoeiros**, barqueiros e porteiros, trabalhadores e pequenos negociantes no comércio de alimentos – saíam provavelmente os rebeldes sociais, os participantes dos motins da fome e das barreiras de pedágio<sup>181</sup>.

É relevante para o historiador inglês o fato de que esses trabalhadores estavam inseridos em certa medida numa área de independência em relação à *gentry*, trabalhando na maioria das vezes em suas próprias residências, possuindo ou alugando suas ferramentas, “trabalhando normalmente para pequenos empregadores...muitas vezes em horas irregulares e em mais de um emprego”<sup>182</sup>. Assim,

Carvoeiros que trabalhavam pesado, homens e mulheres de Somersetshire e Gloucestershire, viajavam para várias cidades vizinhas com bandos de cavalos [...] levando cargas de carvão [...] era comum ver esses carvoeiros carregarem ou encherem um saco de carvão de dois alqueires [72,8 litros] com provisões [...] carne de boi, carne de carneiro, grandes ossos de boi meio descarnados, pães dormidos e pedaços de queijo<sup>183</sup>.

Em sua análise, Thompson chama a atenção para o aspecto da autonomia que parecia marcar esses e outros trabalhadores. Em certa medida, alguns carvoeiros que optavam por essa atividade em Manaus, ressaltam em suas falas essa perspectiva da autonomia, da “liberdade” advinda da ausência de um patrão. Nesse sentido, o carvoeiro Alfredo Castro destaca

E me acostumei nesse trabalho né, e não é tanto demais, mas a gente ganhava o pão, pelos menos é a vida que a gente tem que é liberto, não é *sujigado*, o empregado, o empregador ele é preso se não cumprir a ordem de seu trabalho ele não pode subir na altura do seu mandato. Então eu me senti que me dei bem e até agora estou aqui e já tenho certeza que não vou mudar mais, porque já tamos no final do tempo mesmo e aqui eu espero até o dia que Deus quer seja vivo. Esse o meu desejo é a minha vida que eu tenho de vida<sup>184</sup>.

Segundo o escritor Moacir Andrade, alguns dos espaços de moradia e também da própria fabricação do carvão, na época distantes do perímetro urbano, mostram o

---

<sup>181</sup> THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998, p. 43.

<sup>182</sup> THOMPSON, Edward P. *Op.cit.*, p. 44.

<sup>183</sup> *Ibid*, p.44.

<sup>184</sup> Entrevista realizada em 22 de dezembro de 2001, no local de trabalho.

isolamento ao qual estavam sujeitos, indicando assim uma relativa autonomia em relação a determinados mecanismos de controle. Nesse sentido “as Colônias dos Franceses, Oliveira Machado, Aleixo, Campos Sales e os bairros do Bombeamento, Raiz e Chapada eram os maiores produtores de carvão e onde moravam os maiores caieiristas”<sup>185</sup>.

Observamos, porém, que como outras atividades autônomas, os carvoeiros não estavam totalmente fora do controle por parte do poder municipal, principalmente. O Código de Posturas de 1938, vigente durante esse período, em seu artigo 692 proibía o trânsito de “animais de qualquer espécie nos passeios das ruas, ou andar nestes montados em disparada. Multa de vinte mil réis”. Uma condenação que atingia a prática de muitos carvoeiros que fabricavam carvão nas matas que circundavam a cidade em transportar o produto lombo de animais (Anexo 3, imagem 3). Além disso, o carvão vegetal figurava como um dos itens que tinha o preço tabelado pela Comissão Estadual de Preços<sup>186</sup>.

Ademais, no contexto, Thompson, chama a atenção que entre esses trabalhadores e os mercados e feiras nos quais os produtos eram comercializados ocorria o estabelecimento não só de um “nexo econômico, mas também um nexo cultural, além de um grande centro para informações e troca de novidades e boatos”<sup>187</sup>.

Nessa mesma conjuntura, torna-se significativa a publicação da obra “Arte do Carvoeiro ou Methodo de fazer Carvão de Madeira”, do botânico francês M. Duhamel Du Monceau<sup>188</sup>, espécie de manual descritivo dos elementos essenciais para a fabricação do carvão de madeira, seguindo os moldes racionais e científicos. Trabalho lançado originalmente na França no ano de 1760, é traduzido para o português em 1801, sendo distribuído posteriormente em Portugal e no Brasil. A obra é bastante minuciosa e detalha todo processo de fabricação do carvão de madeira, as ferramentas, os conceitos e métodos para obtenção do produto. Em sua introdução o autor afirma que

O modo de fazer o carvão de madeira he tão simples, que faz a arte do carvoeiro parecer pouco interessante. A sua simplicidade, pelo contrário, prova ver, que não mereça ser examinada, e de que nos faltaõ ainda muitos conhecimentos uteis sobre as cousas mais ordinárias<sup>189</sup>.

---

<sup>185</sup> ANDRADE, Moacir. Op. cit., p. 58.

<sup>186</sup> Cf. Jornal do Comércio, 04 de junho de 1947. Fonte: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Consulta realizada em 31/06/2016.

<sup>187</sup> *Ibden*, p.44.

<sup>188</sup> Botânico francês, membro da Academia Real de Ciências.

<sup>189</sup> MONCEAU, M. Duhamel Du. Arte do Carvoeiro ou Methodo de fazer carvão de madeira. Trad. Paulo Rodrigues de Souza. Lisboa: Typographia Chalcographica e Lieteraria do arco do Cego, 1801, p. 1. Fonte: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/03892700#page/1/mode/1up>. Acesso em: 05 de maio de 2016.

Percebe-se que, com poucas variações, esse método artesanal desenvolvido no continente europeu permanece praticamente inalterado até o presente em muitos lugares do Brasil. Sendo uma obra eminentemente técnica, dá pouco destaque aos aspectos sociais da atividade, à figura do carvoeiro, quem era, sua condição de vida, etc.

No Brasil, sabe-se que as sociedades indígenas, embora não produzissem nem estocassem carvão, utilizavam a lenha para os mais diversos fins<sup>190</sup>. Jean Baptiste Debret, por volta de 1827, além de pintar algumas aquarelas retratando negros vendendo carvão pelas ruas do Rio de Janeiro, descreve que “vê-se chegar diariamente ao Rio de Janeiro grande quantidade de carvão de lenha, trazida do interior, ou a lombo de burro ou por água, meio mais econômico e rápido”<sup>191</sup>. Há referências de que o carvão vegetal foi muito utilizado para fundição de ferro nesse período; fábricas de armas, por exemplo, utilizavam o insumo para forjá-las. Nessa época, as reservas de carvão mineral no sul ainda não eram totalmente conhecidas<sup>192</sup>. Se no decorrer do século o carvão vegetal foi perdendo importância nas principais economias capitalistas, no Brasil, continuou, juntamente com a lenha, a ser uma importante fonte energética.

Por volta da década de 1930, Armando Magalhães Correa, jornalista e professor do Museu Nacional, realizou diversas excursões pelo “sertão carioca” e aí encontrou, num raio de poucos quilômetros do centro da cidade, sertanejos que abasteciam a cidade de carvão, lenha, madeira, cestos, redes, tamancos, cabos de machado e muitos outros produtos florestais e aquáticos, como peixes e mariscos. Magalhães Correa observa que as matas que circundam a cidade estão sofrendo estragos incalculáveis e que isso afetará o comércio de lenha e de carvão. Deixa entrever assim, que na verdade não é a “indústria” do carvão a responsável, ou única responsável pelo desmatamento. Para ele, a carvoaria é útil à sociedade, “não causara dano às nossas reservas florestais, se os proprietários e matas souberem fazer o replantio methodico das mesma”<sup>193</sup>.

Embora um dos capítulos tenha como título “*Os carvoeiros*”, o autor centraliza sua atenção apenas na paisagem natural e na descrição do processo de fabricação do carvão vegetal (Anexo 3, imagem 4).

---

<sup>190</sup> THIÉBLOT, Marcel Jules. Op. cit., p. 15.

<sup>191</sup> DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. Tomo I, volumes I e II, p. 96.

<sup>192</sup> THIÉBLOT, Marcel Jules. Op. cit., p. 15.

<sup>193</sup> CORREA, Armando Magalhães. O Sertão Carioca. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936, p. 86.

Na literatura de memória desenvolvida em obras de escritores como Moacir Andrade e Jefferson Peres, encontramos alguns relatos sobre o mundo dos carvoeiros no contexto urbano de Manaus, especificamente no período observado. Suas considerações, embora muitas vezes permeadas pelo saudosismo de uma cidade calma, quieta e tradicional, trazem aspectos valiosos e importantes pertinentes ao cotidiano da cidade e de seus moradores.

Por sua vez, entendemos que os relatos orais aqui recolhidos vão muito além dessa perspectiva, pois possibilitam perceber muitas vezes lutas cotidiana de sujeitos por vezes encobertas, desconhecidos ou mesmo esquecidas<sup>194</sup>. Por outro lado, não significa simplesmente dar voz àqueles que não a possuem, pois, como nos adverte Alessandro Portelli,

se não tivessem voz, não teríamos nada a gravar, não teríamos nada a escutar. Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra. Isso é um trabalho político, porque tem a ver não só com o direito à palavra, o direito básico de falar, mas com o direito de falar e de que se faça caso, de falar e ser ouvido, ser escutado, de ter um papel no discurso público e nas instituições políticas, na democracia<sup>195</sup>.

Nesse sentido, acreditamos que as entrevistas oportunizam um momento para, através de uma relação de respeito, estabelecer um contato com os sujeitos da pesquisa e assim compartilhar suas experiências e vivências. Entendemos, assim, ainda como observa Portelli, que

a entrevista não é um ato de extrair informações, e sim o abrir-se de um espaço de narração, um espaço compartilhado de narração, em que a presença do historiador oferece ao entrevistado alguém que está ali para escutá-lo, coisa que não lhe ocorre com frequência<sup>196</sup>.

Por outro lado, observamos que a memória que se partilha nesse momento único que é a entrevista não pode ser encarada e muito menos se configura como um retrato

---

<sup>194</sup> FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaina. Op. cit. 2006, p. xiv.

<sup>195</sup> (PORTELLI, Alessandro. *História Oral e Poder*. Mnemosine Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010) –Artigos - Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2010, p. 3.

<sup>196</sup> PORTELLI, Alessandro. *História Oral e Poder*. Mnemosine Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010) –Artigos - Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2010, p. 3

fiel do passado, haja vista que, conforme Portelli, o conteúdo da memória refere-se ao passado, “mas a atividade de recordar, a atividade de contar a história do passado é uma atividade do presente, e a relação que se coloca é uma relação entre presente e passado”<sup>197</sup>.

Nessa tensão entre passado e presente é que ressaltamos a recusa por parte de alguns trabalhadores em participar da pesquisa. A despeito de sua enorme fecundidade, Etienne François salienta que a história oral é marcada também por decepções, desencantos, fracassos e recusas, haja vista que “uma testemunha não se deixa manipular tão facilmente quanto uma série estatística”<sup>198</sup>.

Sabemos que hoje a legislação ambiental impõe uma série de empecilhos a várias de atividades, entre elas a da carvoaria, que a tornam praticamente ilegal e criminosa. Compreende-se nesse sentido o silêncio ou mesmo a recusa por parte destas pessoas em colaborar e narrar suas experiências, o que em grande medida nos coloca diante dos desafios

A despeito dessa realidade, que certamente traz à tona os desafios e as reflexões que envolvem o uso da memória oral como fonte histórica destacamos a seguir um relato sucinto com a trajetória dos entrevistados até aqui localizados, construído a partir de suas próprias narrativas.

Wilton Alves Pereira, nasceu no município do Manaquiri<sup>199</sup> em 1930, e, segundo contou, com aproximadamente 12 anos, começou a lidar com o fabrico de carvão vegetal nas terras da família, sendo o produto transportado em canoas ou batelões<sup>200</sup> para ser vendido nas beiradas e igarapés de Manaus em meados da década de 1940. Questionado sobre porque entrou nessa atividade Wilton afirmou “A vida era trabalhar na agricultura como carvoeiro, como roceiro...a gente vivia pela agricultura, vivia pelo que produzia...era um ramo que dava”<sup>201</sup>. Hoje com seus 86 anos de idade, Wilton lembra da dura rotina na lida com carvão, fabrico, transporte e venda

Eu acordava cedo, 6h da manhã já tava na hora do trabalho, ia pro mato trabalhar, ia roçar, derrubar madeira, naquele tempo não tinha moto serra, era só machado, ai botava o roçado pra secar como a gente chama

---

<sup>197</sup> PORTELLI, Alessandro. Op.cit., p. 11.

<sup>198</sup> FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaina. Op. cit. 2006, p. 9.

<sup>199</sup> Município distante aproximadamente 60 km de Manaus, capital do Estado do Amazonas.

<sup>200</sup> Embarcação regional movida a remo, de pequeno casco e geralmente coberta de palha (ANDRADE, Moacir. Op.cit., 1984, p.48-49)

<sup>201</sup> Entrevista realizada em 23 de novembro de 2016, em sua residência.



se cai que eu digo é pra [inaudível] a folha, ai com 8 dias, 10 dias a gente tocava fogo nele, ai aquele folha maior, aqueles bichos, aqueles insetos, saia, queimava e ai a gente ia rolar madeira pra fazer o carvão depois de tirar toda aquela madeira ali quente naquele local ai a plantar, plantava macaxeira, banana, maxixe, cará...Naqueles tempos, não tinha motor, era andando assim a voga, a voga que eu digo é uns esquife que a gente botava na popa do barco né, saia remando, remando quase meio dia, quando não era 5 horas, 6 horas, não tinha motor, motor era difícil<sup>202</sup>

Percebemos que em sua narrativa, Wilton Alves contraria uma determinada imagem projetada para o homem do interior, o caboclo que, herdeiro de um passado indígena, apresenta sempre uma “dose visível de preguiça” e “indisposição para o trabalho sistemático”, numa permanente “despreocupação com o dia de amanhã”<sup>203</sup>.

Diferente de Wilton, quando chega a Manaus, vindo do município de Tapauá<sup>204</sup> no início da década de 1950, Alfredo Lisboa deixa para trás as terras do falecido pai que se dedicava ao cultivo de castanha e outros produtos agrícolas, para morar com a mãe na capital. A época da entrevista com 61 anos, Alfredo lembra que logo começou a trabalhar com o carvão em depósito de propriedade de seu padrasto. Ao recordar sua atividade como carvoeiro, comenta:

Pra mim foi o que eu vi que dava pra meu sustento... então eu trabalhava pra isso né, pra assumir meus compromisso; tinha muita mulher também, então de muitos trabalho pra mim eu vi que num dava, e aqui o carvão deu, dava pra tudo, minhas despesas de casa.<sup>205</sup>

Ao contrário de Wilton Alves, Alfredo Castro atuou na esfera da comercialização, sobretudo no local já mencionado e conhecido como “rua do carvão”. “Toda a vida eu comprei aqui, aqui no posto aqui, o pessoal vinha de todo canto vinha motor carregado de carvão e eu comprava”, relatou Alfredo sobre sua atividade neste espaço. Segundo Alfredo a maior parte da produção de carvão que obtinha vinha de municípios interioranos, mas também das áreas e matas que circundavam a cidade, como a região do Tarumã<sup>206</sup>.

---

<sup>202</sup> Entrevista realizada em 23 de novembro de 2016, em sua residência.

<sup>203</sup> BATISTA, Djalma. O Complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento. Manaus: Valer, 2007, p. 63

<sup>204</sup> Município do Estado do Amazonas, localizado na calha do rio Purus, distante aproximadamente 468 km da capital. Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>

<sup>205</sup> Entrevista realizada em 12 de janeiro de 2001, em seu local de trabalho, na Av. Pres. Castelo Branco.

<sup>206</sup> Considerado um dos primeiros pontos de ocupação da cidade no século XVII, esta área, hoje um dos bairros da zona oeste da cidade, foi desde o período da borracha fornecedora de pedra, areia e barro para a

A trajetória de Francisco Soares da Silva, nascido em 1936, tem início no município de Lábrea<sup>207</sup>. A vivência de Francisco, como em geral para os homens interioranos, organizava-se em torno das atividades extrativistas. “Eu trabalhava no interior, cortava seringa, cortava sova, pau-rosa, balata, tudo isso eu fiz, pescava”<sup>208</sup>, relatou Francisco sobre sua vida neste espaço. Ao migrar para capital, em meados década de 1960, Francisco destaca como justificativa

Porque eu me enjoei de lá do interior ne, trabalhava no interior, as coisas vão ficando muito caro, difícil ne e o negócio de pescar, cortar madeira, sova, cortar seringa, tudo ficando meio difícil, o pessoal não queria mais comprar borracha ai eu vim me embora pra Manaus, a profissão mais fácil que eu achei foi essa [do carvão] e botei pra trabalhar e até agora ainda tô trabalhando<sup>209</sup>.

A exemplo de Wilton e Alfredo, Francisco Soares também trabalhou no ponto popular de venda de carvão próximo a Sub-Usina de Luz. Ao ressignificar sua trajetória, relatando que enjoou-se da vida interiorana e dos trabalhos extrativistas, Francisco, quando chega a cidade opta pela vida no carvão, pois “aqui não tinha outra profissão né, a profissão que eu tinha era essa, continuo a trabalhar (...) quando eu cheguei aqui o carvão dava bom dinheiro né e então eu...”<sup>210</sup>. Mais que uma inevitável falta de opção, a inserção de Francisco nesse universo de trabalho reflete também uma observação perspicaz da realidade econômica da cidade, pois embora fosse uma atividade envolta pela precariedade, garantia naquele momento uma relativa segurança financeira.

A senhora Judith dos Santos<sup>211</sup> nos afirmou ter sido uma das primeiras moradoras do bairro de Santo Antônio<sup>212</sup>, área que entre o final da década de 1950 e

---

construção civil, além do carvão. A existência de inúmeras cachoeiras nessa região significou também durante muito tempo lazer e diversão para os moradores da cidade (Fonte: Jornal do Comercio, 24 de outubro de 2006, Edição comemorativa do 337º aniversário da cidade).

<sup>207</sup> Município situado as margens do rio Purus, sul do estado do Amazonas, distante 703 Km da capital. Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=13&search=amazonas>. Consulta realizada em 31 de julho de 2016.

<sup>208</sup> Entrevista realizada em 12 de janeiro de 2001, em seu local de trabalho.

<sup>209</sup> Entrevista realizada em 12 de janeiro de 2001, em seu local de trabalho.

<sup>210</sup> Entrevista realizada em 12 de janeiro de 2001, em seu local de trabalho.

<sup>211</sup> A senhora Judith dos Santos foi localizada a partir de um livro de crônicas e poemas do pedagogo e professor da rede municipal de ensino José Canuto, cujo título é “Crônicas do filho da Carvoeira” (CANUTO, José. Crônicas do filho da carvoeira. Manaus: Edição do autor, 2015).

<sup>212</sup> “A história do bairro começa a partir da década de 1950, quando a sua área foi loteada e vendida por Joaquim Geraldo de Araújo (sic), o famoso empresário amazonense mais conhecido por J.G. de Araújo, e por Isaac Benzecry. O terreno que ficava à direita da atual rua São José era de posses de J.G. e do outro lado, era de Issac Benzecry, que pretendiam plantar seringueiras nesse local, porém o apogeu da borracha já entrara em declínio, então lotearam as terras e as venderam”. Fonte: Jornal do Comércio, Suplemento especial, 24 de outubro de 2006.

início da década de 1960 começava a ser loteada por um empresário local. A experiência de Judith nesse espaço foi significativa, na medida em não havia até então nenhuma indicação da presença de mulheres nessa atividade, ao que parecia ser um trabalho de homens.

Nascida em Fonte Boa, região do Alto Solimões, no ano de 1944, Judith assim como muitos moradores do interior do Estado não teve acesso a uma educação formal. Foi também moradora da Cidade Flutuante, operária em uma usina de beneficiamento de castanha<sup>213</sup> e assim narra sua trajetória desde os tempos no interior até a chegada a capital e como decidiu-se pelo negócio do carvão

Eu nasci pra lá, mas não pude estudar porque meus pais não tinha recurso pra me botar pra estudar na cidade, aí eu fiquei trabalhando por 5 anos comecei a trabalhar em casa, ajudar minha mãe não tinha mais pai, aí com 10 anos comecei a trabalhar na roça sabe pra ter meu dinheiro meu dinheiro sabe, aí morei. Viemo de lá pra cá, Paraná de Flores município de Codajás bem pertinho, aí de lá trabalhei na juta, na roça, plantava primeiro a roça, milho, banana aí fui pra juta, trabalhei muito tempo na juta, aos meus 16 anos a minha irmã resolveu vi pra cá pra cidade aí eu vi pra cá mais ela né com 16 anos, aos meus 17 anos foi quando me casei aí fiquei casada mas meu esposo viajava aí foi justamente quando comecei a cuidar de carvão sabe, aí aos meus 19 anos tive meu primeiro filho nos [pausa] 22 eu tive a segunda filha.<sup>214</sup>

Judith enfatiza nessa narrativa a ligação com as atividades que desempenhou no interior, o cultivo da roça e dos diversos produtos agrícolas. Talvez por isso “cuidar de carvão” tenha sido uma escolha lógica dentre outras possíveis para sua sobrevivência, em tempos que o esposo viajava e mesmo após este falecer.

Em seu relato Judith fez indicações que remetiam ao envolvimento de outras mulheres nessa atividade; “ai foi quando eu comecei a ver as vizinha fazer o carvão né, aí fiquei vendo”<sup>215</sup>. Em uma dessas indicações apontaram a senhora Raimunda Soares, que com Judith disputava os espaços de comercialização do carvão na região onde moravam.

---

<sup>213</sup> *Uzina Alegria*, situada na Av. Joaquim Nabuco, centro de Manaus.

<sup>214</sup> Entrevista realizada em 30 de janeiro de 2016, em sua residência.

<sup>215</sup> Entrevista realizada em 30 de janeiro de 2016, em sua residência.

Assim como os demais dos nossos entrevistados, Raimunda veio do interior amazonense. Oriunda do município de Maués<sup>216</sup>, também pertence à primeira leva de moradores que vieram ocupar as terras do que viria a ser o bairro de Santo Antônio, onde reside até os dias atuais. Em meio à falta de moradias e altos aluguéis na área central, Raimunda foi tentar a sorte no novo espaço periférico que se constituía ao norte do bairro de São Raimundo em fins da década de 1950. Após o fim de um relacionamento conjugal, optou por trabalhar em duas atividades que tinham todo um significado e importância econômica para a cidade à época: lavagem de roupa e fabrico e venda de carvão.

É, ai eu comecei a trabalhar, trabalhar, trabalhar e lavava pra fora, vendia carvão...pra criar as crianças, mas num abandonei nenhuma das criança, criei tudinho o mais velho mesmo mora ai atrás, que é o Eli, esse é o Zé, tem outros, mas os outro foro embora, só ficou eles dois aqui<sup>217</sup>

Se as mulheres sempre se estiveram presentes no mundo do trabalho exercendo as mais variadas atividades, percebemos através dos relatos de Judith e Raimunda que muitas vezes essas experiências de vida e de trabalho acabam sendo de alguma forma invisibilizadas. Por outro lado, apesar das limitações colocadas pela família e pela sociedade elas desenvolvem e articulam estratégias no sentido de criar espaços de autonomia.

Esses são alguns, dos muitos carvoeiros<sup>218</sup> que abasteciam Manaus, com um produto à época importante para a vida econômica da cidade. Em uma cidade onde os serviços de luz pública, mesmo na área central, não chegavam a todos, era o carvão que garantia a iluminação e o funcionamento dos fogões de várias casas na cidade, além de usinas, fundições e oficinas. Nesse sentido, as condições e os processos que faziam parte dessa atividade serão observadas no próximo capítulo.

---

<sup>216</sup> Município do Estado do Amazonas, situado na porção leste, Microrregião de Parintins, banhado pelo rio Maués. Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=13&search=amazonas>. Consulta realizada em 31 de julho de 2016.

<sup>217</sup> Entrevista realizada em 19 de março de 2016, em sua residência.

<sup>218</sup> Jefferson Peres observa que “era muito grande o número de vendedores ambulantes, entregadores e carreteiros, que atendiam em domicílio; os mais solicitados e talvez mais sacrificados eram os carvoeiros” (PERES, Jefferson. Evocação de Manaus: como eu a vi ou sonhei. Manaus: Imprensa Oficial, 1984, p.207).

## CAPITULO 2 - “A cidade fumegante: o mundo do trabalho na carvoaria em Manaus”

### O CARVÃO

Tôsko e fosco ou polido e reluzente,  
De vegetal origem ou minério  
Da hulha descendente  
O carvão constitui um caso sério! Supimpa!  
- Conforme o gosto, o cujo  
A alguns trás o sujo  
A outros suja e limpa  
- Na rua, em casa  
Somente queima quando fica em brasa  
Obra do homem que lhe ataca fogo  
A enbavação a sua serventia  
E, as vezes, mete, em sua companhia  
De enxofre e salitre umas porções  
E essa mixórdia faz  
Estragar excelente intenções  
Dos congressos de paz...  
Em represália, as plantas, por maldade  
Muito carvão consomem sem parar  
E, a noite, o despejam com vontade  
Para enervar o homem  
Na conquista do ar  
Se, acaso, a agua corrente  
Turva-se repentina  
O carvão banca o filtro e tem a gente  
A agua cristalina (...) <sup>219</sup>.

Raul Pederneiras

Publicado na edição do *Jornal do Comércio* de 23 de agosto de 1942, o texto em forma de verso do escritor Raul Pederneiras<sup>220</sup>, colunista e colaborador do periódico, exalta os atributos de um dos combustíveis naturais mais utilizados no Brasil e, de modo particular, no estado do Amazonas e na cidade de Manaus no contexto que observamos. Como uma “obra do homem”, porém, é importante considerar os sujeitos que participavam desse processo e, nesse sentido, os carvoeiros eram um dos personagens importantes neste cenário em que percebemos vários elementos estavam interligados.

---

<sup>219</sup> Jornal do Comercio, 23 de agosto de 1942.

<sup>220</sup> Raul Paranhos Pederneiras (1874-1953) foi caricaturista, chargista, professor, pintor, escritor e dramaturgo carioca. Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4263/raul-pederneiras>.

Ao nos reportarmos para o trabalho na carvoaria, entendemos que este não pode ser dissociado do ambiente e dos elementos básicos para a produção do carvão vegetal, ou seja, a floresta a madeira e a lenha, principalmente quando estes apresentavam – no espaço amazônico e em especial no espaço amazonense – todo um significado econômico e cultural.

Desse modo, como salientamos anteriormente, a lenha e o carvão vegetal apresentavam-se como produtos extremamente importantes para economia nacional e preponderantes enquanto combustíveis no contexto aqui observado. Ainda que aos olhos de muitas pessoas estes produtos se constituíam em itens arcaicos e ultrapassados, explorados e produzidos de forma desorganizada e anárquica, “em que cada produtor utiliza os meios que pode e que tem a mão”<sup>221</sup>, e já competindo nesse momento com o petróleo e seus derivados, continuavam tendo um peso importante no quadro socioeconômico do país.

Contribuía para isso, em grande parte, a existência de uma abundante e aparentemente inesgotável reserva florestal do país. Embora reduzida em alguns estados, a área florestal do Brasil em termos absolutos era gigantesca, sendo estimada no período, conforme dados do IBGE assinalados na publicação “Flagrantes Brasileiros”<sup>222</sup>, em cerca de 357 milhões de hectares<sup>223</sup>. É notório que, nesse contexto, o Amazonas detinha dentre os estados brasileiros o maior percentual em termos de cobertura de suas reservas florestais, fato que inclusive ainda se observa nos dias atuais.

Essa realidade certamente constituía-se em um elemento estimulador para a preponderância na utilização da madeira e seus subprodutos (a lenha e o carvão) como um combustível natural a ser empregado em várias atividades econômicas. Além disso, há de se ressaltar que no ambiente doméstico, sobretudo no espaço da cozinha, também prevalecia na maior parte do país a tecnologia com base na lenha e carvão, a despeito de que em algumas cidades, como São Paulo, já estivesse em uso os serviços a gás desde o início do século XX<sup>224</sup>. Não era, contudo um serviço acessível para a grande maioria da população.

---

<sup>221</sup> LEVY, Arthur. Energia não se importa – estudo da melhor estrutura energética para o Brasil. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1962, p. 150.

<sup>222</sup> Apud LEVY, Arthur, op. cit., p. 152.

<sup>223</sup> Cf. LEVY, Arthur. Op. cit., p. 156.

<sup>224</sup> SILVA, Joao Luiz Máximo da. Transformações no espaço doméstico – o fogão a gás e a cozinha paulistana, 1870-1930. In Anais do Museu Paulista. São Paulo. v.15. n.2. p. 197-220. Jul/dez. 2007. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142007000200018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142007000200018).

A utilização em grande escala destes combustíveis, assim como seus produtores, era alvo de críticas por parte de observadores da época, como a geógrafa Elza Coelho, que, em meados da década de 1940, afirmava que “tem sido intensa a devastação da sua riqueza florestal, utilizada, indiscriminadamente, para a produção de lenha e carvão vegetal”<sup>225</sup>. O código florestal de 1934<sup>226</sup>, em vigor no período, apresenta em vários de seus artigos a necessidade do replantio ou reflorestamento de áreas exploradas para a produção de lenha e carvão, ainda que por outro lado ratificasse essa mesma exploração<sup>227</sup>.

É notório que esse quadro ensejava uma série de atividades que giravam em torno do aproveitamento econômico desse campo, ou seja, dos produtos da floresta, sobretudo a própria madeira, e era significativo que madeireiras e serrarias exerciam um papel de destaque nesse cenário, haja vista que, conforme Djalma Batista, até o início da década de 1970, a Amazônia era a grande exportadora de madeira em toras para Europa e Estados Unidos<sup>228</sup>. Por outro lado, extratores de lenha para uso doméstico, lenheiros e carvoeiros também apareciam como figuras importantes.

Para alguns estudiosos locais, como Djalma Batista, isso representava em certa medida a permanência da economia amazônica e amazonense em um estágio primitivo de desenvolvimento. Entendemos que, por outro lado, longe de apresentar-se como sinônimo da nossa “primitividade”<sup>229</sup>, esse aspecto mostrava-se na verdade como constituinte da cultura regional, sobretudo dos ribeirinhos e moradores das áreas rurais, em que através de suas práticas cotidianas de subsistência lidam constantemente com o ambiente florestal, manuseando “seus múltiplos recursos”<sup>230</sup> na coleta dos frutos e plantas, no roçado, na extração da lenha e na fabricação do carvão para uso no ambiente doméstico e em muitos casos para sua própria comercialização.

---

<sup>225</sup> SOUZA, Elza Coelho de. “Carvoeiro” In: Revista Brasileira de Geografia, Out-Dez 1946, n. 4, p. 151.

<sup>226</sup> Decreto federal nº 23.793, de 23 de janeiro de 1934. Fonte: Site da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/>

<sup>227</sup> O artigo 51, por exemplo, do referido código declara “É permitido aos proprietários de florestas heterogêneas, que desejarem transformá-las em homogêneas, para maior facilidade de sua exploração industrial, executar trabalhos de derrubada, ao mesmo tempo, de toda a vegetação que não houver de subsistir, sem a restrição do art. 23, contanto que, durante o início dos trabalhos, assignem, perante a autoridade florestal, termo de obrigação de replantio e trato cultural por prazo determinado, com as garantias necessárias” (Decreto Nº 23.793, 23 de janeiro de 1934. Fonte: Site da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/>)

<sup>228</sup> BATISTA, Djalma. O complexo da Amazônia – análise do processo de desenvolvimento. 2.ed. Manaus: Valer, Edua e Ed. Inpa, 2007, p. 164.

<sup>229</sup> BATISTA, Djalma. Op. cit., 2007, p 115.

<sup>230</sup> THOMPSON, E.P. op. cit, 1987, p. 31.

Nesse sentido, procuramos analisar nesse capítulo alguns aspectos relacionados direta e indiretamente a atividade dos carvoeiros, sobretudo os processos, condições etapas e os diferentes agentes sociais inseridos na atividade em carvoaria (homens, mulheres), seja no processo da produção, seja na circulação e comercialização do produto.

## 2.1. O Mundo do Trabalho em carvoaria: processos e condições

O carvão vegetal ainda hoje faz parte do dia-a-dia das pessoas e é matéria de um processo de trabalho que, apesar de guardar ainda muitos aspectos de uma produção artesanal, cada vez mais caminha para se estruturar em moldes mais industriais, atendendo às pressões ambientais. Uma consequência disso é encontramos hoje o produto embalado nos grandes supermercados e pequenos estabelecimentos comerciais.

Pretendemos, desse modo, destacar, nesse tópico, sobretudo através da memória de nossos colaboradores, os processos e as condições em que ocorria a fabricação do carvão vegetal em Manaus e seus arredores e que consistia em um modo totalmente artesanal. Quanto a esse momento, um dos entrevistados, Wilton Alves destaca o seguinte:

Eu acordava cedo, 6h da manha já tava na hora do trabalho, ia pro mato trabalhar, ia roçar, derrubar madeira, naquele tempo não tinha moto serra, era só machado, ai botava o roçado pra secar como a gente chama se cai que eu digo é pra [inaudível] a folha, ai com 8 dias, 10 dias a gente tocava fogo nele, ai aquele folha maior, aqueles bichos, aqueles insetos, saia, queimava e ai a gente ia rolar madeira pra fazer o carvão depois de tirar toda aquela madeira ali quente naquele local ai a plantar, plantava macaxeira, banana, maxixe, cará<sup>231</sup>.

Wilton Alves ressalta, assim, nessa fala, os momentos iniciais do processo de fabricação do carvão, que o mesmo realizava em sua propriedade, herdada dos pais, localizada na várzea do Manaquiri, município interiorano do Amazonas, distante cerca de 60 quilômetros de Manaus.

Wilton Alves, além de agricultor, foi, durante anos produtor e revendedor de carvão vegetal em diversos pontos da cidade, mas, sobretudo em um dos mais

---

<sup>231</sup> Entrevista realizada no dia 01 de outubro de 2016.



tradicionais, localizado próximo ao Igarapé de Manaus e que se transformou no decorrer do período na rua do carvão.

A fabricação do carvão, como acontecia em diversos pontos do país e do estado, iniciava-se com o corte das árvores para obtenção da lenha, etapa que nosso entrevistado identifica em seu relato com a expressão “rolar madeira”. Conforme explicou Wilton, a queima da lenha para obtenção do carvão ocorria em estruturas conhecidas como caieiras, espécie de fornos construídos artesanalmente pelo carvoeiro através de um buraco aberto no próprio chão, onde a madeira era depositada, como ressalta Wilton:

O de caiera, é lotado em uma da terra, aí cerca pelos lados, põe terra em uma lata afoga, aí ela vai queimando e a gente puxando [inaudível] né, até quando termina de queimar o pau termina de puxar o carvão. Que naquela época do interior era caieira, era como carvão fraco, né. Aqui no forno já mudou, ele tem o carvão mais forte e é como que eu tô dizendo, o trabalho foi mais avançado e uma parte de sete dia já tira um tempo pra outro e na caieira era diferente, era um mês, então aqui a facilidade melhorou mais, então ficou melhor de compra, ficou no enxuto, com os pés no sapato<sup>232</sup>.

A caieira, citada por Wilton, era sem dúvida o principal método de produção do carvão vegetal utilizado pelos carvoeiros, haja vista que o principal investimento era o próprio trabalho necessário para montá-la. Para Wilton, assim como para outros produtores interioranos, isso representava um ganho significativo em função das dificuldades de transporte para a cidade, como lembra em uma de suas falas: “naqueles tempos, não tinha motor, era andando assim a voga, a voga que eu digo é uns esquife que a gente botava na popa do barco né, saia remando, remando quase meio dia”<sup>233</sup>

Compreende-se nesse sentido, o diálogo que Wilton faz entre o método do passado, a caieira, e o método atual mais disseminado, os fornos, estes geralmente construído com tijolos e cimento<sup>234</sup>. Wilton avalia assim que o carvão feito atualmente em fornos possui uma qualidade superior em relação aquele produzido nas caieiras, que apesar de mais simples tinha uma produção demorada e baixa. Isso certamente nos

---

<sup>232</sup> Entrevista realizada no dia 01 de outubro de 2016.

<sup>233</sup> Entrevista realizada no dia 01 de outubro de 2016.

<sup>234</sup> O documentário *Os Carvoeiros*, lançado em 1999 apresenta e discute os atuais processos e condições de trabalho em carvoarias presente em algumas regiões do Brasil, sobretudo do centro-oeste e sudeste. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4VObVMU4J8E>.

remete às peculiaridades do relato oral, no qual o ato de recordar e contar já constitui em si uma interpretação<sup>235</sup>, como nos adverte Alessandro Portelli.

Observa-se ainda que, para Wilton, em seu cotidiano, a lida do carvão entrelaçava-se a outras atividades e conhecimentos próprios de homem ribeirinho: roçar, capinar, preparar a terra para o plantio dos alimentos. Chama a atenção assim na vivência de Wilton Alves, além do aspecto da simultaneidade de atividades presente em seu cotidiano, a fluidez quanto relação trabalhador/proprietário, realidade bem observada pelo historiador Macel Van der Linden<sup>236</sup>

Quanto a madeira, matéria-prima elementar para a fabricação do carvão, não encontramos nos relatos orais ou mesmo na literatura do período referência a uma madeira própria ou específica para esse fim. Nesse sentido, Judith dos Santos<sup>237</sup>, uma de nossas entrevistadas, quando lhe perguntei qual tipo de madeira usava para fazer seu carvão, salienta: “madeira, menino, pra fazer o carvão? É qualquer madeira, qualquer madeira; o carvão só é feito de madeira nova no Tarumã”<sup>238</sup>. Os demais entrevistados, atuando mais na esfera da comercialização, não forneceram elementos quanto a esse aspecto.

Ex-moradora da cidade flutuante e residindo em um dos mais novos bairros de Manaus à época, o Santo Antônio, Judith aposta no carvão como uma estratégia de sobrevivência importante para garantir seu sustento e da sua família. Segundo o que relatou, Judith entrou no negócio do carvão, comprando o produto em dos espaços de comércio mais populares da cidade, a Praia do Mercado<sup>239</sup>. Para o escritor Moacir Andrade este local representava

O encontro de todos os caboclos moradores nos diversos rios, paranás, igarapés, furos e lagos do Amazonas que vão ali vender seus produtos, frutos do trabalho penoso, cujo apurado não dá muitas vezes nem pra comprar sementes para novas plantações, pois além da exploração de intermediários (atravessadores), os caboclos pagam pesadas taxas pelo transporte (reboque) de suas canoas do lugar de origem até o porto de Manaus, onde vendem os seus produtos. A praia do mercado não perde a sua beleza policrômica, com seu burburinho humano, suas barracas,

---

<sup>235</sup> PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memória e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 2.

<sup>236</sup> LINDEN, Marcel van der. Rumo a uma nova conceituação histórica da classe trabalhadora mundial. História, São Paulo, v. 24, n. 42, 2005, p. 25.

<sup>237</sup> O envolvimento feminino nessa atividade, assim como os aspectos relacionados a essa dimensão serão abordados no terceiro capítulo.

<sup>238</sup> Entrevista realizada em 30 de janeiro de 2016.

<sup>239</sup> Espaço de comércio popular localizado na área central de Manaus, próximo ao Mercado Municipal.

seus batelões cobertos de palha, seus motores rebocadores, suas igarités, suas ubás, seus barcos de pesca, seus carregadores de bananas<sup>240</sup>

Inicialmente comprando o carvão na beira do mercado de produtores interioranos e das áreas ribeirinhas da cidade, o que implicava um longo deslocamento a pé, e vendendo aos moradores do bairro, optou posteriormente pela construção de uma caieira em seu quintal para fabricação do próprio material. Judith comprava e por vezes catava e reaproveitava sobras de madeiras no lixo, em construções nas diversas serrarias da cidade.

A exemplo de Judith dos Santos, Raimunda Soares, também produtora de carvão, tinha na coleta e reaproveitamento da madeira descartada pela população sua principal estratégia de obtenção do material necessário para o fabrico do carvão. “Mano, foi assim...comecei a fazer carvão que eu trabalhava cum madeira né, ai eu fazia carvão e vendia assim pro pessoal; era essa madeira que a gente ajuntava pela rua<sup>241</sup>

Wilton Alves e Judith dos Santos – assim como os demais carvoeiros que se dedicavam ao fabrico do carvão – tinham como um dos primeiros desafios em sua atividade a obtenção da madeira para produzir o carvão. Aparentemente simples, esta tarefa implicava algumas questões. Para os primeiros, que constituíam a grande maioria, inevitavelmente isso demandava a derrubada de alguma quantidade de madeira da floresta e sua queima para se produzir o carvão vegetal.

Embora a legislação florestal da época não fizesse nenhum tipo de condenação social, é notório que recaia sobre a atividade da carvoaria e, conseqüentemente sobre os carvoeiros em geral, a pecha de destruidores de matas, “fabricantes de desertos”<sup>242</sup>, como, em meados da década de 1940, observava a geógrafa Elza Coelho

A produção de carvão vegetal, o qual se apresenta como com combustível barato e indispensável entre nós, pesa, no entanto, enormemente sobre nossa riqueza florestal, acarretando a destruição sistemática das matas e capoeiras, com todas as conseqüências daninhas decorrentes do intenso desflorestamento<sup>243</sup>.

---

<sup>240</sup> ANDRADE, Moacir. Op.cit., 1984, p. 184.

<sup>241</sup> Entrevista realizada em 19 de março de 2016.

<sup>242</sup> BRANNSTROM, Christiam. “A madeira foi o combustível que moveu a industrialização brasileira? Avaliando a hipótese da madeira, 1900-1960. In: FRANCO, Jose Luiz de Andrade et al (orgs). História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 57.

<sup>243</sup> SOUZA, Elza Coelho de. “Carvoeiro” In: Revista Brasileira de Geografia, Out-Dez 1946, n. 4, p. 151.

Quase uma década depois desse comentário, é publicado um artigo no *Jornal do Brasil* em que se analisa um levantamento produzido pela FAO<sup>244</sup>, intitulado “Política Florestal do Brasil”. Segundo o relatório, estava sob ameaça “a nossa riqueza vegetal por diversos fatores destrutivos”<sup>245</sup>. E, nesse sentido, o artigo destaca o grande consumo de madeira para fabricação de combustível como um dos primeiros e mais importantes fatores responsáveis por essa ameaça. Desse modo, o texto destaca que

Impõe-se a defesa dos nossos recursos florestais. Quanto consumimos em lenha e carvão vegetal – as trágicas consequências do desflorestamento. Só o consumo de madeira para combustível – disse-nos inicialmente – atingiu em nosso país, em 1949, de acordo com os dados estatísticos oficiais 81.289.783 m<sup>3</sup> de lenha e 604.110.769 kg de carvão vegetal. Nessas estatísticas, porém não figuram dados referentes ao enorme consumo de mato crioulo nos estados do Amazonas, Pará, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, não só em forma de combustível doméstico como de combustível para caldeiras por algumas companhias de navegação dos rios Amazonas, Paraguai e respectivos afluentes<sup>246</sup>.

A despeito desses dados estatísticos, convém observar que, antes de tornar-se o carvão a ser consumido por muitas usinas, pequenas fábricas e lares do Brasil e de Manaus, a madeira utilizada por Wilton, Judith e tantos outros carvoeiros atendia também a muitas outras demandas.

É significativo que no mundo pós-guerra, marcado por muitos avanços tecnológicos, o apetite pela madeira tenha ficado ainda maior, seja no âmbito interno, seja no âmbito externo. Segundo o historiador Warren Dean, o continente europeu, por exemplo, foi reconstruído em grande parte com madeira fornecida pelos países tropicais<sup>247</sup>. Ainda que organizações recém-criadas – como a FAO – tivessem como missão propagar um uso mais “racional” desta matéria-prima, o corte da madeira nesse contexto não era concebido muito menos realizado dentro de uma base sustentável.

Nesse sentido, pelo Brasil afora, pode-se dizer que era considerável no período em análise a extração de grandes quantidades de madeira, cuja utilização servia às mais diversas finalidades, constituindo-se assim a derrubada das matas quase que em um

---

<sup>244</sup> A *Food and Agriculture Organization* (FAO) ou Organização de Alimentos e Agricultura é uma agência da Organização das Nações Unidas (ONU).

<sup>245</sup> *Jornal do Brasil* (RJ), 4 de novembro de 1954. Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 31 de janeiro de 2017.

<sup>246</sup> *Jornal do Brasil* (RJ), 4 de novembro de 1954. Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 31 de janeiro de 2017.

<sup>247</sup> DEAN, Warren. Op.cit., 1996, p. 288.

“elemento comum na paisagem brasileira”<sup>248</sup>. É inegável que grande parte desses recursos madeireiros destinava-se à produção de lenha e carvão vegetal, combustíveis básicos para o funcionamento de muitos setores econômicos e responsáveis ainda por uma parcela razoável da geração de energia para o país.

O balanço energético elaborado por Arthur Levy<sup>249</sup> em meados da década de 1950 e início da década de 1960 é significativo nesse sentido ao mostrar os principais combustíveis utilizados no país nesse momento e o respectivo peso de cada um na geração de energia para o país:

	1955		1962	
	Consumo total (Kw-h)	Percentual	Consumo total (Kw-h)	Percentual
<b>Lenha e carvão vegetal</b>	10.774	24,6	21.119	22,1
<b>Carvão mineral</b>	4.178	9,6	7.461	7,8
<b>Petróleo e álcool motor</b>	20.887	47,9	43.511	45,6
<b>Gás</b>	130	0,3	327	0,4
<b>Energia hidráulica</b>	7.709	17,6	23.000	24,1

**Tabela 3 – Balanço energético do Brasil**  
(Fonte: LEVY, Arthur. *Energia não se importa 1962*, p. 373-374)

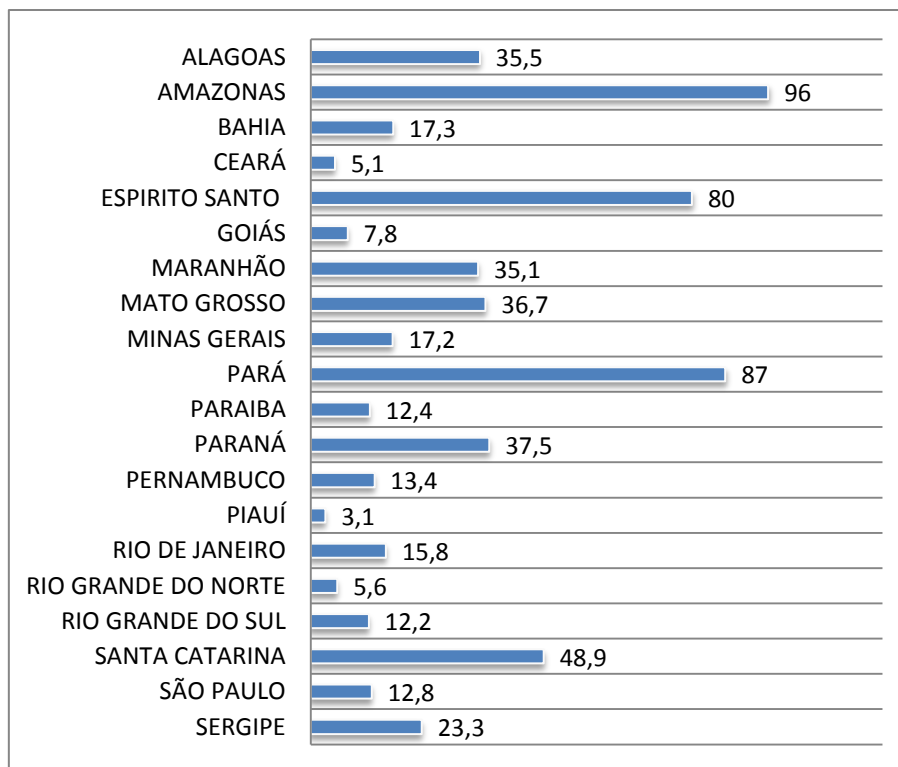
Verifica-se que, a despeito do significativo crescimento petrolífero do país observado no quadro acima, graças sobretudo aos incentivos estatais realizados nos governos de Vargas, o uso dos combustíveis sólidos ou naturais (lenha e carvão vegetal) mantem-se de forma bastante expressiva no cenário nacional.

É notório que no Amazonas a atividade de exploração madeireira sempre teve um papel de destaque no âmbito socioeconômico, haja vista ser o estado detentor do maior percentual de cobertura florestal. O gráfico abaixo, elaborado pelo geógrafo Amadeu Saraiva e publicado na Revista *Flagrantes Brasileiros* em meados da década de 1950<sup>250</sup>, permite visualizar sinteticamente essa realidade:

<sup>248</sup> SCHAEFFER, Regina Pinheiro Guimarães. “Derrubada” In: Revista Brasileira de Geografia, Ano 8, n. 4, out/dez 1946, p. 153.

<sup>249</sup> Militar do Exército Brasileiro com formação técnica na área de engenharia; exerceu diversos cargos públicos, como representante do Ministério da Guerra no CNP (Conselho Nacional do Petróleo) em 1945 e presidente da Petrobrás entre 1954 e 1956.

<sup>250</sup> SARAIVA, Amadeu. A Civilização Lignivora apud LEVY, Arthur. Op. cit., p. 152.



**Gráfico 1 – Índice das Reservas florestais dos Estados brasileiros.**

Ao analisar, em meados da década de 1970, o processo de desenvolvimento da Amazônia até esse referido momento, Djalma Batista observa em relação a essa característica local que

A produção madeireira em 90% provém das florestas de várzea, cujas espécies (somadas a algumas de terra firme, especialmente as chamadas madeiras moles), sempre serviram como combustível doméstico, lenha ou carvão, e depois a partir de meados do século XIX, para acionar os navios a vapor que encheram os rios da planície. No início do século passado, as usinas de luz começaram a ser montadas pelas companhias inglesas, funcionando primeiro em Belém e Manaus; para estas vinha carvão de pedra da Europa até o rompimento da 1ª Grande Guerra; depois, tanto elas como as outras, de iniciativa oficial, aos poucos surgidas nas cidades do interior, passaram também a consumir lenha<sup>251</sup>

Para além do quadro aludido pelo autor, é importante salientar que, no contexto observado, a exploração madeireira atendia tanto às necessidades do mercado interno quanto do externo, principalmente com as chamadas madeiras de lei (cedro, mogno, andiroba, jacareúba, louro<sup>252</sup>, etc.), matérias primas essenciais sobretudo para a indústria moveleira. Nesse sentido, é interessante observar que as grandes serrarias da capital

<sup>251</sup>BATISTA, Djalma. O complexo da Amazônia – análise do processo de desenvolvimento. 2.ed. Manaus: Valer, Edua e Ed. Impa, 2007, p.161.

<sup>252</sup> ANDRADE, Moacir. Op.cit., 1984, p. 189.

dependiam do trabalho do homem interiorano, num processo que, segundo Andrade, assemelhava-se em muito ao trabalho nos seringais da época da borracha. Assim, para o escritor,

O tirador de madeira, isto é, o madeireiro, personagem principal na extração desse produto, é sempre financiado pelas empresas de serrarias que lhe fornecem dinheiro ou mercadorias que lhe permitem trabalhar de novembro a maio do ano seguinte, no mesmo primitivo processo utilizado nos seringais. Seu trabalho consiste em adentrar as cabeceiras dos rios, onde encontram as madeiras de lei pesadas que abatem, desgalham, cortam em toras, onde é medida pelo comprador<sup>253</sup>

Ainda segundo o autor, após o exaustivo processo de extração da madeira no interior da floresta e do lento transporte em jangadas pelos igarapés e rios da região, as toras chegavam a seu destino nas diversas serrarias de Manaus, estrategicamente localizadas nos igarapés dos bairros “litorâneos” da cidade. Nessa perspectiva, o escritor salienta que

Em Manaus existem muitas serrarias, as mais antigas são: a Serraria dos Pereira na boca do igarapé do Educandos; a Serraria Hore no Plano Inclinado; a Serraria Moraes no Igarapé de Educandos, na cabeça da ponte velha que liga o bairro a cidade; a Serraria Jackson Cabral em Educandos e a Serraria Matias, no fim da Wilkens de Matos, já próximo a Ramos Ferreira<sup>254</sup>.

A madeira geralmente era “armazenada” no leito dos próprios igarapés de onde as serrarias retiravam-nas e, conforme a necessidade, cortavam-nas para transformá-las em tábuas, ripas, pernamancas, etc. utilizadas pelas fábricas de móveis, na construção civil e de moradias populares.

Para muitos carvoeiros e carvoeiras, essas serrarias representavam também uma importante fonte de matéria-prima para a fabricação do carvão, como Judith dos Santos e Raimunda Soares, ambas moradoras do bairro de Santo Antônio. Seja catando as sobras decorrentes do processo de serragem da madeira, seja também comprando diretamente dos estabelecimentos aquelas madeiras menos nobres, “mais fracas”<sup>255</sup>, portanto, mais baratas, como ressalta a carvoeira Judith dos Santos.

---

<sup>253</sup> ANDRADE, Moacir. Op.cit., 1984, p. 189.

<sup>254</sup> ANDRADE, Moacir. Op.cit., 1984, p. 190.

<sup>255</sup> Entrevista realizada em 30 de janeiro de 2016 em sua residência. Judith deu a entender que madeira fraca era aquela que não produzia um carvão tão bom quanto aquele feito na mata, de madeira nova. Por outro lado, era o necessário para uso no ambiente doméstico.

Em sua residência, uma das poucas ainda construídas em madeira, no bairro de Santo Antônio, zona oeste de Manaus, Judith relata os caminhos percorridos para obtenção madeira que utilizava para fabricação do carvão,

Comprava na serraria, num sei se você ouviu falar na [inaudível] uma serraria que tinha bem aqui antes da cabeça da ponte de São Raimundo Comprava na serraria, nas construção e lá do lixo, lá da beira do rio carregava a pé. Aí eu ficava trabalhando no carvão, ficava trabalhando no carvão sabe. Pegava o dinheiro ia na serraria eu comprava madeira, ia nas construção eu comprava madeira, essa minha cumadre que eu tava lhe falando do terreno, era quem ia mais eu sabe, comprar madeira nas serraria, nas construção, ai quando num tinha, num tinha construção, eu ia carregar, mas o meu destino era botar meus filho pra estudar<sup>256</sup>.

Chama a atenção no relato de Judith e sua experiência de trabalho com o carvão por contrariar em certa medida a concepção que impunha a mulher os estereótipos de sexo frágil, dados por vezes como universais, tais como submissão, recato, delicadeza e fragilidade<sup>257</sup>. É significativo observar também nesse sentido sua presença no espaço público, pelas ruas em busca da matéria-prima para fabricar o carvão, o que também muitas vezes ia contra os anseios da família e da sociedade: “sabe eu era nova eu tinha medo da língua do pessoal que era muito forte, aí, eu fiquei andando”<sup>258</sup>

As múltiplas experiências de Judith em sua lida remetem-nos às discussões do historiador Marcel Van der Linden que, ao problematizar o conceito de classe trabalhadora, mostra a existência de variadas interfaces e uma grande fluidez no que diz respeito às categorias de trabalhadores livres e outros grupos subalternos.

A madeira que Judith, Raimunda e outros carvoeiros utilizavam para produzir o carvão, além de representar no espaço regional uma atividade econômica significativa, apresentava-se também como um importante componente da cultura do homem amazônico em suas formas de viver e habitar.

A madeira constituía-se no material básico para a construção das habitações rurais e urbanas das camadas populares. Como salienta o sociólogo André Araújo em suas observações sobre o meio urbano e suburbano da cidade, nesse contexto “domina em todos, verdadeiramente o tipo mocambo, coberto de palha, de zinco, ou de telha,

---

<sup>256</sup> Entrevista realizada em 30 de janeiro de 2016 em sua residência.

<sup>257</sup> SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano In: DEL PRIORI, Mary (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004, p. 368

<sup>258</sup> Entrevista realizada em 30 de janeiro de 2016 em sua residência

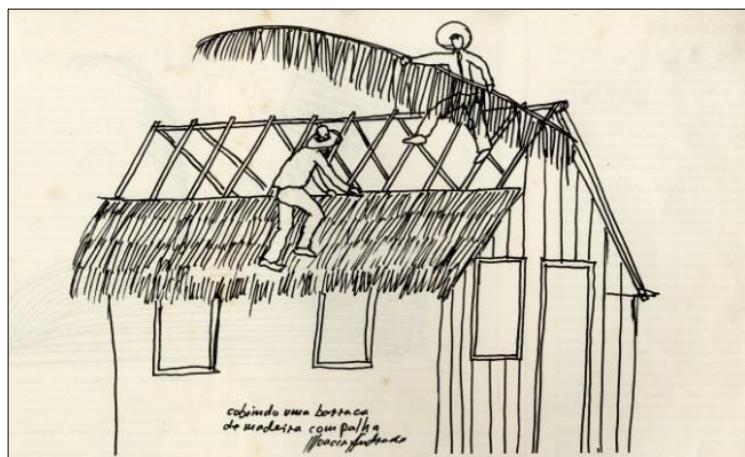


fechado de palha, de madeira ou de taipa”<sup>259</sup>. As imagens abaixo, nesse sentido, são altamente significativas, demonstrando a predominância dessas habitações populares nos espaços periféricos da cidade:



**Figura 4 – “Rua Boa Sorte no bairro da Matinha”**  
(Fonte: ANDRADE, Moacir, 1984, p. 192)

Nessa perspectiva, o escritor Moacir Andrade observa ainda, que nesse período, nos periféricos e ainda “longínquos bairros de Manaus”<sup>260</sup>, assim como nas cidades interioranas, a abrição de palhas constituía-se em uma ocupação importante para a construção da casa “pobre e típica”<sup>261</sup>.



**Figura 5 – “Abrição de palhas”**  
(Fonte: ANDRADE, Moacir, 1984, p. 170)

<sup>259</sup> ARAÚJO, André Vidal de. Op. cit. p. 329.

<sup>260</sup> ANDRADE, Moacir. Op. Cit., 1984, p. 170.

<sup>261</sup> ANDRADE, Moacir. Ibid.

Em meio a essa “civilização de palha”<sup>262</sup> e madeira é notório que habitar, ter relação com esse espaço e materiais, acaba tendo uma conotação de distinção social, como se observa na história relatada pelo escritor Moacir Andrade a respeito de um morador do bairro de Educandos que teria se mudado para a área central da cidade

Perto de casa na Rua Dr. Machado, alto de Nazaré, foi morar um cearense que recentemente tinha se mudado do bairro do Educandos. Um português que morava em frente de nossa casa, perguntou-lhe um dia: – Firmino, por que te mudaste do Educandos? – Quem mora em teto de palha é jiboia, agora melhorei de situação – respondeu o cearense<sup>263</sup>.

Lembrança de um passado marcadamente indígena tido como derrotado, bárbaro e atrasado, como lembra José R.B. Freire<sup>264</sup>, essas formas de viver e trabalhar, muitas vezes, eram analisadas a partir de juízos higienistas e sanitaristas e serão duramente combatidas nos anos que antecederam a implantação da Zona Franca de Manaus em 1967.

E, ainda nesse sentido, reportamo-nos à constituição de um dos mais singulares espaços de moradia de Manaus, sobretudo entre os anos de 1920 e 1967<sup>265</sup>: a cidade flutuante, que formava justamente na orla da cidade “um conjunto de casas de madeira, construídas sobre troncos de árvores”<sup>266</sup>. Além de representar a expressão de uma relação do homem amazônico com a água, não se pode deixar de pensar que este tipo de moradia significava uma alternativa mais barata para a população pobre, visto que escapava em certo sentido à própria lógica capitalista, pois ao contrário da terra, a água não se constituiu como propriedade privada, “portanto, não é no sentido da moradia, uma mercadoria”<sup>267</sup>.

Certamente que as habitações de madeira dos bairros periféricos, os flutuantes e especificamente a chamada “cidade flutuante” representaram um importante espaço de moradia e trabalho para muitos carvoeiros e carvoeiras. Uma de nossas entrevistadas,

---

<sup>262</sup> Expressão de autoria do Professor FREIRE, Jose Ribamar Bessa. Manaós, Barés e Tarumãs In: Amazônia em cadernos do Museu Amazônico. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, vol. 1, 2, nºs 2/3 dez 1993/1994.

<sup>263</sup> ANDRADE, Moacir. Op.cit., p. 172.

<sup>264</sup> FREIRE, Jose Ribamar Bessa. Manaós, Barés e Tarumãs In: Amazônia em cadernos do Museu Amazônico. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, vol. 1, 2, nºs 2/3 dez 1993/1994.

<sup>265</sup> Essa periodização refere-se ao momento de maior adensamento da cidade flutuante, a partir da década de 1920 e sua total desarticulação por volta de 1965-67.

<sup>266</sup> SOUZA, Leno J. B. Op. cit., 2010, p. 14.

<sup>267</sup> Cf. OLIVEIRA, José Aldemir de. Op.cit., p. 79

Judith dos Santos, lembra do tempo em que morou em um flutuante, às margens do igarapé do bairro de São Raimundo, praticamente nos anos que marcaram a desarticulação deste tipo de habitação na cidade. Com temeridade e apreensão, Judith considerava perigoso esse tipo de moradia, já que “caía gente, criança, mulher, criança afogada toda hora de vez em quando escutava na voz morreu uma criança ali”<sup>268</sup>. Ainda assim Judith afirma

Flutuante...coisa mais linda! Aqui nesse igarapé do São Raimundo cheio, ali no Educano (sic), aqui na beira mar mermo, São Raimundo era cheio de flutuante, ali onde é a ponte tem um igarapezinho que é ali do Sulamérica que antigamente era um matadoro onde que era ali que eu ficava, ele viajava ali, ai tudo bem... não era só eu, tinha muitos, não só eu não, tinha dia que tava tudo encostado num sabe...poxa principalmente assim quando o rio vai enchendo né, ai vinho lá de dentro, outros já iam dali de fora, era um trovejo, agora era grandão o meu sabe, bem grandão, bem bonito meu flutuante, só que era coberto de palha ainda, já tavam cobrindo de alumínio, mas o meu era de palha<sup>269</sup>.

Chama a atenção em sua narrativa que, apesar das adversidades que marcavam a vida neste espaço e do discurso condenatório que a partir de 1965 desmantelou a cidade flutuante, a imagem mais presente ou mais forte que ressalta em sua memória é a de um espaço relativamente agradável e conveniente para se viver e morar. Imagem bem diferente daquela observada pelos acadêmicos Serra e Cruz<sup>270</sup>, quando no ano de 1964 em pesquisa na cidade flutuante afirmam: “a cidade flutuante é feia? Sim. A cidade flutuante é suja? Sim. É um antro de perdição? Ainda confirmamos”<sup>271</sup>

Percebe-se desse modo que, para alguns carvoeiros, assim como para outros trabalhadores, a opção por este tipo de moradia representava a possibilidade de um acesso mais rápido e fácil a seus locais de trabalho, localizados, nesse momento, sobretudo na área central da cidade.

Algumas notas e queixas policiais destacadas pela imprensa periódica nos permitem perceber a recorrência a este expediente, como o caso de um “velho carvoeiro” chamado José Vicente que, reclamando de perseguição “por parte de um

---

<sup>268</sup> Entrevista realizada em 30 de janeiro de 2016 em sua residência.

<sup>269</sup> Entrevista realizada em 30 de janeiro de 2016 em sua residência.

<sup>270</sup> Celso Luiz Rocha Serra e Wilson Rodrigues da Cruz eram acadêmicos de Ciências Econômicas da UEG e da UA respectivamente. Realizam em 1964, estudo pioneiro sobre a cidade flutuante (apud SOUZA, Leno José Barata. Op.cit. 2010, p. 17)

<sup>271</sup> SERRA, Celso Luiz Rocha & CRUZ Rodrigues Wilson. Aspectos econômicos e sociais da Cidade Flutuante. Manaus: Gráfica Amazonas, 1964, p. 33.

grupo de moleques” aparece na matéria como tendo estabelecido moradia “em sua própria canoa”<sup>272</sup>. Segundo informa o jornal, José Vicente costumava deixar sua “residência” ancorada em um ponto da área central denominado “Passagem do Cabral”<sup>273</sup> para depois subir à cidade afim de tratar da venda do seu carvão.

Para alguns carvoeiros, a facilidade propiciada pela proximidade com a área central acabava apresentando também alguns inconvenientes. O carvoeiro Francisco Raimundo Nonato teve o flutuante em que morava com família “à margem Igarapé de Manaus”<sup>274</sup>, próximo à segunda ponte da Av. Sete de Setembro, atingido por um veículo da C.E.R (Companhia de Estradas e Rodagens). Em outras notas, quase sempre publicadas como fatos policiais, estampadas no Jornal do Comercio, percebe-se a presença recorrente de muitos trabalhadores nestes espaços, sobretudo aqueles ligados aos negócios da carvoaria:

Foram presos, ontem, Antônio Guilherme Melo, rio-grandense do norte, com 28 anos de idade, solteiro, **carvoeiro**, domiciliado no Igarapé de Manaus; Maria de L. Silva, filha de Gabriel da Silva, amazonense, com 20 anos de idade, solteira, residente do Igarapé de Manaus e Francisco Duarte da Silva, filho de Antônio Dantas da Silva, morador do Igarapé de Manaus, também **carvoeiro**<sup>275</sup>.

É notório que o aparecimento destes e de outros trabalhadores nesses espaços, vivendo, morando e trabalhando, pode revelar-se, em certa medida, como estratégica, o que ao nosso ver contraria uma determinada visão que os compreende como destituídos de qualquer lógica ou algum senso racional, muitas vezes em função da atividade exercida ou condição social.

Esta concepção aparece em alguns escritos memorialistas sobre a cidade, como os de Jeferson Peres. De acordo com Peres, nesse período, os trabalhadores em geral representam um grupo totalmente “amorfo e disperso”<sup>276</sup>. Em se tratando daqueles que exerciam trabalho por conta própria, ou no subemprego como prefere o autor,

---

<sup>272</sup> O Jornal, 19 de janeiro de 1946. Apud SOUZA, Leno J.B. op. cit., p. 239.

<sup>273</sup> Pontilhão de madeira que se localizava embaixo da primeira ponte de pedra da Av. Sete de Setembro, no centro de Manaus. O escritor Mavignier de Castro informa que estava “fincada a ilharga do paredão que ampara o aterro entre a rua Dr. Alminio e a Avenida Sete de Setembro, estende-se um pontilhão de sessenta metros, denominado passagem Cabral que serve de palanque aos apreciadores dos treinos de regatas promovidas pelo Clube de Remo” (CASTRO, Mavignier de. Op. cit., p. 60)

<sup>274</sup> Jornal do Comércio, 10 de agosto de 1954.

<sup>275</sup> Jornal do Comercio, 17 de abril de 1948.

<sup>276</sup> PERES, Jeferson. Op. cit., 2002, p. 24.

“envolvidos em mil e uma atividades”<sup>277</sup>, sua percepção era de que estes não possuíam as mínimas condições de se colocarem no meio social como um grupo reivindicante, portanto, de forma ativa. Moacir Andrade também observa que os carvoeiros não tiveram qualquer tipo de representação institucional, visto que eles eram “muito pobres e muito primários, eram pobres e primários demais, analfabetos”<sup>278</sup>.

Ao contrário dessas noções preconcebidas, observamos, porém, como foi salientado, que, na verdade as atitudes, opções e escolhas dos trabalhadores anteriormente referenciados mostram-se, sim, dotadas de uma certa logicidade e racionalidade próprias. E, nesse sentido, recorreremos às observações do sociólogo francês Pierre Bourdieu e sua discussão em torno do conceito de estratégia. Criticando a visão puramente objetiva e estruturalista do termo que o enxerga como algo necessariamente planejado, orquestrado, Bourdieu salienta a necessidade de pensar o sentido de estratégia de forma mais dinâmica. Nesse sentido, salienta que

Para escapar disso, é preciso inscrever na teoria o princípio real das estratégias, ou seja, o senso prático, ou, se preferirmos, o que os esportistas chamam de "sentido do jogo", como domínio prático da lógica ou da necessidade imanente de um jogo, que se adquire pela experiência de jogo e que funciona aquém da consciência e do discurso<sup>279</sup>.

Compreendemos, desse modo, que muitos carvoeiros, assim como outros trabalhadores, imbuídos desse sentido prático aliado às suas experiências e percepções cotidianas de trabalho construía suas próprias estratégias de sobrevivência, articulando as suas maneiras de viver, de morar, etc. Acreditamos que, em certa medida, isso se inscreve no que James Scott definiu como a resistência cotidiana, aquela que se caracteriza menos por confrontações massivas, organizações formais, manifestos, etc. e se configura exatamente por seu caráter informal<sup>280</sup>, tácito, implícito, oculto.

Esse entendimento, certamente amplia também a noção de luta e resistência para além das esferas organizacional ou mesmo institucional, e, desse modo, é possível igualmente perceber essas ações no dia-a-dia, na disputa pelos espaços de viver, morar e trabalhar.

---

<sup>277</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>278</sup> Entrevista realizada em 31 de março de 2016 em sua residência.

<sup>279</sup> BOURDIEU, Pierre. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 79.

<sup>280</sup> SCOTT, James C. Exploração normal, resistência normal. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5, Brasília, janeiro-julho de 2011, p. 223. Disponível em:

## 2.2. Lenheiros e carvoeiros

Se, no âmbito do viver e do morar, a cidade estava fortemente entrelaçada aos produtos florestais, sobretudo a madeira, percebe-se, de igual maneira, que, no período analisado, Manaus mostrava-se ainda bastante dependente da energia a vapor, produzida sobretudo a partir de seus principais subprodutos: a lenha e o carvão vegetal. Esta dependência fica evidenciada pela informação publicada em um periódico local em meados da década de 1940

Se não chegar a lenha

De noite voltaremos a falar sobre o assunto. Desta feita diretamente com a usina Central. E de lá tivemos gentilmente a seguinte informação: ‘Desde que não cheguem hoje os batelões de lenha que estamos esperando, a cidade está mesmo ameaçada de ficar sem luz’. Como se vê<sup>281</sup>.

É significativo que a energia elétrica que impulsionava a cidade provinha destes produtos e do trabalho de inúmeras pessoas ligados à extração de lenha, além das próprias carvoarias. Pela memória de um dos entrevistados, Wilton Alves, observamos essa realidade

Só tinha o carvão mesmo e a lenha, primeiramente a lenha, da lenha era o carvão. Fogão desses fogão agora que tem agora não tinha. Naquela época não tinha...existia uns motor que viajava no rio que era queimando o carvão... Existia, como eu acabei de dizer naquela outra vez que tinha oficinas, que ela gastava né, oficina, alguma churrascaria pequena, mas a maior parte era pra vender pra fogão mesmo<sup>282</sup>

É significativa a fala de Wilton, pois em uma das canções mais conhecidas e populares do Amazonas, tida como uma espécie de hino extra-oficial de Manaus, a cidade recebeu o título de “porto de lenha”<sup>283</sup>. Não obstante as várias leituras e interpretações que a letra da música suscita, é notório que o “apelido” faz alusão a uma realidade muito presente no cotidiano da cidade e do estado como um todo no contexto

---

<sup>281</sup> Jornal do Comercio, 26 de junho de 1946. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<sup>282</sup> Entrevista realizada em 01 de outubro de 2016.

<sup>283</sup> Composta em meados da década de 1970 pelo poeta, escritor e jornalista Aldisio Figueiras e pelo músico e compositor José Evangelista Torres Filho, o Torrinho, a música remete, entre outras coisas, ao passado gomífero e de fausto vivido décadas antes, a uma cidade que buscava e valorizava as feições exteriores. Segundo seus autores, a música traz implícito a crítica a uma cidade que nega sua identidade e não se preocupa em pensar sua própria realidade (Jornal A Crítica, 24 de outubro de 2010. Disponível em: <http://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/porto-de-lenha-e-a-cara-de-manauis>).

aqui observado: a utilização da lenha e concomitantemente do carvão vegetal como combustíveis essenciais ao dia-a-dia da cidade.

É inegável que a madeira, antes de se tornar o carvão consumido em muitos lares e nos diversos estabelecimentos da cidade, como “padarias, hospitais, quartéis, colégios”<sup>284</sup>, era usada também como lenha para acionar as caldeiras das embarcações a vapor que navegavam pelos rios da região e das usinas elétricas<sup>285</sup> que geravam principalmente a iluminação pública para o perímetro urbano de Manaus.

E, nesse sentido, para muitos carvoeiros, principalmente aqueles que mais diretamente nas matas lidavam com a produção do carvão vegetal, tornava-se recorrente associar também este trabalho à extração e fornecimento da lenha, assinalando dessa forma uma peculiaridade do trabalho com a carvoaria, qual seja, a simultaneidade de atividades em que seus sujeitos muitas das vezes estavam envolvidos.

Nos relatos de memorialistas como Moacir Andrade, este aspecto fica evidenciado, pois, segundo relata, “juntamente com o carvoeiro havia o fornecedor de achas de lenha”<sup>286</sup> e “os mesmos tiradores de lenha, também cortavam árvores para fazer carvão vegetal”<sup>287</sup>. A fala de um dos nossos entrevistados, o senhor Wilton Alves, um dos mais antigos carvoeiros nesse ramo que localizamos, é significativa nessa perspectiva, quando diz que

É porque naquele tempo como eu acabei de falar que não existia emprego e a gente se virava né, fazia um carvão, cortava uma lenha, naquele tempo existia os navios de...a vapor que andava, não existia esse barco agora que é a óleo, que são deslisadeira, no meu tempo não existia nada disso, era queimado na lenha e ai eles andava assim como rebocador<sup>288</sup>.

Outro de nossos entrevistados, Francisco Soares, não foi fabricante de carvão no tempo em que morou em Lábrea (AM), mas, ao enfatizar, em sua memória, o trabalho

---

<sup>284</sup> ANDRADE, Moacir. Op. cit., p. 55.

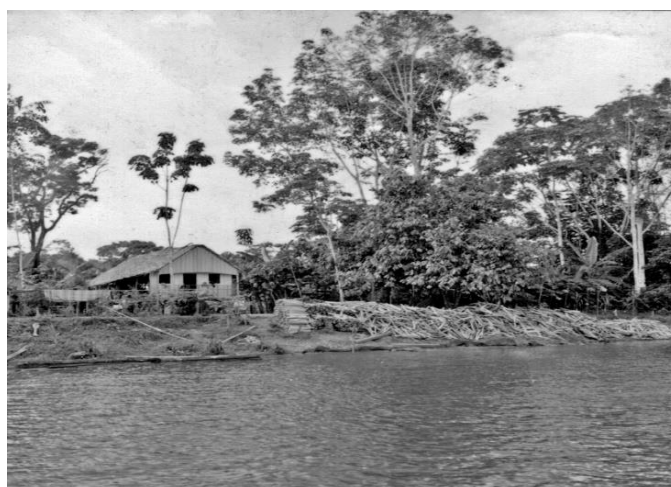
<sup>285</sup> Desde 1909 o fornecimento de luz elétrica para a cidade era feito por uma empresa concessionária inglesa, a *The Manaus Tramways and Light Company* que também passou a explorar o serviço de transporte urbano de bonde. A energia elétrica era gerada pela Usina central, localizada no bairro do Plano Inclinado (atual Aparecida), construída em 1910, e pela Usina de luz, localizada no bairro da Cachoeirinha, inaugurada em 1939, que também funcionava como estação dos bondes. Ambas funcionavam a base de lenha (CASTRO, Mavignier de. Síntese histórica da evolução de Manaus. 2.ed. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1968, p. 138).

<sup>286</sup> ANDRADE, Moacir. Op. cit., p. 55.

<sup>287</sup> ANDRADE, Moacir. Op. cit., p. 56.

<sup>288</sup> Entrevista realizada no dia 01 de outubro de 2016 em sua residência.

no seringal dessa região, chama a atenção a combinação com outras atividades extrativistas presentes em seu cotidiano: “Eu trabalhava no interior, cortava seringa, cortava sova, pau-rosa, cofirana, balata, tudo isso eu fiz, pescava”<sup>289</sup>. A extração de madeira para suprir os portos de lenha (Figura 6) que abasteciam as embarcações a vapor que transitavam pelos rios da região transportando passageiros e mercadorias constituía também outra ocupação importante de Francisco: “trabalhava no interior [...] negócio de pescar, cortar madeira, sova, cortar seringa...”.



**Figura 6 – Um porto de Lenha no Paraná do Eva, 1966.  
Fonte: IBGE**

Os portos de lenhas constituíam-se, assim em uma realidade sempre presente nesse período pelas localidades ribeirinhas do Estado, tendo em vista que os “motores”<sup>290</sup> a óleo diesel ainda não estavam amplamente em uso na região. O escritor Moacir Andrade, em viagem pela região do rio Solimões, retrata a relação econômica e de trabalho que ocorria em função desta necessidade de lenha para as embarcações a vapor

As paradas para pegar a lenha era outro instante especial e inesquecível nessas viagens. Primeiro os apitos chamando os carregadores de lenha, depois a lancha encostava no barranco, onde já esperavam, de saco de estopilha às costas, dezenas de caboclos fortes, quase correndo, que transportavam no ombro de 10 a 12 achas de lenha que depositavam a bordo da embarcação, empilhando-as nos flancos dos convés, mediante uma ficha redonda de lata com a qual recebiam o seu correspondente

---

<sup>289</sup> Entrevista realizada em 12 de janeiro de 2001, em seu local de trabalho.

<sup>290</sup> Nome pelo qual os moradores interioranos designam as embarcações de passageiros que circulam pelos rios do Estado.



em dinheiro, no fim do trabalho, das mãos do dono do barracão vendedor. Num momento o barco se reabastecia e continuava a viagem por muitas horas, rio acima, agora um pouco mais pesado com a sua carga de lenha renovada<sup>291</sup>.

Certamente, que, para muitos desses “caboclos”, a extração e carregamento da lenha para as embarcações era uma dentre as várias atividades que desempenhavam em seu cotidiano, como nos remetem as falas de Wilton Alves e Francisco Soares. Além de ressaltarem o aspecto da simultaneidade de atividades, presente em seu dia-a-dia, nos revelam também com suas narrativas uma determinada leitura do contexto econômico e da realidade em que viviam, demonstrando assim que a opção pelos negócios com madeira, a lenha e com o carvão fazia parte de um determinado senso prático.

Para o historiador Marcel Van Der Linden, cujas análises partem de uma perspectiva global, e, ao contrário de uma concepção hegemônica da classe trabalhadora, que a enxerga muitas vezes de uma forma homogênea, esse aspecto da simultaneidade é mais comum do que se pensa. Assim, para o historiador, em uma determinada visão clássica, o trabalhador ou trabalhadora, “um empregado ou uma empregada tem apenas um empregador e [...] ele ou ela apenas se envolve em uma relação de trabalho de cada vez”<sup>292</sup>. No entanto, diferentes estudos e exemplos mostram que

peças com vários empregos são muito comuns na Ásia, África e América Latina [...]O mesmo era verdade para a Europa nas décadas anteriores à ascensão do Estado de bem-estar [...]. Por certo, também é perfeitamente possível que o empregado tenha diferentes tipos de renda<sup>293</sup>.

Nessa perspectiva, Van Der Linden propõe ainda em suas observações, de forma indicativa um novo entendimento sobre os trabalhadores/classe trabalhadora. De acordo com o autor, as análises

Demonstram como as fronteiras entre os trabalhadores assalariados “livres” e outros tipos de trabalhadores subalternos na sociedade capitalista são vagas e graduais. Em primeiro lugar, há áreas cinza extensas e complicadas de posicionamentos transitórios entre os trabalhadores assalariados “livres” e os escravos, os trabalhadores por

---

<sup>291</sup> ANDRADE, Moacir. Op. cit., p. 148.

<sup>292</sup>LINDEN, Marcel van der. Rumo a uma nova conceituação histórica da classe trabalhadora mundial. História, São Paulo, v. 24, n. 42, 2005, p. 25

<sup>293</sup> LINDEN, Marcel van der. Op. cit., 2005, p. 25.

conta própria e os lumpem-proletários. Em segundo lugar, quase todos os trabalhadores pertencem a núcleos domésticos que combinam vários modos de trabalho. Em terceiro lugar, trabalhadores subalternos individuais podem também combinar diferentes modos de trabalho tanto sincrônica quanto diacronicamente. E, finalmente, a distinção entre os diferentes tipos de trabalhadores subalternos não é tão precisamente delimitada. As implicações são de longo alcance. Aparentemente, há uma grande classe de pessoas dentro do capitalismo cujo trabalho é mercantilizado de muitas formas [grifo nosso]<sup>294</sup>.

Ao nosso ver, as reflexões do autor são importantes na medida em que trazem à tona a complexidade em torno de categorias como trabalho e trabalhador, as quais, entendemos, não podem ser olhadas numa perspectiva de homogeneidade. Para além do uso doméstico, da navegação e oficinas, como ressalta Wilton, era a lenha e o carvão vegetal também que movimentavam o maquinário e as caldeiras das pequenas fábricas da cidade, assim como dos principais órgãos responsáveis pelos serviços públicos de iluminação, água, eletrificação<sup>295</sup> e pela movimentação dos bondes que ainda circulavam no perímetro urbano.

Em meio a essa dependência, eram notórios, porém, os obstáculos. Desse modo, o então interventor federal no Amazonas, Álvaro Maia, ressalta, em seu relatório anual encaminhado à presidência da república, que

O fornecimento de luz e água tem sido regular, o que se justifica pela impossibilidade de importação de grandes máquinas e respectivos materiais, de estoques de lenha suficientes, uma vez que as usinas, excetuando um conjunto da Manaus Tramways, a gás pobre, consome carvão vegetal<sup>296</sup>.

Embora não seja o propósito aqui aprofundar esta realidade, é significativo que, durante todo o período analisado, observou-se constantemente a ocorrência de problemas no fornecimento de luz e, conseqüentemente, no funcionamento dos bondes elétricos, decorrentes sobretudo de dificuldades quanto à obtenção de lenha e, por vezes

---

<sup>294</sup> LINDEN, Marcel van der. Op. cit., 2005, p. 27.

<sup>295</sup> Desde 1909 o fornecimento de luz elétrica para a cidade era feito pela concessionária inglesa, a *The Manaus Tramways and Light Company* que também passou a explorar o serviço de transporte urbano dos bondes. Em 1910 construiu-se no bairro do Plano Inclinado (atual Aparecida) uma nova usina geradora, a Usina Central. No bairro da Cachoeirinha, no ano de 1939 foi inaugurada a Sub-usina de Luz (CASTRO, Mavignier de. Síntese histórica da evolução de Manaus. 2.ed. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1968, p. 138). O serviço deteriorou-se no decorrer das décadas de 1930 e 1940 e em 1950 volta para as mãos do governo estadual com o nome de Centrais Elétricas de Manaus.

<sup>296</sup> Relatório do interventor federal Álvaro Maia, 31 de julho de 1944.

do carvão vegetal para o acionamento das máquinas e caldeiras. Dificuldades estas que, por vezes acarretavam a intervenção estatal

O interventor federal realizará por estes dias um sério entendimento com a Manaus Tramways, com o objetivo de porpor [sic], a companhia inglesa o fornecimento de lenha, afim de melhorar a luz na cidade e nos subúrbios<sup>297</sup>

A despeito do encerramento das atividades da companhia inglesa *Manaus Tramways* e o encampamento dos serviços de fornecimento de eletricidade pelo governo do estado a partir de 1950, os problemas continuaram recorrentes. Em nota publicada no *Jornal do Comércio*, o órgão responsável procura justificar que os problemas decorriam da própria condição geográfica da região, atribuindo-se, neste caso, ao ciclo de cheia e vazante dos rios a razão da falta de energia elétrica

#### Nota Oficial

A Administração dos Serviços Elétricos do Estado, sente-se no dever de levar ao conhecimento da população, que as dificuldades que se veem verificando no suprimento de energia elétrica para o consumo público decorrem especialmente, da escassez de lenha para o abastecimento das usinas geradoras de eletricidade. A enorme vasante de nossos rios tem causado uma serie sucessiva de atropelos, inclusive dificultando a navegação e tornando impossível o acesso das pequenas embarcações aos igarapés, onde a lenha é produzida<sup>298</sup>.

Outro motivo alegado pelo poder público para justificar os problemas na obtenção do combustível natural e, conseqüentemente, na geração da energia para a cidade seria a falta e a precariedade do sistema de transporte, como é exposto no comunicado abaixo:

Os 'Serviços Elétricos do Estado', pedem a população a bondade de ter um pouco de paciência, caso seja ainda mais racionada a energia elétrica, pois, há escassez de lenha, em virtude de não termos conseguido da C.E.R caminhões em número suficientes para condução da lenha das matas das proximidades de Manaus, pela razão da existência de avarias diversas nos veículos da entidade citada. A ADMINISTRAÇÃO<sup>299</sup>

Observamos que problemas no fornecimento de energia para a cidade continuam recorrentes durante toda a década, estendendo-se pela seguinte, e a falta de braços para extração em grande escala da lenha nas matas que circundavam a cidade mostra uma

---

<sup>297</sup> Jornal do Comercio, 06 de outubro de 1945.

<sup>298</sup> Jornal do Comercio, 10 de outubro de 1950.

<sup>299</sup> Jornal do Comercio, 02 de novembro de 1950.

outra faceta dessa realidade. Valia-se, nesse sentido, muitas vezes do trabalho de presos para o “fornecimento de lenha para os serviços do Estado e na Colônia Agrícola Federal”<sup>300</sup>. O colunista do *Jornal do Comércio*, Arlindo Porto, ao que parece, corrobora esta prática ao afirmar que, “com tanto ladrão forte por aí, dando sopa, não se sabe por que falta lenha. É só botar os safados pra tirar lenha”<sup>301</sup>.

As dificuldades no fornecimento de energia não passaram despercebidas pelo olhar externo. O jornalista Romeu Cabral, por volta do ano de 1959, nas suas andanças pela Amazônia quando realizava a cobertura das atividades de exploração e prospecção de petróleo realizadas pela Petrobras na região, descreve, em sua passagem por Manaus, uma cidade noturna escura e pouco iluminada. De um dos quartos do famoso Hotel Amazonas, o jornalista observa que

A noite estava serena e bonita. As estrelas do zodíaco brilhavam sobre nossas cabeças. Lá embaixo o porto resplandecia com seus navios iluminados. Do outro lado estendia-se a cidade triste e sombria. Manaus é uma cidade escura, poucas lâmpadas brilham nas suas ruas densamente arborizadas<sup>302</sup>.

Ainda que uma “política energética”<sup>303</sup> tivesse sido gestada no início da década de 1960 com a criação da CELETRAMAZON (Centrais Elétricas do Amazonas) que se colocava como a solução para o problema energético da cidade e algumas mudanças técnicas tivessem ocorrido, como implantação de usinas termelétricas, as vésperas da implantação da Zona Franca de Manaus em 1967, a cidade movia-se ainda a lenha e carvão vegetal.

### **2.3. De “todo canto se exportava carvão” – o trabalho, a produção, a circulação e a comercialização do carvão.**

Ao questionarmos um dos colaboradores, o senhor Alfredo Castro, sobre a procedência do carvão comercializado por ele e por outros carvoeiros em seu ponto de

---

<sup>300</sup> Mensagem do Governador Álvaro Maia apresentada a Assembleia Legislativa em 15 de março de 1952.

<sup>301</sup> *Jornal do Comercio*, 08 de dezembro de 1954.

<sup>302</sup> CABRAL, Romeu M. *A Amazônia e o Petróleo*. São Paulo: Fulgor, 1960, p. 116.

<sup>303</sup> SOUZA, Leno J.B. op. cit. p. 199

venda próximo a antiga Sub-usina do bairro Cachoeirinha<sup>304</sup>, ele afirmou que “o pessoal vinha de todo canto, vinha carregado de carvão e eu comprava”<sup>305</sup> Se a extração da lenha encontrava por vezes dificuldades, a fala de Alfredo indica que, em relação ao carvão, tal problema não ocorria, haja vista a intensa movimentação de carvoeiros produtores e de outros que, a exemplo dele, comercializavam o produto.

Como já salientado, os principais pontos de produção do carvão eram as áreas de floresta que circundavam a cidade, bem como de municípios vizinhos. No entanto, pela memória de Wilton Alves, carvoeiro, eram os municípios próximos os principais locais fornecedores de carvão para cidade. Desse modo, ele afirma que

o carvão era feito no interior, vamos dizer, era feito no Castanho, alto Rio Negro, o carvão mais conhecido era o de Puraquequara, o carvão mais conhecido nesse tempo não tinha lavra, não tinha caminhão, como eu to falando era carregado na voga, no remo mesmo, tirava um dia e meio no remo, remando, remando, remando, ate chegar aqui no porto de Manaus. Mas naquela época Manaus era uma população pouca, não é como agora, agora Manaus tá grande<sup>306</sup>

Segundo Alfredo Castro, os diversos carregamentos de carvão que revendia em seu ponto eram originários principalmente dos seguintes locais: “Tarumã, Tarumazinho, Tarumã Grande, daí do [inaudível], todo canto se exportava carvão, do Manaquiri, Puraquequara, tudo vinha carvão, nós comprava daí”<sup>307</sup>. O escritor Moacir Andrade por sua vez descreve o processo de trabalho realizado por um carvoeiro nas matas que rodeavam a cidade

Seu Antônio carvoeiro, entre muitos, famoso construtor de caieiras, queimava de uma só vez de dez a doze das quais tirava carvão uma semana depois. As caieiras eram construídas de lenha em toras que variavam de cinquenta centímetros a um metro, de arvores que eram escolhidas antes de ser abatidas. Essa lenha era empilhada em forma de pirâmide ou cone, cobria-se toda com palha de buçu verde e sobre esta, o barro, de preferência argila pura. Depois de pronto o edifício da caieira, abria-se no vértice da pirâmide um pequeno furo e na base outro furo, através do qual introduzia-se o fogo e logo depois hermeticamente fechado. Verificado que o fogo não apagou, vigiava-se durante três dias consecutivos e ininterruptamente para evitar que nas paredes, acidentalmente aparecesse alguma rachadura. Se isso acontecesse, toda a carga de carvão ficaria perdida, pois o fogo arderia até se transformar em cinzas.<sup>308</sup>

---

<sup>304</sup> Até meados da década de 1950 esta usina gerava energia para parte da cidade, funcionando com motores a gás pobre, ou seja, com carvão vegetal, conforme relatório do governador Plínio Ramos Coelho (Relatório do Governador Plínio Ramos Coelho, 19 de março de 1955, p. 116).

<sup>305</sup> Entrevista realizada em 22 de dezembro de 2001, no local de trabalho.

<sup>306</sup> Entrevista realizada em 01 de outubro de 2016.

<sup>307</sup> Entrevista Alfredo Castro.

<sup>308</sup> ANDRADE, Moacir. Op. cit., p. 58. Quando entrevistei Moacir Andrade pediu a ele mais informações sobre esse personagem. Andrade o conhecia por ser o fornecedor de carvão de sua família. Ele o definiu

Embora enfatizem áreas e origens diferenciadas, o relato do carvoeiros e do memorialista são complementares e sinalizam para a existência de uma ampla rede de pessoas envolvidas com o trabalho em carvoaria, indo desde aqueles que produziam o carvão nas matas que circundavam a cidade ou localidades próximas, passando por revendedores que compravam a produção em determinados locais, sobretudo pelas margens fluviais da cidade<sup>309</sup>, e finalmente chegando as mãos dos vendedores ambulantes (Anexo III) que realizavam entrega em domicílio. Sobre estes personagens e a atividade carvoeira em geral, Moacir Andrade tece o seguinte comentário

Porque toda cidade que era naquele tempo que tinha 50, 60 mil habitantes viviam sobre auspícios do carvão, não tinha água, não nem eletricidade tinha nada, nada. Se cozinhava sobre carvão, quer dizer os caras tinha que comprar carvão dos caras que vinha da mata que trazia nos cavalos, e também vinha ali na beira do rio d'baixo da ponte de ferro eles vinha vender na Cachoeirinha vendia de monte né mas já pra revender, que por exemplos algumas que...havia naquela época lugar perto pra eles ficaram os cavalos, eles corriam a cidade inteira beco em tudo, aonde tinha uma pessoa morando aí ia o cavalo, aonde tinha uma pessoa morando por mais miserável que fosse, aí ia o cavalo, porque por mais que miserável fosse ele tinha que comer, e ele só comia se tivesse carvão se não, não ia cozinhar a comida dele, entendeu? Então toda parte era milhares, milhares de cavalos, a cidade cheirava bosta de cavalo, toda cidade...o cheiro de cavalo sujava toda indo e vindo, não tinha outra maneira<sup>310</sup>.

A cidade que Moacir Andrade recorda é aquela de sua infância e juventude, vivida entre as décadas de 1930 e 1950, então oficialmente estagnada e parada, que vivia dificuldades de abastecimento de água e energia elétrica, o que certamente explica sua acidez em afirmar que a cidade não tinha água, não tinha eletricidade, não tinha nada. Ademais, chama atenção também no relato de Andrade, um dos aspectos que marcava o processo de circulação do carvão na cidade: o transporte feito no lombo de animais, principalmente cavalos. A coluna Notas policiais, do Jornal do Comercio, também revela este aspecto ao noticiar acidente envolvendo um carvoeiro

---

como um “mulato, moreno, meio escuro, era um cara simpático, elétrico”. É significativo também que Antônio, segundo o relato de Andrade, empregava outros carvoeiros em suas caieiras: “ele tinha os carvoeiros dele” (Entrevista realizada em 27 de janeiro de 2016 em sua residência).

<sup>309</sup> Um dos principais pontos de (re)venda do carvão nesse período constitui-se próxima a Sub-usina de energia no bairro da Cachoeirinha, as margens do Igarapé de Manaus, sobretudo do carvão produzido em municípios vizinhos, como Manaquiri. A praia do mercado municipal também era ponto de venda e revenda de carvão, assim com como de muitos outros produtos regionais (ver pagina 68)

<sup>310</sup> Entrevista realizada em 27 de janeiro de 2016 em sua residência.

#### Foi Atropelado O Carvoeiro

Tertuliano de Almeida Monteiro, carvoeiro, com 41 anos de idade, casado, domiciliado à rua Emilio Moreira, 1.644, quando subia aquela artéria montado em seu cavalo, vinha em sentido contrário um caminhão não identificado por Tertuliano, sendo que a cavalgadura, não obedecendo as rédeas, dirigiu contra a mão, originando o cavaleiro ser lançado ao solo pelo veículo, que foi de encontro ao animal, saindo Tertuliano com os seguintes ferimentos: contusão na articulação escapulo umeral direito e escoriações generalizadas<sup>311</sup>

A despeito da proibição presente no Código de Posturas do Município de Manaus, então vigente, quanto ao trânsito e montaria de animais de qualquer espécie ocorrer nas ruas da cidade<sup>312</sup>, a partir do relato de Andrade, percebe-se que tal medida não chegava a ser observada por esses trabalhadores. Certamente que tal dispositivo, imbuído de seu sentido normatizador do espaço urbano, atentava contra suas práticas sociais e culturais, como o uso dos animais para o transporte de mercadorias, neste caso, o carvão, trazido de ponto distantes da área central e cujo percurso implicava por vezes transitar em estradas de terra batida (Anexo 3, imagem 6).

Entendemos que este aspecto nos remete às observações de E.P. Thompson, quando ao destacar sua definição de cultura nos diz que esta se caracteriza por “um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o dominado, a aldeia e a metrópole”<sup>313</sup>. Para o autor, a cultura se manifesta sempre como uma arena no qual interesses opostos apresentam reivindicações conflitantes<sup>314</sup>. A mobilidade presente na atividade de alguns carvoeiros trazia para o meio urbano elementos do espaço rural que certamente não condiziam com aquilo que as classes dirigentes entendiam como o modelo de vida na cidade, e isto incluía a presença de animais. Nesse entendimento, Thompson nos adverte também que a lei faz parte de um campo de relações de forças e, portanto, nem sempre é imposta arbitrariamente sobre a população, sobretudo as classes populares.

Além dos municípios limítrofes e das áreas de matas afastadas do perímetro urbano cuja produção e distribuição ocorria informalmente por carvoeiros, observamos

---

<sup>311</sup>Jornal do Comercio, 18 de novembro de 1947, p. 6. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 31 de junho de 2016.

<sup>312</sup> Art. 692 do Código de Posturas do Município de Manaus, Ato nº 44, de 29 de julho de 1938.

<sup>313</sup> THOMPSON, E.P. Costumes em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 17

<sup>314</sup>. THOMPSON, E.P., Op.Cit., 1998, p. 117.

que em algumas colônias agrícolas<sup>315</sup> mantidas pelo governo estadual também havia uma produção carvoeira. O informe publicado em um periódico local evidencia essa realidade

Cominhoes (sic) para os moradores da Colônia Campos Sales  
Nenhuma negligência dos choferes, será tolerada pelo governador.  
No escopo de estimular o desenvolvimento agrícola da zona rural da cidade de Manaus e, ao mesmo tempo, facilitar o abastecimento da cidade, o primeiro magistrado do Estado, pelo ofício n. GE-25 55, de ontem datado, determinou ao Diretor do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem, seja posto à disposição dos moradores da Colônia Campos Sales, até ulterior deliberação, um dos caminhões daquela repartição, a fim de transportar, diariamente, daquela colônia para o Centro da cidade, os produtos que os agricultores e **carvoeiros** ali residentes destinarem a venda nos mercados<sup>316</sup>.

Além da venda nos mercados, que passava pelo controle do poder municipal, o carvão circulava, sobretudo, segundo o que relatou Wilton Alves, pelas mãos de diversos vendedores ambulantes<sup>317</sup> que adquiriam o produto diretamente aos produtores ou revendedores e o ofereciam a seus clientes ou compradores ocasionais. Nesse sentido ele nos relata que

naquele tempo tinha os carvoeiros de cabeça, cabeça que eu digo e aqueles que enchiam o saco, botavam na costa e saiam vendendo de porta em porta. Naquele tempo não tinha caminhoneiro, não tinha entregador, não tinha como tá agora, era os carvoeiros de cabeça que andavam de pé, vendendo cada um vendia uma lata<sup>318</sup>

---

<sup>315</sup> Além da Colônia Campos Sales citada no informe, conforme Mensagem do Governador Plínio Ramos Coelho de março de 1958, haviam pelo menos mais duas colônias agrícolas funcionando nos arredores de Manaus: Cláudio Mesquita e Efigênio Sales. As colônias agrícolas abrigavam famílias pobres da capital e também imigrantes estrangeiros e buscavam garantir o abastecimento de gêneros para a cidade. Sobre a colônia Efigênio Sales, o documento traz a seguinte avaliação: “Na colônia Efigênio Sales, que comportara 200 famílias, temos atualmente um efetivo de 81 agricultores independentes. A principal atividade dessa colônia por enquanto reside na extração de lenha, mas seu levantamento topográfico está concluído, ficando localizada às margens do igarapé do Mariano e dois seus afluentes, com os espigões que constituem o primeiro polígono da colônia em apreço” (Mensagem do governador Plínio Ramos Coelho, 15 de março de 1958, p. 10)

<sup>316</sup> Jornal do Comercio, 4 de fevereiro de 1955.

<sup>317</sup> Mesmo os vendedores ambulantes não estavam imunes às taxações municipais. A Prefeitura publicava anualmente convocação a todos os vendedores ambulantes da cidade no sentido de recolherem taxa aos cofres do município, como a que se segue: “Da ordem do Excelentíssimo Senhor Douro Prefeito Municipal de Manaus e de acordo com o Decreto Lei nº 292, de 14 de agosto de 1946, que regulariza a cobrança de impostos e taxas municipais são convidados a comparecer a Prefeitura Municipal das 8 as 11 horas dos dias uteis, os proprietários de veículos e vendedores ambulantes, como sejam: - leiteiros, fruteiros, carroceiros, choferes, garapeiros, doceiros, peixeiros, sorveteiros, horteleiros, tintureiros, engraxates, carvoeiros, amoladores, vendedores de fazenda e armarinhos, trabalhadores de carne em geral, para o pagamento dos tributos a que acham sujeitos, dentro do prazo da lei” (Jornal do Comércio, 10 de janeiro de 1948)

<sup>318</sup> Entrevista realizada no dia 01 de outubro de 2016 em sua residência.



O relato de Wilton além de seu aspecto informativo e descritivo vem carregado sempre de algum significado e um deles é exatamente em relação aos tempos da narrativa que nos remetem a analogia proposta por Alessandro Portelli, denominada *lançadeira*. Nesta perspectiva, sempre a “estória está sendo contada tendo o presente em mente”<sup>319</sup>. Nesse sentido, atualmente o carvão e o trabalho do carvoeiro são perpassados por outros significados e personagens.

Alfredo Castro, por outro, lado destaca que alguns carvoeiros que atuavam na comercialização do carvão costumavam dividir o tempo com outras atividades, certamente uma estratégia que garantia uma melhora nos rendimentos

Pois é, naquele tempo a carroça, que tinha duas carroça uma do Benjamim outra do Parafuso. O Parafuso ate a época que eu comecei a vender aqui esse Parafuso botou bem aí onde fizeram o trabalho ali na entrada botou uns saquinhos pra vender ali, e tinha a burrinha dele aqui quando não tinha trabalho ele tava ali vendia algum saquinho, quando chegava o trabalho ele deixava o carvão dele ia fazer o frete na carroça dele<sup>320</sup>.

A fala de Alfredo chama a atenção novamente para a simultaneidade de ocupações com as quais estes trabalhadores envolviam-se, onde neste caso o carvoeiro também atuava como carroceiro. Relevante ainda é observar que o trabalhador era o proprietário de seu instrumento de trabalho, a carroça.

A atuação desses e de outros trabalhadores que certamente circulavam pelas ruas e calçadas da cidade transportando e disponibilizando seus produtos, se, por um lado, representava uma comodidade para os consumidores, por outro lado, não deixava de receber críticas de setores da sociedade representados no discurso jornalístico, sendo essa presença vista por vezes como incômoda no espaço citadino. Nesse sentido, a matéria publicada em um periódico local evidencia esta realidade

Deve haver uma proibição no sentido de impedir que carregadores transitem com volumes a cabeça, pelo meio das calçadas.

Uma grave irregularidade que se tem verificado em Manaus é a que se verifica (sic) em relação à condução de volumes pela caçadas a fora (...) Em parte alguma do mundo, onde haja uma cidade civilizada admite-se semelhante coisa, pois para isto há regulamentos policiais rigorosos impedindo que se passe com volume a cabeça pelas calçadas. Em Manaus isto não foi resolvido, constituindo um verdadeiro perigo

---

<sup>319</sup> PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In FENELON, Dea Ribeiro et al. Muitas Memórias, outras histórias. São Paulo: Olho d'água, 2004, p. 302.

<sup>320</sup> Entrevista realizada em 22 de dezembro de 2001, no local de trabalho.

andar-se em muitas calçadas, pela ameaça de receber-se de um momento para outro uma tremenda encontrada. A polícia deve tomar enérgicas providências a respeito, impedindo que pessoas conduzindo volumes transitem pelas calçadas<sup>321</sup>

Para além da preocupação com a segurança dos transeuntes, entendemos que este discurso evidencia também as diferentes visões sobre os modos de usos e circulação no espaço público da cidade. É notório que, em última análise, estas concepções relacionem-se, conforme Raquel Rolnik, a um movimento de separação das classes sociais e de funções do espaço urbano<sup>322</sup>. Para a autora, “é como se a cidade fosse demarcada por cercas, fronteiras imaginárias, que definem o lugar de cada coisa e de cada um de seus moradores”<sup>323</sup>. Nessa perspectiva, Antônio Arantes também analisa que

Neste espaço comum cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam e nivelam, hierarquizam ou, em uma palavra, ordenam as categorias ou os grupos sociais em suas múltiplas relações<sup>324</sup>

Ademais, cabe salientar que o serviço popular de entrega em domicílio, destacado por memorialistas<sup>325</sup> e pelos próprios carvoeiros, começou a enfraquecer provavelmente ao longo da década de 1960 e, no início da década de 1970, já era anunciando como algo do passado pela imprensa periódica. A expansão de novas fontes energéticas, como o gás de cozinha no ambiente doméstico, observado então como um sinal do progresso que a cidade experimentava em virtude da implantação, anos antes da ZFM, contribuiu em certa medida para este declínio. A matéria publicada pelo Jornal do Comércio de 26 de julho de 1970 sinaliza para este processo

Quem não se lembra da época em que nem todos possuíam geladeira e que ouvia-se de longe o badalar de um sino anunciando que a carroça de gelo (o geleiro) pegando um sol violento entregava o gelo a domicílio – em sua casa talvez não pudesse usufruir desse conforto. E o **carvoeiro** –

---

<sup>321</sup> Jornal Folha do Povo, 18 de fevereiro de 1950.

<sup>322</sup> ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 41.

<sup>323</sup> ROLNIK, Raquel. Op. cit. 1995, p. 41.

<sup>324</sup> ARANTES, Antônio. A guerra dos lugares: mapeando zonas de turbulência. In: Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. São Paulo/Campinas: Imprensa Oficial/Edinicamp, 2000, p. 191 apud SILVA, Patrícia Rodrigues. Disputando espaço, construindo sentidos: vivência, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/AM – 1967-2010). Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica/SP. São Paulo, 2011, p. 29.

<sup>325</sup> Jefferson Peres ressalta que “era muito grande o número de vendedores ambulantes entregadores e carreteiros, que atendiam em domicílio. Os mais solicitados, e talvez mais sacrificados, eram os carvoeiros” (PERES, Jefferson. Op.Cot., 2002, p. 207)

era o mesmo problema, a dona esperava tranquilamente o carroceiro vendedor de carvão, como quem espera hoje, em dias marcados o caminhão de gás – tudo acabou, o desenvolvimento se fez presente no nosso Amazonas e das carroças, dos carroceiros e dos burros só resta mesmo uma recordação – na certeza de que contribuíram também para o progresso que ora experimentamos<sup>326</sup>.

A despeito do que divulga a matéria jornalística, certamente que o serviço de fornecimento de gás ainda não estava amplamente generalizado na década de 1960 e mesmo na década seguinte entre as camadas populares. Segundo pesquisa realizada em meados da década de 1960 por Matias Martinho Lenz com moradores da cidade flutuante, somente 24,2% tinham acesso ao gás de cozinha, enquanto 75,8% usava carvão, lenha e querosene como combustível para uso doméstico<sup>327</sup>.

Judith dos Santos, uma de nossas entrevistadas, afirmou que, no bairro onde morava, o Santo Antônio, “muita gente cozinhava no carvão, num tinha gás por aqui, todo mundo cozinhava, assava, principalmente esse pessoal que faz banca, era onde vinho comprar meu carvão, passar roupa, sabe”. A despeito da fala de Judith reportar-se aos meados da década de 1960, a imagem reproduzida abaixo, no interior de uma residência na periferia de Manaus captada no início da década de 1950, continuava sendo a realidade cotidiana em muitos lares populares.



Figura 7 – Interior de uma residência popular (Fonte: Revista *O Cruzeiro*, 26/08/1950, p. 68)

<sup>326</sup> Jornal do Comércio, 26 de junho de 1970.

<sup>327</sup> apud SOUZA, José Leno Barata. Op. cit.,2010, p. 180

O ambiente doméstico era sem dúvida um dos principais consumidores de carvão nesse período. Fogões, fogareiros, ferros de engomar eram utensílios domésticos que dependiam desse produto para funcionar. Atendendo a preceitos higienistas e alardeados como modernos e elegantes, os fogões a carvão vegetal já eram comercializados desde meados da década de 1930, em Manaus, muito embora, em outras cidades os mesmos já estivessem sendo substituídos pelos fogões a gás<sup>328</sup>. A propaganda em um periódico local o anuncia desta forma



Figura 8 – Anúncio de fogão a carvão (Fonte: O Jornal, 10/06/1935).

Segundo Moacir Andrade, estes fogões, comprados sob encomenda, vinham de outros países, o que os encarecia sobremaneira. A propaganda também parece não deixar dúvida quanto a isso: voltava-se para os segmentos mais abastados da sociedade manauara. Ao final da década de 1940, este equipamento doméstico, competindo com o tradicional fogão a lenha, e, ao que denota o anúncio abaixo, parecia estar mais acessível, visto que já poderia ser adquirido diretamente na loja e com facilidades de crédito:

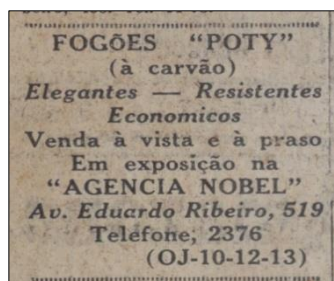


Figura 9 – Anúncio de fogão a carvão (Fonte: O Jornal, 13/07/1949)

<sup>328</sup> SILVA, Joao Luiz Máximo da. Transformações no espaço doméstico – o fogão a gás e a cozinha paulistana, 1870-1930. In Anais do Museu Paulista. São Paulo. v.15. n.2. p. 197-220. Jul/dez. 2007. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142007000200018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142007000200018).

A posse de um equipamento como esse e o combustível que o abastecia acabava denotando assim a distinção social em Manaus, nesse período, realidade essa observada pela memória de Wilton Alves quando afirmou que

O carvão significava nessa época, agora com quem podia ter fogão, e assim do mesmo jeito era naquela época, quem queimava carvão era milionário, era rico, e o carente só queimava lenha, a panela ficava preta de sujo, era isso aí<sup>329</sup>.

Moacir Andrade também ressalta este aspecto quando afirma que

Comprar lenha ou carvão vegetal era negócio que se fazia diariamente em todos os pontos da cidade, desde o bairro, mas granfino até o mais humilde, pois os fogões de ferro, ou de barro e os fogareiros gastavam muito material [...] Os fogões de ferro, muito caros, eram importados da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Alemanha, da Irlanda, Portugal, Escócia ou da França. Havia os esmaltados, ainda mais caros, decorados com flores e desenhos muito sugestivos nas portas dos fornos e dos lados; esses somente os ricos podiam possuir. Havia, entretanto os fogões de barro também muito bem fabricados por pedreiros especializados, aos quais, depois de todo pronto em alvenaria de tijolo e argila, adaptavam as portas do fogão e do forno, além da tampa, com as devidas aberturas para as panelas, que também eram de ferro<sup>330</sup>

Sem acesso aos fogões de ferro, as camadas populares utilizavam-se de fogareiros<sup>331</sup>, que além, da lenha poderiam ser abastecidos também com carvão ou usavam os velhos fogões de barro. Observa-se, assim o ambiente doméstico e, mais precisamente, o espaço da cozinha expressando as contradições e diferenciações sociais que a cidade vivia nesse contexto<sup>332</sup>.

Por fim, salientamos que o trabalho na carvoaria, respondendo a uma necessidade econômica dos segmentos populares, se insere também numa dinâmica própria da cultura amazônica, da cultura da floresta em que diversas atividades e experiências emergem destes espaços: roçar, tirar lenha, fazer carvão etc. Nesse sentido, é significativa a fala de carvoeiro Wilton Alves quando

---

<sup>329</sup> Entrevista realizada no dia 01 de outubro de 2016 em sua residência.

<sup>330</sup> ANDRADE, Moacir. Op. Cit., 1984, p. 55.

<sup>331</sup> Peça de metal com um fundo onde se depositava o carvão, semelhante a uma pequena churrasqueira atual.

<sup>332</sup> O Código de Posturas em vigor na época, nos seus artigos 205 a 209, fazia claras distinções quanto ao que deveria ser uma cozinha padrão e uma cozinha popular, estipulando medidas, materiais, localização, etc. (Código de Posturas do Município de Manaus, ato nº 44, 29 de julho de 1938)

Você trabalhava amplo, livre, em qualquer parte que você encostava, fazia sua farinha, fazia sua caieira, não tinha dificuldade, não tinha imposto não tinha nada, só existia o imposto da mercadoria e comércio que era o que a gente comprava né, que se pagava os imposto para os fiscal, fora disso não existia nada que sem dificuldade, era o tempo de rosa como chamavam naquela época, não tinha perseguição, muita fartura, muito peixe, caça você num matava uma caça porque você não tinha necessidade de matar porque tinha o que comer o que beber era bom demais, era uma época que dava seus nomes nos alfabetos mas era uns alfabetos fiel que não roubava que tinha sua palavra certa, agora não, agora ninguém só estamos esperando em Deus mesmo, fora Deus não tem mais ninguém<sup>333</sup>

Além de nos remeter às práticas sociais e econômicas do homem interiorano, chama a atenção também na fala de Wilton as suas concepções próprias quanto ao uso do espaço florestal. Nessa perspectiva, reportamo-nos as observações feitas do historiador E.P. Thompson, quando salienta que

Para o observador desprevenido, uma floresta aparece simplesmente como uma área inculta – uma extensão de arvoredos e charnecas que se manteve selvagem, onde animais selvagens, inclusive os cervos, podem correr à vontade. Mas uma floresta tem sua complexa economia própria; onde se multiplicam os povoamentos, as reivindicações concorrentes dos gamos e veados, caças menores, porcos, reses e carneiros, e as exigências humanas de madeira, carvão e transporte<sup>334</sup>.

É importante observar, portanto, que o homem interiorano, aquele que está inserido no ambiente da floresta e que dela vive, a percebe exatamente como um espaço rico de possibilidades em que se apresentam variadas formas de manejar seus recursos naturais.

Vale ressaltar, ainda, que o espaço urbano de Manaus acomodava múltiplas categorias de trabalhadores, que, em sua labuta diária, forjavam, dentro de uma cultura própria, múltiplas estratégias sobrevivência e de se relacionar com este espaço, sejam nas suas próprias formas de viver, morar e trabalhar. E, neste sentido, procuramos destacar os carvoeiros, cuja atividade a exemplo de outras, traz para o campo da história do trabalho algumas questões. Uma dessas, a do trabalho feminino, será observada no capítulo seguinte.

---

<sup>333</sup> Entrevista realizada no dia 01 de outubro de 2016 em sua residência.

<sup>334</sup> THOMPSON, E.P. Senhores e caçadores: a origem da lei negra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 31-32.

## CAPÍTULO 3 – Dimensões do trabalho na carvoaria

É significativo observar que o trabalho nas carvoarias e as experiências dele decorrentes, assim como ocorria e ocorre em outros espaços, comportam múltiplas dimensões e temáticas que, entendemos, enriquecem o olhar sobre os mundos do trabalho. Nesse sentido, buscamos salientar nesse capítulo algumas dessas dimensões que, de certa forma, consideramos importantes e que emergiram ao longo da pesquisa. Uma primeira dessas dimensões está relacionada à presença feminina neste espaço de trabalho cuja percepção, entendemos, vai muito além do puramente excepcional ou exótico.

Observamos, assim, que a maior parte da memória e dos registros escritos que existem sobre o trabalho em carvoaria nesse período situa esta atividade como inerente ao universo masculino. Em alguns documentos escritos na época, os qualificativos adotados sempre remetem aos termos masculinos carvoeiro, carvoeiros, entre outros<sup>335</sup>.

Por sua vez, no contexto de Manaus, as principais obras de cunho memorialista não chegam a fazer referência à presença ou participação feminina nesta atividade. Escritores locais, como Moacir Andrade e Jefferson Peres, que tecem comentários e observações sobre o ofício do carvoeiro em suas obras, a circunscrevem como de âmbito estritamente masculino.

A despeito dessa invisibilidade relacionada a esta categoria específica, é importante perceber que, assim com em outros períodos, as mulheres populares estavam inseridas no mundo do trabalho urbano exercendo as mais variadas atividades, muitas delas ainda ligadas ao espaço doméstico. Predominava, assim, a concepção de que tais atividades eram compatíveis com uma suposta natureza feminina.

Não obstante o silêncio da memória escrita, a utilização das fontes orais na pesquisa nos conduziram, por outro lado, a perceber que o envolvimento feminino nesta atividade foi uma realidade em nada desprezível. Chama a atenção que, pelos relatos das entrevistadas (Judith dos Santos e Raimunda Soares), é possível entrever a presença de outras mulheres atuando neste trabalho em que atributos como força física, resistência, tidos como exclusivos do homem, seriam impeditivos a que elas recorressem à carvoaria como uma alternativa de sobrevivência.

---

<sup>335</sup> CORREA, Armando Magalhães. Op. cit., 1936, p. 85-90; SOUZA, Elza Coelho. Op. cit., 1946, p. 151.

Deste modo, estas questões nos remetem a reflexões feitas no campo de estudo da história das mulheres e, mais recentemente, do gênero, que, a despeito de divergências, controvérsias e muitos “desacordos de interpretação”<sup>336</sup>, são importantes na medida em que permitem visualizar e entender as estratégias que as mulheres desenvolveram para criar espaços para elas mesmas no interior das unidades domésticas ou mesmo fora delas, cavando assim pequenas áreas de autonomia<sup>337</sup>.

Igualmente importante, outra dimensão observada no âmbito da pesquisa relaciona-se ao trabalho infantil na atividade carvoeira. Sabemos que o conceito de criança e adolescente como pessoas que devem ser protegidas e que possuem necessidades particulares, tal como entendemos hoje, é resultado de toda uma construção histórica e no período em questão não estavam totalmente estruturados. Nesse sentido, é relevante observar que, durante séculos o trabalho realizado pela criança foi considerado como algo comum e até desejável<sup>338</sup> em seu processo de desenvolvimento e amadurecimento.

No contexto aqui analisado, percebemos que este aspecto se fazia presente, haja vista que emergem nos relatos de alguns dos colaboradores (que, em geral, desde cedo eram iniciados em diversas atividades laborais da família), dos memorialistas e suas observações sobre o cotidiano da cidade e das notícias veiculadas nos periódicos. É possível, assim, a partir destas fontes, entrever essa realidade no mundo do trabalho em Manaus nesse período, relacionada principalmente à criança dos segmentos populares.

## 3.2. As mulheres e o trabalho

Por muito tempo invisível no âmbito da História, o trabalho da mulher sempre foi exercido nas mais variadas atividades, muitas delas essenciais à vida humana, como as tarefas domésticas, os serviços no campo, a criação dos filhos, o corte, a costura, realização de partos etc. Trabalhos estes muitas vezes não reconhecidos e quase sempre ocultos, como salienta Michele Perrot, mas que “as sociedades humanas jamais

---

<sup>336</sup> TILLY, Louise. Gênero, história das mulheres e história social. Cadernos Pagu (3). 1994, p. 59. Disponível em

<sup>337</sup> JOSHI, Chitra. Além da polêmica do provedor: mulheres, trabalho e história do trabalho. Revistas Mundos do Trabalho, 2009, v.1, n.2, p. 147-170.

<sup>338</sup> BARBOSA, Alba. Infância e Trabalho: dimensões do trabalho infantil na cidade de Manaus, 1890-1920. Manaus: EDUA, 2015, p. 17



poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres”<sup>339</sup>. Essa invisibilidade decorria, ainda segundo a autora, de uma história de cunho positivista que imprimia uma abordagem predominantemente masculina quanto à escrita da História, para ela, então, um ofício de homens que escreviam a história no masculino<sup>340</sup>.

É inegável que as observações da autora remetem-nos ao contexto de emergência e crescimento, ocorrido nas últimas décadas, da história das mulheres como um importante campo de estudo no âmbito da historiografia. Por outro lado, é significativo nesse processo que, herdeira de uma conjuntura política marcada pelo movimento e convicções feministas forjados na década de 1960, a história das mulheres tem passado também por consideráveis reformulações ultimamente, fruto em grande medida das reflexões e problematizações operadas dentro do próprio campo<sup>341</sup>.

Nesse sentido, de acordo com a historiadora Mary Del Priori, imbuídos dessas novas perspectivas, caberia aos historiadores pensar a história das mulheres de forma muito mais problematizadora. Assim, para a autora, não interessaria ao historiador simplesmente fazer a

história das Mulheres em termos de erros ou de acertos sobre o seu passado, contar a saga de heroínas ou mártires, o que seria de um terrível anacronismo. Sua função maior deve ser a de enfocá-las através da submissão, da negociação, das tensões e das contradições que se estabeleceram, em diferentes épocas, entre elas e seu tempo, entre elas e a sociedade nas quais estavam inseridas<sup>342</sup>.

Nesse sentido, buscamos aqui, ao destacar a experiência feminina em uma atividade específica de trabalho como a carvoaria ir além dessa visão dicotômica que atribui muitas vezes a mulher um papel de vítima ou de rebelde no processo histórico. como salienta a historiadora Rachel Soihet: “surge daí a importância de enfoques que

---

<sup>339</sup> PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p.109.

<sup>340</sup> *Ibidem*, p. 109.

<sup>341</sup> Importantes debates teóricos travados no interior deste campo no âmbito estadunidense e francês encontram-se nos artigos: SCOTT, Joan W. Prefácio a *Gender and politics of history* In: *Cadernos Pagu: desacordos, desamores e diferenças* nº 3, 1994, p. 11-28; TILLY, Louse A. “Gênero, história das mulheres e história social”. *Cadernos Pagu: desacordos, desamores e diferenças* nº 3, 1994. p 29 a 62; VARIKAS, Eleni. “Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly/Scott.” *Cadernos Pagu: desacordos, desamores e diferenças* nº 3, 1994, p 63 a 84.

<sup>342</sup> PRIORE, Mary Del. “História das Mulheres: as vozes do silêncio”. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 3ª ed. São Paulo: Contexto 2000, p. 235.

permitam superar a dicotomia entre a vitimização ou os sucessos femininos, buscando-se visualizar toda a complexidade de sua atuação”<sup>343</sup>

E, nessa direção, sabemos que hoje os estudos sobre o feminino tem-se voltado cada vez mais para uma análise a partir da categoria do gênero. Esta categoria seria, assim, um modo de análise com mais possibilidades de abarcar as múltiplas experiências que perpassam não somente o universo das mulheres, mas também das próprias relações entre estas e os homens. Desse modo, a historiadora Rachel Soihet argumenta que o estudo a partir do gênero sinaliza para uma

Uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as construções sociais – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres. O gênero sublinha também um aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através do estudo que os considere totalmente em separado<sup>344</sup>

Como indica a autora, diferentemente das posturas iniciais que enfatizavam as mulheres como uma categoria homogênea e que se firmaria sobretudo a partir de seu antagonismo com o homem, o gênero, enquanto categoria de análise vai perceber que a condição feminina é na verdade construída historicamente e que a mesma deve ser visualizada também em sua relação com o masculino. Ainda nessa direção, como destaca Rachel Soihet é mister observá-la também a partir de múltiplos aspectos e dimensões, que podem ser os do trabalho, da classe, de raça, etnia, etc<sup>345</sup>. Decorre assim desse entendimento a impossibilidade de abordar historicamente a mulher no singular, de forma homogênea visto que elas sempre “são muitas e diferentes umas das outras”<sup>346</sup>.

Sucedesse modo que, a despeito de uma concepção que enxergava uma identidade única para as mulheres, percebe-se hoje cada vez mais que suas vivências e percepções constroem-se de modo diferenciado e, em se tratando do mundo do trabalho, esse entendimento é ainda mais presente. Nesse sentido, é relevante a observação da

---

<sup>343</sup> SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História (orgs.). Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 278

<sup>344</sup> SOIHET, Rachel. Op. cit., 1997, p. 279

<sup>345</sup> SOIHET, Rachel. Op. cit., 1997, p. 277.

<sup>346</sup> MENEZES, Bianca Sotero de. Imprensa e Gênero: a condição feminina e as representações da mulher amazonense na imprensa provincial (1850-1889). Dissertação de Mestrado. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2014, p. 81.

historiadora Michele Perrot quando enfatiza essas experiências observadas na dimensão da classe social

É claro que o que vale para a mulher do povo não vale para a burguesa. Ao nível das classes, os usos sociais da cidade se diferenciam muito claramente. As mulheres burguesas tem um modo de circulação muito mais precocemente rígido, uma relação interior/exterior muito regulada, um ritual de saída e de recepção muito refinado que funda toda a distinção d mulher como deve ser<sup>347</sup>

Nessa perspectiva, sabemos hoje que a presença feminina, sobretudo da classe popular, foi significativa em muitos espaços, sendo força de trabalho importante no processo de industrialização europeu durante o século XIX dentro das pequenas indústrias domésticas, marcadas por atividades como a tecelagem manual, de bordados e tricotagem<sup>348</sup>.

Margareth Rago nos informa que, nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, grande parte do proletariado é constituído, além de crianças, por mulheres<sup>349</sup>, cuja presença estava localizada principalmente na indústria têxtil. Chama a atenção na análise da autora o fato de que, progressivamente, a presença feminina na indústria em geral será reduzida ao longo das primeiras décadas do referido século,

Apesar do elevado número de trabalhadoras presentes nos primeiros estabelecimentos fabris brasileiros, não se deve supor que elas foram progressivamente substituindo os homens e conquistando o mercado de trabalho fabril. Ao contrário, as mulheres vão sendo progressivamente expulsas das fábricas, na medida em que avançam a industrialização e a incorporação da força de trabalho masculina<sup>350</sup> [...]

Ainda segundo a autora, esta massiva presença feminina no mundo fabril veio a reduzir-se drasticamente ao longo da primeira metade do século XX. Se, no final do século XIX e início do XX, correspondia, em termos percentuais, a cerca de 76%, na década de 1950, este percentual caiu pra 23%<sup>351</sup>. Esta queda vertiginosa seria

---

<sup>347</sup> Ibid

<sup>347</sup> PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 215

<sup>348</sup> HOBBSAWM, Eric J. A Nova Mulher. In: *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 175.

<sup>349</sup> RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade In: DEL PRIORI, Mary. História das mulheres no Brasil (org.).7.ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 578.

<sup>350</sup> RAGO, Margareth. Op.cit. 2004, p. 582

<sup>351</sup> RAGO, Margareth. Op.cit. 2004, p. 582.

decorrente, em linhas gerais, muito em função de uma crescente oposição e resistência ao trabalho feminino extra-doméstico.

Nutrindo-se de todo esse processo de reflexão que vem ocorrendo no âmbito da história das mulheres e dos estudos de gênero, observamos que diversas pesquisas no âmbito local tem se voltado para essas personagens. Nessa direção, é que Maria Luiza Ugarte Pinheiro em dos capítulos de sua tese de doutorado, recentemente publicada em livro<sup>352</sup>, analisa o papel da mulher no periodismo amazonense na virada do século XIX para o XX, além da presença feminina nos mais diversos espaços de trabalho citadino, como em funções mais tradicionais relacionadas aos serviços domésticos, no comércio e no setor manufatureiro. Nesse sentido, argumenta a autora que

A passagem do século XIX para o XX tem sido apontada como um momento importante na mudança de perspectiva que as sociedades ocidentais vão presenciar com relação à condição feminina [...] rompendo os limites tradicionais que a associam a casa e à vida privada, a emancipação feminina passa a incorporar espaços até então restritos ao universo masculino. É evidente que tal processo não ocorreu em todos os locais e, tão pouco, com a mesma intensidade, mas é certo que sua introjeção como emblema dos novos tempos, da modernidade burguesa, facilitou sua assimilação mesmo em espaços de tradicional conservadorismo<sup>353</sup>

Ainda que as observações da autora remetam a uma temporalidade específica, percebemos que são também relevantes e iluminam aspectos do período aqui analisado, sobretudo do trabalho feminino, na medida em que a luta pelos espaços de autonomia e emancipação continuam presentes e os limites que se impõem para a mulher nos espaços públicos e privados.

Luciane Maria Dantas de Campos discute em dissertação de mestrado<sup>354</sup> a emancipação feminina, as lutas e conquistas das mulheres em diferentes espaços sociais da cidade de Manaus entre os anos de 1890 e 1940. Segundo a autora, contribuiu para esse processo a presença feminina nos espaços de trabalho, os quais davam-se tanto na esfera privada quanto esfera pública. Apesar disso, a autora também chama a atenção pra o

---

<sup>352</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte – Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). 3.ed. Manaus: Edua, 2015.

<sup>353</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Op.cit., 2015, p. 277.

<sup>354</sup> CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. Trabalho e emancipação: um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940). Mestrado em História. Manaus, Universidade Federal do Amazonas, 2010.

fato de que todas as conquistas, lutas e a busca por romper os estigmas sociais nunca ficaram isentos de contestações, resistências e preconceitos<sup>355</sup>.

Mais recentemente, a pesquisa de Bianca Sotero de Menezes procurou analisar em sua pesquisa de mestrado<sup>356</sup> as representações do feminino produzidas pela imprensa amazonense no período imperial. A partir dos vestígios e fragmentos presentes nos periódicos da época, a autora busca destacar o universo cultural, sobretudo o feminino desse período. Na esfera do trabalho, a autora analisa as profissões femininas a partir da ótica de classe e de raça: o mundo de elite/branco e os popular/indígena definiam as diversas ocupações em que as mulheres poderiam se ocupar.

Entendemos assim que as trajetórias e análises aqui ressaltadas são relevantes na medida em que nos permitem situar e refletir também os sentidos do trabalho feminina na atividade em carvoaria observada no presente capítulo, no contexto de uma cidade que, muito embora se ressinta de uma crise paralisante, é permeada por diversas e ricas experiências de viver e trabalhar.

### **3.2. Cavando espaços: o trabalho de mulheres em carvoaria**

Observamos, no período aqui analisado, a mulher popular presente em diversos espaços de trabalho, exercendo atividades como as de empregadas domésticas, cozinheiras, lavadeiras, engomadeiras, parteiras, nos serviços de limpeza pública, operárias em fábricas de beneficiamento de castanha e também ressaltamos como carvoeiras.

Segundo o que informa Jefferson Peres, a despeito do que já ocorria desde as décadas iniciais do século XX<sup>357</sup>, os serviços domésticos, sobretudo de empregadas e cozinheiras, eram uma das ocupações mais recorrentes para as mulheres na cidade no período da “crise”. Porém, segundo o autor muitas viviam “num regime de semi-

---

<sup>355</sup> CAMPOS, Luciane M.D. de. Op. cit., 2010, p. 15.

<sup>356</sup> MENEZES, Bianca Sotero de. *Imprensa e gênero: a condição feminina e as representações da mulher amazonense na imprensa provincial (1850-1889)*. Mestrado em História, Universidade Federal do Amazonas, 2014.

<sup>357</sup> O serviço doméstico no Brasil nas décadas iniciais do século XX, segundo June Hahner, proveu mais empregos para as mulheres das classes populares do que as fábricas, oficinas ou qualquer outro setor da economia (HAHNER, June E. *Pobreza e política: os pobres urbanos no Brasil (1870-1920)*. Brasília apud CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Trabalho e emancipação: um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940)*. Mestrado em História. Manaus, Universidade Federal do Amazonas, 2010, p. 130)

servidão; pouquíssimas eram remuneradas<sup>358</sup>. Prática recorrente e até secular era o emprego nesse âmbito das *crias da casa*. De acordo com Peres,

Na quase totalidade das famílias de classe média, o mais comum eram as crias da casa, que trabalhavam sem remuneração, em troca de teto, roupa e comida. Raras as casas que não possuíam dois ou até três empregados desse tipo, incluindo uma cozinheira, uma babá e um menino de recados. Quase todos oriundos dos municípios do interior, eram encaminhados por juízes, prefeitos ou pelos próprios pais. Geralmente eram remetidos pelas autoridades, por terem caído na orfandade, e pelos pais, por impossibilidade de mantê-los.

O serviço das lavadeiras na cidade vinha de longas décadas<sup>359</sup> e no período aqui analisado, essas trabalhadoras exerciam ainda uma atividade essencial no cotidiano da cidade. Depois de empregadas e cozinheiras, era um dos serviços mais requisitados nas colunas de anúncios populares nos periódicos locais. A despeito de medidas restritivas que vinham desde o início do século em relação uso dos igarapés centrais da cidade para lavagem de roupa, muitas lavadeiras passaram a buscar outros espaços a fim de exercer sua função, sobretudo pelos arrabaldes da cidade<sup>360</sup>. Outras, como as entrevistadas desta pesquisa, desprovidas dos serviços de abastecimento de água onde viviam, recorriam a pequenas cisternas domésticas denominadas cacimbas<sup>361</sup> de onde obtinham a água para fazer a lavagem das roupas.

Muito importante, como sabemos, no atendimento às famílias das comunidades rurais<sup>362</sup>, as parteiras com seus saberes populares e tradicionais, desempenhavam também um papel fundamental no meio urbano em Manaus. Segundo Jefferson Peres, em Manaus,

Os partos ser realizavam rotineiramente em casa, e apenas excepcionalmente em hospitais; a cargo das parteiras, que também davam assistência pré-natal e neonatal e quase todos naturais, raríssimas as cesarianas. Sem contar que as crianças recebiam aleitamento materno, enquanto leite houvesse nos seios das mães<sup>363</sup>.

---

<sup>358</sup> PERES, Jefferson. Op.cit.,p. 205.

<sup>359</sup> MENEZES, Bianca Sotero de. Op.cit., 2014, p. 127.

<sup>360</sup> ANDRADE, Moacir. Op.cit., 1984, p. 191

<sup>361</sup> “Buraco cavado até se encontrar um lençol de água” (Priberam Dicionário. Disponível em <https://www.priberam.pt> )

<sup>362</sup> SANTOS, Luciana Guimaraes. A arte de partejar: das parteiras tradicionais à medicalização do parto no Amazonas (1970-2000). Mestrado em História: Universidade Federal do Amazonas, 2016.

<sup>363</sup> PERES, Jefferson. Op.cit.,p. 210.

É interessante observar que, nesse período, o serviço de limpeza pública da cidade passou a contar também com a emprego das mulheres (Anexo 3, imagem 8), fato que despertou a atenção de uma revista de circulação nacional, *O Cruzeiro*. Tal situação foi observada com estranheza pelo articulista, que o qualificou como “um do mais curiosos do mundo, feito por mulheres”<sup>364</sup>

#### Mulheres do lixo

O serviço de limpeza urbana vinha parar completamente viciado nas mãos do escocês brasileiro. Era necessário dar-lhe nova organização, introduzir-lhe sangue novo, modificado inteiramente, modá-lo (sic) ao serviço de limpeza suburbana. As dificuldades eram muitas, mas tempos depois todo pessoal estava uniformizado, vestido de macacões brancos. Mesmo assim subsistia um problema dos mais sérios, que era o da varreção da cidade. Tal serviço era feito por homens velhos, muitos deles já aposentados de outras repartições públicas. Dizia-se mesmo que suas vassouras fazia mais barulho que limpeza propriamente dita. Foi então que Katharine, a quem estava entregue tal setor, imaginou por em prática, na limpeza de Manaus, o mesmo princípio imperante nos lares domésticos: somente as mulheres sabem conservar qualquer coisa em condições de limpeza. Por que então não empregar mulheres para fazer a limpeza pública da cidade?<sup>365</sup>

Chama a atenção, na abordagem desenvolvida pela revista, o fato de que a concepção presente no ambiente privado do lar ser transposta para o espaço público, no qual prevalece uma suposta aptidão feminina para os serviços domésticos, como o trabalho de limpeza.

Dentre essas e outras experiências diversificadas presentes no mundo trabalho feminino na cidade de Manaus e que marcavam seu cotidiano, ressaltamos o trabalho das carvoeiras. Percebemos assim que, ao contrário do que uma memória sobre esta atividade enfatizava como vivência exclusivamente por homens, ela comportou também a experiência feminina.

O escritor Moacir Andrade reportando-se ao trabalho dos carvoeiros em Manaus relata em seu livro que era cotidiana a presença destes trabalhadores pelas ruas da cidade e que somente homens realizavam esta atividade. Segundo ele, o carvão vegetal era oferecido “todas as manhãs pelas ruas da antiga cidade de Manaus, cheia de cavalos, burros, jumentos e homens portando sacos de todos os tamanhos”<sup>366</sup>. Em geral, nos

---

<sup>364</sup> Revista O Cruzeiro, 26 de agosto de 1950, p. 72. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/>

<sup>365</sup> Revista O Cruzeiro, 26 de agosto de 1950, p. 72.

<sup>366</sup> ANDRADE, Moacir. Op.cit., 1984, p. 55

relatos do escritor, a rua é um espaço predominantemente masculino, em que as mulheres, à exceção das lavadeiras, pouco aparecem.

Quando lhe questionei pessoalmente em entrevista se porventura se lembrava da figura feminina no trabalho da carvoaria o escritor foi enfático: “Não”<sup>367</sup>. Para Andrade, dificilmente a mulher teria participação neste ofício, haja vista os pesados sacrifícios pertinentes ao trabalho. Era um trabalho de homem. Quando muito, entre os carvoeiros casados, as mulheres limitavam-se a acompanhá-los à cidade para a comercialização do carvão. Assim, segundo Andrade

Os carvoeiros quando eles vinham por exemplo domingo de manhã eles traziam a criança tinha a mulher com o filhinho em cima do cavalo eu tenho até o registro aí, eu fiz um desenho eu devo ter por aí (...) eles traziam a mulher em cima do cavalo e atrás tinha uma menininha maior e no colo da mulher vinha o pequenininho e o cara vinha puxando o cavalo, isso eu vi milhares de vezes domingo de manhã”<sup>368</sup>.

Nesse sentido, também Jeferson Peres, quando menciona as inúmeras categorias que exerciam atividades informais na cidade nesse período, as quais ele categoriza como subempregados, destaca, como já indicado, que neste campo às mulheres ocupavam espaços que possuíam alguma relação com o ambiente doméstico ou a maternidade, como as empregadas domésticas e parteiras. Ademais, o autor não destaca nas demais categorias por ele elencadas (vendedores ambulantes, carreteiros, carroceiros, comerciantes, etc.) e que constituíam esse universo do trabalho informal da cidade, nenhuma presença feminina.

Quanto aos carvoeiros, para ele a mais sacrificada entre essas categorias que movimentavam a cidade, esta se constituía em uma atividade muito “pesada” e que convivia frequentemente com a sujeira. Nesse sentido, embora admita desconhecer muitos aspectos da atividade, a dimensiona no âmbito do universo masculino: “não sei qual era a situação desse profissional desses homens e as suas relações de trabalho”<sup>369</sup>.

Ao trilharmos, os caminhos da história oral, que sabemos nos diz muito a respeito da vida social da cidade, mas cujas memórias muitas vezes estão restritas aos círculos familiares e domésticos, percebemos que mesmo diante de certas dificuldades que o trabalho de carvoeira implicava, as mulheres conseguiram articular meios que

---

<sup>367</sup> Entrevista realizada em 27 de janeiro de 2016 em sua residência.

<sup>368</sup> Entrevista realizada em 27 de janeiro de 2016 em sua residência.

<sup>369</sup> PERES, Jefferson. Op.cit., p.



definiram sua utilização como uma estratégia de sobrevivência cotidiana. E, nesse sentido, destacamos a trajetória de duas entrevistadas cujas experiências em muito colaboram nesse entendimento.

Judith dos Santos foi a primeira carvoeira que localizamos na pesquisa e sua entrevista se mostrou como uma das mais férteis, haja vista a atenção dispensada e disposição e o prazer em narrar sua história de vida e de trabalho. Apesar das dificuldades iniciais na comunicação<sup>370</sup>, advindas de um problema auditivo que Judith atribui à “quentura” e fumaça resultante da queima da madeira no período em que trabalhou com o carvão<sup>371</sup>, seu relato foi muito significativo, na medida em que, como ressaltado anteriormente, ao iniciarmos a pesquisa, não tínhamos nenhuma indicação de que nessa atividade, pelo menos para o período abordado, as mulheres também tivessem sido presentes

Retomando uma das primeiras falas de Judith citadas no capítulo inicial, percorremos alguns fragmentos de sua trajetória de vida e trabalho, então iniciada nas áreas ribeirinhas da cidade de Fonte Boa, região do Alto Solimões, por volta de meados da década de 1950 e, descendo rio abaixo, passamos por outras localidades interioranas e chegamos a Manaus no início da década de 1960, quando, entre outras atividades, passou a trabalhar no fabrico e venda do carvão.

Eu nasci pra lá mas não pude estudar porque meus pais não tinham recursos pra me botar pra estudar na cidade, aí eu fiquei trabalhando, por cinco anos comecei a trabalhar em casa; ajudar minha mãe não tinha mais pai. Aí com 10 anos comecei a trabalhar na roça sabe pra ter meu dinheiro meu dinheiro sabe aí morei...Viemos de lá pra cá Paraná de Flores município de Codajás bem pertinho aí de lá trabalhei na juta, na roça, plantava primeiro a roça, milho, banana aí fui pra juta, trabalhei muito tempo na juta, aos meus 16 anos a minha irmã resolveu vim pra cá pra cidade, aí eu vi pra cá mais ela né com 16 anos, aos meus 17 anos foi quando me casei ai fiquei casada mas meu esposo viajava aí foi justamente quando comecei a cuida de carvão sabe ai aos meus 19 anos tive meu primeiro filho nos [pausa] 22 eu tive a segunda filha<sup>372</sup>

---

<sup>370</sup> Salientamos aqui a contribuição do filho de Judith dos Santos, José Canuto, pedagogo da Secretaria Municipal de Educação.

<sup>371</sup> Estudos recentes, sobretudo no âmbito da Sociologia, Geografia, Ciências Ambientais, realizados em outros estados do país, tem identificado como problemas mais frequentes em relação à saúde dos trabalhadores deste segmento: as doenças respiratórias, decorrentes da inalação da fumaça, doenças musculoesqueléticas, oriundas de intenso esforço físico, doenças de pele, irritação dos olhos, entre outras. (Artigos: DIAS, Elizabeth Costa et al. Processo de trabalho e saúde dos trabalhadores na produção artesanal de carvão vegetal em Minas Gerais, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 18(1):269-277, jan-fev, 2002; SOUZA, Rafael Machado et al. Sintomas respiratórios em trabalhadores de carvoarias nos municípios de Lindolfo Collor, Ivoti e Presidente Lucena, RS. J Bras Pneumol. 2010;36(2):210-217; Dissertações: CAETANO. Ericka de Cassia Oliveira. No Calor Do Inferno: Trabalho E Trabalhadores Das Carvoarias No Entorno Da Cidade De Curvelo/MG. Mestrado em Ciências Sociais. PUC/MG. Belo Horizonte, 2008). Não encontramos, nestes trabalhos, nenhuma referência a problemas relacionados a perdas auditivas como consequência do trabalho com o carvão vegetal.

<sup>372</sup> Entrevista realizada com a colaboradora em 30/01/2016 em sua residência.

Já em outro momento da entrevista, quando questionei o porquê de sua vinda para Manaus, Judith reelaborou essa mesma trajetória acima relatada, desta vez enriquecendo-a, porém, com outros detalhes e experiências. E, nesse sentido, ela assim comentou:

Mas quando eu morava no sítio eu não trabalhava em carvão não...trabalhava na juta, roça, toda plantação, banana, tudo isso nós plantava, sabe. Aí a minha irmã se danou-se pra vim pra cá pra Manaus aí se fosse por mim eu não tinha vindo não sabe, mas eu não tinha mais pai, só era eu e a mamãe, meu pai já tinha falecido. Aí a minha irmã falou que num ia deixar nós lá né, só eu e a minha mãe, que meus tio moravo mais afastado, ai ela queria vim pra cá, ai vendeu tudo as coisas dela, que nós tinha tudo aviamento, de trabalhar em farinha, em juta, sabe. Hoje que eu vivo doente assim é porque nós trabalhava...trabalhei desde os 10 anos ate os 16 quando eu vim pra cá na juta, por esse tempo nós tava trabalhando na juta, só que repartimo um bocado ia pra roça, trabalhava na roça outro bocado ia pra juta. Aí né, viemo, eu disse mamãe nós não vamo, não, mamãe. Não minha filha nós vamo, tua irmã não quer deixar nós aqui, nois vamo. Mamãe eu só vou porque naquele tempo a menina não se dominava com 16 como hoje né, só dispôs dos 22, com 16 tinha que acompanhar<sup>373</sup>.

Ainda que a contragosto, sentimento que não havia revelado no primeiro contato, Judith partiu com a família, protagonizada agora por três mulheres, ela, a mãe e a irmã mais velha, esta idealizadora da aventura, segundo nossa colaboradora, de vir morar e trabalhar em Manaus. Como salienta Alessandro Portelli, quando concordam em responder a uma entrevista, as pessoas não pensam em “reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar a disposição da filosofia dos outros”<sup>374</sup> e, nesse sentido, o que Judith nos apresenta nunca é uma simples sequência linear de eventos da sua vida. Presente e passado estão permanentemente dialogando em sua narrativa.

E, nessa perspectiva, cabe lembrar, que ao contrário do que pressupõe o senso comum, uma história de vida não pode ser percebida simplesmente como um caminho, uma estrada, uma carreira, um percurso orientado ou um deslocamento linear e unidirecional<sup>375</sup>, como salienta Bourdieu ao discutir questões relacionadas ao estudo da biografia. Mais que isso, para o autor

---

<sup>373</sup> Entrevista realizada com a colaboradora em 30/01/2016 em sua residência.

<sup>374</sup> PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memória e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 2

<sup>375</sup> BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica In: FERREIRA, Marieta de Moares & AMADO, Janaina. Usos e abusos da História Oral. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que se entrega a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em sequencias ordenadas segundo relações inteligíveis [...] Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito, a causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário<sup>376</sup>.

Nessa direção, Bourdieu destaca também que, mais que ênfase aos fatos ou eventos, o relato de Judith também vem carregado de significados e sentidos. Todas as atividades que realizou constituíram trabalho, desde as tarefas realizadas no ambiente doméstico até aquelas próprias do espaço rural interiorano, como roceira, juteira, na fabricação da farinha, assim como outras atividades que no decorrer da entrevista foi destacando, muitas delas desempenhadas concomitantemente, como as de carvoeira e lavadeira, essas já no ambiente urbano de Manaus. Judith se coloca assim como uma trabalhadora, status que, bem sabemos, muitas vezes a sociedade, a família e a própria história tornam invisíveis.

Como nos adverte Alessandro Portelli, a narrativa, de um modo geral, sempre envolve fatores pessoais e coletivos<sup>377</sup>. E, nesse sentido, a narrativa de Judith foi fecunda, pois indicou e permitiu entrever que sua experiência não foi de forma alguma isolada, única, mas compartilhada por outras mulheres que atuavam na atividade. Nessa direção, assim se reportou Judith sobre seus primeiros passos na urbe manauara, o trabalho e as observações que fez neste ambiente e lhe inspiraram posteriormente a entrar na atividade carvoeira, bem como as pressões e conflitos ocorridas no interior do espaço doméstico,

Aí eu vim pra cá né, cheguei aqui estranhei muito sabe, aí fui trabalhar. Trabalhei na fabrica de castanha, na quebra sabe [pausa] de castanha. Aí quando a fábrica fechou, aí foi quando eu comecei a ver as vizinha fazer o carvão né, aí fiquei vendo....aqui não tem esse Bariri? Aqui perto da ponte era isso, só que nós não morava no Bariri, nós morava entre a Matinha e a Boa Sorte, você conhece num conhece? Pois é a casa da minha irmã era lá. Aí vi a vizinha fazer carvão né, ai eu já estava noiva,

---

<sup>376</sup> BOURDIEU, Pierre. Op.cit., 2006, p. 184.

<sup>377</sup> PORTELLI, Alessandro. Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. Projeto história, São Paulo, n. 10, 1993, p. 43.

eu já tava noiva aí eu me casei, antes de fazer um ano que eu vim do sítio eu me casei. Eu cheguei aqui em agosto de 60, aí quando foi em julho de 61, dia 02 de julho eu me casei. Aí fui morar, num tinha precisão de trabalhar, quando a fábrica reabriu mandaro me chamar, o pessoal da fábrica mandaro me chamar, só que o meu esposo num deixou eu voltar pro trabalho...trabalhar. Eu já tinha um filho, tinha um filhinho quando mandaro me chamar, aí ele disse que não, que não era preciso, que tinha casa, tinha quem desse comer, tinha um menino [pausa] fiquei muito triste sabe porque eu queria voltar, toda a vida trabalhei, como eu tô lhe falando desde os meu 12 que eu trabalho. Aí tudo bem, foi o tempo que veio a arrumação de acabar a cidade flutuante, eu morava em flutuante aqui no Sulamérica. Aí e agora? Disse que a minha irmã veio [pausa] tu vai morar lá em casa, aquele quarto é de vocês ainda tá lá, cabe tudinho. Tu vai, Evaristo? Que era o nome do meu esposo, aí conversa com ela que vocês vão morar lá em casa, ai ele veio, que tal vamo morar lá na tua irmã? Eu disse num vô, Se quiser ir, vá, eu num vo, porque se eu quisesse tá lá, de lá eu já saí, pra lá eu num volto. Aí ele falou então nós vamo pra casa do papai, que era aqui em São Raimundo, a casa do pai dele tinha um bocado de quarto, grande casa. Aí eu digo pra lá eu também num vô, eu num vo porque o barranco quebra lá em cima e joga as casa e mata as pessoa, por isso eu num vô pra lá. [inaudível] Mulher eu não tenho condição de comprar uma casa agora, aí eu digo eu fico por ai mesmo, pelas beirada do rio, quem sabe. Ai ele falou que não [inaudível] tava no fim da conversa ela chegou, disse que tal vocês num resolvero ir pra lá? A mulher num vai não, disse que ela não vai porque de lá ela já saiu, ela num vai lá, eu não. Num vou obrigar fazer uma coisa que ela num quer. Ai ela disse rapaz o JG tá vendendo terra, vamo lá comprar um terreno, eu já comprei um pra mim.<sup>378</sup>

O estranhamento de Judith talvez estivesse ligado a nova realidade com a qual se depara quando chega a Manaus nesse momento: uma cidade grande, tanto espacial como demograficamente, e que, ao contrário da propugnada estagnação, encontrava-se em franca expansão<sup>379</sup>, processo este que, sabemos, se aceleraria ainda mais com a implantação da ZFM em 1967. Foi descascando castanha na Usina Alegria<sup>380</sup> que Judith, ainda com 16 anos de idade, deparou-se com o contexto do trabalho urbano em

---

<sup>378</sup> Entrevista realizada com a colaboradora em 30/01/2016 em sua residência

<sup>379</sup> O censo do IBGE de 1960 estimava uma população de 175.343 habitantes. Dez anos depois já era de 314.197 habitantes. Fonte: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>.

<sup>380</sup> A Usina Alegria compunha uma das empresas do grupo *Industrias I.B. Sabbá S/A* de propriedade do empresário Isaac Benayon Sabbá, filho de judeus marroquinos que chegaram a cidade em 1922 vindos de Belém. Após a Segunda Guerra Mundial, os negócios de Sabbá e de sua família apresentam grande crescimento, principalmente no beneficiamento de produtos extrativistas. No início da década de 1950, faziam parte desse grupo as seguintes empresas: Juta Brasil (beneficiamento e prensagem de Juta); Grupo Labor (atuando em várias atividades); Serraria Rodolfo; Cerâmica Boa Sorte (ramo de construção) e a Usina Alegria (beneficiamento de castanha). Fonte: Jornal do Comercio, 08 de janeiro de 1950. Em fins dessa década, Sabbá controlava o refino de petróleo na região e, segundo o jornalista Romeu Cabral, o “capitalista Sabat (sic)” era “dono também de quase todo o parque industrial de Manaus” (CABRAL, Romeu. *A Amazônia e o petróleo*. São Paulo: Editora Fulgor, 1960, p. 111)

Manaus. A usina funcionava apenas sazonalmente, tendo em vista que o beneficiamento do produto ocorria geralmente no período da entressafra, por volta do segundo semestre do ano.

Também chamam a atenção, na fala de Judith, as tensões que perpassam o espaço do lar no contexto das classes populares, sobretudo aquelas relacionadas a presença da mulher no mundo do trabalho. Conforme Luciane Campos, cuja análise sobre a emancipação feminina estende-se até a década de 1940, em Manaus, para as classes pobres, o trabalho feminino não era visto como algo natural aos olhos de pais, irmãos e maridos, mas por vezes necessário ao complemento da renda familiar em função da pauperização<sup>381</sup>. Nessa perspectiva,

toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco. Mesmo o trabalho das jovens das camadas populares nas fábricas, no comércio ou nos escritórios era aceito como uma fatalidade. Ainda que indispensável para a sobrevivência, o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso o trabalho deveria ser exercido de modo a não as afastar da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar<sup>382</sup>.

Por outro lado sublinhamos que mesmo em meio a essas pressões, Judith e certamente outras mulheres conseguiam articular e redefinir os limites do confinamento e da reclusão<sup>383</sup> a que eram submetidas muitas vezes. A aquiescência de Judith, num primeiro momento com a decisão do marido em impedi-la de trabalhar, fez com que a mesma investisse no uso de outros “poderes”<sup>384</sup> e estes certamente tencionaram e colocaram em xeque os limites dessa decisão; a negociação e a afirmação ocorrem em outra esfera, na escolha da moradia. Nesse sentido, são pertinentes as colocações da historiadora Michelle Perrot quando afirma que as mulheres

Não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam em outras palavras, outros gestos. Na cidade, na fábrica, elas tem outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do espaço do tempo e do espaço<sup>385</sup>.

---

<sup>381</sup> CAMPOS, Luciane M. Dantas de. Op. cit.,2010, p. 109.

<sup>382</sup> Ibidem, p. 109.

<sup>383</sup> JOSHI, Chitra. Op. cit., 2009, p. 148.

<sup>384</sup> PERROT, Michelle. Op. cit. 1988, p. 167.

<sup>385</sup> PERROT, Michelle. Op. cit. 1988, p. 212.

James Scott, ainda que direcione seus estudos e análises ao campesinato nos fornece elementos para perceber que a resistência também se manifesta cotidianamente. É importante perceber, assim, que nessa perspectiva a resistência constitui-se em si um processo que não está ligado somente a determinados momentos tidos como cruciais ou de maior dramaticidade.

Com efeito, o autor salienta, ainda, que, entre essas formas cotidianas de resistência cotidiana manifestadas em múltiplas atitudes, podem estar a falsa submissão, a simulação de ignorância, a falsa aquiescência, entre outras, as quais ele observou em uma comunidade camponesa localizada no nordeste da Malásia<sup>386</sup>. Nessa direção, nos adverte o autor:

Formas cotidianas de resistência não proporcionam manchetes jornalísticas. Da mesma forma que milhões de polipóides antozoários criam, sem planejamento e organização [*willy-nilly*], um recife de coral, assim também milhares e milhares de atos individuais de insubordinação e evasão criam sua própria barreira de recife econômica ou política<sup>387</sup>.

Ademais, as observações de Judith quanto ao preparo do carvão, ainda como operária da usina de castanha, tinham desse modo todo um sentido, podendo representar uma possibilidade de ganho futuro diante da sazonalidade do trabalho fabril. Em meio às longas viagens do marido, marítimo de embarcações regionais de pesca, Judith encontrou, no ofício da carvoaria uma estratégia para complementar seu próprio sustento e de sua família. Nesse sentido, Judith buscou criar seus próprios espaços de trabalho, burlando, pelo menos parcialmente, as proibições maritais, “aos meus 17 anos foi quando me casei aí fiquei casada, mas meu esposo viajava, aí foi justamente quando comecei a cuidar de carvão sabe”<sup>388</sup>.

Aproveitando a intensa movimentação comercial de produtos regionais que ocorria na praia do mercado, Judith adquiria o carvão neste espaço para revendê-lo no então distante e escuro bairro periférico de Santo Antônio, local que passou a morar após deixar a cidade flutuante e que nesse momento estava em processo de ocupação: “quando eu cheguei aqui eu vivi muito bem graças a Deus, só que num tinha água, nem

---

<sup>386</sup> SCOTT, James. *Los dominados y el arte de la resistencia*. Mexico DF: Ediciones Era, 2004.

<sup>387</sup> SCOTT, James. Exploração normal, resistência normal. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 5, Brasília, p. 227.

<sup>388</sup> Entrevista realizada em 30/01/2016 em sua residência.

luz e nem nada aqui”<sup>389</sup>. Sobre este aspecto, Raquel Soihet nos diz que a despeito dos privilégios patriarcais exercidos pelo marido no ambiente familiar/doméstico a sujeição feminina deve ser relativizada haja vista os pequenos atos de transgressão e rebeldia no interior do lar. Nesse sentido, afirma

Também, não raro mulheres assumiam o mando de casa, gerindo negócios e propriedade e entre os segmentos populares, as mulheres desfrutavam de inequívoca liberdade de movimentos. Mesmo entre as mulheres casadas (...) não foram poucas aquelas que trouxeram situações de conflitos para o casamento, sugerindo um distanciamento entre a normatização e as vivências concretas<sup>390</sup>

Em seus estudos sobre mulheres e a história do trabalho no contexto indiano, Chitra Joshi chama a atenção para a fluidez em relação aos limites impostos dentro do espaço doméstico, sendo o mesmo alvo constante de negociação e mudança<sup>391</sup>. Ao analisar narrativas de mulheres nesse contexto, a autora observa que

Narrativas como esta questionam as separações rígidas entre público e privado. Marcos explicativos que assumem que uma marginalização das mulheres das formas visíveis de trabalho levaram à reclusão e domesticidade tendem a fechar as fronteiras entre os espaços - entre o mundo de dentro e o de fora. As histórias das mulheres, ao contrário, trazem os processos através dos quais essas fronteiras foram negociadas e as linhas entre dentro e fora foram embaralhadas e redesenhadas<sup>392</sup>.

Entendemos, desse modo, que, a despeito das limitações e estereótipos postos pela sociedade ou mesmo pela família em relação a mulher, neste caso, a mulher casada, havia possibilidade de os mesmos serem redefinidos cotidianamente, abrindo assim relativos espaço de autonomia.

E foi com a perda do marido que Judith se viu obrigada a imprimir em sua luta cotidiana pela sobrevivência a abertura de novas frentes. Assumindo agora as responsabilidades pelo seu próprio sustento e da família, comprar e vender carvão já não seria suficiente para tal intento

dispois que Deus levou...aí eu...porque foi murro mano, foi murro, lavava pra fora, botava fogo na caiera, ai já ia, porque a mamãe que cuidava da cumida do pessoalzinho, nossos filho sabe, aí eu já pra beira do camburão sabe, trouxa de roupa.

---

<sup>389</sup> Entrevista realizada em 30/01/2016 em sua residência.

<sup>390</sup> SOIHET, Rachel. Op. cit. 1997, p. 290

<sup>391</sup> JOSHI, Chitra. Op. cit., 2009, p. 163.

<sup>392</sup> JOSHI, Chitra. Op. cit., 2009, p. 166.

Além da labuta diária no trabalho doméstico e as responsabilidades maternas Judith articula e redefine sua estratégia de sobrevivência, que passa a incluir os serviços como lavadeira. Aproveitando-se dos conhecimentos e observações que havia feito na vizinhança, quando ainda morava com a irmã, Judith substitui a compra do carvão pela produção própria. Sobre este processo, Judith assim narrou:

Era comprava na serraria, nas construção e lá do lixo, lá da beira do rio carregava a pé. É isso que ele fez, o livro. Eu tinha um sobrinho, esse meu sobrinho que eu falei que tá sem a perna, ele ficava com raiva que ele morava mais eu aí ele tava lá na parada de ônibus, eu vinha com um feixe de lenha na cabeça, sabe. Aí ele mais meu Deus do céu essa titia parece uma formiguinha com esses feixe de lenha na cabeça, titia pare com isso, titia. Rapaz, eu não tenho quem me dê, o que meu esposo deixou não dá pra mim conviver mais meus três filhos, pagando água, que luz eu não tinha, que esse aqui botou quando começou a trabalhar, mas a minha água eu tinha todo tempo, sabe. E outra que eu sou acostumada a trabalhar eu não me dou...procurar um dinheiro e eu não tem não...eu tenho meu dinheirinho...pouco mas eu tenho, eu guardo, eu poupo eu vou ali na taberna e compro uma coisa (...) Aí eu ia me embora carregar, ia na construção, aí eu falava com o motorista, né, tá dona eu vou levar uma carrada de lenha pra senhora, eu dizia quanto é, é tanto, quando eu recebia eu deixava aquele dinheiro, próprio pra me pagar o motorista que vinha trazer a madeira pra mim, aí ia fazer meu carvão, aqui no quintal. Se essa infeliz não tivesse dado parte eu ainda tava fazendo há muitos anos, agora que tudo acabou né, é tudo rua, tá cheia assim, naquele tempo não era uma casa aqui, outra acolá, tudo de madeira, agora não tudo é de alvenaria, não posso mais fazer, de jeito nenhum, não podia mais fazer<sup>393</sup>.

A solução encontrada por Judith para produzir o carvão vegetal em seu próprio quintal, ao contrário do que normalmente acontecia, podemos dizer, foi, no mínimo engenhosa e, ao mesmo tempo, estratégica, tendo em vista que lhe permitia conciliar com outras atividades, sobretudo no âmbito doméstico.

Embora as vizinhas do bairro da Matinha, onde morou inicialmente com a irmã, e que lhe suscitaram os planos de trabalhar com carvão não tenham sido localizadas, uma das indicações de Judith nos levaram a Raimunda Soares, que também fez da atividade da carvoaria um dos seus principais expedientes de sobrevivência.

Ao contrário de Judith, a conversa com Raimunda foi bem menos profícua, com menos detalhes e de respostas mais curtas e, por vezes, nossa colaboradora mostrava certa desconfiança, evidenciada pelo olhares atravessados e expressão corporal típica.

---

<sup>393</sup> Entrevista realizada em 30/01/2016 em sua residência



Raimunda viveu alguns dramas pessoais que talvez expliquem sua resignação e receio em retomar certos aspectos de seu passado. A infância, do qual pouco falou, só foi lembrada de lampejo em função da violência doméstica do pai e, ao narrar sua vida conjugal percebemos muitas situações traumáticas, como de infidelidade e abandono familiar.

Nesse sentido, quando me informou sobre sua vida escolar, Raimunda então destacou o seguinte: “porque o meu pai me bateu três vez pra mim num estudar mais, só os filhos dele, dizia que eu num era filha dele, ai eu fiquei burra, num sei ler, num sei escrever, num sei nada; é meu filho quando a gente tem um pai que num gosta da gente é triste”<sup>394</sup>.

Atitudes como a vontade de esquecer eventos que de algum modo remetem a situações perturbadoras ou mesmo o próprio silêncio sabemos que fazem parte, segundo Michael Pollak, de todo um trabalho psicológico do indivíduo em “controlar as feridas e tensões do passado”<sup>395</sup>. Nesse sentido, o autor argumenta ainda que

Pode-se imaginar, para aqueles e aquelas cuja vida foi marcada por múltiplas rupturas e traumatismos, a dificuldade colocada por esse trabalho de construção de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história. Assim como as memórias coletivas e a ordem social que elas contribuem para constituir, a memória individual resulta da gestão de um equilíbrio precário, de um sem-número de contradições e de tensões<sup>396</sup>

Entendemos, por outro lado, que esses elementos decerto constituem também o relato oral e, de modo algum, o tornam menos representativo ou muito menos o desqualificam, pois, na verdade, como salienta Portelli, “o discurso oral se apresenta mais como um processo do que um texto acabado”<sup>397</sup>. Por natureza, ainda segundo o autor, a pesquisa com fontes orais sempre será inconclusa, visto ser impossível exaurir a memória de um único informante<sup>398</sup>. Nesse sentido, assim narrou sua trajetória de trabalho:

---

<sup>394</sup> Entrevista realizada em 19/03/2016 em sua residência.

<sup>395</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 01. 2. n. 1, 1989, p. 12.

<sup>396</sup> POLLAK, Michael. Op.cit., 1989, p. 13.

<sup>397</sup> PORTELLI, Alessandro. Op. cit., 1996, p. 6-7

<sup>398</sup> PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História, São Paulo, nº 14, 1997, p. 36.

É...aí eu comecei a trabalhar, trabalhar, trabalhar e lavava pra fora, vendia carvão...pra criar as crianças, mas num abandonei nenhuma das criança, criei tudinho o mais velho mesmo mora aí atrás, que é o Eli, esse é o Zé, tem outros, mas os outro foro embora, só ficou eles dois aqui [...] Lavava pra fora, lavava arrumava, só isso que eu fazia [...] trabalhava num, trabalhava em outro. Pra pagar meu terreno, até quando eu peguei meu terreno meus filhos foram se criando e uns arranjaram mulher foram embora, uns arranjaram marido, foram embora, só que restou esses dois aqui, um na frente, outro atrás<sup>399</sup>

Como Judith, a vivência de Raimunda foi marcada também pela simultaneidade de atividades: além do trabalho doméstico, dos afazeres e responsabilidade de mãe, Raimunda recorreu aos ofícios de lavadeira e ao fabrico e venda de carvão vegetal em uma região periférica da cidade, então desprovida de serviços básicos de energia, água e transporte.

As experiências de Judith e Raimunda, mais que uma simples resposta à crise em que cidade estaria imersa neste contexto, pode revelar também outros aspectos, na medida em que elas conseguem articular estratégias de sobrevivência fora do ambiente doméstico, o que muitas vezes era limitado ou mal visto pela sociedade, pela família ou pelos próprios companheiros e, quando existiam tais espaços, geralmente ligavam-se as atividades relacionadas ao âmbito doméstico, como empregadas, arrumadeiras, lavadeiras, limpadoras, cozinheiras, etc.

Vale salientar, por fim, que a inserção dessas mulheres no trabalho em carvoaria desse modo, pode representar também, a nosso ver, a busca por seus próprios espaços de autonomia. Sabemos, contudo, que trajetórias como das nossas protagonistas, nem sempre foram objetos de preocupação acadêmica, permanecendo muitas vezes silenciadas no terreno historiográfico.

---

<sup>399</sup> Entrevista realizada com a colaboradora em 19/03/2016 em sua residência.

### 3.3. Infância e carvoaria

Os meninos carvoeiros  
Passam a caminho da cidade.  
– Eh, carvoero!  
E vão tocando os animais com um relho enorme.  
Os burros são magrinhos e velhos.  
Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.  
A aniagem é toda remendada.  
Os carvões caem.  
(Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe,  
dobrando-se com um gemido.)  
– Eh, carvoero!  
Só mesmo estas crianças raquíticas  
Vão bem com estes burrinhos descadeirados.  
A madrugada ingênua parece feita para eles...  
Pequenina, ingênua miséria!  
Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais  
como se brincásseis!  
–Eh, carvoero!  
Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,  
Encarapitados nas alimárias,  
Apostando corrida,  
Dançando, bamboleando nas cangalhas  
como espantalhos desamparados.  
(Meninos carvoeiros – Manuel Bandeira, Petrópolis, 1921)

Escrito na década de 1920, o poema do escritor Manuel Bandeira ressalta, em seus versos, a precariedade e o trabalho duro que perpassavam o cotidiano das crianças envolvidas na atividade carvoeira, chamando a atenção para o fato de que o trabalho na infância era uma realidade presente também neste espaço.

Em Manaus, no início da década de 1940, em mais uma ensolarada manhã do mês de setembro, na área central de Manaus um acidente quase vitimou um pequeno carvoeiro, que circulava em seu cavalo pelas ruas da área central da cidade. Pelas páginas da imprensa periódica, assim foi noticiado o fato

O bond, um cavalo e um menor.

Na Rua Costa Azevedo ocorreu hontem, as oitos horas, um desastre, no qual ia perdendo a vida um menor, vendedor de carvão. O bonde número trinta da linha da Fabrica de Cerveja, regressava naquele momento, para a estação, quando ao passar pela via pública acima referida, quase na esquina da Rua Vinte Quatro de maio, pegou um cavalo de carvoeiro, que, na ocasião, era montado pelo menor de treze anos Jucymar da Silva Salin. O bond, conduzido pelo motorista José Vianna da Silva, desenvolvia certa velocidade, não tendo o motorista a preocupação de bater a campá, pois desde a praça São Sebastião, o animal era visto sobre os trilhos. O cavalo, atingido numa das patas, saíu em disparada, arrastando o referido menor, que sofreu um ferimento leve na cabeça, enquanto que o animal teve algumas escoriações na perna. O menor foi transportado no carro da Assistência

Pública para a santa Casa, onde recebeu os curativos necessários, recolhendo-se depois a sua residência, na Chapada. O motorista foi preso em flagrante pelo guarda civil Enoch Coimbra dos Santos, que o conduziu á policia, onde ficou detido<sup>400</sup>.

A despeito do grave incidente noticiado, percebemos que alguns aspectos sobressaem-se nesta informação jornalística. O primeiro deles é a predominância do hábito popular de circular com animais pelas ruas da cidade, utilizando-os para transporte de carga, a despeito de dois anos antes o Código de Posturas do município proibir tal prática<sup>401</sup>. Como salientamos no capítulo anterior, essa atitude pode ser pensada como uma forma de resistência articulada no próprio cotidiano, conforme assevera o antropólogo James Scott<sup>402</sup>.

O outro aspecto e mais importante a se ressaltar é o trabalho na venda do carvão estar sendo realizado por um menor, cuja idade citada é de 13 anos. É importante observar que, em nenhum momento, tal fato foi colocado em questão na matéria jornalística, cuja preocupação central direcionou-se tão somente para o acidente em si.

Alguns anos depois deste incidente, chama a atenção também o fato de uma das principais serrarias da cidade empregar menores, a despeito de a Constituição<sup>403</sup> recém promulgada, proibir tal situação, sobretudo em ambientes perigosos e insalubres:

João Santos da Costa, residente a Rua Luiz Antony, 1070, comunicou ao juizado Tutelar de Menores, ontem que seu filho, de nome Luiz Carlos da Costa, de 15 de idade, empregado na Serraria Hore foi espancado barbaramente por um indivíduo chamado Manuel, empregado no mesmo estabelecimento. Pela autoridade foi mandado intimar o valentão, a-fim-de-que o mesmo fique sabendo que em filho alheio não se bate<sup>404</sup>

É perceptível que, nas referidas matérias, o emprego do termo *menor* direcionado aos sujeitos implicados, ou seja, aos membros das camadas pobres. Importante destacar também que, desde o período do império, há uma forte vinculação do referido termo à infração e a criminalidade<sup>405</sup>. As notícias citadas deixam entrever,

---

<sup>400</sup> Jornal do Comércio, 04 de setembro de 1940.

<sup>401</sup> Código de Posturas do Município de Manaus, Ato nº 44, 29 de julho de 1938.

<sup>402</sup> SCOTT, James. Los dominados y el arte de la resistencia. Cidade do México: Cultura Libre, 2000.

<sup>403</sup> Art. 157 da Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 18 de setembro de 1946.

<sup>404</sup> Jornal do Comércio, 04 de setembro de 1948.

<sup>405</sup> RIZZINI, Irma. *Assistência a Infância no Brasil: uma análise de sua construção*. Rio de Janeiro, Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.

de igual modo, que a criança das camadas populares desde cedo está presente como força de trabalho no espaço urbano, seja ele público ou privado<sup>406</sup>.

Certamente que as crianças das classes mais abastadas, embora também tivessem seus afazeres, eram educadas e preparadas para outras atividades, como o escritor e poeta Thiago de Mello, que, em seu livro de memórias da cidade, destaca as atividades que devia cumprir antes dos estudos

Devia andar pelos meus dez anos. Acordava às seis da manhã e (com o caboclo Augusto meu bom irmão-de-criação) descia até a beira do rio, a recolher lenha para o fogão de casa. Voltava e ia regar as plantações do jardim de minha mãe, quem sempre me recomendava especial carinho para com suas begônias. Terminava essa tarefa e saía correndo à esquina da José Paranaguá, em busca do Jornal do Commercio para o meu pai. Regressava, meio correndo, tomava o meu banho, vestia o uniforme escolar, tomava o meu café com macaxeira cozida [...] e então saíamos, com a mana Maria Julia, para as aulas. Era esse o programa matinal de cada dia<sup>407</sup>.

É notório que as concepções de criança e infância são socialmente construídas e transmutam-se ao longo do tempo e também no espaço. Nesse sentido, é relevante observar que, durante séculos, o trabalho realizado pela criança, dependendo da classe social, foi considerado como algo comum e até desejável<sup>408</sup>. No período aqui em questão, delinea-se como uma de transição para o entendimento atual que se tem da infância e da criança e da fase que lhe sucede, a adolescência.<sup>409</sup>

Oposto à realidade descrita por Thiago de Mello, as experiências de vida e trabalho aqui observadas demonstram que o envolvimento nas atividades laborais iniciava-se muito cedo e invariavelmente as crianças não dispunham de acesso a uma educação formal. Nesse sentido, Wilton Alves afirmou

É, com sete anos eu comecei a fazer, vamos dizer em sete anos já comecei a trabalhar no roçado, roçando, derrubando, fazendo trabalhando na agricultura já (...) Meu pai morreu eu tinha 1 ano, 1 ano e 2 meses quando meu pai morreu, só tinha mãe. Fiquei trabalhando já por conta própria, porque já trabalhava no campo ne, era por conta própria mesmo, fazia o que podia, não tinha força de cortar, fazia aquele pião, ate derrubar o pau<sup>410</sup>.

---

<sup>406</sup> Ressaltamos nesse sentido a pesquisa da historiadora Alba Pessoa Barbosa que tematiza as dimensões do trabalho infantil em Manaus no período da borracha (1890-1920)

<sup>407</sup> MELLO, Thiago de. Manaus, amor e memória. Rio de Janeiro: Philobliblion, 1984, p. 21.

<sup>408</sup> PESSOA, A. B. Op.cit, p. 17.

<sup>409</sup> SAVAGE, Jon. A criação da juventude: Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

<sup>410</sup> Entrevista realizada em 01 de outubro de 2016 em sua residência.

Chama a atenção, tanto no relato de Wilton, quanto nos dos demais entrevistados, que as atividades que exerciam tinham uma significativa base familiar. Desse modo, no âmbito da família, o período da infância era concebido como destinado à aprendizagem. No entanto, como ressalta a historiadora Alba Pessoa, sendo das classes menos favorecidas, “seria uma aprendizagem que possibilitasse o uso de suas forças de trabalho”<sup>411</sup>.

---

<sup>411</sup> PESSOA, A. B. Op.cit, p. 223.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que, em meados da década de 1940, a Amazônia e, mais especificamente, a cidade de Manaus viveram a euforia de um novo *boom* da borracha advindo dos esforços do Brasil com os Aliados na Segunda Guerra Mundial. Este momento foi tão efêmero quanto o primeiro surto gomífero e, cessando o conflito bélico, o entusiasmo acabou, a borracha novamente desvalorizou-se e a cidade continuou vivendo e sobrevivendo, mas em outros ritmos e formas.

A historiografia oficial, no entanto, ao enfatizar a memória de uma cidade estagnada, paralisada, continuamente em crise, desde a derrocada da economia gomífera, na década de 1920 até a implantação da Zona Franca, quando, enfim seria, redimida, acaba por relegar, no processo histórico da cidade, diversas experiências, processos e sujeitos forjados nesse contexto. Nesse sentido é que visualizamos, no período, uma cidade em constante movimento, seja pela fluxo de interioranos que chegavam à capital para negociar seus produtos florestais ou mesmo para morar e trabalhar, seja pelas múltiplas atividades e ofícios cotidianos articulados por homens e mulheres em sua luta pela sobrevivência.

Nesse quadro, verificamos também que o carvão vegetal possuía ainda todo um significado econômico para o país e sobretudo para a cidade de Manaus, pois dele provinha boa parte de sua sustentação energética, seja no ambiente doméstico, seja em outros espaços. Ainda que, ao longo do período, novas formas e fontes de energia tenham sido implementadas, esse produto ainda continuou presente e sendo utilizado cotidianamente na cidade, como, aliás, é até hoje.

No bojo de todo esse processo é que enfatizamos a presença, no espaço urbano de Manaus, da categoria dos carvoeiros, os trabalhadores que, com seus métodos artesanais, produziam e manejavam o carvão vegetal consumido pela população, usinas elétricas, oficinas e outros locais, vendendo-o também pelas ruas, calçadas, esquinas e margens fluviais da cidade.

A despeito das dificuldades e questões teórico-metodológicas que envolvem o uso das fontes orais, observamos neste trabalho a imensa fecundidade proporcionada por esse tipo de fonte, o que certamente representa uma grande riqueza para a pesquisa

histórica. Por meio das entrevistas, tivemos acesso aos lugares da memória desses sujeitos históricos, remetendo-nos às diversas espacialidades que cotidianamente articulavam para trabalhar, viver, morar, enfim, sobreviver numa cidade tida como estagnada. Além disso, seus relatos e trajetórias pessoais permitiram-nos conhecer suas lutas cotidianas, ao mesmo tempo que suas percepções dessa espacialidade.

Durante a pesquisa, emergiram alguns questionamentos e temáticas que foram importantes na busca dos objetivos inicialmente levantados. Nesse sentido, destacamos o trabalho das mulheres na atividade da carvoaria, a priori uma atividade masculina. Através das fontes orais levantadas e as entrevistas com as senhoras Judith dos Santos e Raimunda Soares, percebemos, entretanto, que as mulheres enquanto sujeitos históricos da cidade apropriaram-se e articularam em torno desse ofício uma estratégia própria de sobrevivência.

Salientamos que não foi propósito do trabalho vislumbrar na experiência dessas mulheres uma perspectiva vitimizadora, ou mesmo de transformar suas ações em um ato de heroísmo frente à situação em que viviam, ou mesmo buscar o excepcional e o extraordinário em suas práticas, mas compreender como construíram seus próprios espaços no contexto em que se encontravam.

Os relatos dos entrevistados, dos memorialistas, assim como as notícias veiculadas pela imprensa mostraram que o trabalho infantil, assim como ocorria em outras atividades e espaços sociais, também marcava intrinsecamente esta atividade. Sendo um trabalho, sobretudo o momento da produção do carvão, de base familiar, era notório que a criança estivesse presente.

Lamento não ter conseguido ao longo da pesquisa algumas informações e dados quantitativos relacionados à atividade no período aqui analisando, tais como: número de trabalhadores envolvidos, preços praticados, renda etc. Infelizmente não localizamos no cartório responsável por registros civis nenhum documento que indicasse uma tentativa de organização e oficialização institucional da categoria. Certamente que estes dados e informações proporcionariam uma compreensão mais abrangente do nosso objeto de estudo.

Por fim, salientamos que, muito embora os trabalhadores aqui abordados, os carvoeiros e carvoeiras, não tenham constituído uma estratégia formal de organização, como sindicatos, e expressado suas demandas e insatisfações em greves e outros tipos



de manifestações, eles entrelaçaram, em suas próprias formas cotidianas de viver, trabalhar e morar, atitudes de resistência. Acreditamos, assim, que a experiência social de todos os sujeitos históricos, em especial dos trabalhadores, não se esgota apenas em sua organização formal ou institucional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Moacir. Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1985.
- ARAÚJO, André Vidal de. Sociologia de Manaus – Aspectos de Sua Aculturação. Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1974 (Coleção Pindorama, vol. 2).
- AZEVEDO, Elciene; CHALHOUB, Sidney et al (Orgs). Trabalhadores na Cidade. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências. In: Historiografia Brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 1998.
- BATALHA, Cláudio. “A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Tendências e Debates”. In: FERITAS, Marcos Cezar (Org.). Historiografia Brasileira em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 1998, p. 145-158.
- BATISTA, Djalma. O Complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento. Manaus: Valer, 2007.
- BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um pouco antes e além depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1997.
- BERNARDO, Roseli T. O Carvão Nacional: do discurso formado à ação concretizada, 1880-1930. In: FILHO, Alcides Goulart (org.). Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRANNSTROM, Christiam. “A madeira foi o combustível que moveu a industrialização brasileira? Avaliando a hipótese da madeira, 1900-1960. In: FRANCO, Jose Luiz de Andrade et al (orgs). Historia Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- BRESCIANNI, M<sup>a</sup> Stella. “Cidade e História”. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (org.). Cidade: História e Desafios. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- CHALHOUB, Sidney & SILVA, Fernando T. da. Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980. Campinas, Cad. AEL, v. 14, n.26, 2009.
- CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim. 2<sup>a</sup> ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- CORREA, Armando Magalhães. O Sertão Carioca. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936.
- CORREA, Luiz de Miranda. A Borracha da Amazônia e a II Guerra Mundial. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1967.
- COSTA, Francisca Deusa Sena da. Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana: Trabalhadores Urbanos em Manaus (1890-1915). Manaus: Valer/Fapeam, 2014.
- DAOU Ana Maria. Cidade, teatro e o “Paiz das seringueiras”: práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX. Rio de Janeiro: Rio Book’s, 2014.

- DEAN, Warren. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. A Ilusão do Fausto: Manaus – 1890-1920. Manaus: Valer Editora, 1999.
- ELIAS, Cezar Antônio. Fabricação de Carvão Vegetal. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
- FENELON, Déa et al (Orgs) Muitas Memórias, Outras Histórias. São Paulo: Olho D'água, 2004.
- FENELON, Dea Ribeiro. “Cultura e História Social – Historiografia e Pesquisa”. In Projeto História. São Paulo, nº 10, dez. 1993.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FILHO, Alcides Goularti & LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. Relações de Trabalho e formação da mão-de-obra mineira em Santa Catarina. In: FILHO, Alcides Goularti (org.). Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.
- FILHO, Jose Dantas & DORATIOTO, Francisco Fernando M. De Getúlio a Getúlio: O Brasil de Dutra e Vargas, 1945 a 1954. São Paulo: Atual, 1991.
- FORTES, Alexandre et al (Orgs). Cruzando Fronteiras: Novos olhares sobre a História do Trabalho. São Paulo: Perseu Abramo, 2013.
- FORTES, Alexandre. Do reformismo tecnocrático ao nacionalismo de massas: a II Guerra Mundial e a emergência do trabalhismo brasileiro IN: FERRERAS, Norberto O. (org.). A Questão nacional e as tradições nacional-estatistas no Brasil, América latina e África. Rio de Janeiro: FGV, 2015.
- GUERRA, Claudio. “O carvão vegetal no Brasil” In: PRADO, Marcos. Os carvoeiros. Brasília: Ministério da Cultura, 1999.
- HANNER, June. Pobreza e Política: Os pobres urbanos no Brasil. Brasília: EDUMB, 1999.
- HOBBSAMW, Eric. Mundos do Trabalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOBBSAMW, Eric. Sobre História. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- HOBBSAWM, Eric J. A Era das Revoluções: 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- HOBBSAWM, Eric. A Era do Capital, 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- KLOVAN, Felipe Figueiró. Quebrando a calma: a mobilização dos mineiros de carvão do Rio Grande do Sul pelo cumprimento das leis trabalhistas durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas (1930-1934). In: Revista Mundos do Trabalho, vol. 7, n.14, jul-dez/2015.
- LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. Soldados da Borracha: das vivencia do passado às lutas contemporâneas. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2013.
- LINDEN, Marcel van der. Rumo a uma nova conceituação histórica da classe trabalhadora mundial. História, São Paulo, v. 24, n. 42.

- LOUREIRO, Antônio. O Amazonas na época imperial. Manaus: T.Loureiro & Cia., 1989.
- LOUREIRO, Antônio. Tempos de esperança: Amazonas 1917-1945. Manaus: Ed. Sérgio Cardoso, 1994.
- MACHADO, Jose Alberto da Costa et el. Metamorfose do modelo Zona Franca de Manaus: desafios à pesquisa e ao planejamento regional. In: SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir de (orgs.). Amazônia: políticas públicas e diversidade cultural. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- MEIHY, José Carlos S. Bom. Manual de História Oral. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MELO, Thiago de. Manaus, Amor e Memória. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984 (Coleção Ofício do Viver, 1)
- MESQUISTA, Otoni. Manaus – História e Arquitetura (1852-1910). Manaus: Valer Editora, 1999.
- MESQUITA, Otoni. La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900). Manaus: Edua, 2009.
- MOURA, Gerson. Relações exteriores do Brasil, 1939-1950: Mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: FUNAG, 2012.
- OLIVEIRA, Jose Aldemir de. Manaus de 1920 a 1967: A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer, 2003,
- OLIVEIRA, Rogerio Ribeiro de & FRAGA, Joana Stingel. Metabolismo social de uma floresta e de uma cidade: paisagem, carvoeiros e invisibilidade social no Rio de Janeiro dos séculos XIX e XX. Revista do Departamento de Geografia da PUC/Rio, ano 4, n. 7, 2011.
- PERES, Jefferson. Evocação de Manaus: como eu a vi e sonhei. Manaus: Valer, 2002.
- PESAVENTO, Sandra J. Uma Outra Cidade: O Mundo dos Excluídos no final do século XIX. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os Pobres da Cidade. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1994.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1889-1925). Manaus: Edua, 1999.
- PINTO, Maria Inez Machado Borjes. Cotidiano e Sobrevivência: A Vida do Trabalhador Pobre na Cidade de São Paulo (1890-1914). São Paulo: Edusp, 1994 (Campi; 18).
- PORTELLI, Alessandro. *História Oral e Poder*. Mnemosine Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010) –Artigos - Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2010.
- PRADO, Marcos. Os Carvoeiros. Brasil: Ministério da Cultura, 1999.
- PRAIA, Benta Litaiff. A crise da economia e o mundo do trabalho em Manaus (1910-1930). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas. Manaus: 2010.

PRINS, Gwin. “História Oral” In: BURKE, Peter (org.). A Escrita da História – Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1998, pp.

REIS, Arthur. Súmula de História do Amazonas. Manaus: Ed. Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

RIBEIRO, Berta G. Amazônia Urgente: Cinco séculos de história e ecologia. 2.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990 (Col. Reconquista do Brasil, v.13)

SANTOS JUNIOR, Paulo Marreiro dos. Criminalidade e criminalização de práticas populares em Manaus, 1906-1917. 2005. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

SCOTT, James. Exploração normal, resistência normal. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, pp. 217-243. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n5/a09n5.pdf>.

SHARPE, Jim. “A História Vista de Baixo” In: BURKE, Peter (org.). A Escrita da História – Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1998, pp.

SILVA, Patrícia Rodrigues da. Disputando Espaço, Construindo Sentidos: Vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/Am – 1967-2010). Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

SOUZA, Elza Coelho de. “Carvoeiro” In: Revista Brasileira de Geografia, Out-Dez 1946, n. 4.

SOUZA, Leno José Barata. “Cidade Flutuante” - Uma Manaus Sobre as Águas (1920-1967). Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica/SP. 2010.

SOUZA, Marcio. História da Amazônia. Manaus: Valer, 2009.

SPERANZA, Clarice. Cavando Direitos – As leis trabalhistas e os conflitos entre trabalhadores patrões nas minas do Rio Grande do Sul nos anos 40 e 50. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

THIÉBLOT, Marcel Jules. Escuros artesãos de uma valiosa energia: carvoeiros e carvão de lenha. São Paulo: Escola de Folclore, 1984 (coleção pesquisa, vol. 9).

THOMPSON, Edward Palmer. A Formação da Classe Operária Inglesa. 3 vols. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. Costumes em Comum. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et al. A Pesquisa em História. 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 1995 (Série Princípios).

WEINSTEIN, Barbara. A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920). São Paulo: HUCITEC, 1993 (Estudos históricos, 20).

WILLIAMS, Raymond. “Campo e Cidade”. In: O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

## **FONTES:**

### **1. Revistas e coletâneas**

- 1.1. Revista Brasileira de Geografia, ano VIII, Out-Dez 1946, n. 4
- 1.2. Revista Brasileira de geografia, Ano XII, Abr-Jun 1950, n. 2
- 1.3. Coletânea IBGE – Tipos e Aspectos do Brasil: Excertos da Revista Brasileira de Geografia, Rio de janeiro, 1956.

### **2. Periódicos:**

- 2.1. Jornal do Comércio
- 2.2. O Jornal
- 2.3. Folha do Povo

### **3. Documentos oficiais:**

- 3.1. Código de Posturas Municipais de 1938, Ato nº 44 de 29 de julho de 1938.
- 3.2. Mensagens:
  - 3.2.1. Interventor Álvaro Botelho Maia (Maio de 1942 – Maio de 1943)
  - 3.2.1. Interventor Álvaro Botelho Maia (Maio de 1943 – Junho de 1944)
  - 3.2.2. Governador Leopoldo Amorim da Silva Neves (1948-1950)
  - 3.2.3. Governador Álvaro Botelho Maia (1951-1954)
  - 3.2.4. Governador Plínio Ramos Coelho (1955-1958)

### **4. Relatos orais (Anexo 2)**

- 4.1. Wilton Alves Pereira – carvoeiro
- 4.2. Alfredo Castro – carvoeiro
- 4.3. Francisco Soares da Silva - carvoeiro
- 4.4. Judith dos Santos – carvoeira
- 4.5. Raimunda Soares – carvoeira
- 4.6. Moacir Andrade – escritor

# ANEXOS



## Anexo 1 – Roteiro das Questões

### Roteiro básico das questões aplicadas aos entrevistados:

1. Qual o seu nome completo?
2. Onde e quando o(a) senhor(a) nasceu?
3. Fale um pouco sobre sua vida nesse lugar.
4. Seus pais eram de onde? Qual a profissão deles?
5. Porque veio pra Manaus? Quando foi?
6. Onde o(a) senhor(a) morou?
7. Onde trabalhou?
8. Como era esse trabalho? O que o(a) senhor(a) lembra?
9. Porque começou a trabalhar como carvoeiro(a)?
10. Quanto tempo trabalhou(a) nessa atividade?
11. Como foi para a senhor(a) esse tempo em que trabalhou como carvoeiro(a)?
12. Porque saiu dessa atividade?
13. Quais foram os maiores problemas nesse tempo?
14. De quem era o carvão com o qual o(a) senhor(a) trabalhava?
15. O que o(a) senhora lembra dessa época?
16. Onde faziam o carvão?
17. Qual era a finalidade do carvão na época?
18. O(a) senhor(a) lembra de alguma tipo de associação ou sindicato?
19. Como era o seu funcionamento?
20. Havia alguma fiscalização em relação a atividade de vocês?
21. Quais as dificuldades?



## Anexo 2 – Entrevistas

### Entrevista 1



Nome: Wilson Alves Pereira

Endereço atual: Rua Henrique Archer Pinto, 125 – Santa Luzia

Nascimento: 1930

Naturalidade: Manaquiri/AM

Data da entrevista: 01/10/2016

Local: residência

---

Sérgio: Quando o senhor começou a trabalhar como carvoeiro?

Wilton: Eu comecei a trabalhar como carvoeiro a minha idade era 14 anos, agora eu tenho nessa profissão de agricultor, como carvoeiro...Então eu comecei em ...1945.

Sérgio: Porque o senhor começou a trabalhar como carvoeiro?

Wilton: Porque nessa época que era o meu tempo o emprego era difícil, não existia emprego, não tinha facilidade de vida, e a vida era trabalhar na agricultura, como carvoeiro, como roceiro, como vamos dizer comerciante ambulante, que você anda no rio, e na parte que você não tem dificuldade qualquer parte você pode parar, então nesse tempo que era difícil o emprego, a gente vivia pela agricultura, vivia pelo que produzia.

Sérgio: O senhor morava no interior?

Wilton: É morava no interior. E me acostumei nesse trabalho né, e não é tanto demais, mas a gente ganhava o pão, pelos menos é a vida que a gente tem que e liberto, não é *sujigado* (sic), o empregado, o empregador ele é preso se não cumprir a ordem de seu trabalho ele não pode subir na altura do seu mandato. Então eu me senti que me dei bem e até agora estou aqui e já tenho certeza que não vou mudar mais, porque já tamos no final do tempo mesmo e aqui eu espero ate o dia que Deus quer teja vivo. Esse o meu desejo é a minha vida que eu tenho de vida.

Sérgio: Quando o senhor começou a trabalhar como carvoeiro como era o trabalho?

Wilton: O trabalho era difícil, o trabalho não era como agora não, o trabalho era um serviço muito difícil mesmo, a gente trabalhava quase (...) naqueles tempos, não tinha motor, era andando assim a voga, a voga que eu digo é uns esquife que a gente botava

na popa do barco né, saía remando, remando quase meio dia, quando não era 5 horas, 6 horas, não tinha motor, motor era difícil, agora não, é uma facilidade, muito fácil né, muito motor, acabou esse negocio de voga, acabou esse negocio de remo, tem caminhão né, e facilidade agora é outra diferente. A facilidade diferente assim quer dizer pro ganho, mas na vida assim material, ela tá perigosa, devida a muita perseguição, mas se a pessoa souber levar a vida, a vida que faz primeiramente é Deus a gente obedecendo as ordens que Deus manda a gente ver meio longe.

Sérgio: o que mudou da sua época pra cá no trabalho do carvoeiro?

Wilton: Ah! Pra mim mudou na diferença, porque naquele tempo como acabei de falar que a gente andava de remo, de voga e agora ninguém anda mais, espera no ponto de trabalho e a gente já tem a vida mais sossegada, eu sofri muito, andava muito no rio, passava noites e noites sem dormir, agora já é diferente, agora a gente já espera pra trabalhar não anda pra trabalhar mais pra trabalhar mais, já espera pra trabalhar.

Sérgio: O senhor mesmo que fazia o carvão pra vender?

Wilton: Uma parte eu fazia, que naquele tempo não tinha comprador e de dez pra frente, pegando 52 anos 55, aí a gente já ia comprando de outros, outros colegas, outros companheiros das família que fazia (pausa) e a gente ia ajudando aqueles que não podia ter recursos a gente ia ajudando, mas agora não, é diferente, agora o carvão é um comércio.

Sérgio: O carvão era feito aqui mesmo em Manaus?

Wilton: Não, o carvão era feito no interior, vamos dizer, era feito no Castanho, alto Rio Negro, o carvão mais conhecido era o de Puraquequara, o carvão mais conhecido nesse tempo não tinha lavra, não tinha caminhão, como eu to falando era carregado na voga, no remo mesmo, tirava um dia e meio no remo, remando, remando, remando, ate chegar aqui no porto de Manaus. Mas naquela época Manaus era uma população pouca, não é como agora, agora Manaus tá grande.

Sérgio: Então eles traziam para cá o pessoal comprava e vendia?

Wilton: É, aí eles ficava encostado pelas beiras, beira do rio, das praias, pra ficar vendendo na lata, duas latas, no saco dez sacos, conforme o comprador viesse comprar. Agora não existe mais isso não, agora não tem mais, acabou-se, agora tá diferente.

Sérgio: Mas a venda tinha um ponto fixo?

Wilton: Não, a venda era ambulante, você vendia hoje aqui, amanhã vendia mais na frente, era um comércio ambulante como eu tô falando né. Conforme o rio ia também ia descendo a gente ia mudando de ponto, porque trabalhava no rio e a gente ia pelo o rio, quando o rio tava cheio a gente subia mais pra cima quando ele secava a gente descia.

Sérgio: Quais eram as fontes de compra de carvão, onde eram os locais?

Wilton: Olha naquela minha época era conhecido como o igarapé de Manaus, praia da frente da cidade, depois São Raimundo, Panair, isso tudo era ponto de comercio, de venda né.

Sérgio: Quando é que mudou a venda ambulante para venda no lugar fixo?

Wilton: Olha! Ele passou assim depois que começou a facilidade dos caminhoneiros né, começavam a trazer, aí a facilidade ia dando mais e vamos dizer que de 90 (pausa) de 85 pra cá, aí a mudança mudou mesmo, aí parou esse negocio de barco, de canoa, essas coisas assim, aí ficamos com o caminhoneiro na rua né, também é uma parte que não tem ponto, porque os caminhoneiros eles anda, eles vende um pouco aqui, outro pouco ali, é já que compram e trazem né, já não mais a gente que anda mais, já é eles, então eles vem com esse carvão aí eles não tem ponto também não, vende um pouco aqui, um pouco ali, e a cidade já tá maior a população ta grande e aí já é assim como eu to dizendo, ninguém ter ponto certo né, pra vender.

Sérgio: O senhor vendia na sua época assim ambulante também?

Wilton: É como eu tô dizendo vendia ambulante, é pela a praia, pelos igarapés, não tinha freguês certo não, era conforme a época né, conforme o tempo aí a gente vendia, encostava na beira como um peixeiro, uma coisa qualquer.

Sergio: Mas existia a venda de rua, de casa em casa?

Wilton: Naquele tempo tinha os carvoeiros de cabeça, cabeça que eu digo e aqueles que enchiam o saco, botavam na costa e saiam vendendo de porta em porta. Naquele tempo não tinha caminhoneiro, não tinha entregador, não tinha como tá agora, era os carvoeiros de cabeça que andavam de pé, vendendo cada um vendia uma lata,

Sergio: Eles tinham meio de transporte?

Wilton: Não, é como eu tô dizendo era na costa carregando na cesta, não era na costa mesmo, naquela tinha muita gente que trabalhava vendendo assim na rua, igualmente; não tem esses peixeiros que põe tabuleiro e sai na rua? Assim mesmo era o carvoeiro naquela época, botava na costa e saiam gritando carvoeiro! Carvoeiro! E abra a porta comprava uma lata, comprava uma sala, naquela época churrascaria não tinha, era difícil, não tinha esse movimento de churrascaria, agora não mudou, cresceu, Manaus cresceu muito. Agora o carvão já tá quase um comércio social, e o comércio que dando mais e mais carvão.

Sergio: Na sua época o carvão era usado mais que esse?

Wilton: Era só forno, no carvão, só na cozinha e oficina aquelas oficinas que vendia ferro, metal pra fazer palheta, fazer letra, isso existia, não existia churrascaria como eu tô falado naquela época não existia, era muito pouco mesmo, pouco, pouco, agora não a cidade tá completa, é banquinha pra cá, banquinha pra lá, em toda parte existe sua venda né, aí um compra uma lata, outra compra duas e vai embora.

Sergio: Existiam muitos carvoeiros na sua época?

Wilton: Olha! Era uma base assim... Vamos dizer que tinha uns 35 a 40 carvoeiros de rua, que trabalhava nessa profissão de carregar na cabeça.

Sergio: O senhor vendia onde?

Wilton: Na beira encostado né, aí nem tinha freguês, era pra desse na hora, quem aparecesse você terminava de vender, aí ia embora e ia pegar outra de novo e assim era a venda naquele tempo.

Sergio: Dava pra viver com a renda do carvão naquela época?

Wilton: Olha! Dava porque como eu acabei de falar nesse tempo existia emprego, os empregos era vamos dizer assim tempo de política, que tinha os deputados, tinha vereador, tinha o governo e as pessoas de alta sociedade, de mais nível e grau, graúdo né. Mas não existia distrito, não existia fabrica, não existia nada.

Sergio: Na sua época a cidade vivia de que?

Wilton: Nessa época era só agricultura, era macaxeira, era laranja, era batata, era maxixe, era banana, agora não existe mais.

Sergio: Não tinha fabrica aqui em Manaus?

Wilton: Nesse tempo ainda não, as indústrias cresceram de oitenta e cinco pra cá, naquela época era duas fábricas, uma de castanha e a de sova, isso foi na fábricas muito antiga.

Sergio: O senhor lembra?

Wilton: É a fábrica de castanha e a fábrica de sova que eu não sei o nome da firma, né, mas essa fábrica existiam e nesse tempo era tirada a balata, a sova, nessa época, do mato, acompanha igualmente a gente como trabalhava no tempo do carvão isso já era outro ramo né, e que dá se o nome agora de soldado da borracha, mas isso já se acabou.

Sergio: Com a Zona Franca mudou alguma coisa pra vocês?

Wilton: Rapaz mudou né, primeiramente pra jovem, jovem de responsabilidade que tem vontade de crescer mudou muito porque deu muito emprego e também eu não me

queixo do nosso governo, do nosso prefeito, que pra mim no homem de responsabilidade, um homem de valor, um homem de família, que sabe dirigir o grupo, a cidade de Manaus e eu acho que melhor do que esse não pode existir um, só tem um que pode modificar mais, que é Deus, mas que eu acho que tá bom demais, a vida tá boa demais pra quem quer crescer, pra quem quer ser alguma coisa na vida, a vida tá boa demais, tem muito estudo. Naquele meu tempo não existia o estudo, eu só fiz o 1º ano, que agora não os governo os prefeito...

Sergio: O 1º ano que o senhor fala é a alfabetização?

Wilton: É, agora não o governo, o prefeito tem ajudado muito, quem se queixa que eles são um governo e prefeito ruim é porque não querem ajudar eles, mas que bom eles são, são demais, que eu acho pra entrar outro pra melhorar a capacidade que eles tem, é como eu acabei de falar, só Deus.

Sergio: Por falar nisso da sua época pra cá os governos que passaram por aqui como é que eles se relacionaram com vocês? Foram bons?

Wilton: Ah! Uma boa pessoa né, sua pessoa de conhecimento, de colocação, pessoas que conhece a necessidade do carente, da família e eu acho que é como eu acabei de dizer tem sido um bom governo.

Sergio: Na época quem governava?

Wilton: Olha! Na minha época eu alcancei o governador que era o [inaudível], o Álvaro Maia de governava cidade e pra fora do Rio o Getúlio Vargas e Juscelino, e agora não tenho lembrança de outros mais também.

Sergio: Eles fizeram algum benefício a vocês?

Wilton: Rapaz! Eles foram um bom governo, porque só tinha uma coisa que eles que não perseguiram ninguém né, a gente era liberto como a gente é ate agora eu não me queixo pra mim não ninguém ruim na minha vida, nunca, nunca, nunca me senti infeliz sempre me senti muito feliz, ate hoje me sinto feliz, possuo minha família, tenho meu lar e tenho saúde ainda e eu me sinto muito feliz de ser vivo, de ser um cristão.

Sergio: O que é ser um carvoeiro para o senhor?

Wilton: Olha! O carvoeiro é uma pessoa que batalha né, uma pessoa que tem vontade de trabalhar pra quem tem vontade de trabalhar porque pra quem não tem vontade isso é um serviço duro, um serviço duro primeiramente na sujeira né, suja mesmo, então pra quem tem vergonha, não quer tá sujo pra ele não tem valor, pra mim tem, pra mim o trabalho tem valor, pra mim tem, pra mim o trabalhador tem valor, digo que tem valor, porque reconheço por mim né, e desde essa época de jovem com 12 anos eu comecei a batalhar e ate hoje me senti feliz porque fui criado no trabalho, fui criado com responsabilidade e essa resp. me trouxe resp. demais e ordenança na família.

Sergio: O que trouxe o senhor pra trabalhar nessa profissão?

Wilton: Ah, isso ai foi a necessidade mesmo, é porque naquele tempo como eu acabei de falar que não existia emprego e a gente se virava né, fazia um carvão, cortava uma lenha, naquele tempo existia os navios de a vapor que andava, não existia esse barco agora que é a óleo, que são *deslisadeira*, no meu tempo não existia nada disso, era queimado na lenha e ai eles andava assim como rebocador.

Sergio: E a sua família?

Wilton: A minha família...

Sergio: Não na época?

Wilton: Ah! Minha família nesse tempo, eu era solteiro, só tinha minha mãe né.

Sergio: Morava no interior?

Wilton: Morava.

Sergio: E o senhor ajudava?

Wilton: Depois de 12 anos comecei a trabalhar eu comecei a ajudar né, ajudei bastante, ai no tempo que a mamãe morreu, ai já fiquei casado, ai eu já fiquei responsável, ajudando no meu trabalho né, e ate hoje estou aqui graças a Deus.

Sergio: O senhor gosta desse trabalho?

Wilton: rapaz eu adoro né, eu adoro por que é um serviço que como eu acabei de dizer pra quem tem vontade de ganhar o pão ele não vai escolher que é, porque aqui nem que você queira andar até na gravata (risos) porque o trabalho é porco mesmo, é sujo né, mas isso não importa, pra mim não importa, o que importa é a capacidade e a minha responsabilidade.

Sergio: O senhor gostaria de ter tido um trabalho fixo, empregado de carteira assinada?

Wilton: Não eu nunca gostei não, porque eu nunca gostei porque emprego é bom numa parte, mas a gente num faz o que quer né, porque as vezes a gente quer folga um dia, dois dias ou quer dar uma passeada, ai tá preso, se não ser as férias né, nunca gostei, gostei sempre de trabalhar por conta própria.

Sergio: Esse ponto aqui já existia na época?

Wilton: Não, não existia não, nesse ponto não existia não.

Sergio: E o que existia aqui?

Wilton: Isso aqui era rua que ela era uma usina de luz que era a sub-usina, que era virada a vapor, a lenha, na da energia não, era virada a vapor. Nessa época aqui não tinha nada, não, era uma fábrica. Era como eu tô falando a gente vendia pelas as beiras encostado como um capim, um pau qualquer que encostasse e toda aparte da cidade, São Raimundo, Cachoeirinha, cidade de Manaus, Panair, toda parte.

Sergio: Hoje que quem vocês compram carvão?

Wilton: Olha, não tem fornecedor certo não, a gente compra como uma mercadoria que vem de outras partes né, fornece necessidade, conforme a hora que a gente pode aí, não tem ninguém certo não.

Sergio: Que, o senhor acha que lucra mais com o carvão, quem produz, quem revende, quem revende?

Wilton: Rapaz, eu acho que ganha mais pouco é que vende, porque o que faz mesmo ele sofre muito.

Sergio: O senhor sabe como se faz o carvão?

Wilton: Sei, profissional, conheço a matéria só no olhar, só no trabalho eu conheço.

Sergio: Além do uso doméstico em que mais o carvão era usado?

Wilton: Só tinha o carvão mesmo e a lenha, primeiramente a lenha da lenha era o carvão. Fogão desses fogão agora que tem agora não tinha. Naquela época não tinha.

Sergio: Mas tinha lenha e tinha o carvão?

Wilton: É porque a lenha é pau que tá cru.

Sergio: A lenha era usada pra que?

Wilton: Usava pra fogão pra cozinhar do mesmo jeito.

Sergio: E o carvão?

Wilton: O carvão significa nessa época agora com quem podia ter fogão, e assim do mesmo jeito era naquela época, quem queimava carvão era milionário, era rico e o carente só queimava lenha, a panela ficava preta de sujo, era isso aí.

Sergio: E além do uso doméstico era usado mais em que?

Wilton: Não era usado só isso mesmo.

Sergio: Em fábricas não usava?

Wilton: Não nesse tempo não existia fábrica que queimasse carvão. Existia uns motor que viajava no rio que era queimando o carvão assim, mas era pouco, eu acho que não tinha 3% do motor que fazia.

Sergio: Isso tudo quando o senhor começou?

Wilton: Isso quando eu comecei.

Sergio: Depois passou a ser usado em mais alguma coisa?

Wilton: Aí depois foi continuando, ele foi aumentando assim como a população que vem do interior. Naquele tempo o povo mais era do interior, agora não, agora a cidade já é completa do povo do interior, cresceu mais a facilidade, cresceu mais emprego, melhorou mais os governos, os prefeitos, as situação financeira.

Sergio: Então era exclusivamente doméstico?

Wilton: Existia, como eu acabei de dizer naquela outra vez que tinha oficinas, que ela gastava né, oficina, alguma churrascaria pequena, mas a maior parte era pra vender pra fogão mesmo.

Sergio: Os carvoeiros que trabalhavam na época eram de onde?

Wilton: Rapaz a maior parte era amazonense, maior esse que trabalhava como eu falei naquele meu tempo aqui mesmo só tem um, que é o padastro do Alfredo, era os carvoeiros de rua, isso tudo já morreram já.

Sergio: Quando o senhor começou tinha muito carvoeiros antigos?

Wilton: Tinha muito carvoeiro só que a gente permanecia assim na rua era como eu falei, era ambulante, encostava pra cá. Encostava pra lá, não tinha paradeiro certo, era um comércio ambulante, sabe como é o comércio ambulante? Você enche uma canoa de fruta e sai gritando fruteiro, fruteiro, vende aqui, vende ali não tem ponto.

Sergio: Existia algum de outro estado?

Wilton: Tinha não, era só daqui mesmo, só Manaus mesmo.

Sergio: Como é se produzia o carvão na sua época?

Wilton: O carvão sempre foi feito só em dois tempos, que o de caeira e esse de forno, que feito a forno como padaria, não existia mais outra coisa, fora disso.

Sergio: Como é o de caiera?

Wilton: O de caiera, é lotado em uma da terra, aí cerca pelos lados, põe terra em uma lata afoga, aí ela vai queimando e a gente puxando [inaudível] né, até quando termina de queimar pau termina de puxar o carvão.

Sergio: E o outro?

Wilton: O outro é como eu tô dizendo agora, é olaria, é a forma, jogar a lenha dentro e aí quando ele toca fogo nele, só terra ele depois de queimar todinho, que ele apaga sem não ter fogo.

Sergio: Desde o senhor começou é assim?

Wilton: Desde que eu comecei foi assim.

Sergio: Não mudou nada?

Wilton: Não, nada, nada.

Sergio: O processo foi sempre assim?

Wilton: Foi sempre esse, dois material o de caeira e o de forno.

Sergio: O que mudou de agora que vocês compram na cidade?

Wilton: O que mudou foi que cresceu a estabelecimento do pessoal e cresceu também a praça, o comércio que vende, naquele tempo era pouco o que fazia esse trabalho.

Sergio: Vocês compravam no interior?

Wilton: É só vinha do interior, só dois local do rio, é como eu acabei de falar, vinha do Castanho, vinha daqui do Puraquequara e do Rio Negro, era sós esses dois.

Sergio: E quando começou a ter lenha aqui em Manaus?

Wilton: Rapaz, isso passou a vir de 85 pra cá aqui em Manaus, ninguém fez não, passou a vim de caminhão é dos mesma mata de longe só que aqui em Manaus não fábrica mas vem de longe de Novo Ayrão.

Sergio: Existia algum conflito entre vocês?

Wilton: Rapaz, tinha não, era difícil, naquele tempo a população, era pouca. Aquela gente encostava vamos dizer...Se a gente tava usando um ponto, se nos éramos, aí eu chegasse por primeiro, ficasse no primeiro, chegasse por dois, ficava por dois... até chegar a minha vez, ficava parado o barco, aí aquele que tava na frente vendia tudinho, aí dava a vez pra outro, todo tempo foi unido, era assim, agora não pode ser assim como era naquela época, porque é praça, ninguém não esperar o caso aquele tudinho que ele não vai ficar vendendo ne, aí quando ele acaba ele quer meter outro de novo, é uma loja, um comércio, o carvão é uma loja e caso não ter as feira moderna, cada um tem a sua pedra, agora o que faz a venda, pra ele se manter mais, vende mais e ele mesmo, e ele ser uma pessoa atenciosa, uma pessoa humana, uma pessoa que não seja grosseira, porque você chega aqui, quer um saco de carvão, diz: “eu quero esse aqui”eu tiro, pela minha ignorância eu digo eu não poso, porque aqui não pode tirar, tá ruim né, aí já perdi assim não vou com aquele cara mais, como eu acabei de falar, me senti feliz desde a minha mocidade, mas casei, tô feliz, primeiramente mais feliz por eu tenho Deus no meu lugar, na minha família, a casa mais suportando que eu tenho no mundo é ter Cristo.

Sergio: Vocês tiveram sindicato?

Wilton: Chegamos a ter, mais só que não foi avante, não tinha uma pessoa que, eu falo assim, uma pessoa assim, honesta né, não tinha naquele tempo.

Sergio: Por que não deu certo?

Wilton: Por que não deu mesmo, você não vê como o governo, como é o prefeito, se entra um prefeito que ele não faz uma obra que é preciso ele não atura na prefeitura.

Sergio: Quando o senhor começou já existia esse sindicato?

Wilton: Não, ainda não, cresceu depois de, ele vem de 65 pra frente.

Sergio: Quando durou?

Wilton: Ele aturou (pausa), ele aturou (pausa) pouco tempo, agora em 72 que veio o sindicato rural que é o sindicato rural, que é dessa do aposentado, né, não tem aposentado pelo sindicato, esse é o sindicato rural porque esse que trabalhava na agricultura, aqueles que pegavam direito, que tem terreno, que tem sitio, que permanece até hoje no seu trabalho e uns que já tão idoso no trabalho mais se aposentou pelo benefício do seu trabalho.

Sergio: O senhor lembra de algum dirigente?

Wilton: Sim

Sergio: Ele funciona onde?

Wilton? Rapaz, ele funcionava aqui em Manaus eu não sei nem a direção onde era.

Sergio: Qual era a relação desse sindicato de vocês?

Wilton: Não, a relação era que quando estivesse, viesse assim do IBAMA, naquele tempo era IBDF, então era em representante que ia lá, no advogado né mas, não continuou não, não agora.

Sergio: A renda que o senhor conseguia na época dava pra vocês?

Wilton: Rapaz era obrigado, por que não tinha emprego naquela época, como eu acabei de falar, né, a gente vivia da lavoura mesmo, até a lavoura naquele tempo não tinha valor se vocês plantasse, muita macaxeira não tinha pra quem vender, a população era pouca.

Sergio: O senhor usava pra que?

Wilton: A gente usava mesmo porque é o interior ele tem uma facilidade da água, não paga água, não paga luz, não paga o peixe que a gente pesca, e usava mesmo só pra gente manter, comprar uma roupa, e uma açúcar, um café, não tinha riqueza, pra dizer assim vou comprar um barco, vou comprar um motor, que a renda era fraca, mas Deus, diz assim que a gente nós podemos morrer de outra coisa mas não de fome, né.

Sergio: O senhor ajudava seus pais?

Wilton: Naquela época não tinha mais pai, eu fiquei sem pai com dois anos, quando eu me entendi, cresci, já me cresci por conta própria, primeiramente de Deus.

Sergio: Os seus pais eram daqui mesmo?

Wilton: Os meus pais era amazonense mesmo, daqui da terra mesmo do Amazonas.

Sergio: Qual lugar?

Wilton: Manaus mesmo, interior de Manaus.

Sergio: Como o senhor que a população da época ela via o trabalho do carvão, como ela olhava o carvoeiro?

Wilton: O trabalho do carvoeiro é como eu acabei de dizer era um trabalho classificoso, um trabalho assim, não existia outro ramo pra trabalhar.

Sergio: As outras pessoas da cidade?

Wilton: Não é, o normal é o mesmo como tá agora mesmo, porque cada tem um o seu viver, cada um tem o seu trabalho, cada um...O camarada passa aqui ele tá vendo é o mesmo serviço, é o mesmo *pretume*. Agora a facilidade tá mais porque tem os apoio do governo, do prefeito, o governo Amazonino Mendes tem sido um bom governo nesse Amazonas.

Sergio: Algum governo já perseguiu vocês?

Wilton: Olha! Aqui mesmo só teve uma perseguição de prefeito que foi aquele Artur Neto, que ele acabou com os carentes, que ele deixou muitos pais de família com dividas, e até hoje não se levantou, mas fora desse não teve. O Alfredo Nascimento é um pai pra população esse é o nome do carente, de coração de Deus, ele e o governo Amazonino, as pessoas muito bom demais, bom mesmo, dizer que existe ruindade é porque existe mesmo, porque nem tudo é igual, pra cristo não existe fiel, né.

Sergio: Vocês tinham liberdade pra trabalhar na sua época?

Wilton: Tinha, igualmente agora.

Sergio: Ninguém perseguiu vocês?

Wilton: Não, igualmente agora, por que olha a liberdade pela lei ela tem que existir a lei, por que se não existe uma lei, a nação fica sem. Vamos dizer assim sem um governo, tem que ter a lei, a lei era ampara, a lei pra comparar sempre a pessoa acha que é ruim, mas não é não.

Sergio: Quando começou a diminuir o numero de carvoeiro?

Wilton: é porque foi morrendo, as pessoa e outros largaram nossa a profissão.

Sergio: O trabalho passava assim de pai pra filho?

Wilton: Naquela minha época passava, ainda existia o pai que trabalhava, largou na mão do filho. É isso.

Sergio: A partir de quando mais ou menos começou a diminuir?

Wilton: Olha! Vamos dizer de 78 começou a fracassar mais a venda.

Sergio: Por quê?

Wilton: Porque é como eu disse a *melhoração* foi melhorando a situação, o emprego né, começou os trabalho de fábrica, distrito, aí muitos que não se deram bem largaram.

Sérgio: Fale um pouco sobre a rotina de trabalho?

Wilton: Eu acordava cedo, 6h da manha já tava na hora do trabalho, ia pro mato trabalhar, ia roçar, derrubar madeira, naquele tempo não tinha moto serra, era só machado, aí botava o roçado pra secar como a gente chama se cai que eu digo é pra [inaudível] a folha, ai com 8 dias, 10 dias a gente tocava fogo nele, aí aquele folha maior, aqueles bichos, aqueles insetos, saia, queimava e ai a gente ia rolar madeira pra fazer o carvão depois de tirar toda aquela madeira ali quente naquele local aí a plantar, plantava macaxeira, banana, maxixe, cará.

Sergio: E na venda do carvão?



Wilton: Era a mesma hora, era até mais cedo 4 h da madrugada, já tinha gente já batendo pra comprar, chamando, aí a gente se levantava, fazia o café, era com carvão mesmo que não tinha fogão naquela época aí atendia o freguês ate 5h da tarde. O almoço era sem paradeiro, é como quem trabalha no exercito, naquela época não tinha dizer assim vou dormir 8h, depois de meio dia, por isso que eu agradeço a Deus fui casado ate hoje, tinha minha esposa viva, tenho 43 de casado e a minha responsabilidade eu assumir como homem.

Sergio: E o senhor morava aqui em Manaus?

Wilton: Não, morava no interior.

Sergio: Quando terminava a venda o senhor voltava?

Wilton: Voltava novamente, tornava a trabalhar e essa vida foi assim.

Sergio: Quando o senhor passou a morar aqui em Manaus?

Wilton: Olha já de 88 pra cá, passei a passar pra cá, por que ai faltava medico, assim a respeito as vezes de caso de doença, vamos dizer o estudo, por que os professores não tinha o 1 grau 2 grau, era professor de faculdade, mas esse tempo foi bom.

Sergio: Como era a diversão do senhor?

Wilton: Rapaz era a festa, a mesma festa só que não é essa festa de agora que naquela época era uma festa social e o pessoal se agarrava, ficava dançando direitinho, agora não é aquele zigue-zigue que ninguém sabe que é homem, que é mulher. Muito diferente daquela época, a festa daquela época 4h da madrugada todas as famílias que representava quando terminava todo mundo ai embora e pronto, muita gente brigava, não tinha nada.

Sergio: Isso no interior?

Wilton: É.

Sergio: E aqui?

Wilton: Aqui a festa era pouca.

Sergio: E o senhor ia?

Wilton: Não, a festa aqui era pouca, tinha a festa dos trabalhador, aquelas festa de clube, Rio Negro, uma operaria, isso tudo se acabou já não existia mais, era festa social aquela festa, agora não cada canto de rua você era festa, o pessoal pulando.

Sergio: O senhor frequentava a zonas?

Wilton: Não, nunca por que eu não gostava mesmo, não ia mesmo, porque eu tinha muito terror, muito medo de andar mesmo, não ia não, ia pra meu trabalho, acabava tomava meu banho.

Sergio: A maneira que o senhor chegava em Manaus era ate a beira?

Wilton: É, ai saia pra fazer uma compra, comprar um pão, as coisas pra levar e ai voltava novamente.

Sergio: As coisas eram caras?

Wilton: Rapaz, naquele tempo as era barata, barata. Porque com eu acabei de dizer não existia concorrência de venda, se você tinha produção de três você não vendia, porque era pouca gente né, agora não pode trazer 10.000 abacaxi que vendemos.

Sergio: Como é que o senhor ver o futuro do carvoeiro, do trabalho do carvoeiro?

Wilton: Olha! Pra jovem mesmo eu acredito que não é futuro porque é um serviço sem segurança, conta própria agora ele só tem um objetivo, se ele responsabilizar a sua economia, pra fazer sua economia, sua caixa, fazer seu deposito, pra quando ele chegar na hora que precisar ele ter, mas que hoje em dia pra jovem é o estudo que tá em primeiro lugar o estudo, por que ele se forma pra engenheiro, se forma pra doutor, enfermeira, médico, advogado.

Sergio: O senhor acha que a profissão vai durar muito tempo?

Wilton: Isso não se acaba mais não, isso ai é para sempre é ate a vinda de cristo, por que o carvão agora ele tá um comércio, ele é um comércio mesmo, não é uma mercadoria que ninguém conheça não, aqui no Amazonas mesmo todo mundo conhece, em qualquer portinha de comércio, de casa tem um carvão pra vender, ai não vai acabar mais não, só quando Deus quiser mesmo.

Sergio: O senhor acha importante seu trabalho?

Wilton: Rapaz, pra mim é, eu tenho comigo duas orientações no meu trabalho: eu me acostumei a acordar cedo e nesse que eu acordo cedo a responsabilidade que eu levo na minha casa, que eu acordo cedo, que eu não durmo ate 8h do dia, se eu fosse empregado qualquer forma, em qualquer fábrica, qualquer coisa eu era o mesmo.

2ª Entrevista:

Sergio: O que mudou da época que o senhor começou pra agora?

Wilton: Não é nada não é a mesma coisa, agora tem mais facilidade tem mais facilidade porque eu já falei era na caieira né, agora no forno é vamos dizer o como é que se diz ah... (pausa) como que da o que eu ia falar, pera aí, a facilidade é mais fácil né, é como eu acabei de falar ele agora a gente colhe ele em sete dias, três queimando é quatro queimando e três esfriando dá sete dias, naquela época era na caieira era um mês, era vinte dias e ia puxando de pouquinho e agora não, você toca fogo quando esfria aí você tira de uma vez, então a facilidade é essa que tem facilidade tem mais importância, que naquele tempo era cabo de machado né, não tinha motosserra, era um sofrimento que o homem do campo sofria, por isso que nos como eu que trabalhei 70 anos no campo, trabalhei tanto e não foi só eu que trabalhei quantos e quantos e quantos, trabalharam no meu tempo de idade e agora esses caras tão colocando a mão pra roubar deixando os carentes sem nada, sofrendo porque se eles fossem, se eles pegassem uma época de cabo de machado de cabo de *teçado* (sic) eles eram honesto como eu, até o momento que sou vivo sou honesto.

Sérgio: O senhor começou trabalhar com carvão mais ou menos em 1945 foi?

Wilton: É, com sete anos eu comecei a fazer, vamos dizer em sete anos já comecei a trabalhar no roçado, roçando, derrubando, fazendo trabalhando na agricultura já, até em 75 trabalhei.

Sergio: o senhor começou ajudando os seus pais?

Wilton: Não, meu pai morreu eu tinha 1 ano, 1 ano e 2 meses quando meu pai morreu, só tinha mãe. Fiquei trabalhando já por conta própria, porque já trabalhava no campo né, era por conta própria mesmo, fazia o que podia, não tinha força de cortar, fazia aquele pião, ate derrubar o pau, então se na época que nos temo os governantes que são governantes do país pegasse uma época que eu peguei eles eram honesto, era homens honesto mesmo, mas a facilidade agora é...não tem pobre que não consegue viver mais porque só querem viver na custa do pobre [inaudível]. A cidade você paga um horror de água, paga um horror de energia e se você não tiver um trabalho, um bom ganho, acontece que esse povo da rua é roubar porque não tem onde viver, ai vão meter a mão.

Sérgio: é verdade, o senhor começou a fazer carvão porque?

Wilton: É por que onde trazia pra cá pra Manaus mesmo, vender pelas beiras do rio né.

Sergio: Em Manaus se usava muito carvão?

Wilton: Naquela época, o gasto era mais fraco, naquela época não tinha muita churrascaria, pouca churrascaria né, não tinha o movimento que tem agora, ai tinha uns carvoeiro que vendia na costa saindo com os peixeiros que sai vendendo, ai passava 10 dias, 15 dias pra vender ai acabava de vender, voltava de novo ia fazer outro de novo pra tornar voltar, assim a gente ia levando tempo né.

Sergio: Mas lá onde o senhor morava no Manaquiri outras pessoas faziam o carvão?

Wilton: Faziam, nós éramos...vamos dizer umas vinte, vinte e cinco família trabalhava no campo, esse no campo que eu digo a gente colocava o roçado e fazia a caieira né, plantava mandioca, plantava banana, plantava cana, aproveitava a terra aí a gente ia vivendo né, porque era da farinha da mandioca, mas era uma vida, era uma vida que era aberto era uma vida que era amplo, não existia, primeiramente como existia os ladrão hoje em dia; naquele tempo não existia ladrão, não existia imposto de transporte pra fora que era o IBDF né; você era livre, trazia sua mercadoria, era abertamente livre, não tinha imposto de tartaruga, não imposto de farinha, num tinha imposto de nada, se era um vivente vivia de mão aberta, vivia sem dificuldade agora não né, você tem que ler a lei, a lei manda você tem que obedecer, a lei né, mas também você obedecendo a lei, acabou o tempo ruim porque não tem dificuldade.

Sergio: Então quer dizer que antes do IBDF não havia nenhuma fiscalização, não havia nenhuma perseguição?

Wilton: Não, não havia nada não você trabalhava amplo, livre, em qualquer parte que você encostava, fazia sua farinha, fazia sua caieira, não tinha dificuldade, não tinha imposto não tinha nada, só existia o imposto da mercadoria e comércio que era o que a gente comprava né, que é o essa dá se pagava os imposto para os fiscal, fora disso não existia nada que sem dificuldade, era o tempo de rosa como chamavam naquela época, não tinha perseguição, muita fartura, muito peixe, caça, você num matava uma caça porque você não tinha necessidade de matar porque tinha o que comer o que beber era bom demais, era uma época que dava seus nomes nos alfabetos mas era uns alfabetos fiel que não roubava que tinha sua palavra certa, agora não, agora ninguém só estamos esperando em Deus mesmo, fora Deus não tem mais ninguém.

Sergio: então quer dizer que quando surgiu o IBDF, começou a ficar mais difícil o trabalho?

Wilton: É porque só vendia mais quem tinha o imposto né, quem pagava, mas ele vivia do mesmo jeito assim, trazia se pagar, mas se ele pagasse pra ele era melhor porque ela já com seus direito na mão, quer sair pra qualquer estrada qualquer país, ele tinha contabilidade pra sair, ia na fazenda pagar aquela mercadoria, era uma mercadoria aberta pra qualquer um país né, mas fora isso eles vendia qualquer coisa como vendia agora; quem trabalha no seu direito trabalha bem, trabalha do trambique, daqui pra acolá tá pegando uma bomba, então a vida ficou assim do mesmo jeito que aconteceu, só que naquela época os imposto não existia assim mas amplo mais aberto mais livre, era difícil perder uma mercadoria, ninguém não via uma mercadoria *trambiqueira*.

Sérgio: mas antes do IBDF vocês pagavam alguma coisa pra prefeitura pro exemplo?

Wilton: Só comerciante, ele pagava alvará né, que é obrigação do comerciante negociar e pagar o alvará e era só, fora disso ninguém pagava nada porque o comerciante quando vendia era com sua licença, vamo dizer ele butava o comércio aí tirava o alvará e ia vender o açúcar, o café, então a gente não pagava nada, quem pagava era eles mas, naquela época já vinha descontando o imposto né. Uma vida boa.

Sergio: Até na época do IBDF o senhor mesmo fazia o carvão ou o senhor que comprava, como era?

Wilton: Eu fazia e eu comprava e onde eu morava...que morava no interior e agora tô aqui em Manaus é muito companheiros muitos parceiros muitos colegas, não tinha pra quem vender aí vinha comigo e eu comprava deles trazia pra cá, vendia e pagava lá né era um ganho também pra eles né, mas não existia fiscalização porque não existia mesmo porque você colocava o roçado aí não existia imposto de território, de trabalho, não tinha nada, trabalhava de consciência aberta, era público, era livre, não existia o imposto.

Sérgio: E muita gente trabalhava também com o carvão além do senhor?

Wilton: Trabalhava! Todos os companheiros onde eu morava botava o roçado e do roçado ele fazia o carvão, fazia caieira né, fazia o carvão e também dava pra se manter né. Era barato, pouco, mas dava pra se manter, com aquele dinheiro do carvão ele comprava o açúcar, comprava o café, comprava sua roupa, comprava sapato.

Sérgio: Mas e eles viviam só do carvão?

Wilton: Não, vivia da agricultura da roça, então a vida era mais fácil, não tinha perseguição, vida boa mesmo.

Sérgio: E vocês, o senhor iam vender na beira do igarapé?

Wilton: Vendia, encostava aí, conforme a água como vai agora né, a gente trabalhava né, quando o rio enchia a gente vinha pras cabeceiras, quando o rio secava como tá agora, ficava pelas praias, lá ficava pelas beira, era bom demais.

Sérgio: E quando você passou vender lá na calçada?

Wilton: Ahh! Isso aí já foi a *licenciada*, quando comecei a pagar o sindicato rural, que até hoje eu tenho a carteira do sindicato rural, paguei até trinta e poucos anos eu paguei o sindicato rural, aí eu deixei de trabalhar no rio, aí subi pra calçada né, ai melhorou a respeito de me classificar a vida, passando sono, viajando, comprava aí mesmo, o caminhão trazia na beira, mas não existia é perseguição de IBDF, era livre, não tinha; aí existia, mas a gente não pagava direto porque era a lei não *acoxava* né, trabalhava público. Aí cansei de comprar, muitos e muitos carvão aí pro lado do Rio Preto no verão; Rio Negro, não existia imposto, imposto só quando você ia transporta uma carga pra fora, aí você ia na fazenda pagava aquela quantidade do metro, ai era livre né.

Sérgio: e o senhor lembra o nome de outras pessoas que trabalhavam ai, nessa beira do igarapé na calçada?

Wilton: Não, aqueles que eram meus companheiros tudo já é morto já.

Sérgio: O senhor lembra o nome de alguns?

Wilton: Rapaz! Esse tempo já foi embora, já morreram já, só tá mesmo eu que não quis mais trabalhar, também me aposentei né, graças a Deus, paguei os meus direitos e me aposentei, aí continuei trabalhando assim sacrificado, porque não tem necessidade né.

Sérgio: e qual foi assim a época que o senhor lembra assim em relação o carvão, a venda?

Wilton: Não, pra mim foi bom, era um ramo, era um ganho que você ganhava seu pão, você tinha vontade fazer um imóvel você fazia, se você tinha vontade de tirar um dinheiro no banco você tirava e tinha um ramo pra pagar né! Vamo dizer assim, queria comprar uma geladeira, uma coisa de necessidade uma máquina, você tinha com que se manter e ganhar pra pagar um ramo que não é mal não.

Sérgio: Mas esse tempo todo que o senhor trabalhou teve tempo teve tempo difícil, tempo ruim?

Wilton: Não, até hoje pra mim nunca encontrei dificuldade graças a Deus.

Sérgio: Assim em relação ao trabalho com o carvão.

Wilton: Não, não encontrei não, nunca, como tô dizendo sempre meus trabalhos foi um trabalho honesto né, eu me criei numa época que minha mãe soube me criar, então nunca achei dificuldade na minha vida, fui um filho que sempre obedeci o que minha mãe falava, era feliz e sou feliz até hoje.

Sérgio: A produção e a venda do carvão, tinha uma época que assim era difícil?

Wilton: Não, não existia nada de época difícil, como eu tô falando né, tempo difícil é o que passa mesmo porque as dificuldade vem porque a pessoa trabalhando no seu direito no seu ramo, no seu trabalho não existe dificuldade, dificuldade pra ele é só quando quer ser um cara *trambiqueiro*, mas se ele for um homem de negócio não existe dificuldade pra mim nunca existe, eu agradeço a Deus até hoje.

Sérgio: Quantos anos o senhor tá trabalhando no carvão mesmo?

Wilton: Não, no campo eu trabalhei 75 anos, trabalhando ne, no campo.

Sérgio: E inclui o carvão também?

Wilton: É, incluía tudo também, o carvão a roça, fazia a farinha, fazia [inaudível], *beju*, e vivia bem graças a Deus.

Sérgio: E quando o senhor trazia o carvão, o senhor trazia essas outras mercadorias também?

Wilton: Não, só vinha com o carvão mesmo. Quando eu vinha com carvão era só carvão, as mercadorias vendia lá mesmo, farinha, essas coisas assim, mas nunca achei dificuldade, eu agradeço a Deus.

Sérgio: E desde a época que o senhor começou a trabalhar assim, quais são as coisas mais fortes que o senhor lembra? Assim desse tempo de trabalho com o carvão?

Wilton: Não, pra mim o tempo foi igual. Como eu acabei de falar, honesto com crédito, se eu não tinha aquele capital pra manter mas eu tinha aquele crédito, mas vendia pagava e até hoje se eu quisesse trabalhar ainda, que não tô mais trabalhando, tenho onde entrar e pegar, qualquer quantidade pra vender e é muito trabalho já, quero mais não, é muito serviço, agora é um ramo bom né, o comércio é um ramo bom, o comércio é um ramo que você trabalhou direitinho, todo dia você tem seu ganho é melhor do que tá empregado, porque empregado hoje você tá e quando pensa que não o patrão dá a conta e, você trabalhando por conta própria não, você vai mantendo conforme você vive e tenho um pensamento: sendo uma pessoa esperta que tem vontade de ter e cresce porque, ele vai juntando né e com um pouco mais ele já tá um empresário já muda bastante, agora quando ele num tem vontade fica difícil, pra ele né, aí nada dá certo, sendo um negócio certo direito, graças a Deus pra mim nunca teve tempo ruim.

Sérgio: E sua família seu Wilton, o que o senhor falar sobre sua família?

Wilton: Ah, minha família tá bem graças a Deus, todos estão bem agradeço a Deus porque durante eu tá aqui na cidade sempre foi uma família que até hoje são tudo vivo né, foi a riqueza mais que Deus me Deus foi tá com família vivo, porque esse que diz assim que eu tenho dez, quinze apartamento, dois, três carro isso não é vantagem não. Nada daqui você leva, morre você vai deixar o que você goza daqui é ter vida, saúde, tá bem de saúde, não adianta ser milionário doente que nem comer você não pode né, então não adianta nada é melhor ser um pobre carente de saúde e ter Deus na sua vida em primeiro lugar né. Ter Deus na sua vida não tem nada, o meu advogado que eu tenho é Deus.

Sérgio: Quando que o senhor resolveu de mudar aqui pra Manaus?

Wilton: Ah os meus filhos começaram a crescer, o estudo era fraco lá onde eu morava, a oportunidade não era, não tinha oportunidade de professor, as classes era até o segundo ano, como eu vivia no ramo que dava pra me manter com a família aí me mudei de uma vez com a família pra cá, que a aqui em Manaus mesmo eu moro trinta e oito anos aqui em Manaus com a família, mas tão tudo bem graças a Deus, todos estão formado, tão filho, tão de saúde e uns filhos abençoado que Deus me abençoou e essa benção caiu na minha família também, então não tenho o que me queixar da vida, a vida é essa mesmo viveu honesto não existe dificuldade, dificuldade só quando quer ser bandido né principalmente a vida.

Sérgio: E seus filhos sempre lhe ajudaram nesse trabalho?

Wilton: É, todos eles me ajudaram graças a Deus. Só no trabalho que eu tava mesmo quando eles eram menor, eles estudavam não podiam me ajudar né, foram crescer aí foram estudando que o estudo é mais importante, primeiramente Deus e o estudo que é mais importante, o estudo leva pra sociedade né, então ele tem muita vantagem o estudo, conhecimento do que ele vai fazer do que ele tá errado, do que ele tá certo e até hoje graças a Deus eu agradeço a Deus.

Sergio: E quando o senhor de mudou pra cá pra Manaus, aí já comprava o carvão da onde? Como o senhor fazia em relação ao trabalho?

Wilton: Vinha daqui já da estrada, Rio Preto da Eva, depois que me mudei deixei de trazer do interior.

Sérgio: Mas o pessoal não fazia mais lá no interior?

Wilton: Não, depois que eu sai eles não fizeram mais acabaram deixaram de fazer, aí vim pra cá né, aí fiquei morando na cidade, aí fiquei comprando da estrada, não viajei mais pra lá, mas a vida continua melhor numa parte porque eu não tinha muito mal trato de perigo de andar no rio, de comprar, aí na beira.

Sérgio: O carvão daqui vinha ensacado o senhor comprava e revendia?

Wilton: É já vinha pronto já tudo prontinho aí.

Sérgio: E qual diferença que faziam aqui e faziam no interior na sua época?

Wilton: Que naquela época do interior era caieira era como carvão fraco né, aqui no forno já mudou ele tem o carvão mais forte e a como que eu tô dizendo o trabalho foi mais avançado e uma parte de sete dia já tira um tempo pra outro e na caieira era diferente, era um mês, então aqui a facilidade melhorou mais, então ficou melhor de compra [inaudível], com os pés no sapato, calçado sem procurando dificuldade.

Sérgio: E o IBDF como que era?

Wilton: Aí o IBDF quando eu fazia uma venda pra fora eu pagava.

Sérgio: Ele não dificultava a venda do carvão? A produção?

Wilton: Não, você trabalhasse direitinho você queria fazer uma compra, queria vender com nota fiscal você ia na fazenda pagava direitinho, era a mesma coisa, agora não existia aquele [inaudível] pra você pagar, só quando você colocava uma mercadoria pra fora né, aí tinha que passar pela fazenda, pelo [inaudível], pelo direito da lei, aí você tinha que manter pagando mais pra comprar mesmo não existia não, agora não agora a lei tá diferente, você tem que ter licença tem que ter um galpão licenciado, a compra tem que ser uma compra...sem você comprar no trambique, trabalho direitinho não existe dificuldade, dificuldade é quando o camarada trabalhou com dificuldade, trabalhou direitinho não adiante ele meter a mão e mais tarde ser prejudicado.

Sergio: E o IBAMA depois, quando criaram o IBAMA mudou vocês em relação a essa atividade?

Wilton: Ahh! Mudou, porque a gente pegou os direitos né, vamo dizer assim...você alevantou o levantamento da compra aí você abre o seu comércio, tem sua inscrição, o seu trabalho licenciado, tem sua nota pra comprar e pra vender, melhorou numa parte e melhorou muito, você não tem dificuldade.

Sergio: E depois que resolveram tirar vocês na calçada?

Wilton: Ah isso era um tempo que tinha que sair mesmo era amplo não tinha onde trabalhar, era um trabalho que não tinha segurança, uma casa, vamo dizer assim uma maturidade com a prefeitura com...trabalhava amplo mesmo, então pra mim melhorou muito sair daí, a gente paga agora seus direitos e não existe dificuldade.

Sergio: Mas o senhor concordou com tudo que fizeram?

Wilton: Não, cada um tomou conta do seu trabalho, tudo era pai de família, tudo tinha suas responsabilidade de família, aí cada um pegou sua mercadoria cresceu pagando seu alvará seu licenciado, todos aqueles colegas meu que trabalhava estão tudo bem, bem mesmo. E a lei não é ruim não, a lei ela ampara, é ruim de você for quer ser um trambiqueiro ela não lhe ampara...ai de você for um homem certo, lei é primeira ampara na lei, você abre qualquer comércio, trabalhou com ele na lei no alvará direitinho pagou seu licenciado; agora trabalho na bandidagem é diferente quando é prejuízo é prejuízo mesmo.

Sérgio: Obrigado senhor Wilton.

## Entrevista 2:



Nome: Alfredo Castro Lisboa  
Endereço residencial: não informou  
Nascimento: 1939  
Naturalidade: Tapauá (AM)  
Data da entrevista: 22/12/2001  
Local: Av. Castelo Branco, s/n – Cachoeirinha.

---

Sérgio: Seu Alfredo quando o senhor começou a trabalhar como carvoeiro?

Alfredo: Quando eu comecei?

Sérgio: É que época, que ano foi ?

Alfredo: Rapaz isso eu num tô lembrando, que época foi, sei que estava com a idade de 15 anos quando comecei a trabalhar no carvão aqui, aí no depósito com o meu padrasto, daí ficamos fornecendo carvão aí pra CIA, aí pra CIA, eu junto com ele.

Sérgio: Pra que ela comprava?

Alfredo: Comprava pra derreter minério, ali na Companhia Industrial Amazonense [CIA].

Sérgio: Onde era?

Alfredo: Ela alugou isso aqui da Eletronorte, ela alugou, passou seis anos, aí ela passou, que fez essa daí do japiim, quando fez essa de lá, aí meu padrasto foi...ficou fornecendo carvão lá de carteira assinada; trabalhamos treze anos fornecendo carvão pra lá pra CIA; aí meu padrasto adoeceu, aí faleceu, e eu fiquei fornecendo carvão pra lá e aí foi o tempo começou, não tava dando resultado nenhum, os doutor tavão querendo me *engalobar* e eu fui parei, parei de fornecer carvão pra lá, aí fiquei trabalhando aqui. Passei tempo aqui, que eu agarrei, vendi o nosso depósito, fui e vendi, que meu padrasto morreu, vendi o depósito, fiquei trabalhando pra cá e trabalhando aqui nesse lado, aqui só quem trabalhava era somente eu, aí o pessoal começavam a ver, tinha o Dantas, aquele velhinho dali de baixo que vendia carvão, mas eles vendia carvão tudo aí na beira no igarapé: eles traziam em batelão do Manaquiri e aí distribuía aí, agora aqui na pista era só eu, ali naquele quanto onde tá o Chico. Trabalhei treze anos ainda vendendo carvão ali na beira da pista, aí enjoiei de tá vendendo e fui sai aluguei um barco, fui comprar carvão no interior e vender pra eles aqui. Aí pronto, aí empestou de carvoeiro, viram o movimento que naquele tempo sempre corria algum dinheirinho né, aí o pessoal avançaram tudo, aí encheu.

Sérgio: Porque o senhor começou a trabalhar como carvoeiro?

Alfredo: Por quê?

Sérgio: Isso.

Alfredo: Porque pra mim foi o que eu vi que dava pra meu sustento; eu era novo, farreava muito, gostava da putaria, de farrear, mas toda vida eu gostei de farrear com

que era meu, nunca gostei de farrear com o que era dos outros, nem serrar um copo de bebida de ninguém, só bebia quando eu tava com meu dinheiro no bolso pra mim beber, assumir meu vício e pagar dos colegas que não tinha coragem de trabalhar; então eu trabalhava pra isso né pra assumir meus compromissos; tinha muita mulher também, então muito trabalho pra mim eu vi que num dava, e aqui o carvão deu, dava pra tudo, minhas despesas de casa, pra todos os abusos... agora não dá, agora num dá mais nada, o camarada tem dia aqui não trouxe algum tostão de casa ele num vai nem no mercado e as vezes tem dia de o nego vem pra cá, como eu, tá com duas vezes, venho pra cá do jeito que eu venho eu vou. É, e o que ganhei, ganhei muito dinheiro, mas acabei tudo na minha vaidade né, e graças a Deus que ainda tô aqui, num devo nada a ninguém, graças a Deus, trabalho, o pouco que eu tenho é meu.

Sérgio: Na época o senhor já morava aqui e Manaus?

Alfredo: Já sim.

Sérgio: Mas o senhor nasceu aqui?

Alfredo: Não! Que aqui quando eu vi pra cá eu tava com 14 anos, 13, como era...11 anos...tava com 11 anos.

Sérgio: Porque o senhor veio para Manaus?

Alfredo: Porque minha família se arriavam tudo lá e vendemos as propriedades e minha mãe, sempre desde de mocinha nova que sempre a convivência dela era aqui, ela morava aqui, os pais dela sempre quando chegava aqui alugava um hotel aí pra ela.

Sérgio: Os seus pais faziam o que no interior?

Alfredo: Eles tinham as propriedades deles, tinha comércio...as propriedades lá era castanhal.

Sérgio: Era agricultura?

Alfredo: Era! Esse negócio de castanhas, seringal, tudo tinha lá na nossa propriedade, ainda temos, mas eu abandonei, não fui mais nem lá, deixei, vendi essa duas partes que tinha e ficou outra parte na mão de um primo meu, quis trabalhar pra lá, tem barracão, comércio grande pra lá, as embarcações. Aí se torna melhor pra mim, ir todos os anos daqui, saía, fazia despesas, tudo caro pra lá. Então não deu mais, eu aguentei aqui mesmo, trabalhei, trabalhei, até que acabei ficando assim, ruim da vista, adoeci da vista, tô com 4 anos e meses cego, me operei, enxerguei uns 8 meses aí voltou de novo; tô com 4 operações que faço, agora que tô vendo somente o claro do dia muito mal, ainda não tô enxergando ninguém, vou conseguir me operar novamente.

Sérgio: Mas foi por causa do carvão?

Alfredo: Eu não sei, não sei nem dizer, acho que não, que isso é uma coisa, que a minha doença é glaucoma né, glaucoma isso vem, pertence de família.

Sérgio: Como era o trabalho do carvoeiro quando o senhor começou? Como era? A mesma coisa de hoje?

Alfredo: Pra fazer o carvão?

Sérgio: Sim pra fazer, pra vender!

Alfredo: Não, pra fazer era de outro jeito, aqui ninguém não se usava esses negócios dessas latinhas, esse pacotinho, era só em saca grande, usava as latas, e aí a gente botava aqui na beira da pista, 10, 15 latas, enchia as lata, o cara chegava dizia: quero duas latas de carvão, aí já trazia, a gente fazia virar dentro e embarcava; quero 1 lata, ele abria o saco, virava; eu quero 10, 12, 20 sacos daquele ali, a gente embarcava. Agora não em certos tempos foi que vieram botar esse problema de empacotar esses saquinhos. Mas de primeiro a venda era assim na beira da pista, só nas latas, o cara que vinha, trazia a vasilha, a gente só fazia despejar.

Sérgio: E como se fazia?



Alfredo: Rapaz, isso era quase não sei nem contar porque eu nunca trabalhei, fazer ele não.

Sérgio: E o senhor só vendia?

Alfredo: É...só trabalho em negócio de compra, comprava pra vender, mas o pessoal trabalhava lá.

Sérgio: O senhor comprava onde?

Alfredo: Toda a vida eu comprei aqui, aqui no posto aqui, o pessoal vinha de todo canto vinha motor carregado de carvão e eu comprava.

Sérgio: Do interior?

Alfredo: É, do Tarumã, Tarumazinho, Tarumã Grande, daí do [inaudível], todo canto se exportava carvão, do Manaquiri, Puraquequara, tudo vinha carvão, nós comprava daí.

Sérgio: O que o senhor acha que mudou da sua época pra cá no trabalho do carvoeiro?

Alfredo: Rapaz, mudou muito, mudou pela seguinte forma, porque naquele tempo tinha muita venda, no tempo que eu comecei a trabalhar eu trabalhava sozinho aqui nesse lado e agora tem muita gente, que tem muito carvoeiro que trabalham, as vezes num trabalho pra ganhar um tostão, só trabalho pra fazer mal, pra derrubar uns aos outros. Do preço que compra o carvão se por acaso tiver, chegar um carro aqui pegar 10 ou 12 saco grande o cara fica espiando, se ele não vender o outro que parar aqui, ele tá lá de traz chamando, quando chegar aqui se eu vender o carvão três reais a saca, ele chama, chama, chega lá e diz assim eu faço de dois, ele compra de 2,50 e vai fazer de 2,00 pra me fazer mal, pro freguês ficar comprando lá e o caso daqui é, não teve mais quem ganhasse dinheiro aqui, o camarada que dizer agora, essa época que ganha dinheiro em carvão aqui ele tá mentindo e ganha se ele souber trabalhar, mas essa *mulambadazinha* nova que tá agora nenhum, nenhum num vale, eles não ganham não, ganham algum pra desempatar ao menos o dinheiro do carvão, algum, não é nem todos, o que eu digo

Sérgio: Há quanto tempo o senhor tá aqui nesse ponto? [*a rua do carvão*]

Alfredo: Tô aqui com uns 38 anos, aqui nesse localzinho, com uns 38 anos mais ou menos.

Sérgio: Mas esse ponto aqui de venda de carvão sempre foi aqui, sempre teve?

Alfredo: Toda vida foi ponto de carvão, aqui é a rua do carvão foi essa.

Sérgio: Quando o senhor começou onde mais era vendido, onde se comprava?

Alfredo: Onde comprava?

Sérgio: As pessoas, os consumidores?

Alfredo: Ah, eu não posso informar, de todo canto vinha carro, toda cidade.

Sérgio: Mas de venda só tinha esse local aqui?

Alfredo: Aqui era, esse aqui o local de carvão, de venda de carvão mais velha aqui dentro de Manaus foi essa.

Sérgio: Porque ficou aqui ficou a venda do carvão?

Alfredo: Porque aqui era a passagem melhor que tinha e então a passagem aqui, aí começaram a vender ali, tinham os pessoal que vinha do interior, que nem os Dantas, que nem aquele velho Lira, traziam o carvão do interior ficavam ai nos batelão e os que vendiam carvão no paiol vinham comprar deles aí foi *coisando* tudo, o pessoal começaram aprender onde que era a venda aí que ficou a rua do carvão.

Sérgio: Quando o senhor começou tinha muitos carvoeiros?

Alfredo: Não tinha, o carvoeiro que tinha aqui era o Dantas, o velho Lira, o Duca, o Chico Letrola, mas que eles vendiam ali embaixo como eu tô dizendo, vendiam no igarapé, vendiam ali embaixo, agora aqui na beira da pista quem primeiro vendeu carvão aqui fui eu, ali naquele canto onde é do meu enteado, ali passei três dias eu e o moreno que ainda mora aqui limpando, arrancando aquilo ali com a mão, de tarde nossa mão tava dessa altura de inchado, de formiga, daquela formiga cabeçuda de

arrancando; limpemo bem, uns 4 metros ali, fumos continuando, que não tinha isso aqui, tudo era terra, só mesmo o barro, o murozinho disso aqui era dessa altura no tempo que a Eletronorte alugou pra CIA.

Sérgio: A venda do carvão sempre foi assim vendendo num lugar ou tinha venda ambulante?

Alfredo: Não, vieram inventar isso agora de certo tempo pra cá, que os carvoeiros [...] como eu tô falando, se tem um carvoeiro bem ali eu tenho 10 ou 12 freguês, cara ainda tem 1 ou 2, aí fica, pega a placa do carro aqui aí nota, aí cresceu os olhos já freta um carro, sai conversando, sai por aí tira um dia a pé mesmo vai fazendo negócio aí, contratando, aí vem mandar enlatar o carvão, aí vai distribuindo, vai entregando isso [inaudível] de fazer mal, porque se eu tenho meus freguês que vem buscar aqui, ele vai lá, chega lá, faz um preço mais barato, se eu não vendo fiado aqui pra ele, aí o indivíduo pra ganhar o freguês já dá um prazo de 4, 5, 8 dias aí o cara vai e compra, e comigo não vem mais.

Sérgio: Esse o maior problema seu aqui hoje?

Alfredo: É.

Sérgio: Quando o senhor começou qual era a maior dificuldade?

Alfredo: Dificuldade não tinha nenhuma, a dificuldade era chegar nos barcos e botar pra cima, botar na pista e vir fazer a venda.

Sérgio: Ainda tinha o carvoeiro ambulante?

Alfredo: Não, tinha mais, só era dele mesmo aqueles que andavam entregando, botavam aqueles saquinhos de três latas, de duas latas na costa e ia entregar pros freguês deles mesmo.

Sérgio: O senhor pegou a época que eles vendiam na carroça?

Alfredo: Pois é, naquele tempo a carroça, que tinha duas carroças, uma do Benjamim outra do Parafuso. O Parafuso ate a época que eu comecei a vender aqui, esse Parafuso botou bem aí onde fizeram o trabalho ali na entrada botou uns saquinhos pra vender ali, e tinha a burrinha dele aqui quando não tinha trabalho ele tava ali vendia algum saquinho, quando chegava o trabalho ele deixava o carvão dele ia fazer o frete na carroça dele.

Sérgio: O senhor fala aí no igarapé?

Alfredo: Não, aqui nessa parte, logo aí onde esse velhinho vendia ele parava a burrinha dele aí, ficava aí esperando trabalho daqui, quem desse ponto de madeira pra levar, uma madeira pra cá e pra acolá, quando ele chegava ficava aí, era pouquinho carvão, botava 5, 6 saca aí ele trabalhava, aí levava meu carvão daí do depósito e levava pra lá.

Sérgio: Nessa época que o senhor começou já tinha pouco desses carvoeiros?

Alfredo: Não tinha ninguém, aqui na beira da pista, não tinha nenhum.

Sérgio: Não desses que vendiam em carroças?

Alfredo: Esses já tinha, mais era pouquinho

Sérgio: Estava acabando?

Alfredo: Tava! parece que era começando, aí acabou tudo, que o pessoal depois invadiu esse horror de carvoeiros entregando na rua aí acabou eles iam levar, levava na saca, meia saca dessas aí agora não eles vão contratar e levar tudo embalado e deixar lá.

Sérgio: Quando o senhor começou a trabalhar como carvoeiro dava para sobreviver com a renda?

Alfredo: Dava, dava pra gente viver, sobrava alguma coisinha, agora se o nego não abrir o olho não dá nem pra comer.

Sérgio: O senhor usava em que sua renda?

Alfredo: No tempo que eu trabalhava na CIA e tava entregando pra lá, usava o dinheiro dela pra todos os meus direito, era naquele tempo era o IBDF. Pagava do IBDF, a

fazenda, eu aqui no meu caminhão não botava uma carga sem que pra me levar lá pra CIA se não tivesse a guia do IBDF, eu tinha que tirar a guia do IBDF e nota de lá da fazenda, aqui era tudo documentado.

Sérgio: O senhor usava para as despesas de casa?

Alfredo: Era, trabalhava pras despesas.

Sérgio: O senhor morava em casa própria?

Alfredo: Tinha casinha própria.

Sérgio: Quem comprava mais carvão? Era pra casa ou existia outros que compravam?

Alfredo: Não! aqui quem sempre vendia mais carvão mesmo era nós, o meu padraço, porque fornecia pra CIA né.

Sérgio: E dos consumidores quem comprava mais? Era a dona da casa? As fábricas?

Alfredo: Naquele tempo quase não tinha esse negócio de fábrica naquele tempo era muito pouco o negócio de churrascaria, aqui era pouca a churrascaria que tinha.

Sérgio: Quando o senhor começou como era Manaus?

Alfredo: Isso tudo aqui era casinha, umas casinhas pra cá e outras pra acolá, aí passando da cabeça dessa ponte pra lá, isso aí tudo era uma feira de palha, coberta, aí no beco universal tudo era uma feira de palha, tinha uma torneira aqui outra lá no Guanabara, lá pra banda da Santa Luzia. Isso aqui tudo era cheio de buraco, era uma buracada danada, essa pista, só tinha uma pistazinha pequena, tinha essa casa desse senhor aí na [inaudível] e um outro aqui, era assim.

Sérgio: Era bom de viver aqui em Manaus nessa época que o senhor começou?

Alfredo: Rapaz, melhor do que agora era.

Sérgio: Por quê?

Alfredo: Porque tudo que se botava, se vendia e pegava o dinheiro e agora o pouco que se arruma, mas num aparece dinheiro pra comprarem, olha aí tá cum monte de carvão, tô com esse carvão aqui todo lotado, mas não apareceu pra quem vender, os freguês que disse que vinha pra cá comprar aqui os olhos grandes e o pessoal pegaram vão entregar nas portas, aí os freguês não pode vir mais, algum freguês que tem consideração, que trabalha com a gente muitos anos, esses que ainda aguenta, fica aguentando por aqui.

Sérgio: Em que mais era usado o carvão quando senhor começou?

Alfredo: Rapaz, o uso dele todo tempo foi esse, só não era esse.

Sérgio: Como o que?

Alfredo: Negócio de levar mesmo, era casa mesmo, o carvão pra tudo ele dá, era pra uso de casa, era pros bandido que ia pros banhos, pra esculhambação comprava uma saca de carvão, comprava uma lata pra levar pra fazer o assado lá pela beirada pra tirar gosto pra bebida, o carvão dá pra tudo.

Sérgio: O senhor tinha clientes certos?

Alfredo: Não, isso ai era qualquer que era ambulante.

Sérgio: Hoje o senhor tem?

Alfredo: Tem muitos que na porção deles que sempre vem certo daqui comprar, mas a maioria já pedi, que depois fiquei assim ruim da vista, cego, aí o pessoal faz de mim o que querem, ver que eu não enxergo, e eu tinha muito freguês, naquele tempo, sabia tratar a todos, tinha uma freguesia, agora depois que fiquei, o pessoal caíram em cima e me abandonaram, tudo bem, dizer minha freguesia, trabalho aqui com a fé em Deus.

Sérgio: Na sua época existia muitos carvoeiros ?

Alfredo: Não, não tinha ninguém, os carvoeiros que eu digo era só esses que trabalhava na beira do igarapé mesmo de carvoeiro, aqui em cima só nós que foi o primeiro depósito, que tinha ai do outro lado, nós vendia aí, daí eu trabalhei muito tempo aí, aí eu passei pra fazer a venda ali, era só eu mesmo que vendia ali.

Sérgio: Na sua época além do trabalho de carvoeiro qual os outros trabalho que existia?

Alfredo: Rapaz, por aqui que eu sabia só mesmo os carvoeiros e aqui no depósito do Zeca, de madeira.

Sérgio: De que mais as pessoas viviam na época?

Alfredo: Aqui em que eu conhecia os trabalho era esse mesmo, trabalho de serraria.

Sérgio: Qual é a época mais difícil?

Alfredo: A época mais difícil que tá sido pra mim é essa, porque tô sem a minha visão, aí tudo ficou difícil, mas se eu tivesse minha visão eu ainda fazia alguma coisa como eles fazem, porque aí eu via como eles tavam fazendo o que eles tão fazendo comigo, eu fazia com ele também eu podia sair contratando a freguesia, podia pegar o carro e encher de carvão e deixar na porta e dar prazo também, eles que não tem nem o começo do ramo do serviço fazem isso, e eu toda vida trabalhei, gosto de trabalhar com o que o meu graças a Deus, sempre o meu dinheiro de meu ramo de serviço aí não gosto de extraviar ele.

Sérgio: Qual a melhor época?

Alfredo: Foi essa que se passou já.

Sérgio: Quando mais ou menos?

Alfredo: Tô lembrado não.

Sérgio: Quando o senhor começou?

Alfredo: Quando eu comecei a vida era melhor

Sérgio: Vocês tinham algum sindicato?

Alfredo: Não, tivemos, mas quiseram fazer um sindicato aí na prefeitura, aí do lado do mercado, tiramos nomes carteirinhas tudinho vieram os ficais demarcaram isso aqui.

Sérgio: Quando foi isso, quem fez isso?

Alfredo: Desde do Artur, aquele tal de Braga.

Sérgio: Mas o sindicato de vocês nunca teve?

Alfredo: Não.

Sérgio: Desde quando vocês estão aqui?

Alfredo: Não tô lembrando não.

Sérgio: Mais de 20 anos?

Alfredo: Já, eu to quase com meus 40 que trabalhei aqui desde o começo.

Sérgio: Como era a sua diversão?

Alfredo: Rapaz minha diversão era mulher e bebida deixava meu dinheiro em casa pra mulher pras despesas, botava outro no bolso pegava os cabelo fino aí ia farrear até o dia amanhecer pensava que o mundo era meu, cabeça quando não pensa o corpo é que padece né.

Sérgio: Qual o maior problema de vocês?

Alfredo: O maior problema é não vender, o nego compra a dinheiro, fica com o dinheiro empatado aí, sem vender, nos chegamos aqui 6:00h não vendemos uma lata de carvão hoje.

Sérgio: O seu padrasto já era carvoeiro há muito tempo?

Alfredo: Já, quando vim trabalhar com ele, ele arrumava tudo em casa, mas ele não ligava pra essas coisas fui ligar de procurar ajudar ele fornecer carvão pra lá que ele adoeceu, o velho cegou também, pegou reumatismo cefálico, ficou todo alejado aí não podia e eu fiquei no lugar dele assumindo, fornecendo carvão pra lá, foi o tempo que ele faleceu, aí ainda fornecia uns três anos, aí foi o tempo que ela mudou o maquinário pra isso, aí paremos.

Sérgio: Quando ele começou a trabalhar com o carvão?

Alfredo: Não, só sei que [pausa] tô lembrado não.

Sérgio: Mas o senhor já era jovem?

Alfredo: Já, quando comecei a fornecer com ele, tava com 16 anos.

Sérgio: Ele morreu com quantos anos ?

Alfredo: Quando ele faleceu eu tava com 39 anos.

Sérgio: Ele já estava bem idoso?

Alfredo: Já, ele tava...ele tava...pegamo; não to lembrando se era 68 ou era 70, parece que 68 anos.

Sérgio: Então ele era bem antigo na profissão?

Alfredo: Já era, era carvoeiro antigo.

Sérgio: O senhor perdeu seu pai novo?

Alfredo: O papai quando faleceu eu tava com a idade de 5 anos, aí eu tava no rio Purus, nós temos propriedade pra lá, nossa propriedade é acima da cidade de Tapauá, quase um dia de viagem, sai 6horas da manhã, quando é 15horas da tarde chega lá na nossa propriedade, lá na boca do rio Jacaré, onde tem uma capela do santo soldado, daí pra dentro o motor correu uns 4 dias, tudo é propriedade, tudo é nosso, é Castanhal.

Sérgio: O seu pai morreu como?

Alfredo: O meu pai? Rapaz o meu pai morreu de tanto problema. Foi começo de hidropsia.

Sérgio: O que ele era? Era agricultor?

Alfredo: Não, ele era comerciante, era paraibano, nasceu e se casou na Paraíba, com 20 anos ele botou pra andar correr o mundo.

Sérgio: Ele veio fazer o que aqui?

Alfredo: Veio destacado né, trabalhou de moço de convés, embarcação.

Sérgio: Como era o carvão na sua época?

Alfredo: O carvão que existia só era carvão de caieira, e hoje em dia muito pouco tem carvão de caieira, tudo é carvão de forno.

Sérgio: Qual a diferença?

Alfredo: A diferença é grande, o carvão de forno é graúdo e de caieira é sempre miúdo. O de caieira a gente paga por lata e o de forno a gente paga por volume aí pode vir dez lata.

Sérgio: O senhor sempre trabalhou por conta própria?

Alfredo: Toda a vida graças a Deus, tinha meus castanhais vim embora aqui pra Manaus, quando chegava na fábrica de castanha eu comprava meu rancho chegava lá pegava dez, doze homens, as despesas era por minha conta, eu levava pagava pra eles conforme a castanha que quebrasse eu pagava na diária. Trabalhei toda vida por minha conta.

Sérgio: O senhor preferia ter um trabalho fixo? De carteira assinada?

Alfredo: Rapaz pra mim, e agora nessa idade, não dá, não dá mais e já esse problema de vista, mas que pra mim nunca na minha vida fui apaixonado por negócio de emprego, porque na minha ausência eu não sustentava minha esposa com meus filhos, porque é uma situação muito triste o cara que trabalha de empregado, porque o que ele ganha no mês eu gasto numa semana no mercado eu trabalho com gente e a despesa é tudo por minha conta, então o cara que trabalha um mês, nesse trabalho salariozinho que tá 151,00 reais eu com minha família, acostumada com meu movimento, eu trabalhar por mês pra mim ganhar 150,00 reais eu tenho certeza que a minha família vai morrer de necessidade e eu de desgosto e impressionado, preocupado, porque 150 não dá mim fazer minhas economias, dá pra mim ir comendo não, coisa boa, alguma coisa ralada, 150 que gasto em três dias, fazendo a maior economia, pro camarada trabalhar um mês pra ganhar isso agora não que não tá dando mais isso. O camarada com frio é conforme a roupa, já botou mais pouco trabalhador, a mulher já vai pro mercado com 20, 25 reais e com isso mulher tem que fechar o fígado, e é isso mesmo.

Sérgio: Quando a venda do carvão começou a cair?

Alfredo: Rapaz, foi depois que o pessoal tomaram de conta, cresceram os olhos aí começaram negócio de forno pra tudo quanto é de lado, tudo que é estrada fazerem forno, botaram pra vender, sai vendendo deixando nos comércio, carvão fiado, bem baratinho, aí morreu pra nós aqui, o cara não vai deixar de comprar na porta pra vim comprar aqui

Sérgio: Porque o senhor veio trabalhar na beira da pista?

Alfredo: Porque nós trabalhava lá na Companhia [CIA] e de lá aqui no lado do nosso paiol já ficava contramão que era ali, e então os freguês do meu padraço que ia lá, paioleiro comprava lá, e entrei e vi que aqui nesse lado, aí fui e fiz um ponto ali onde tá aquele baixinho, fiz um ponto e vim trabalhar pra cá mas eu *dava nem vença* que era só eu e trabalhador que trabalhava comigo, nós começava carregar carvão dia de sábado daí do depósito pra cá 2h da madrugada, carregava nas costa e botava aí na beira do muro, quando amanhecia o dia tava com 150 sacas, quando era 10:30 do dia não tinha mas nenhum saca, quando eu tava ali o rapaz ia carregar e eu ia atender, quando era dia de sábado 15:00 da tarde nos tava jogado na beira da pista, que não tinha isso aqui era terra nos tava jogado que não tinha condição de tanto embarcar carvão nos carro e ele conduzir de lá pra cá e eu atendendo o pessoal e a cobrinha de carro tava aí. Aí o pessoal tudo cresceram os olhos e começou a pular eu pra cá outro pra acolá, aí derrotou toda a venda.

Sérgio: Como o senhor acha que a população via o trabalho de vocês? Acha importante, por exemplo?

Alfredo: Achava, que pelo menos no meu tempo eles que eu fazia, a venda era grande né, comprava 300 saco hoje, amanhã não tinha nenhum. Aí trabalhava aqui vendendo pro paiolzinho, cresceram os olhos foram botando na beira da pista e foram vendendo também, mas tinha mas pouco, daí o pessoal cresceram os olhos, aqui 19 carvoeiros, aqui já nessa beira de pista, que os outros foram tudo a falência enganaram os carvoeiros da rua, e os caminhoneiros e foram saindo, se escondendo, só ficou mesmo nós os veteranos velhos, os veteranos mais velho daqui da beira da pista foi eu, esse velho fala alguma coisa, mas isso não sabe nem o que diz já tá caducando, ele foi carvoeiro velho, no meu tempo que eu vendia ali ele já vendia, mas ele vendia aí na beira, trazendo nos batelão do Manaquiri ele e aquele crente ali em cima o Dantas, eles vendia aí no motor na beira do igarapé.

Sérgio: Esse carvão vinha do interior?

Alfredo: Era do Manaquiri, eles trabalhavam pra lá, eles tinham as freguesia dele, do paiol pra comprar pra revender, nos paiol vinha comprar aí, carregavam na cabeça quando não era na cabeça era aquelas carroças.

Sérgio: Esses carvoeiros de rua quando eles começaram a sumir?

Alfredo: Rapaz eu não sei dizer, era tudo já velho gente de idade, aí quando começou a venda de carvão o pessoal começaram a comprar, frequentar aqui, aqui ficou a rua do carvão, aí abandonaram porque se nós vendia 2 latas de carvão, se a gente vendesse por 50000 mil reis, 10000 mil reis, eles lá vendiam por 20 pra deixar nas portas, aí o pessoal se eram de comprar caro desciam para cá, aí foi parando a venda pra eles.

Sérgio: Vocês sempre tiveram liberdade pra trabalhar?

Alfredo: Graças a Deus, pelo menos nós, eu e meu padraço nós tinha todos os documentos todas licença do IBAMA, da fazenda, de todo canto nós tinha, o caminhão dos outros tudo ia preso por aí, carvão isso e aquilo outro, pagamos foi treze anos pra todos os carvoeiros comprar carvão no nosso nome, os cara iam lá do IBDF, ia lá prendia; não, não é daqui, esse carvão não é nosso não, é daquele velhinho ali da cabeça da ponte, do velho Lopes que eras nos; aí o cara deixava passar, que nós era tudo documentado. Até hoje ainda tenho a guia do IBDF guia da fazenda

Sérgio: Tudo isso era regulado?

Alfredo: Era tudo regulado, se eu botava 50.000 latas na CIA, eu tinha que tirar guia pra 50.000 latas, tinha que ir no IBDF.

Sérgio: Vocês pagavam alguma coisa pro IBDF?

Alfredo: Pagava, pro IBDF, fazenda, tudo a gente pagava.

Sérgio: Eles que cobravam de vocês?

Alfredo: Tinha que ir lá na fazenda pagar lá, trazer as guias lá pelo IBDF.

Sérgio: Se não tivesse vocês não trabalhavam?

Alfredo: Não, que não podia, onde fosse pegado um caminhão dos nossos ou o carvão pra nós, qualquer um caminhão que o cara viesse vender, viesse trazer eles prendiam; então nós dava pros nosso freguês que vinham de fora que dava uma guia ou então dava o nosso nome; o fiscal batia em cima e dizia não, e do velho Lopes lá daquele depósito tinha mas não cai; a do velho Lopes pode passar, aí passava, que sabia que nós trabalhava todo documentado.

Sérgio: Chegou algum a ser preso?

Alfredo: Muitos e muitos o IBDF prendeu, queria trabalhar nas costas dos outros, tô dizendo que nós trabalhamos 13 anos aqui, se os próprios carvoeiros aqui tirar nosso nome, o carvão sendo deles dizia que era nosso pra poder passar.

Sérgio: O que eles faziam?

Alfredo: É tomava, prendia os caminhão, que naquele tempo era pouco caminhão, os carvão que aparecia era mais do rio.

Sérgio: E como o senhor vê a situação dos carvoeiros hoje?

Alfredo: Pra uns tá bom, os que souberem trabalhar ainda ganharam algum tostão e muitos que não souberam, eu soube trabalhar e ganhei muito, não vou mentir, não soube aproveitar, pensava que o mundo era meu, e a *mixaria* que já tinha pensava que nunca ia acabar, e acabou-se, e hoje em dia eu vivo trabalhando aqui na beira da pista pra defender ao menos o pão de cada dia, que pra outra coisa não dá.

Sérgio: Como o senhor vê o futuro desse trabalho?

Alfredo: O que eu sei que eu empreguei e sei o que eu vou fazer

Sérgio: O senhor acha que ainda vai continuar existindo?

Alfredo: Vai aguentar muito tempo, tem época que melhora tem época que piora, é assim.

### Entrevista 3:

Nome: Francisco Soares da Silva

Endereço residencial: não informou

Nascimento: 1936

Naturalidade: Lábrea/AM

Data da 1ª entrevista: 22/11/2001

Local: trabalho Av. Castelo Branco, s/n – Cachoeirinha.

---

Sérgio: Quando o senhor começou a trabalhar como carvoeiro?

Francisco: Eu cheguei aqui, que o meu cunhado trabalhava e então comecei a trabalhar também, né.

Sérgio: Quanto tempo faz?

Francisco: Uns 30 anos né que eu trabalho aqui; eu cheguei aqui com 35 anos, agora tô com 64.

Sérgio: Mais ou menos entre 1965 e 1970?

Francisco: É foi...achei que deu resultado, foi isso mesmo.

Sérgio: O senhor veio de que lugar?

Francisco: Eu vim de Lábrea pra cá, morava em [inaudível], município de Lábrea.

Sérgio: Onde o senhor nasceu? Foi lá mesmo?

Francisco: Não, eu nasci no Ceará.

Sérgio: Porque o senhor começou a trabalhar como carvoeiro?

Francisco: Eu cheguei aqui não tinha outra profissão né, a profissão que eu tinha era essa, continuo a trabalhar.

Sérgio: Porque o senhor não conseguiu outro trabalho?

Francisco: Por que eu não sei assinar o nome né, e achei que era meio difícil trabalhar assim de carteira assinada.

Sérgio: O senhor chegou a procurar?

Francisco: Não, não procurei...quando eu cheguei aqui o carvão dava bom dinheiro né e então eu [...]

Sérgio: Porque?

Francisco: Porque a gente ganhava meio por meio, agora não dá mais, porque a gente lucra muito pouco né, aí a gente não ganha mais muito.

Sérgio: O senhor trabalhava com o que antes de vim pra cá?

Francisco: eu trabalhava no interior, cortava seringa, cortava sova, pau-rosa, cofirana, balata, tudo isso eu fiz, pescava.

Sérgio: Por que o senhor veio pra Manaus?

Francisco: Porque eu me enjoei de lá do interior né, trabalhava no interior, as coisas vão ficando muito caro, difícil né e o negocio de pescar, cortar madeira, sova, cortar seringa, tudo ficando meio difícil, o pessoal não queria mais comprar borracha aí eu vim me embora pra Manaus, a profissão mais fácil que eu achei foi essa e botei pra trabalhar e até agora ainda tô trabalhando.

Sérgio: O que é ser um carvoeiro para o senhor? O Senhor gosta?

Francisco: Gosto [pausa]. É um trabalho que suja a gente, é trabalho que faz todo dia a gente ter o dinheiro da gente, pra comprar o pão de cada e dia da gente. É bom, num ganha muito mas, dá pra sobreviver.

Sérgio: O senhor é casado?



Francisco: Não...sou solteiro. Vivi com uma mulher dez anos, não deu certo, larguei, depois que eu cheguei aqui na cidade não quis mais saber, que a mulher não acompanha, não adianta.

Sérgio: Quando o senhor chegou aqui na cidade já foi trabalhar como carvoeiro?

Francisco: Cheguei num dia e no outro já comecei a trabalhar com o carvão.

Sérgio: O senhor conhecia alguém?

Francisco: Tinha meu cunhado que trabalhava aqui né; aí eu fiquei trabalhando com ele aí.

Sérgio: Ele já trabalhava aqui?

Francisco: É...ele já trabalhava aqui há 26 anos.

Sérgio: E ele ainda mora e trabalha por aqui?

Francisco: Mora...trabalha! Ele trabalha ali naquele ponto, agora que ele tá é já [...] Tem só um filho dele que tá aí, ele vem pra cá todo dia, mas agora ele foi operado da vista e então ele não pode tá muito aqui pegando poeira...O médico disse que ele não podia.

Sérgio: Esse é o lado ruim do trabalho do carvoeiro?

Francisco: Não! pra mim não, pra mim até agora não achei que desse não, não sei, porque sempre faço exame nunca deu nada, porque diz que quem trabalha com o carvão morre tuberculoso, mas faço exame nunca deu nada no meu pulmão, graças a Deus.

Sérgio: O senhor gosta desse trabalho ou preferiria outro, de carteira assinada por exemplo?

Francisco: Se eu arranjasse né assim de carteira assinada eu achava melhor né, negócio que o carvão também é bom.

Sérgio: Então o senhor gosta?

Francisco: Gosto de trabalhar, pra mim todo trabalho é trabalho, tanto faz ser de dia, como de noite, pra mim não tem hora pra trabalhar, mas eu acho que a gente trabalhar de carteira assinada é mais melhor um pouco, eu acho que seja.

Sérgio: Há quanto tempo o senhor está aqui nesse ponto?

Francisco: Sempre trabalhei nesse ponto, eu trabalhei só um ano ali em cima e aqui eu tô com uns 19 anos.

Sérgio: Onde?

Francisco: Ali em cima, ali perto de onde tá aquela senhora, aqui mesmo nessa rua, e aqui eu tô com uns 19 anos.

Sérgio: Sempre teve esse ponto?

Francisco: Sempre teve.

Sérgio: Quanto tempo?

Francisco: Isso aqui rapaz faz muitos anos, quando eu cheguei aqui já trabalhavam aqui antes de eu vim pra cá pra Manaus, eu vim lá do interior já alcancei eles trabalhando aqui né; aí quando eu vim, quando eu cheguei aqui digo, sempre minha irmã escrevia pra mim dizia que o marido dela trabalhava com negocio de carvão, aí cheguei aqui olhei eles trabalhando e fui trabalhar junto com ele e aí depois eu passei a trabalhar por minha conta, dois anos depois que eu comecei a trabalhar por minha conta e até agora tô continuando.

Sérgio: Sempre foi aqui mesmo a venda de carvão?

Francisco: Sempre foi aqui a venda maior de carvão que tinha, sempre foi aqui; aqui vinha mais, pra cá agora dá que a gente distribuía agora não que o pessoal entregam muito na rua, aí matou a venda daqui sendo que derrubou a gente aqui mais foi isso.

Sérgio: Além desse ponto tem algum outro que o senhor conhece?

Francisco: tem não, que venda carvão não, é só esse mesmo.

Sérgio: Mas antes tinham outros?

Francisco: Não! Tinha só era aqui mesmo, aqui eles começaram a trazer, descarregar dos batelão aqui na beira, aqui na ponte, aí botava pra cá pra terra pra vender, quando começaram a vender, vendia a bordo mesmo, depois passaram a vender em terra e até agora, aí depois a gente coloca aqui na beira da rua e vende.

Sérgio: Quem fazia o carvão?

Francisco: Quem fazia é o pessoal do interior, da estrada, que moram nas estradas, nos sítios, aí então eles derrubam pra fazer roçado, pra fazer campo, aí pagam carona e traz pra gente aí a gente compra dele e vende.

Sérgio: O carvoeiro são vocês que vendem ou o produtor?

Francisco: rapaz eu não sei nem lhe dizer [risos], acho que o carvoeiro é aquele que faz, que a gente compra e revende né, esse que dá o nome de carvoeiro...sou carvoeiro também.

Sérgio: Na época que o senhor começou a trabalhar havia muitos carvoeiros?

Francisco: Não! Tinha pouco, e por isso que dava dinheiro, mas porque tinha pouco, agora não essa época já tem muito os que traz pra gente, os mesmo que traz pra gente eles entregam na rua, aí derrubou a venda da gente aqui muito. Nesse tempo não, o pessoal trazia pra cá, deixava aqui, daqui que a gente distribuía pra supermercado, pra restaurante, churrascaria, agora não, a maioria das churrascarias compram deles mesmo que sai mais barato né, hoje em dia chega pra gente aqui a R\$ 3,00, aí deixa pra eles também a R\$ 3,00.

Sérgio: Três reais o que? O saco?

Francisco: É...aí eles distribui, faz esse pacotinho assim, aí a gente vende de R\$ 0,75, a pessoas que revender a gente faz de R\$ 0,70, agora de um por um a gente faz de R\$ 1,00 e o saco a gente vende de R\$ 5,00 de R\$ 4,00 o grande, o saco grande.

Sérgio: Vocês têm clientes certos?

Francisco: Tem quem vem diretamente comprar aqui com a gente.

Sérgio: Quem compra aqui com vocês?

Francisco: É gente pra residência, churrascaria, aquele pessoal que tem negócio de comércio assim, ai eles compram revender no comércio.

Sérgio: Como o senhor acha que a população aqui da área vê o trabalho de vocês? Será que acha importante?

Francisco: Eu acho que ela acha importante, eles vêem a gente trabalhando aqui tranquilamente, ninguém tem problema de [pausa] essas coisas.

Sérgio: Alguém já tentou tirar vocês daqui?

Francisco: Já... Tentaram tirar nós daqui uma porção de vez...o Arthur pelo menos foi um que ele veio aqui e tirou tudo, aí ele deixou a gente sem [pausa]. A gente ficou teimando na frente das casas da gente mesmo. Eu fiquei lá na frente de casa. Ai depois o Amazonino chegou que ele não tava aqui, sabe tava pro Rio, então ele chegou e perguntou por que ele tinha tirado a gente, aí ele disse que tinha arranjado algum canto, algum local pra colocar a gente, ele disse que não; ele disse por que você mexeu com eles, que ninguém mexeu com eles, eu nunca mexi com eles; como é que você vai mexer, você tem que dar um jeito de um local pra colocar eles, ai parece que andou por lá.

Sérgio: O pessoal da empresa aqui?

Francisco: Daqui eles já tentaram.

Sérgio: Eles não gostam da presença de vocês?

Francisco: Tem vezes que gosta, tem vezes que não, que eles já quiseram tirar a gente daqui né, porque disse que a gente sujava muito, aí eles acho bom porque as vezes eles querem um carvão.

## Entrevista 4 :



Nome: Judith dos Santos

Endereço: Rua Comendador JG Araújo, nº 1731 - Santo Antônio.

Nascimento: 1944

Local de nascimento: Fonte Boa/Amazonas

Estado civil: viúva

Data da 1ª entrevista: 30/01/2016

---

Judith: Eu nasci pra lá [Fonte Boa] mas não pude estudar porque meus pais não tinham recursos pra me botar pra estudar na cidade, aí eu fiquei trabalhando por cindo anos. Comecei a trabalhar em casa, ajudar minha mãe, não tinha mas pai, aí com dez anos comecei a trabalhar na roça sabe pra ter meu dinheiro meu dinheiro sabe, aí morei [...] viemos de lá pra cá Paraná de flores município de Codajás bem pertinho aí de lá trabalhei na juta, na roça, plantava primeiro a roça, milho, banana, aí fui pra juta, trabalhei muito tempo na juta, aos meus 16 anos a minha irmã resolveu vim pra cá pra cidade, aí eu vim pra cá mais ela né com 16 anos; aos meus 17 anos foi quando me casei, aí fiquei casada mas, meu esposo viajava, aí foi justamente quando comecei a cuidar de carvão sabe, aí aos meus 19 anos tive meu primeiro filho; nos 22 eu tive a segunda filha que é aquela ali [aponta para uma foto na parede]. Comecei a trabalhar no carvão aí tinha esses vizinhos aqui sabe muito mal deram parte na *Sedema*, aí empataram meu carvão, aí eu não coisei voltei a trabalhar na roupa né, lavando roupa pra fora, lavei 20 anos roupa pra fora, aí foi o tempo que meus freguês de roupa foram embora né, foi todo mundo embora que era um compadre meu compadre Francisco trabalhava na *Telamazon*, um rapaz que trabalhava no banco por nome Irani, um que trabalhava...Por nome Roci paraense pra esse três pessoas lavei por 20 anos aí fiquei só né, foi o tempo que a menina casou foi embora os meninos mais velho casou foi embora, esse menino achou a mãe dessa menina sabe que era uma grande amiga sabe, a grande amiga diz que agora ela não gosta de mim não, mas eu gosto dela sabe, aí quando veio essa doença na minha perna sabe esse problema na minha perna aí eu parei fiquei assim não tinha problema no ouvido eu acho que foi da quentura do carvão que eu trabalhei muito sabe eu trabalhei eu ia pra construção comprava madeira pra fazer meu carvão aqui ia pra serraria comprava madeira eu achei melhor fazer isso do que ficar lá na beira comprando carvão que eu era nova sabe eu era nova eu tinha medo da língua do pessoal que era muito forte, aí eu fiquei andando... Tinha uma freguesia boa sabe o pão de cada dia deles nunca faltou o dinheiro que o pai deles deixou que é esse que eu tô vivendo ate hoje eu recebia eu comprava meu rancho sabe comprava o rancho

todinho pra eles comer meus filhos nunca passaram necessidade nunca passaram fome nunca andaram descalço nunca andaram nas portas de ninguém atrás de uma xícara de açúcar, café pra beber; se o senhor ver um é mais forte de que o outro um é mais sadio de que o outro, sabe porque? Eu trabalhava; apareceu vários amigos pra mim mas eu não quis, eu não quis não por causa que eles eram tudo pequenino, eu fiquei com medo porque se uma pessoa *vinhesse* judiar de um filho meu se eu botasse uma pessoa comigo e judiasse de um filho meu eu não respondia por mim sabe eu fazia tudo aí eu fiquei doente do meu ouvido sabe eu fiquei doente do meu ouvido aí eu passei essa doença na minha perna aí apareceu esse problema na minha vista fui operada sabe uma moça que tá com esse outro meu filho que ele também se separou da mulher né, aí tá com outra moça uma professora também trabalha lá no colégio militar, ela conseguiu a operação da minha vista sabe mas eu não tô muito bem não sabe; dói minha vista, fica muito doendo sabe o problema que eu tive foi só que eu enxergo eu não tava enxergando quase nada sabe mas, agora eu já tô enxergando sabe, agora fui ao médico, o último médico que eu fui, foi o médico me cobrou quinze reais e eu paguei, passei mais de uma hora fazendo exame, passou remédio não deu em nada.

Sérgio: Todas essas doenças foram por causa do carvão, do trabalho com carvão?

Judith: Eu não sei se foi do carvão não eu não sei, eu sei que quando eu parei de trabalhar no carvão eu ainda ouvia pouco... mas o senhor sabe eu não tive tratamento logo no começo ne agora é um problema que não dói não escorre não tem mal cheiro só fez sumir... a pessoa tem que falar bem pertinho de mim pra ouvir, aí foi duas vezes no médico com esse menino pelo estado né, a minha filha me levou a mãe dessa garota a mãe dessa garota conseguiu um médico o doutor Álvaro sabe de ouvido eu fui ele passou um remédio aí minha filha perguntou se eu podia usar aparelho ele disse que não, eu não posso usar aparelho por causa do remédio do aparelho pode dá uma convulsão pior, aí fiquei parada sabe.

Sérgio: Mas sobre essa doença que do ouvido, não tem jeito?

José [filho]: Não, o diagnóstico muito provavelmente por conta da água porque elas carregavam madeira na cabeça também, a gente carregava madeira na cabeça também não era?

Judith: Era, carregava quando não passava pra comprar eu ia lá pra beira do rio.

José [filho]: No lixeiro

Judith: Pra sustentar esses filho sabe por que meu prazer era que eles estudassem como todos estudaram, todos estudaram sabe eu não sei mas eles sabem

José (filho): Mano fez administração, mana contabilidade e eu fiz pedagogia.

Judith: É por isso que esse meu filho mais velho

José [filho]: Tô falando que a mana fez contabilidade, o mano administração e eu magistério.

Judith: É, todos eles estudaram esse outro trabalhou na administração, o mais velho ele fez aqui no Marquês, mas era pago a 1ª matrícula pagava pediam aqueles papéis sabe aí eu [...] comprava aqueles pacote sabe pra cada um comprava um pacote deixa tudinho lá no centro, aí no outro mês mandaram, pedi papel higiênico, mandavam, pedi sabão eu comprava e pagava nunca meus filhos pegaram falta por necessidade de colégio não, começaram aqui na escolinha todos eles né, aí esse foi pro Pedro, do Pedro foi pra escola técnica aí voltou pro IEA, a outra não...o menino ficou no Marquês todo tempo ele fez todo o estudo dele, aí no Marquês o mais velho

Sérgio: Porque? De onde ela trouxe essa ideia de fazer carvão?

José [filho]: De onde veio a ideia de fazer carvão?

Judith: A ideia de fazer carvão? Foi precisão meu filho, era pouquinho o dinheiro que o pai deles deixou sabe, e você sabe...pra me dá nada não, sabe tô lhe falando que eles eram tudo pequenino, aí eu agarrei e fui fazer meu carvão.

Sérgio: Mas assim onde ela aprendeu? A senhora aprendeu com alguém?

José [filho]: Onde a senhora aprendeu a fazer o carvão?

Judith: Onde eu aprendi? Um conhecido meu que me ensinou a esposa dele que me ensinou, ela falou assim: mana tu tá ruim? tu não quer ir lá beira comprar carvão? Tu faz em casa, teu quintal é grande, por que isso aqui é meu ele comprou e pagou de uma vez esse pedaço de terra compramo do JG mesmo sabe, não foi recomprado não.

Sérgio: E a rua se chama JG né?

José [filho]: A rua se chamava JG, nós somos uns dos primeiros moradores daqui do bairro.

Sérgio: Mais ou menos que ano?

José [filho]: Nós viemos em que ano pra cá?

Judith: Em que ano? Em 65.

José [filho]: É que eu sou de 69 e eu nasci aqui.

Judith: Esse aqui era nascido não, só era nascido o mais velho, só o primeiro que era nascido, nasceu em são Raimundo esse e aquela já nasceram aqui, ela em 65 e ele em 69, eu tinha 25 anos quando ele nasceu sabe, aí eu disse, mas aí mana como que eu vou fazer? Ela disse, bem, faz aí, tinha água lá daquele igarapé sabe, onde agora é esses prédios sabe tinha minha cacimba lá né aqui a gente não tinha nada não tinha água, não tinha nada, aí eu arrumei sabe, tudinho aquela madeira bem arrumadinho sabe... Eu arrumava aquelas madeira tudinho, aí cobria com folha e jogava terra em cima botava fogo, aí com 4 dias eu ia tirar, tirava 5 sacas, 6 sacas quando era sábado vendia tudinho sabe.

Sérgio: Onde a senhora vendia?

José [filho]: Não era a toa que me chamavam filho da carvoeira

Judith: Aí eu pegava aquele dinheiro, era pro pão, o frango e a carne e as outras coisas eu comprava com o dinheiro do pai dele deixou, nunca estudaram de *conginha* não, era tudo de tênis sabe; a menina de roupinha colegial tudinho sabe, quando eu recebia o décimo eu pegava o dinheiro do décimo comprava a farda deles tudinho, duas calça duas camisas pra cada um duas sainhas, pras menina duas blusinha né, aí mandavam pedi livro, aí eu ficava pra lá e pra cá ai eu, né aí comprava o livro deles comprava caderno pra eles, você não sabe a luta que tive, não tinha mais pai a minha mãe também morava mas eu sabe que minha casa era grande aí onde ele tá morando que era de madeira que eles deixou onde o pai dele deixou mas era grandão acumulava eu com eles três minha mãe uma senhora que era esposa do meu sobrinho com 2 filhinho nos vivia tudinho aí que é hoje é que é com que eu tô me achando também com essa pessoa sabe meu sobrinho mas sabe que ele teve um problema cortaram a perna dele aqui sabe cortaram o pé ai ele não pode mas trabalhar ele era um peixeiro muito forte ai no Adolfo Lisboa sabe me ajudava muito também sabe aí tirava aquele carvão, sacola debaixo do porão, saía vendendo de lata meia lata.

Sérgio: Aqui mesmo no bairro?

Judith: Todo dia tinha eles o pão deles pra comer sabe.

Sérgio: E o pessoal comprava pra que o carvão?

José [filho]: Só pra fazer churrasco mesmo.

Judith: Mas é um trabalho tão bom olha, você não sabe...

Judith: Aí eu morava com a minha irmã aqui na rua Boa Sorte, sabe onde é?

Sérgio: Na Matinha.

Judith: Bem na cabeça da ponte, São Raimundo, ali que nos morava, ai eu fui trabalhar na fabrica [pausa] de castanha, na quebra. Aí eu não [inaudível] pra quebrar castanha mano, eu esbagaçava todinha a castanha, sabe. Aí essa aqui enchia as caixas dela, as minha tava lá embaixo, que eu não sabia quebrar. Aí um dia tava chorando né, que as outras ganhavam muito dinheiro e eu ganhava pouco porque eu não fazia as caixas todas né. Aí [risos] a capataz passou né, aí falou assim “o que foi minha filha, o que foi?” Ela pensava que eu tinha me acidentado, aí a minha irmã falou pra ela assim: “Não ela tá chorando porque ela não sabe quebrar a castanha, ela tá chorando por que ela queria fazer muito como as outras fazem, mas ela não sabe quebrar, ela quebra as castanha”. Aí ela falou ahh minha filha isso não é problema, chore não. Amanhã eu vou lhe passar pra outro trabalho. Você sabe varrer? Eu digo, ah isso eu sei. Amanha você vai pra vassoura, sabe. Aí no outro dia eu fui alegre, nós morava ai, nós ia muito sabe, morava muita gente lá, nos ia trabalhar lá na Joaquim Nabuco, na Usina Alegria. Aí quando foi no outro dia eu fui que cheguei lá ela tirou uma da vassoura, botou na caixa que eu quebrava né e me botou na vassoura, ah ai eu fui em frente sabe. Tacava a vassoura na canela, aí a menina: “tu tá doida” [risos] as quebradeira diziam. É porque você não tira a perna dona, tô varrendo, levante sua perna [risos] se a senhora não tirar eu vou bater, que eu tô varrendo. Aí eu varria tudinho, sabe. Aí vinha do cinema aqui no São Raimundo, morava perto de uma senhoras, tinha uma menina muito danada, minha colega, né. Judith vamo pro cinema amanha, eu disse se eu receber meu dinheiro eu já tava trabalhando, eu vou; aí eu fui. Foi quando eu conheci o pai desses meninos, sabe. Aí a minha colega muito danada né, aí disse assim nós não vamo pagar entrada não era ela e a irmã dela eu a minha sobrinha. Aí a outra falou assim: é Zená pelo amor de Deus tu não vai mexer com o titio; titio tá lá no bar, aí ela disse “má rapaz eu vou pagar”. Nosso dinheiro a gente tomar um picolezinho quando nós voltar, né. Aí ela se meteu lá, aí vi o home numa mesa sabe com uns amigo, umas amiga lá; aí ela foi lá, “tio eu vim eu e a [inaudível] e duas colega minha novata que tão aí, a gente veio ver o cinema, o matinê, né, mas só que eu trouxe pouco dinheiro. Aí ele falou: [inaudível] o que tu anda fazendo por aqui? [inaudível] aí [risos] mas eu quero dinheiro [risos] mas eu quero dinheiro para nossa entrada tio. Aí disse peraí que eu vou lá né; aí ele foi lá; comprou as quatro entrada. Por aí foi o ponto que me levou ao casamento, sabe. Ele viajou, quando chegou foi pra casa da irmã dele que morava perto da minha irmã, ai...por lá eu...queria me casar não sabe eu não queria me casar...era tão nova...ai... mas eu morava com a minha irmã, você sabe a gente morando com os outros é chato que só...quando nós morava no sitio eu tinha min há casa mas a mamãe por lado da fazenda, era muito grande. O meu cunhado era o capataz da fazenda, mas ela danou-se, meteu na cabeça ate ele vender tudo pra vim pra cá. Ai foi o ponto que eu cheguei a me casar, sabe. Completei 17 anos ai eu me casei, eu fiz 17 anos em agosto e me casei...eu ia fazer 17 anos, 18 anos em agosto ai me casei em julho, dia 02 de julho, mas me casei muito bem, graças a Deus, muito bem casada. Ai fui morar em flutuante [pausa] de lá um irmão meu que [inteligível] caia gente, criança, mulher, criança afogada toda hora de vez em quando escutava na voz morreu uma criança ali, ai eu já tinha meu primeiro sabe, ai eu pedi a Deus Nosso senhor jesus cristo quando ele chegou da viagem eu falei pra ele olha tão anumerando os flutuantes, vão acabar a cidade flutuante [interrupção: filho ofereceu café, a entrevistada se dispõe a fazer café]. Ai ele disse desde que eu me entendo que acabam a cidade flutuante, nunca acabaram, mas eu tenho fé em Deus que vão acabar. Mas mulher eu não dinheiro pra comprar uma casa, ai eu digo mas...não a gente fica lá pela rua mesmo. Ai ele viajou, quando ele chegou o flutuante tava numerado, sabe. Ai...[interrompeu para fazer café]. Ai ele...agora bora alugar...na casa do papai...pra casa do seu pai eu não vou...porque você não vai? Porque não vou...não me dou pra morar

mais ninguém...aí sem tá minha irmã chegou e disse tem uma casa lá desocupada da bem pra vocês...aí eu pra lá eu não vou porque de lá eu já saí...aí ele agora tá ruim...tenho dinheiro pra comprar casa vou alugar...eu ajudo vou trabalhar em casa de família, mamãe toma conta do nenê eu vou trabalhar em casa de família pra te ajudar a pagar o aluguel. Mas pra casa do teu pai e para casa da minha irmã não vou não. Aí ele disse agora sim...aí quando foi no outro dia ela voltou né...chegou e disse Quiterio o que foi que sua mulher resolveu? Aí ele foi e falou assim disse que nada ela tá implicando pra ir pra canto nenhum. Aí disse rapaz tão vendendo terra, aí o J.G. tá vendendo terra, eu já tirei um terreno pra mim, aí eu digo esse terreno eu quero, aí ele veio com ela, sabe quando ele comprou esse terreno aqui. Ela disse olha os bichos vão te comer, só tenho pena da criança, sabe, mas tudo quanto é de fera tem lá, porque ele acostumado lá na beira, né. Tudo quanto é de fera, animal tem lá vão te comer, só tenho pena é da criança. Ele come não mano, eu sou acostumado a morar no interior, eu conheço onça, conheço jacaré, conheço cobra, tudo isso eu conheço, sabe... aí tenho medo não. Aí ele desmanchou a cozinha do flutuante...fez uma casinha ali sabe, eu tava gestante da menina. Aí eu vinha todo dia eu vinha limpar sabe....uma barriga por acolá, sabe.

Sérgio: Dele?

Judith: Não da menina, esse ai é de 69 a menina que é de 65 do ano que eu cheguei aqui, eu subia lá do Sulamérica sabe, mas velhinha sabe, mas vinha por cá, nós capinava, capinava. Até quando ele chegou que trouxe minha bagagem toda bagagem pra cá aí eu fiquei aqui.

José [filho]: A senhora trabalhou quarenta anos no carvão?

Judith: Trabalhei, acho que eu trabalhei mais, trabalhei mais...[pausa] que eu comecei a trabalhar no carvão [pausa] eu já tinha a Aparecida, a minha filha sabe. Aí eu continuei...aí foi o tempo que o pai deles faleceu, aí eu continuei. Ele fez 46 anos de falecido agora, no dia 12 de dezembro do ano passado. E eu parei de trabalhar no carvão! Você tinha quantos anos mais ou menos?

José [filho]: Tinha mais de 20, vixi muito mais.

Judith: a Clara tá com 16...eu parei tava com [pausa] 35 anos... eu trabalhei no carvão e não tô trabalhando até hoje porque me empataram [risos] senão ainda tava trabalhando. Não tem mais madeira pra mim fazer meu carvão...mas eu tinha me virado, tinha tirado um terreno lá pelos interior, ia embora trabalhar no carvão. Eu gosto de trabalhar amigo, eu só tô parada agora por causa dessa doença na minha perna, mas dói...aqui...dói, dói sabe. Eu não posso, eu ando assim a pulso sabe, porque a minha filha mora longe, ele trabalha, vai embora de manhã, não tem tempo, o outro mora lá pro [inteligível] não tem tempo, então eu tenho que andar pra comprar minhas coisas, e também não gosto que ninguém compre nada pra mim não, eu mesma gosto de comprar.

Sérgio: Ela recebe aposentadoria?

José [filho]: Não! Aposentadoria não... Depois a gente conversa sobre isso, só a pensão do papai.

Judith: Eu já fui por tudo quanto é canto, naquela clinica eu não vou mais, não presta lá.

Sérgio: A madeira que o carvão era feito, era só da serraria ou vocês cortavam árvores?

José [filho]: Não, nós pegávamos no lixeiro.

José [filho]: A madeira do carvão era da serraria e do lixeiro né?

Judith: Hunrun...Era! Comprava na serraria, nas construção e lá do lixo, lá da beira do rio carregava a pé. É isso que ele fez, o livro. Eu tinha um sobrinho, esse meu sobrinho que eu falei que tá sem a perna, ele ficava com raiva que ele morava mais eu, aí ele tava lá na parada de ônibus, eu vinha com um feixe de lenha na cabeça, sabe. Aí ele “Mais meu Deus do céu essa titia parece uma formiguinha com esses feixe de lenha na cabeça,

titia pare com isso, titia”. Rapaz eu não tenho quem me dê, o que meu esposo deixou não da pra mim conviver mais meus três filhos, pagando água, que luz eu não tinha, que esse aqui botou quando começou a trabalhar, mas a minha água eu tinha todo tempo, sabe. E outra que eu sou acostumada a trabalhar eu não me dou...procurar um dinheiro e eu não tem não...eu tenho meu dinheirinho...pouco mas eu tenho, eu guardo, eu poupo eu vou ali na taberna e compro uma coisa; quando a minha filha vem porque assaltaram muita a casa do menino aí na frente sabe; então-se eu não quero que fique meu dinheirinho aqui, fica tudo lá com ela sabe; ela vem toda semana ela traz um dinheirinho pra mim. Porque eu fiquei com medo, as vezes ele sai, precisa sair, né, eu fiquei com medo de ficar com dinheiro, o portão não tem tranca agora, mas eu vou fazer um sacrifício e botar um cadeado, sabe. Aí eu ia me embora carregar, ia na construção, eu falava com o motorista, né, tá dona eu vou levar uma carrada de lenha pra senhora, eu dizia quanto é, é tanto, quando eu recebia eu deixava aquele dinheiro, próprio pra me pagar o motorista que vinha trazer a madeira pra mim, aí ia fazer meu carvão, aqui no quintal. Se essa infeliz não tivesse dado parte eu ainda tava fazendo há muitos anos, agora que tudo acabou né, é tudo rua, tá cheia assim, naquele tempo não era uma casa aqui, outra acolá, tudo de madeira, agora não tudo é de alvenaria, não posso mais fazer, de jeito nenhum, não podia mais fazer.

Sérgio: Quando a senhora começou ninguém reclamava?

José [filho]: Quando a senhora começou ninguém reclamava?

Judith: Não, ninguém reclamava não, todo mundo via que eu precisava, eu tinha três filhos pequenos pra criar. Aí pagava água, pagava o IPTU, todo ano eu pagava. Aí quando esse prefeito que tá ia agora foi pra prefeitura ele isentou meu terreno, aí quando foi agora em 2014 né, 2014 veio, R\$ 200,00 ele pagou. Eu tava operada da minha vista, tava lá na minha filha, quando foi ano passado de novo...duzentos e...quarenta veio ano passado aí eu paguei, pagaram de duas três vezes, eu não pago, eu não pago, pago logo tudo de uma vez, sabe. Porque sempre tem que pagar né. Paguei tudo de uma vez e eu tô esperando agora em março. No ano que eu me operei minha vista chegou em agosto, quando foi ano passado chegou em março e agora eu tô esperando em março de novo e a minha casa é essa...as vezes ele cobra duzentos, mas tem muita gente que diz que ele tá roubando, sabe, tá roubando, porque o imposto não dá isso tudo não, né.

Sérgio: Na época que ela começou a fazer o carvão as pessoas usavam pra que, além de churrasco?

José [filho]: Pra que as pessoas usavam o carvão quando o carvão?

Judith: Hum?

José [filho]: As pessoas faziam o que com o carvão que lhe compravam?

Judith: Quem me compravam? Assavam comida, cozinhavam, como eu cozinhei, eu criei eles tudinho cozinhando no carvão. Eu não tinha fogão, eu cozinhava no fogareiro. E agora eu já vou comprar um fogareiro, eu já não comprei porque eu não posso andar pra ir no mercado e a menina já faz questão que eu não compre, mas eu vou, eu vou melhorar da minha perna e vou pegar o ônibus e vou lá no mercado comprar um fogareiro pra mim porque eu não ligo o gás, não me falta meu gás, um dia eu fui ligar o bicho tava incendiando sabe, era na lamparina, a valência que o meu filho foi chegando da aula e resolveu pra mim, e aí agora as vezes eu fico pensando quando tá pra apagar o gás eu fico pensando ó meu Deus quando... só acaba quando tiver uma pessoas pra ligar sabe, quando chega uma pessoa pra ligar. Por isso que eu vou comprar um fogareiro. Eu falei com meu outro filho, né, ele disse mamãe a senhora tá ficando doida mamãe, aonde a senhora vai colocar esse fogareiro. Rapaz eu não quero pra cozinhar como eu criei vocês não, não é pra cozinhar todo dia só quando o gás acaba, que não tem quem ligue, pra eu cozinhar meu feijão, cozinhar carne, que eu como mais carne, que o peixe,



o frango agora tá muito caro [risos] eu como mais a carne que tá mais barato. E o gás vai embora de repente, sabe, com tudo que eu tenho panela de pressão, mas o gás vai embora de repente. E no fogareiro eu boto aí. Eu vou comprar amigo. Ele disse um saquinho de carvão mamãe desse tamanho é três real. Eu disse um mês eu compro um no outro mês eu compro outro, sabe e eu boto ai, sabe. E eu vou cozinhar no meu carvão. E eu vou meu amigo, eu vou. O senhor vai ver...a próxima vez que o senhor passar por aqui eu vou ter o meu café feito no carvão. O senhor já comeu comida feita no carvão?

Sérgio: Só churrasco mesmo.

Judith: Ahh o senhor não sabe como é legal. Esses meu ai, esses gordão tudinho foram feito....desde a papa... foram criado com carvão.

Sérgio: A comida feita com carvão é melhor?

José [filho]: Tá perguntando se a comida é mais gostosa feita no carvão.

Judith: É mais gostosa que no gás. Por que ela leva mais tempo pra aprontar, fica bem molinha, sabe e a gente não tá com esses males, meu Deus o gás tá acabando, o gás tá acabando...o carvão...faço feijão, faço arroz, ai faço frango sabe...aí os vizinhos comprava tudinho comprava pra assar peixe...quando chegar o peixe gordo o senhor passar por aqui um dia que a gente vamo comer um dia, é nesse carvão né, não é no meu, é nesse outro carvão, o senhor vai comer um peixe assado do carvão bem gostoso, lá pro mês de agosto, dia 15 de agosto.

Sérgio: Dona Judith por que a senhora saiu de sua cidade e veio pra Manaus?

Judith: por causa da minha irmã...mas quando eu morava no sítio eu não trabalhava em carvão não...trabalhava na juta, roça, toda plantação, banana, tudo isso nós plantava, sabe. Aí a minha irmã danou-se pra vim pra cá pra Manaus, aí se fosse por mim eu não tinha vindo não sabe, mas eu não tinha mais pai, só era eu e a mamãe, meu pai já tinha falecido. Aí a minha mãe falou que num ia deixar nós lá né, só eu e a minha mãe, que meus tio moravo mais afastado, aí ela queria vim pra cá, vendeu tudo as coisas dela, que nós tinha tudo aviamento, de trabalhar em farinha, em juta, sabe. Hoje que eu vivo doente assim é porque nós trabalhava...trabalhei desde os 10 anos ate os 16 quando eu vim pra cá na juta, por esse tempo nós tava trabalhando na juta, só que repartimo um bocado ia pra roça, trabalhava na roca outro bocado ia pra juta. Aí né, viemo, eu disse mamãe nós não vamo não mamãe, não minha filha nós vamo, tua irmã não quer deixar nós aqui, nois vamo. Mamãe eu só vou porque naquele tempo a menina não se dominava com 16 como hoje né, só depois dos 22, com 16 tinha que acompanhar. Aí eu vim pra cá né, cheguei aqui estranhei muito sabe, ai fui trabalhar. Trabalhei na fábrica de castanha, na quebra sabe...de castanha. Quando a fábrica fechou, ai foi quando eu comecei a ver as vizinha fazer o carvão né, ai fiquei vendo....aqui não tem esse Bariri? Aqui perto da ponte era isso, só que nois não morava no Bariri, nois morava entre a Matinha e a Boa Sorte, você cunhece num cunhece? Pois é a casa da minha irmã era lá. Aí vi a vizinha fazer carvão né, mas eu num fazia não. Eu já estava noiva, aí eu me casei e antes de fazer um ano que eu vim do sitio eu me casei. Eu cheguei aqui em agosto de 60, aí quando foi em julho de 61, dia 02 de julho eu me casei. Aí fui morar, num tinha precisão de trabalhar, quando a fábrica reabriu mandaro me chamar, o pessoal da fábrica mandaro me chamar, só que o meu esposo num deixou eu voltar pro trabalho...trabalhar. Eu já tinha um filho, tinha um filhinho quando mandaro me chamar, ele disse que não, que não era preciso, que tinha casa, tinha quem desse comer, tinha um menino [pausa] fiquei muito triste sabe, porque eu queria voltar, toda a vida trabalhei, como eu tô lhe falando desde os meu 12 que eu trabalho. Aí tudo bem, foi o tempo que veio a arrumação de acabar a cidade flutuante, eu morava em flutuante aqui no *Sulamérica*. Aí e agora? Disse. A minha irmã veio “tu vai morar lá em casa, aquele quarto de vocês

ainda tá lá, cabe tudinho”. Tu vai Evaristo? Que era o nome do meu esposo, aí conversa com ela que vocês vão morar lá em casa, aí ele veio, que tal vamo morar lá na tua irmã? Eu disse num vô, você quiser ir vá, eu num vô, porque se eu quisesse tá lá, de lá eu já saí, pra lá eu num volto. Aí ele falou então nós vamo pra casa do papai, que era aqui em São Raimundo, a casa do pai dele tinha um bocado de casa, grande casa. Aí eu digo pra lá eu também num vô, eu num vô porque o barranco quebra lá em cima e joga as casa e mata as pessoa, por isso eu num vô pra lá. [inaudível] Mulher eu não tenho condição de comprar uma casa agora, aí eu digo eu fico por aí mesmo, pelas beirada do rio, quem sabe. Aí ele falou que não [inaudível] tava no fim da conversa ela chegou, disse que tal vocês num resolvero ir pra lá? A mulher num vai não, disse que ela não vai porque de lá ela já saiu, ela num vai lá, eu não. Num vou obrigar fazer uma coisa que ela num quer. Aí ela disse rapaz o JG tá vendendo terra, vamo lá comprar um terreno, eu já cumprei um pra mim.

Sérgio: A senhora comprou de quanto, a senhora lembra?

Judith: Quando eu vim pra cá?

Sérgio: Qual o valor do terreno?

Judith: O terreno? Ele comprou por 90 (noventa) cruzeiros, mas só que 90 cruzeiro naquele tempo era muito dinheiro sabe, era muito dinheiro. Aí ele veio mas ela pra cá, aí ela num quis, ela num gostou, ela comprou um terreno pra li, ela vendeu né, aí ele comprou esse aqui e em 65 eu vim pra cá eu cheguei a fazer 51 anos agora dia 24 desse mês que eu cheguei aqui sabe, trazendo meu filhinho de 2 anos e gestante da minha filha de 5 meses. Quando eu cheguei aqui eu vivi muito bem graças a Deus, só que num tinha água nem luz e nem nada aqui. Ele viajava sabe, ele viajava e eu tinha um sobrinho que trabalhava no matadoro, né, esse que me chamava de formiguinha sabe, esse que agora o bichinho ta doente, cortaro a perna e tudo, mora aí na Vila da Prata, mas tá bem graças a Deus, tá doente, mas tá bem. Aí [ele falou] titia não se preocupe cumigo não que a comida, o pão eu trago pra vovó, mas a titia e o Izidoro, que é meu filho sabe, aí é muito bom, filho de ouro, queria que toda mãe tivesse um filho tão bom como eu tive aquele, só que eu...só meu deu um disgosto que se separo da mulher né, da esposa dispois de tantos anos de casado, separou tá com 3 anos que ele separou da esposa dele. Aí quando o velho morreu aí eu fiquei ganhando pouquinho sabe, muito pouquinho que até hoje é pouquinho.

Sérgio: Mas a senhora ficou ganhando o que, uma pensão?

Judith: É a pensão! É a pensão, bem pouquinho ele trabalhava na [pausa] Se ele tivesse 1 ano que ele trabalhando no matadoro eu tava ganhando bem sabe, eu tava ganhando bem que era pela Prefeitura né, mas ele num tinha, num fizeram nada ai...

Sérgio: Ele era funcionário do Matadouro?

Judith: É...ai eu, me mandaro pra cá pra Compensa que era onde ele trabalhou, mas ai lá era mínimo puro mermo, naquele tempo né, ele também num tinha profissão, em terra né, ele tinha muita profissão no rio, mas em terra ele não tinha quase. Ai eu fiquei com esses três mínimos, aonde esse aí ficou cum dois anos de idade[referindo-se ao filho que mora próximo no mesmo terreno], ai fui trabalhar, que ele nasceu em 69 [1969] esse ai. Era muito pouquinho e eu queria que eles estudasse que eu não sei lê né, mas eu queria que meus filhos estudasse, aí não dava aquele dinheiro era muito pouquinho, foi quando eu resolvi a fazer o carvão, eu fiquei com vergonha de ir lá no rio atrás que com 27 anos eu fiquei viúva, sabe de tá lá pelo rio atrás daquelas canoa que vem do Tarumã, eu não quis isso pra mim sabe porque amigo eu sou muito pobre, não tenho saber, mas graças a Deus sou uma mulher de respeito sabe, fiquei viúva com 25 anos, tô cum 71 vou fazer 72 agosto é.

Sérgio: De lá pra cá a senhora não casou mais?

Judith: Não [risos] não...não foi a falta de quem não aparecessem quem num quisesse me amparar novamente não, apareceu, mas eu num quis, fiquei pensando nos meus filhos sabe, tudo que eu passei na minha vida meu amigo, foi por causa, causa de filho. Não presta a pessoa ter filho e ficar sem marido pra botar no meio da cumpanha. [inaudível] tanta coisa aí, aqui...sabe, como mulher que bota outro homem na cumpanha sabe, aqui mermo vizinho já duas...os padraço engravida as enteada. Eu fiquei com medo disso e outra que num quis mesmo não. A minha irmã...menina você ficou [viúva] muito nova, você não vai resistir trabalhar...eu vou experimentar, ela era minha irmã e minha cumadre né, eu vou experimentar cumadre, se de tudo eu num puder criar meus filho pode até ser né, mas eu num tenho vontade de botar ninguém, porque ele me deixou com esse pouquinho dinheiro, me deixou com meu terreninho, agora o terreno era...A minha casa era lá na frente, de madeira que ele me deixou sabe, era uma casa que cabia eu com a minha família, minha mãe e um sobrinho, esse sobrinho casado que agora tem casa lá na Vila da Prata, era tudo ali, era grandona, uma casona de madeira, agora ele deixou o terreno todo pago, não ficou devendo nada; minha filha tem toda papelada, não tem nada comigo.

Sérgio: Mas vocês pagaram o terreno de uma vez ou foi parcelado?

Judith: É...quem?

Sérgio: O terreno foi pago de uma vez?

Judith: Hunrun, aí ele foi, quando ele comprou ele chegou da viagem ele foi pagar a primeira prestação, né, aí levou uma nota pra comprar umas coisas, pagar prestação, mas só que o dinheiro que ele levou ele já tinha dado dois cruzeiro pro Marcolino, o senhor conheceu o Marcolino né? Era delegado e era quem....mateiro daqui dessa terra.

Sérgio: Mateiro?

Judith: Era quem vendia.

Sérgio: O que era um mateiro?

Judith: É

Sérgio: Não, o que é um mateiro?

Judith: O Marcolino?

Sérgio: Não... o que é um mateiro o que ele faz o mateiro?

Judith: Qual ele

Sérgio: É, o mateiro, o que é?

Judith: Mateiro? Era o seu Marcolino, delegado.

Sérgio: Não, eu sei, mas o que faz um mateiro?

Judith: Que ele mede terra, é o medidor de terra, das rua, entrega a terra pra pessoa, aí ele assinou, aí ele dava uma papeletinha assim sabe pra pessoa ir pro JG e lá no JG era que ia dá todo documento pra compra da terra. Aí ele foi comprar, pagar né, aí ele levou [inaudível] um ano, ele disse quer ir não mulher, eu digo não, não vou não, eu tava gestante, naquele tempo, gestante num passava em uma borboleta né, tinha que entrar por trás, aí eu ficava com vergonha de passar lá por trás, aí não, num vou não. Aí quando ele chegou, cadê rapaz as compra, ele disse não minha querida num comprei nada não, porque o dinheiro que eu levei só deu pra pagar o terreno todo de uma vez e eu paguei, pedacinho de chão agora é seu mais das criança, que eu num quero nada não aí[risos] mas já tá aqui como você não quer nada, eu não quero, é seu aí tudo bem aí fiquei feliz né, que eu tinha meu pedacinho de chão, que eu tinha muito medo de morar no flutuante, tinha muito medo do meu filho morrer afogado sabe, que todo dia de vez em quando tava na [inaudível] tinha morrido uma criança tinha morrido duas, aí eu rezava todo tempo pra Nossa Senhora Aparecida que ela desse um jeito de acabar a cidade flutuante [risos].

Sérgio: E a senhora lembra quem acabou a cidade flutuante?

Judith: Quem foi?

Sérgio: Quem acabou com a cidade flutuante?

Judith: O carvão?

Sérgio: A cidade flutuante, quem acabou?

Judith: A capitania, a capitania dos portos, porque tava demais, já tava chegando quase no meio do rio; flutuante...coisa mais linda! Aqui nesse igarapé do São Raimundo cheio, ali no Educano, aqui na beira mar mermo, São Raimundo era cheio de flutuante, ali onde é a ponte tem um igarapezinho que é ai do Sulamérica que antigamente era um matadoro onde que era ali que eu ficava, ele viajava ali, ai tudo bem...

Sérgio: O flutuante de vocês era perto do Matadouro?

Judith: Era, bem pertinho do Matadoro; o matadoro era de frente pra lá e eu morava pra cá no igarapé do Sulamerica, não era só eu, tinha muitos, não só eu não, tinha dia que tava tudo encostado num sabe...poxa principalmente assim quando o rio vai enchendo né, ai vinho lá de dentro, outros já iam dali de fora, era um trovejo, agora era grandão o meu sabe, bem grandão, bem bonito meu flutuante, só que era coberto de palha ainda, já tavam cobrindo de alumínio, mas o meu era de palha. Aí eu fiquei aqui e quando ele faleceu esse terreno ficou todo pago, mas só que ainda num tinha o título definitivo, a escritura do terreno não tinha ai que com dois anos que ele tinha falecido ai os carro do JG passava avisando quem quisesse ter terreno que tirasse o título, aí eu fui, aí ajuntei meu décimo, o décimo do meu filhinho que ele já trabalhava; que ele começou a trabalhar com 14 anos aí no matadoro né, aí ajuntei meu décimo, o décimo dele, a metade do meu pagamento, fui lá e tirei a escritura, é meu! E com pouco tempo veio os imposto né, veio os imposto, aí eu pagava, mas era pouquinho sabe, era bem pequenino o imposto, aí quando esse homem que tá na prefeitura agora foi prefeito, aí ele isentou, que minha casa ainda era de madeira né, ele isentou...Olha esses ano tudinho passou isento, quando fizeram essa casa aí na frente botaram grade, botaram vidro, cavaro a terra pra botar carro, aí quando foi 2014 aí veio imposto, R\$ 270,00, paguei! O ano passado veio R\$ 240,00, esse ano foi pago no dia oito, chegou numa segunda-feira, terça-feira meu filho teve aqui ai eu pedi pra ele ligar pra irmã, aí ela veio buscar, eu disse minha filha tive o resto do meu dinheiro que depois que eu adoeci não pude mais trabalhar não pude, lavava pra fora abandonaram esse dono do que deu parte sobre carvão eu fiquei lavando pra fora sobe era esse troço que taí não era outro aí fiquei levando pra fora ai fui ajuntando meu dinheiro tudo que eu tenho aqui o meu filho que me ajuda e esse meu filho quando eu comprei essa aqui pra ajeitar meu barraco que eu morava lá na frente. Minha filha morava aí, o marido dela comprou uma casa lá na Cidade de Deus, mas não se deu pra lá que era muito longe, a menina tava assim e o meninozinho assim o filho deles né, aí chegava, estudava aqui no centro, iam chegar lá hora da noite.

Sérgio: Dona Judith como era a cidade quando a senhora assim, o que a senhora lembra da cidade de Manaus?

Judith: Na cidade?

Sérgio: O que a senhora lembra de Manaus na época que a senhora chegou?

Judith: Quem?

Sérgio: A senhora o que a senhora lembra de Manaus na época como que era Manaus?

Judith: Como era Manaus? Era boa, era boa Manaus em 62 como eu lhe falei 61 casei era tudo muito bom sabe era tudo muito bom mas só que não era como tá agora só era tudo de madeira as casinhas de madeira algum de alvearia algumas sabe.

Sérgio: E essa madeira vinha de onde?

Judith: Madeira era boa, nossas casas de madeira era as casas sadia sabe, tudo cobertinho de palha tudo ajeitadinho sabe... ai eu tinha minha mãe, quando ele faleceu

tinha minha mãe ainda aí fiquei junto comigo, irmã meu sobrinho morava tudo comigo sabe, ele casou a esposa dele não se dava com minha irmã né que a minha irmã era enjoada mermo né aí eles corriam pra cá, ficava ela tinha esses filhos, dois filhos eu tinha esse aí ainda pequeno a esse aí era increqueiro com os outros sabe, aí comadre não sei dois filhos dela; aí quando foi um dia tinha uma comadre minha ali morava do outra rua né, aí ela disse comadre tu vai comigo na Vila da Prata, eu disse eu vou o que tu vai fazer lá comadre? Ela disse eu vou comprar um terreno, tão vendendo terra lá na Vila da Prata, tá bom, eu pensei logo nela sabe. Essa minha cumadre ela morava mais eu, ela trabalhava na CCE e ele trabalha no mercado, era um peixeiro muito famoso esse meu sobrinho, era um peixeiro que chamavo de Barbado pra ele, era muito conhecido. Aí eu digo, eu vou, aí a mamãe o que que tu vai fazer menina? Eu vou mamãe, eu vou com ela, com a cumadre [inaudível] aí fui mais ela né; aí quando chegemo lá ela falou o homem disse só tem dois terreno, ela disse: eu quero um, só quero um. Aí eu falei pra ele assim: meu amigo o senhor já tem preferência pro [inaudível] ele disse ainda não, eu disse quero, num é pra mim que eu tenho, eu só quero aqui meu amigo o que eu num tenho sabe, mas o que tenho, eu num quero nada dos outro. Aí ele disse é pra senhora, eu disse não senhor, eu tenho, eu moro aí em Santo Antônio, eu tenho meu terreno, a minha casa, é pro uma cumadre minha que mora junto cumigo, aí ele disse tá bom, nós fumo lá uma quinta-feira, aí ele falou então aguarde sábado, porque amanhã ela ainda trabalha, sábado ta folgada, eu venho aqui com ela manha. Tá bom, aí quando ela chegou de noite eu falei com ela, eu disse cumade é o único meio que tu tem de ter tua casa, aí ela disse será cumade? Eu digo é, aí quando o meu sobrinho chegou ela falou pra ele: [Ele disse] Ahh eu num posso comprar um terreno, eu não posso comprar uma casa, eu não posso, aí eu só escutando né, quando foi de manha ele foi simbora pro mercado. Cumadre te arruma, vumbora que eu já pedi preferência pelo terreno pra ti, aí nós fumo, chegemo lá, graças a Deus o home ainda tava esperando, foi o ultimo terreno dai da Vila da Prata, ela comprou sabe; aí quando ele chegou de tarde aí ela falou pra ele que tinha dado entrada já na casa, no terreno. Aí ele falou tá bom agora é o jeito né, ela disse eu trabalho eu pago, aí ela pagou, era barato naquele tempo também sabe, aí ela pagou, ficou, ele num queria ir pra lá de jeito nenhum, eu disse rapaz vai porque tu viu quando eu vim pra cá como era isso aqui. Era mato, quando em vim, tinha uma casinha ali tinha outra pra li, tinha outra lá na subida sabe, aí eu cheguei no dia 24, quando foi no dia 25 chegou esse morador aqui, um senhor com...um filho e uma filha. Foi enchendo, foi enchendo, foi enchendo que tá como o senhor tá vendo agora, sabe. Cheio, não tem mais, o dinheiro que nós comprava um terreno, nós compremo o terreno num da mais nem pra alugar um quarto [risos].

Sérgio: Verdade!

Sérgio: E o trabalho com o carvão?

Judith: Meu trabalho do carvão? O trabalho do meu carvão era pro pão dos meus filho, era o pão. Eu ia receber meu dinheiro, aí eu recebo sempre no Bradesco né, aí eu vinha no supermercado, aí eu comprava tudinho o rancho, pagava o taxi, vinha embora, porque era no mato sabe, aí eu ficava trabalhando no carvão, ficava trabalhando no carvão sabe. Pegava o dinheiro ia na serraria eu comprava madeira, ia nas construção eu comprava madeira, essa minha cumadre que eu tava lhe falando do terreno, era quem ia mais eu sabe, comprar madeira nas serraria, nas construção, aí quando num tinha, num tinha construção, eu ia carregar, mas o meu destino era botar meus filho pra estudar...botei! Saia três horas da madrugada pra conseguir vaga pra botar eles pra estudar na escolinha, era uma casinha de madeira também a escolinha; o menino disse que o senhor mora prá lá o senhor deve se lembrar da escolinha, num se lembra? Pois é, aí botei primeiro aqui olha, ele já tava sabidinho, sabe, eu botava particular pra qui pra

colá, tinha uns crente aí passando essa casa, era uns crente, aí botaram uma escola pras...criancinha daqui, que a gente num conseguia, eu botei meu filho e minha filha pra estudar lá sabe. Ai fui lá né, cheguei lá, peguei...eu não sei se o senhor ouviu falar na diretora da época que eles estudaram aí, Dejanira? O senhor ouviu falar nela?

Sérgio: Hunrun!

Judith: Pois é, era ela a diretora, sabe, aí eu fui lá com ela, ela! oh meu bem, eu vou falar...meus filho num tem mais pai, é eu que tô me virando, trabalho com carvão, sabe, eu faço carvão pra vender, pra poupar o dinheiro. Ela disse tá bom, aí agarrei matriculei logo os dois sabe, a pequeninha foi pro primeiro ano, e ele não, esse aí tava com nove ano, ele já foi pro...segundo...terceiro, terceiro ano. Fez o terceiro e o quarto aí. Aí terminou, não tinha mais vaga pra ele aí, sabe. Lá eu me mandei pro Marquês...aí botei lá, lá meu filho formou-se, fez a formatura dele no Olímpico, sabe, em administração, [pausa]18 anos.

Sérgio: Como a senhora fazia o seu carvão?

Judith: Eu fazia meu carvão!

Sérgio: Como?

Judith: É!

Sérgio: Como era que a senhora fazia?

Judith: Eu fazia assim sabe; eu arrumava a madeira todinha assim [gesticula com as mãos], a madeira. Aí eu pegava um monte de folha...papel, botava em cima dos pau, aí pegava a enxada, ia jogando a terra até cobrir tudinho, aí quando cobria tudinho, eu fazia, botava o fogo...aí formava aquela fumaça sabe, eu ajeitava, aí cum cinco dias eu ia lá, aí eu ia tirá; tirava a terra todinha, ficava só ele. Aí eu ia tirando e botando nas lata, ensacolando, aí botava embaixo do porão, minha casa era alta o assoalho, botava embaixo do porão, aí eu botava, aí eu ia vendendo, tinha minha freguesa, do fiado, pra fiado, sabe.

Sérgio: A senhora ia entregar de porta em porta?

Judith: Hunrun, é [risos] Quando era sábado e domingo, eu num tinha tempo, de vez em quando tinha gente, de vez em quando tinha...aí eu diz que ia vender o carvão que dava pra mim comprar o pão a semana todinha, e o frango sabe, a carne, o peixe, passava os carro vendendo uns peixinho assim cumpridinho, sabe, aí eu comprava aquele monte, num tinha agua nem luz aqui, a água era uma cacimba lá...dentro, a luz era a querosene, o senhor sabe o que é querosene?

Sérgio: Sei.

Judith: É! Na lamparina, na lamparina, num tinha agua, aí eu ajuntando, ajuntando, ajuntando, aí quando a água passou [inaudível] minha água.

Sérgio: Quando?

Judith: Quarenta...

Sérgio: Quando foi que chegou a agua aqui no bairro?

Judith: É...

Sérgio: quando foi que chegou a agua aqui no bairro?

Judith: [inaudível] É...continuava, aí eu já tirava mais fácil o carvão porque eu já tinha minha água, eu apagava, pegava a agua tudinho, mas só que as vezes ela soltava uma fumaça, né aí esse bicho nojento daqui, que morava aqui, era um paranaense, a mulher dele foi lá e deu parte na prefeitura, sabe, por causa da fumaça.

Sérgio: Quando?

Judith: É quando...!

Sérgio: Que época foi essa que eles deram parte?

Judith: Han?

Sérgio: Quando foi que eles deram parte? A senhora lembra quando foi?

Judith: É...e quando acabar foi na Sedema que ela deu parte, na Prefeitura.

Sérgio: Mas a senhora lembra o ano mais ou menos?

Judith: Hunrun.

Sérgio: O ano a senhora lembra quando foi.

Judith: Ai é que eu num sei, que eu num me lembro quando foi que ela deu parte, mas eu vou me lembrar, a minha ela tem tudo anotado, tudo, tudo, tudo que.... eu num tenho conta de água, eu num tenho conta de nada daqui, tudo que chega pra mim ela leva sabe, eu entrego pra ela, até minha aliança, a minhas duas aliança ela tem guardado lá, ela tem guardada lá, eu num tenho imposto, tudo, tudo tá com ela, eu tenho certeza [pausa] que esse meu neto ali quando ele nasceu eu ainda fazia o carvão, é, ele tá com vinte e cinco ano de lá pra cá, quando ele tava cum um ano foi quando justamente foi quando eu acabei o carvão, que o menino veio me chamar, que quando eu cheguei lá esse menino já tinha assinado, sabe, porque se ele num tivesse assinado eu tinha continuado fazer meu carvão. Eu queria ser presa mesmo [risos].

Sérgio: Por quê?

Judith: [risos] Por causa da fumaça, e a fumaça nem era minha, era da outra, tu sabe que todo canto tem gente invejoso, né, ela viu a minha luta com meu carvão, pois ela agarrou e foi fazer, ela morava lá pra frente, ela num tinha cuidado, aí a fumaça...a madeira queima e baixa né, aí fumaçava, foi por isso que eles deram parte né, num foi tanto por causa de mim. Aí eu fu...quando eu cheguei lá esse menino já tinha assinado, sabe, aí num quis, porque seu eu continuasse eu num ia presa quem ia preso era ele. E eu num queria isso, Deus me livre, Nossa Senhora me defenda. Peraí.

Sérgio: Mas quando a senhora começou ninguém reclamava?

Judith: Não, não! Ninguém reclamava, o contrário, todo mundo achava era bom. Porque muita gente cozinhava no carvão, num tinha gás por aqui, todo mundo cozinhava, assava, principalmente esse pessoal que faz banca, era onde vinho comprar meu carvão, passar roupa, sabe. Passando essa casa aí, na outra, uma senhora ela lavava pro seu Mario Guerreiro, o chefe da Eletronorte, que o Amazonino vendeu, sabe [risos]. Aqueles paletó lindo, lindo, branco, sabe, era minha freguesa de carvão. Aí eu vendia pra assarem peixe, assarem carne, pra cozinharem, passarem roupa, eu tinha meu ferro a carvão também, que eu tinha minhas lavagem de roupa, sabe, pra criar meus filho, mas o senhor sabe que nunca um filho meu botou os pés na casa dum vizinho pra pedir sequer um carço de farinha, não senhor; o senhor sabe um filho meu nunca andou descalço, nunca andaro despido, nunca andaro mulambento, sabe, porque quando chegava o décimo que o pai deles deixou eu comprava roupa pra todo mundo, farda. A minha filha nunca estudou cum conguinha não, era cum sapato colegial sabe, todos eles, todos eles. Os outrozinho entravo lá, pediam aquelas resma de papel, sabe, eu num dava uma folha não, eu comprava logo pra cada um pacote né, ai eu ia deixar lá, eu pagava a matricula, primeira ma...primeira vez era pagava a matricula, aí no outro...no decorrer do ano eu num pagava mais, só pagava quando entrava, pra evitar sabe. Mas meus filho nunca andaro mulambinho, nunca passaro fome. O senhor ver que cada é mais forte que o outro, porque outra coisa não, mas o feijão era todo dia, sabe, cozido no fogareiro, sabe, botava o feijão no fogo; mamãe tome conta aí do almoço dos meus filho que eu vou trabalhar, ela dizia tá minha filha, pode deixa ai. Aí feijão, arroz, frango, guizado ou carne, feijão cum jabá [risos]. Aí no outro dia já era aquele peixinho fritinho, bem sequinho, torradinho pra eles comere cum feijão, aí as vezes de tarde num tinha nada [inaudível] taberna, eu num sei se o senhor ouviu falar no seu Terto?

Sérgio: Acho que não.

Judith: Essa ca...aonde essa casa bem aí, era uma taberna, sabe, aí quando meu marido começou a trabalhar na Compensa, aí trabalhava junto cum ele, aí começou a comprar

pra pagar por mês, aí quando ele faleceu eu fui lá pagar a conta, aí ele falou assim não você num vai passar necessidade não, cum seus filhos não, pode vim que a senhora compra do mesmo jeito que quando ele era vivo ele comprava, aí eu comprei; comprei todo tempo sabe. Aí botava a minha caderneta debaixo do braço, ia mim embora pra taberna, sabe, tirava duas latas de sardinha, cinquenta centavo de ovo, era dez naquele tempo sabe, era dez ovos [risos]. Chegava fazia aquela farofa e, pegava meio pacote de macarrão, botava pra ferver, lavava bem lavado e botava dentro do feijão, eu sei que pra cada um tinha de um prato de janta bem feito, que eles comem bem meus filho, todos eles, sabe, eles come bem.

Sérgio: Eles lhe ajudavam a vender, a fazer o carvão?

Judith: Quem?

Sérgio: Os seus filhos lhe ajudavam a fazer o carvão e a vender?

Judith: Ele?

Sérgio: É!

Judith: É, aí esse meu filho começou a trabalhar, quando ele começou a trabalhar aquele ali [apontando para a casa do filho que mora no mesmo terreno] aí ele falou pra mim: ele disse mãe, deixa esse *negoço* de lavage de roupa, eu vou te ajudar, e me ajudou, e até hoje, até hoje, é um filho de ouro, agora nesse IPTU tão caro que veio, ele num mora que ele tem a casa dele, mas ele me ajudou, me ajudou muito, é um menino muito bom, filho de ouro, pode dizer. Você tem filho?

Sérgio: Não!

Judith: Agora não tem, não? Como é casado e num tem filho?

Sérgio: Não deu ainda!

Judith: A mulher num quer tê?

Sérgio: Não.

Judith: A minha neta também tá evitando também olha...

Sérgio: Quais eram as madeiras que a senhora usava, podia ser qualquer madeira?

Judith: Madeira, menino, pra fazer o carvão? É qualquer madeira, qualquer madeira, o carvão só é feito de madeira nova no Tarumã, é lá que é feito, que vem as barca pra cá, que agora um saquinho desse tamanho é três real, naquele tempo eu vendia uma lata por dez centavo e rendia que só num sei o que, sabe, mas era de madeira fraca mesmo, comprava na serraria, num sei se você ouviu falar na [inaudível] uma serraria que tinha bem aqui antes da cabeça da ponte de São Raimundo. Eu comprava madeira lá, eu ia mais minha cumade aí nós comprava.

Sérgio: E a senhora lembra quais eram as madeiras que a senhora usava?

Judith: O que?

Sérgio: O tipo de madeira, qual era o nome da madeira?

Judith: A madeira?

Sérgio: É.

Judith: Eu pedia aquelas...eles cortavo pra tirar tabua né aí sobravo aqueles farelo, era aqueles que eles trazio pra mim. Ele vinho deixar aí na frente, aí carregava tudinho aqui pra trás, aí fazia meu carvão, folgada sabe; mas eu tinha saúde amigo, agora num tenho mais saúde, eu vivo doente que só sabe. Aí quando eu ia lá que num tinha, eu ia [inaudível] no Manda Brasa, no posto, você sabe...conhece aí esse posto, num conhece? Pois é, aí tinha um amigo meu que trabalhava lá, ele trazia pra mim, eu pagava dez real, naquele tempo, nem era dez real não, era...dez cruzeiro. Tinha que pagar pra eles [risos] naquele tempo, mas [inaudível] trabalhava mais de dois meses né, quando já tava pouquinho eu me mandava de novo; ela vinha, o tempo que ela deixou de trabalhar lá no distrito ela vinha pra ir comigo e até hoje.

Sérgio: Quando dias na semana a senhora trabalhava?



Judith: Quantos dias na semana? Eu começava a trabalhar...arrumava a caiera segunda, aí passava segunda, terça, quarta, quinta, sexta-feira eu tirava, aí eu arrumava outra sabe, quando fazia cinco dias eu tirava de novo aí arrumava outra, assim; trabalhava duas vezes na semana, pra fazer sabe, pra botar e pra tirar. Aí colocava de novo, as vezes se tava chovendo ne eu num botava tudo no mesmo dia, colocava no outro dia, aí eu ia tirando; ai agarrei e acabei cum meu carvão.

Sérgio: Aí depois a senhora saia pra entregar?

Judith: Que dia eu saia pra entregar? Eu num entregava não criatura, o pessoal vinha comprar, vinha gente lá do Areal comprar carvão de mim, porque gostavo do meu carvão que eu deixava queimar bem queimadinha a madeira né, num fazia fumaça pra sujar as panela, nem fazia fumaça, cinza pra passar roupa. Mas eu num aprendi no sítio não, eu aprendi aqui, no sítio eu aprendi a plantar roça, a plantar milho.

Sérgio: Com quem a senhora aprendeu?

Judith: Com quem eu aprendi? Com os vizinhos, as vizinhas lá tudo fazia ali no cauxi, chamavo cauxi.

Sérgio: Lá na Matinha?

Judith: É...eu vinha lá de casa, dia de sábado nois num trabalhava na fábrica né, aí eu vinha pra cá, que tinha uma cunhada que morava aí sabe, ai eu vinha pra casa dela né, aí eu via [inaudível] fazendo, mas lá era bom que tinha muita madeira, a serraria, a gente...elas atravessavo com água por aqui, o igarapé.

Sérgio: Lá na Matinha?

Judith: Hunrun...não, pra cá pro São Raimundo, pra serraria que era bem em frente, aí elas iam carregar.

Sérgio: Onde é o Centro de Convivência agora?

Judith: É...aí eu ficava espiando, eu via como elas fazio né, mas eu nunca esperançava que eu ia fazer aquele trabalho.

Sérgio: E lá na fábrica a senhora saiu porquê?

Judith: É...fui.

Sérgio: Na fábrica a senhora saiu por quê?

Judith: Ahh, a fábrica? Eu num sei, ai num sei que eu ainda tava pra cá quando ela acabou a fábrica, a serra...num era a fábrica da castanha? Eu sai porque o meu marido num deixou eu ir trabalhar, foi ele que num deixou, num quis que eu...disse que eu num ia, num ia, de jeito nenhum.

Sérgio: E o salário?

Judith: É...aí eu pegava tanto o meu dinheiro, que quando eu comecei a trabalhar foi na quebra né, ai ele num...dei não, as outras enchio a caixa e a minha ficava pelo meio, ai quando foi um dia, uma quar...quinta-feira, nois tava comendo, nós levava nossa comidinha nas lata, nós morava aqui e trabalhava lá na Joaquim Nabuco, na Usina Alegria, lá, que era a quebra da castanha; ai nós...eu tava comendo, nós tava comendo, assim na calçada né, ai foi na hora que a capataz vinha...eu tava chorando, ela ficou nervosa, ela pensou que eu tinha me acidentado, ai ela veio, aí a minha irmã, não ela num acidentou não, ela tá chorando porque ela num sabe quebrar, ela num tem jeito pra quebrar a castanha, aí ela faz pouco, ganha menos de quem faz três, quatro caixa por dia; minha filha você sabe varrer, eu digo sei, varrer eu sei, então num se preocupe não, enxugue os olhinhos, era...16 anos sabe; enxugue os olhinhos e vá trabalhar, que segunda-feira eu vou dar um jeito; disse tá bom; aí a minha irmã disse ela vai te botar bem pra tu carregar, ainda vai ser pior. Eu disse [risos] eu carrego; num vou mais tai, só num quero é quebrar...machucava meus dedo, amassava minhas unha. Oh meu deus do céu, ai quando foi segunda-feira eu fui né, ai ela falou assim: quem é Judith aqui? Aí minha apontou pra mim. Eu num era esse mulambo que eu tô hoje não mano, eu era

forte sabe, bem gordinha, usava um cabelinho bem curtinho sabe, eu era outra, hoje só tá o endereço [risos]. Ai ela disse vem cá Judith, ai me levou, você vai varrer, você sabe varrer num sabe? Eu digo sei, varrer eu sei, pois então você vai varrer; vou botar outra na maquina que você tava; tá bom, ai ela tirou a da vassoura, botou na quebra que eu tava né e me deu a vassoura. Ah! Mas ai como melhorou pra mim... é vassoura nas... [risos] Elas falavam assim: Menina tu tá doida tá [risos] Maninha suspende tua perna, eu tô varrendo né, eu tô trabalhando né. Mas tenha educação, peça licença. Eu digo maninha dá licença [risos].

Sérgio: Quantos anos a senhora trabalhou lá?

Judith: Era de seis em seis meses...é, com seis meses fechava, era só na castanha, quando termina...que ela ta começando agora [pausa] quando for em julho termina, ai só quando voltar a volta da castanha, a quebra da castanha.

Sérgio: É por safra né?

Judith: Hunrun, é por safra...aí agora tá começando, tá ótimo, num sei mais se ainda existe, num sei mais sabe; naquele tempo porque nós precisava trabalhar, e agente tinha que procurar emprego e...trabalhar.

Sérgio: Aí depois que a senhora saiu lá da fábrica a senhora foi fazer carvão?

Judith: Foi...aí quando fechou essa fábrica foi justamente quando eu me casei, ai fui morar na minha casa, mais minha foi comigo, só me separei da minha por morte, tá cum 18 anos que ela faleceu, fez agora em janeiro sabe, todo tempo cumigo. Aí quando chegou esse tempo da volta castanha eu já tava casada, ai mandaro chamar todo mundo, que a gente deixou endereço tudo, ai mandaro me chamar la pra minha irmã né, ai minha irma veio me chamar. Ai eu disse cumadre eu num sei. Aí eu falei ele: olha Evaristo o pessoal da fábrica mandaro me chamar, ele disse: Mas só que você num vai [pausa] Naquele tempo meu irmão as mulhere eram dominadas pelo marido sabe. Hoje não a mulher se domina...o marido tá dizendo você num vai fazer isso, ela tá dizendo eu vou, e eu vou e vou mermo e vai. Aí o meu cunhado atava viajando; aí a minha irmã olha. Perna pra lá, foi simbora trabalhar sabe, aí eu num fui, ai eu chorei, chorei, chorei...a mamãe menina para cum isso, acaba cum arrumação de choro, chamei logo um nome: de diabo sabe [risos]. Diabo num deixou eu ir trabalhar mamãe, ela disse minha filha agora você um pode fazer nada, você é uma mulher casada, naquele tempo não, além de você precisar, você era solteira; agora não, você num precisa, só num precisa trabalhar; eu gosto de ter minhas coisa, gosto de ter minha roupa, minha sandália sabe.

Sérgio: Aí ele proibiu a senhora de trabalhar?

Judith: É...não nunca trabalhei, de jeito nenhum, enquanto ele foi vivo nunca trabalhei, nunca trabalhei em nada enquanto ele foi vivo; agora dispois que Deus a levou...aí eu...porque foi murro mano, foi murro, lavava pra fora, botava fogo na caiera, aí já ia, porque a mamãe que cuidava da cumida do pessoalzinho, nossos filho sabe, aí eu já pra beira do camburão sabe, trouxa de roupa...lavar, mas também todos os meses eu recebia, um rapaz [interrupção] que morava alugado aí nessa casa, num gosto de ver essas casa aí na frente sabe, era de um cumade minha sabe, ela que me arrumou, que ela tinha uma filha, aí a menina vivia pelo mundo sabe, aí ela rogava praga pra menina, que a menina [inaudível] quando morrer, o carro passasse pro cima [resmungos] Ma rapaz e num foi muito tempo, numa época de carnaval, ela vinha lá de uma festa de carnaval na garupa de uma moto, ai quando chegaro bem ai na encruzilhada da Av. Ayrão com a Constantino Nery...O carro passou por cima [pausa] o nome dela era Graça, ai viero avisar ela, aí ela botou as mão pra cima, que Deus a tenha, vai fazer dois anos que ela faleceu agora em maio a minha cumade. Que Deus leve a minha filha.

Sérgio: Aqui no bairro tinha outras pessoas que faziam carvão?

Judith: Era fa...fazia mal pra menina né, aí quando viero avisar ela, ela falou que [inaudível] tinha feito muito bem, que Deus tivesse levado aquela filha dela; até nesse tempo eu só trabalhava com carvão; aí ela ficou andando atrás de receber indenização da morte da menina sabe; e tinha uns rapaz que moravo aí, era alugado; na casa dela sabe; eu acho que você deve ter conhecido um...que era daí da igreja; você ainda pertence a igreja? O cumpade Francisco, trabalhava na Telamazon?

Sérgio: Acho que não.

Judith: Ele é meu cumpade, que ele foi o padrinho de crisma desses menino, o cumpade Francisco; ela se viu aperriada, ela veio cumigo; disse cumade tu quer lavar uma roupa [inaudível] que essa mulher foi tão boa comigo que nem a minha irmão foi tão boa cumigo como essa minha cumade foi; eu fui madrinha duns gêmeos filho dela sabe, foi dois, eu fui madrinha, eu cum esse meu sobrinho da Vila da Prata que o meu marido tava viajando sabe; aí ela me chamou eu e ele pra ser os padrinho que os bichinhos tavo morrendo sabe, morrero todos os dois; aí eu disse quando eles tavo cum cinco meses de morto ela engravidou, ai foi duas menina. Num sei se você conheceu um menino por nome Teonas.

Sérgio: Acho que não.

Judith: Não!/? Era os donos dessa casa aí, eles estavo por aí; aí foi pior pra ela que as menina se criaro, ai o pessoal andavo falando que ela era mulher e home sabe; foi pior pra ela, ai ele chegou cumigo, cumade eu tô aperriado, eu to andando pra lá né, pra receber o dinheiro da morte da Graça e os menino tão cum a roupa suja, tu num quer lavar a roupa deles, eles pago bem. Eu disse é mermo é, eu quero cumade. Aí ela trouxe. O cumpade Francisco trabalhava na Telamazon e Evanir era bancário. Ohh menino a roupa do cumpade Francisco nem tanto, mas a do Evanir era tudo aquela camisa de manga cumprida. Quando o rapaz recebeu a roupa, ficou curioso, aí ele mermo veio cumigo sabe, ele era num sei o que todos os dois de [inaudível] adventista. A senhora vai lavar minha roupa ate quando eu morar aqui, eu gostei muito da lavage de roupa. Eu disse é no fero a carvão, ferro a carvão. Aí eu disse: ah Evanir, ele disse é dona Judith, a senhora num vai...tirar mermo que a Dona Santa se desocupe lá do trabalho que ela tá fazendo mas eu num mais quero que ela lave mais minha roupa não, quem vai lar minha roupa agora é a senhora. Tá bom. Aí pronto [pausa] lavei 18 anos pra ele e só num tô lavando até hoje porque ele foi mandado pra Roraima, trabalhar num banco em Roraima, aí viajou, e o cumpade Francisco casou, aí comprou casa lá pro Lírio do Vale foi se mudar pra lá. Ai chegou um colega deles que trabalhava no Jet, o Rocil, um paraense, ai eu também lavava pra ele; ai quando eles foram embora fiquei lavando, lavava pruma moça que morava ai, cum a [ ] la da frente sabe, gostava da minha lavage de roupa sabe, eu gosto muito....agora num tenho mais coragem de lavar roupa não, mas quando eu tinha a minha saúde meu amigo, você podia trazer sua roupinha pra mim lavar que você gostava de lavar, ai eu fui lavando, agora ta com seis anos que eu adoeci do diacho dessa dor na minha perna sabe e já fui em medico, já fui no medico, lá naquela clínica da Av. Brasil, lá pra esse posto eu nem vou mais que eu num tenho mais ficha lá, eu num sei meu amigo todo dia passa na televisão eles fazendo greve né, os bichinho num tem dinheiro por isso que num tão trabalhando.

Sérgio: Obrigado dona Judith.

## Entrevista 5:

Raimunda Soares de Oliveira  
Endereço: Rua Ypiranga, nº 175 - Santo Antônio.  
Data de Nascimento: 1936  
Local de nascimento: Manaus/AM  
Grau de instrução: analfabeta  
Estado civil: solteira  
Data da entrevista: 19/03/2016

---

Sérgio: A senhora nasceu aqui em Manaus mesmo?

Raimunda: Aqui em Manaus mesmo, nasci aqui em Manaus mesmo.

Sérgio: E como a senhora conseguiu esse terreno aqui no Santo Antônio?

Raimunda: Eu tava chorando numa escada, assim sentada, aí homem disse: lhe batero minha senhora? Ai eu digo não, não me batero, tô chorando porque eu num tenho onde morar e tenho minhas criança e o pai num dá nem uma sede d'água pras criança.

Sérgio: Mas porque ele não dava?

Raimunda: Porque ele era ruim, num gostava das meninas, só gostava dos meninos; aí sei que pra completar ele disse, então amanhã três horas eu venho lhe buscar pra se...pra ver se eu tiro um terreno pra senhora; aí quando foi três hora ele foi, comprei esse terreno, faz muito anos, a primeira que comprou terreno aqui foi eu.

Sérgio: Aqui no bairro de Santo Antônio?

Raimunda: É, aí eu comecei a trabalhar, trabalhar, trabalhar e lavava pra fora, vendia carvão...pra criar as crianças, mas num abandonei nenhuma das criança, criei tudinho o mais velho mesmo mora aí atrás, que é o Eli, esse é o Zé, tem outros, mas os outro foro embora, só ficou eles dois aqui.

Sérgio: E os seus pais o que era a senhora lembra?

Raimunda: Da minha mãe...era Maria Joana de Souza; do meu pai num me lembro não.

Sérgio: Eles eram de onde?

Raimunda: Num sei mano, eu não sei, tem muita coisa que eu...

Sérgio: A senhora não lembra.

Raimunda: não lembro

Sérgio: E o seu esposo como foi que vocês se conheceram?

Raimunda: meu esposo eu...se conhecemos assim, conversando, conversa vai, conversa vem, aí me casei com ele.

Sérgio: Quantos anos a senhora tinha?

Raimunda: Nesse tempo eu tinha uns 18 anos...aí fez esses filhos tudinho, foi o tempo que ele foi embora.

Sérgio: Mas vocês moravam aonde?

Raimunda: Aqui mesmo...tô dizendo que faz muitos ano que eu moro aqui, num tinha uma casa aqui, nenhuma, a casa que tinha aqui era a minha, aí trabalhei pra criar os meninos.

Sérgio: Mas como foi que a senhora soube aqui desse terreno, desse bairro?

Raimunda: Foi o homem que trouxe.

Sérgio: Mas onde foi ele lhe encontrou?

Raimunda: Na rua.

Sérgio: Que rua?

Raimunda: Uma rua que vai pra acolá... aí me trouxe, também desde esse dia num voltei mais.

Sérgio: E quando a senhora veio morar a senhora já estava casada?  
Raimunda: Já tava casada, mas o marido não gostava de mim, gostava de outra mulher na rua...aí só fez os filho me deixou e foi embora.  
Sérgio: Quantos filhos mesmo?  
Raimunda: Cinco homem e...quanto mulher.  
Sérgio: E ele trabalhava com que?  
Raimunda: Mano eu vou te dizer uma coisa eu num lembro de que ele trabalhava, mas eu acho que ele trabalhava assim feito doido pela rua.  
Sérgio: Ele não tinha profissão?  
Raimunda: Não, não tinha profissão nenhuma.  
Sérgio: E a senhora chegou a estudar mas não concluiu?  
Raimunda: Não, porque o meu pai me bateu três vez pra mim num estudar mais, só os filhos dele, dizia que eu num era filha dele, aí eu fiquei burra, num sei ler, num sei escrever, num sei nada; é meu filho quando a gente tem um pai que num gosta da gente é triste.  
Sérgio: E a sua mãe já era falecida?  
Raimunda: Não, ela ainda era viva...minha mãe era Raimunda, ela botou o meu nome e o nome dela.  
Sérgio: E essa história de fazer carvão como foi que surgiu?  
Raimunda: Mano, foi assim...comecei a fazer carvão que eu trabalhava cum madeira né, aí eu fazia carvão e vendia assim pro pessoal.  
Sérgio: Mas a senhora trabalhava com madeira, como assim?  
Raimunda: Madeira...era essa madeira que a gente ajuntava pela rua [pausa] eu já esqueci de muita coisa mano.  
Sérgio: Mas como foi que a senhora aprendeu a fazer carvão?  
Raimunda: Pois eu num tiro esse monte de pau [inaudível] monte de pau, queimando, aí jogando agua pra apagar, pra poder ficar o...carvão pra vender [pausa] num foi fácil não.  
Sérgio: Mas alguém lhe ensinou, a senhora viu, como é que foi?  
Raimunda: Mano...eu acho que eu aprendi sozinha mermo...foi Jesus que me ensinou.  
Sérgio: E como se fazia o carvão na época?  
Raimunda: A gente amontoava aquela...fazia o fogo, ai amontoava os paus assim tudinho né, aí fazendo, aí puxando, eu ia fazendo e puxando com água e pra poder eu vender o carvão, não foi fácil não, não é fácil não.  
Sérgio: E quanto tempo demorava todo esse processo pra fazer o carvão?  
Raimunda: Mano, quando eu ia fazer carvão eu tinha que tá prestando atenção pra puxar o carvão pra o apagando pra poder eu conseguir o carvão pra vender, não foi fácil não. Eu morava aqui na frente, meu filho morava lá atrás o mais velho e mora lá ate hoje, casou e mora lá mesmo.  
Sérgio: E a senhora fazia onde o carvão?  
Raimunda: Lá atrás, eu fazia o carvão, não foi fácil também a gente fazia o carvão, isso aqui é muito antiga também, a gente dá um duro pra viver na vida.  
Sérgio: Quantos anos mais ou menos a senhora trabalhou com isso?  
Raimunda: Nada, nada uns 20 anos.  
Sérgio: Vinte anos fazendo carvão e vendendo?  
Raimunda: Vendendo, sustentou as crianças pra criar as crianças.  
Sérgio: A senhora vendia na rua ou as pessoas vinham aqui comprar, como era?  
Raimunda: Vinham aqui comprar de mim, vinham aqui comprar. Mana tem carvão? Tem! Aí eu vendia.  
Sergio: E pra que as pessoas compravam carvão?

Raimunda: Eles compravam pra eles fazerem, lá os trabalhos deles, pra eles usarem. Passei muitos anos fazendo carvão, não foi fácil não, tem coisa que já passei que só Deus sabe.

Sérgio: E a senhora lembra o quanto mais ou menos custava o carvão, como era vendido?

Raimunda: Naquele tempo deixa eu ver se me lembro, eu vendia de todos os preços, era como se fosse hoje 10 reais, 5 reais, 2 reais, 1 real, era assim. Assim que eu criei meus filhos assim, vendendo carvão, eu não abandonei eles, fora indo embora depois que ficaram grande, homem arranhou mulher, mulher arranhou marido e foram saindo, só ficou esses dois, esse ai e o que tá lá trás.

Sérgio: E a senhora depois que separou do marido não casou mais?

Raimunda: Não casei, nem me amigui, nada nada. Fiquei sozinha mesmo e nem relação eu não tinha com ninguém, ate hoje eu não tenho.

Sérgio: E a senhora só trabalhou com carvão ou fazia mais outra coisa?

Raimunda: Lavava pra fora, lavava arrumava, só isso que eu fazia.

Sérgio: Mas como era que a senhora dividia o trabalho de carvão de lavar de passar?

Raimunda: O carvão eu fazia os monte de madeira né e lavar e passar era outro trabalho. Lavava arrumava e entregava pros donos.

Sérgio: Mas como que a senhora dividia o dia a semana, como que era?

Raimunda: Era durante o dia, trabalhava num, trabalhava em outro. Pra pagar meu terreno, ate quando eu peguei meu terreno meus filhos foram se criado e uns arranjaram mulher foram embora, uns arranjaram marido foram embora só que restou esses dois aqui, um na frente outro atrás.

Sérgio: E quando a senhora chegou aqui no bairro como que era aqui o bairro?

Raimunda: Mano quando eu cheguei aqui não tinha ninguém, esse terreno a primeira que comprou e a primeira que fez a casa foi eu. Esse home que *coisou* pra mim, eu vivia aqui no terreno de barraca.

Sérgio: A casa de madeira?

Raimunda: A casa de madeira, aqui foi feito não foi fácil não mano.

Sérgio: Não tinha outros moradores aqui nessa rua?

Raimunda: Ainda não, depois que foram comprando aí o homem queria vender e eu disse põe pra anunciar que o senhor tá vendendo, é mano e eu contava pro pessoal e o pessoal ficava comprando e fazendo suas casas. Não foi fácil não.

Sérgio: E a cidade, o que a senhora lembra, como que era o centro?

Raimunda: Tinha um nome, mas eu não me lembro o nome.

Sérgio: A senhora ia ao centro alguma vez como era?

Raimunda: Pergunta pra ele se ele se lembra do pessoal que falam.

Sérgio: A senhora falou que ia pro centro lá pra cidade, como que era isso?

Raimunda: As vezes eu ia lá pro centro fazer compra e voltava a pé.

Sérgio: A senhora ia comprar o que?

Raimunda: Alimentação pra comer com as crianças.

Sérgio: Aqui no bairro não tinha nada?

Raimunda: Nada, nada, nada, nada.

Sérgio: E onde a senhora ia fazer as compras?

Raimunda: As compras lá na cidade mesmo.

Sérgio: No mercado?

Raimunda: É no mercado mesmo, comprar açúcar, café, arroz, feijão, macarrão, monte de coisa pra comer. Ai fazia minhas compras e vinha embora.

Sérgio: E vinha andando?

Raimunda: Vinha andando, a pé. Não tinha condução, depois que tive condução. É mano, não é fácil não, vida da gente é fogo. Também daqui não saio mais, moro muitos anos, sessenta anos aqui.

Sérgio: A senhora continuou fazendo carvão, continuou alguma época?

Raimunda: Depois eu parei, parei tudo.

Sérgio: Hoje a senhora não faz mais?

Raimunda: Não. Nenhum, nem outro. Nem lavava pra fora e nem faço carvão.

Sérgio: E a senhora conhecia pessoas que fazia carvão?

Raimunda: Não sei mano, não sei. Só sei que era eu, outros não me lembro não.

Sérgio: Senhora não lembra de ter conhecido nenhum carvoeiro?

Raimunda: Não. Se fazia e vendiam eu não sei. Não vou mentir pro senhor não

## Entrevista 6:



Nome: Moacir Andrade (*in memoriam*)

Endereço: Rua Com. Alexandre Amorim, bairro Aparecida.

Nascimento: 1927

Local de nascimento: Manaus/Am

Estado civil: casado

Profissão: pintor, escritor, professor

Data da entrevista: 27/01/2016

---

MA: Os meus eram portugueses da Póvoa de Varzim, vieram pra cá muito pequenos, muito criança e eu nasci aqui em Manaus na Santa Casa de Misericórdia quarto número nove e naquela época em 1927, Manaus tava numa miséria total não tinha mais preço a borracha, os ingleses levaram a semente pra lá, plantaram na Malásia de lá eles fizeram seringais enormes com um preço muito abaixo do nosso né e não compraram mais nada, resultado a gente ficou numa miséria total, meu trabalhava com construção de edifícios de casas, ele era empreiteiro de obras e ele vivia disso, como não tinha dinheiro ninguém construía não tinha nada, não tinha dinheiro pra coisa nenhuma ele tinha só dois filhos o meu irmão Mosah que já morreu, era mais velho do que eu e eu que tinha nascido naqueles dias, na santa casa de misericórdia. Nós fomos pro interior no beiradão do Solimões, lá eu fiquei ate meus 8 a 9 anos de idade, minha mãe Ra professora no município de Manacapuru, mas não foi na cidade, eu fiquei no beiradão mesmo a casa mais próxima da nossa ficava 1h de viagem, lá eu passei minha infância minha mãe era professora aqui, muito educada e lá ela dava, aproveitava pra ensinar as crianças a aprender a ler, e papai quando plantava como qualquer caboclo ne, ele fazia agricultura de sub existência, caça de sub existência, pesca de sub existência pra comer só, o que sobrava ele vinha vender aqui na cidade ne e na volta ele trazia muitos papeis que ele conseguia naquelas tipografias antigas aqui, chamava Cezar e Companhia que era de um português também, e ele levava aquele montão de papel de todo o tamanho e mamãe aproveitava pra distribuir pros caboquinho lá e pra mim pra desenhar e pra escrever né. Bem! Não conhecia nada ne, a não ser o caboclo, os índios ne e a mamãe tinha uma sensibilidade enorme que era uma moça educadíssima ne e ela vinha a noite de madrugada quando passava aqueles navios de gaiolas, aqueles navios antigos, movidos a lenha no meio do rio naquela escuridão enorme, o navio todo iluminado, era um espetáculo pra mim ela me acordava de madrugada pra ver aquilo e aquilo eu trouxe ate hoje e pro resto da minha vida aquela visão linda, é como tivesse flutuando no ar porque não se via nem o céu, nem água e nem nada, só a escuridão e aquilo boiando no meio



do rio... e o que eu fazia era desenhar, desenhar [pausa] aquelas coisas caboclo, homens remando, homens pescando, aquelas coisas do interior, só! Que era só o que eu conhecia. Quando eu vim pra Manaus vir morar na casa da minha madrinha Clotildes Pinheiro, professora naquele tempo muito importante aqui em Manaus, estudei no Ribeiro da Cunha.

Sérgio: Já tinha quantos anos quando veio pra Manaus?

MA: Ahh...Tinha 9 anos, mais ou menos 9 anos mas eu já sabia ler e escrever, escrevia muito bem, minha mãe era professora e ensinava desde criança assim, com nome anos eu já sabia fazer ditado, matemática, sabia as quatro operações, sistema métrico decimal, frações decimais, essas coisas todas de matemática, tudo. Bem, quando eu fiz 14 anos a mamãe me botou interno na escola técnica de Manaus, lá pra mim aquilo foi tudo pra mim, inclusive o que eu aprendi na minha vida, matemática bem, aprendi a escrever, bem quando eu sai de lá 1945 eu tinha 18 anos, eu fiz um concurso pra revisor do jornal do comércio, pra ser revisor do jornal do comércio tinha que saber muito português e graças a Deus eu sabia, tanto que me tornei escritor depois. Bom, já pintava, quando sai já comecei a pintar devagar, primeira viagem que eu fiz pro interior, pro exterior foi em 1948, fui pra Argentina, primeiro pro Uruguai, pra Argentina e voltei pro Brasil, aí não parei mais e fiz curso superior fiz concursos pras escolas, fui professor de várias escolas, fui professor da escola normal do instituto de educação, colégio militar que era federal, hoje ainda é federal, colégio estadual do Amazonas, escola técnica federal que hoje é a universidade e universidade federal, lecionei tudo isso. Era uma loucura porque [pausa] pra poder sustentar a família, já era casado, casei em 53 e comecei a viajar e a primeira viagem e eu fiz pro exterior mesmo que eu fui pra Europa, foi em 49,50 não me lembro assim aqui tinha um amigo chamado Luiz Maximino de Miranda Correa ainda ta vivo ai, conhece ele? É, foi um cara importante aqui em Manaus, ele tava metido entre os diplomatas do ministério da relação exteriores que era no Rio de Janeiro naquela época e tinha muitos conhecimento e quando fui pra Portugal via Rio de Janeiro, Moacir tu vai pra Portugal e eu disse eu vou! Então passa no Rio de Janeiro, eu vou te apresentar um amigo chamado Leandro Tocantins, era um amigo dele diplomata, escritor, amazonólogo, escreveu vários livros, muitos livros... o Rio Comanda Vida, introdução do Acre e vários outros livros; muito elegante, era diplomata né, entreguei a carta pra ele, ai ele leu e me apresentou ao ministro, que era ministro das relações exteriores me atendeu muito bem, leu a carta, leu o meu curriculum já era professor naquele tempo, já era jornalista e tal, aí ele gostou e me despachou pro secretário geral que se chamava Vinício de Moraes, depois foi um cara muito famoso no Brasil ele era poeta, cantor também, compositor, ele foi um cara importante, mulherengo pra burro, e ele me botou...ele era o secretário geral, ele me botou a disposição do ministério das relações exteriores por tempo indeterminado sem prejuízo dos meus vencimento, aí maninho eu fiquei correndo o mundo inteiro em menos de 60 anos 50 e tantos anos eu conheci os 5 continentes, América, África, Europa, Ásia e Oceânia, países de todos esses 5 continentes tenho esses documentos todos aí em cima, vivi a vida inteira viajado, viajando.

Sérgio: Divulgando os seus trabalhos!

MA: Meus trabalhos e divulgando o Brasil, porque eu não fiquei só passeando não, eu fiquei trabalhando, porque o meu trabalho era fazer palestras nas universidades, nos colégios superiores, sociedades culturais, essas coisas o meu trabalho era esse, tanto é que eu não tinha tempo pra passear. Eu ia...eles me davam carro, me davam interprete porque não sei falar porra nenhuma, eles me davam interprete e eu ia fazer minha palestra em português, todo tempo português, de lá eles me trazia pro hotel aí eu não sai pra onde eu ia sair, passear, pra onde? Sem dinheiro também, porque o dinheiro que eu

tinha era pouco, eu então eu passei a vida nisso, por exemplo, os grandes países como Paris, Londres, Alemanha, Espanha, Itália, Japão, China, África eu ia... Era pra fazer essas palestras, as exposições e o hotel, não saia pra passear, compreendeu? E se eu saísse, tinha horas que eles me davam folgas né, mas essas folgas pra onde é que eu ia mas nessa folga eles não me davam carro, o carro era só pra levar pras palestra e voltar, quer disser foram 50 anos fazendo isso.

Sérgio: E essas palestras Moacir, eram falando sobre o que?

MA: Era sobre o Brasil, sobre a cultura brasileira, sobre a economia brasileira, sobre a educação brasileira, essa coisa! Foi só um, foi só uma palestra que serviu pra todas, compreendeu? Eu não fiz, por exemplo, uma pra cá, outra, não...foi uma que serviu por 50 anos, compreendestes? Uma só.

Sérgio: E era sobre o que?

MA: Sobre o Brasil!

Sérgio: Um panorama geral.

MA: Um panorama do Brasil, e principalmente da Amazônia, falava da Amazônia. Levava uma bandeira do Brasil, essa bandeira eu dei pra Academia de letras, tá lá, uma bandeira pequena assim do tamanho desse coisa ai...que eu levava e botava na mesa assim, botava ela em cima da mesa assim, sabe como é? [pausa] Quando me aposentei, um tempo desse aí, tive no Japão na China e todos os lugares, vixi [pausa] Agora não ganhei dinheiro, vendi alguns quatros, dá eu dava, dava pra embaixada, dava pros museus, pros embaixadores, eu trabalhava lá, eles me davam, pintura, davam tudo e eu trabalhava e esses quadros ficavam lá, durante 50 anos espalhei quatros em todo mundo lá, de graça, vendia alguns, por exemplo, nos Estados Unidos vendi bem, no Canadá vendi bem, na Alemanha vendi algumas coisas, na Finlândia vendi bem, só, o resto foram um quadro, dois. Agora disso tudo não ficou nada cabeça e documentos que tem aqui e tem um livro, que eu pedi pra universidade publicar, universidade do estado, publicar e eles não publicaram ate agora o livro, mas não tive tempo de ir lá pra falar com o reitor pra ver se eles publicavam ou devolvem as originais [pausa] Eu...as vezes pergunto assim: porra conheci o mundo inteiro rapaz...eu digo maninho o lugar que fui e sou feliz é aqui em Manaus, eu não faço questão de nada fora de Manaus, nada, nada nada, eu conheço o mundo que não serve pra mim pra porra nenhuma, nada, por que os caras que eu já conheci já morreram todos, todos, todos, pelo o amor de Deus já morreram todos, todas as pessoas os ministros que eu conheci que foram meus amigos já morreram todos, aqui em Manaus todas as pessoa que conviveram comigo morreram todos, pessoal do clube da madrugada, lá da academia, então a gente, não fico sozinho porque tem jovem, mas o jovem não convive com a gente...Vou fazer 90 anos, mas não um desencantado também, eu acho que a vida é uma beleza e tem que viver intensamente porque eu não tenho absolutamente crença nada além da morte, morreu...faço como dizia a irmã superior morreu fudeu-se, quem dizia isso era a irmã superiora, então eu gosto de viver, gosto de carinho, de ternura, de amor, de tudo isso que a é síntese da vida humana, essa coisa que é tão necessária que a gente dá um abraço, abraça uma mulher que a gente gosta, quer dizer isso que é bom e a vida é uma beleza ate o fim, morreu, esse negocio ele vai andar pro andar de cima, ele vai pro andar de baixo porra, morreu vai ser enterrado e não tem mais nada. Quando o camarada é, por exemplo, um grande de escritor, grande pintor, um grande médico, um cientista ele morre ele fica eterno por que? Por causa do trabalho que ele deixou, da obra que ele deixou, se foi um médico que deixou livros, um cientista ele fica eterno, mas ele mesmo não existe mais, compreendeu? Por exemplo, eu ainda hoje faço palestras...hoje mesmo vou fazer uma palestra enorme, hoje a noite, lá com o Tadros...tem uma festa de natal mas eu aproveito e falo e tal, mas olha quando a gente lê o livro, eu falo com você, você

ta me ouvindo tá gravando aqui, essa gravação você depois ouve a gravação, mas se você escrever continua falando comigo através dos livros, então se você ler um livro de um Olavo Bilac, de um Mozart, de um Goethe, de um Joaquim Nabuco de qualquer homem que já morreu há centena de anos, você tá falando com ele, você tá ouvindo ele, aquelas palavras são dele, só que ele materializou no livro, aquilo tá materializado ali, no livro, tá internamente ali, um livro, então você ver que as pessoas que lêem muito sabem falar bem, porque se vai pra uma universidade, o que acontece? Você vai ouvir, ouvir, ouvir! Ele fala e se escreve na lousa é alguma coisinha, mas ele fala na universidade, todas as matérias e você ouve, então se você ouvir você aprende, e tem um velho ditado que diz se você ouve bem não precisa falar, o negócio é ouvir maninho, ouvir é que se aprende, compreendeu? Então se você ouve, você ouve as pessoas eu quando tô com camarada assim, porque eu me dou com muita gente importante, só com quem eu me dou, pessoas com eu convivi a vida inteira, são intelectuais, pintores, médicos, advogados meus filhos todos são doutores, meus netos são doutores, gente que a gente convive e a gente aprende porque a gente convive, quer ver uma coisa interessante quando eu era criança há 89 anos no interior num tinha eletricidade, num tinha nada, nada, nada, nada! A pessoa nascia nos beiradões do rio como eu vivi até oito nove anos, nascia ali, crescia, envelhecia e morria. Ele tinha uma linguagem própria. Eu tenho um dicionário que escrevi sobre isso...linguagem; chama-se dicionário de expressões, Vocábulo Amazônicos, diz que eu dei pra Suframa publicar e até hoje não publicaram. Bem [pausa] aquela época a gente chamava lá...tinha uma linguagem, por exemplo, chibé, chibé, chibé era uma comida, embuchada era uma mulher que tava barriguda, chama-se embuchada, igarité era canoa e uma das milhares de palavras que você...ele conversava e você não compreendia, você tava na cidade, pra lá não compreendia o que ele dizia, porque era uma linguagem diferente, era um vocabulário diferente, compreendeu? Vai no interior agora! Vai no interior agora! O caboco que mora longe, ele pode não ter nada, mas uma televisão e uma bateria do lado ele tem e ele ouve, ele passa o dia todo na televisão, e não existe faculdade melhor que esse; resultado ele fala como se fosse o cara do Rio de Janeiro, ele discute politica, é bandido como eles, porque ele aprende bandidagem, tudo. Quer ver uma coisa? Antigamente, antigamente os rios do Amazonas, que são rios imensos, solitários, não tem ninguém até hoje, não tem ninguém, você vê o camarada...até aqui na frente do rio você vê, tem milhares de carros, olha pro rio vê se tem milhões de canoas! Não tem! Mas sempre tem um subindo lá, descendo hoje, mas há oitenta anos era um...um descendo até o rio, vinha lá de longe pra Manaus com a família toda dele até Manaus, não acontecia nada. Hoje tem um banditismo que rouba tudo de você, mata a família inteira, o barco dele, tira dele o que tem de valor e bota no fundo, hoje é assim. Sabe quem são esses bandidos? Os próprios caboclos do interior, que aprende na televisão maninho, que aprende na televisão. Quando era menino havia um respeito enorme, hoje não tem respeito, as menina anda nua porra! Quer ver uma coisa? Tu já foste no Rômulo aqui?

Sêrgio: Rêmulos?

MA: Rêmulos, já foste?

Sêrgio: Não!

MA: Porra, qual a tua idade?

Sêrgio: Quarenta.

MA: Puta que pariu, tu devia ir lá, que já entra de pau duro lá.

Sêrgio: [risos]

MA: Por que ali...paga cinco cruzeiros, cinco reais alias, as mulheres todas nuinhas, como nasceram, andando no meio, você pega, abraça o que...dá uma coisinha pra ela. Hoje sabe o que é isso? Televisão maninho! Agora olha a desvalorização: você vai na

Europa tem tudo isso também, mas você paga caro, pra entrar num lugar você paga...100 dólares, 150 dólares. Égua, aqui qualquer um bandido entra cum cinquenta...cinco reais, porra!! Eu entrei cum cinco reais. As mulheres fica passando a xoxota na cara da gente, na cara... porque a gente senta assim elas ficam dançando assim. Quer dizer, meninas novas, num é crime, é mulher nova. Quer dizer...isso tem no interior, tem no interior. Então...no todo a cultura mudou, quer dizer a cultura...graças a televisão, graças a eletricidade, graças a tudo. E nessa hora foi que eu envelheci, agora tô velho em casa, tranquilo, num leio por que num enxergo, não desenho porque num enxergo, quer dizer é uma situação chata.

Sérgio: Deixa eu lhe perguntar, o senhor nasceu em 1927, né?

MA: É

Sérgio: Que lembranças o senhor tem da década de 30 e 40, por exemplo, Manaus?

MA: Manaus era uma beleza...primeiro, só tinha bonde em Manaus, não tinha carro em naquela época, nenhum carro, nenhum carro em 1935, nenhum carro. Tinha um carro, o carro de um camarada chamava Semperfaber, era um alemão, ele tinha esse carro dele só, um ou dois carros, mas era de cara muito importante e tal. Não tinha caminhões, não tinha caminhões. Os caminhões era...carroças puxada a burro, carroças toda de portugueses, toda de portugueses, todos os bondes, os motoristas eram portugueses.

Sérgio: Porque?

MA: Por que só tinha português aqui em Manaus, o caboco não servia pra nada, caboco não servia pra nada, era só português, tudo. Todos os bares eram de portugueses, todos os restaurantes eram de portugueses, todas as barbearias eram de portugueses, todas as [confusão] padarias eram de portugueses, o jornal, o jornal não, o mercadão, aquele mercado velho que teve ai embaixo, tudo era de português lá embaixo. Quer dizer, nós éramos empregados deles, éramos empregados deles. então, era uma tranquilidade, a gente ia a pé pro grupo, voltava a pé, ia pro ginásio a pé, voltava a pé, naquela época, 1935, 40, 45, depois veio a guerra, piorou, a guerra em 39 de 39 a 45 foi a segunda grande guerra e nós passamos fome aqui em Manaus. Porque começaram os alemães...botaram o navio lá no Nordeste, botaram mais de quarenta navio nossos no fundo, navios que vinham trazer mantimentos pra nós aqui, porque tudo vinha de navio. Aí foi pro fundo...num passamos fome porque a gente comia folha, comia outras coisas. Então eu tenho...naquela época...aqui só tinha um clube, dois clubes. Um era o Rio Negro, que foi feito no lugar onde era um cemitério; cemitério São Jose, ali era um cemitério, onde tem o Rio Negro. E tinha aqui o Ideal Clube, só pessoas de alta importância, não eram ricos, eram importantes, porque rico num tinha naquela época. Eles tinham os pseudo-ricos, que eram os antigos seringalistas, esses eram os pseudo-ricos, ficaram com aquela rompança (sic) de ricos, mas num tinham porra nenhuma, nada, não tinha nada, era aquela fachada, eu fui criado ai nessa...

Sérgio: O senhor viveu onde ? Centro, que área?

MA: Não, eu vivi... porque meu pai era empreiteiro, quando eu vim pra Manaus ele caiu doente, eu tava com nove dez anos, nove anos. Ficamos em uma situação, só não pedimos esmolas não pedimos esmolas, papai não pedia esmolas porque não podia andar, ficava deitado se não pediríamos esmolas pra viver, e eu e meu irmão Mosah a gente ficava trabalhando assim, ajuntando bosta de cavalo na rua pra vender no jardim, vendendo e comprando garrafas, a gente comprava naquele tempo garrafa pra vender nas fábricas de refrigerantes, e vivia disso, vivia disso eu e meu irmão, a gente ia pro clube pra pegar uns pedacinho de carne pra trazer, era uma vida ruim mesmo... depois fui pro interno na escola técnica quando saí de lá..

Sérgio: O senhor fez o que lá mesmo?

MA: Hãn?

Sérgio: O que o senhor fez lá mesmo?

MA: Fiz um curso de...curso de engenharia de construção, aprendi bem matemática, português, o meu primeiro emprego foi como revisor de jornal de comércio, 40 em dezembro de 45 já comecei ganhar dinheiro e passei a ser jornalista, conhecer alta sociedade de Manaus, aí fui trabalhar com Benzecry e...aí eu fiz concurso pra escola.

Sérgio: Escola técnica?

MA: Não, comecei a lecionar! Ah fui professor da escola técnica até me aposentar. Fui professor da escola técnica, colégio militar, escola normal, ginásio Pedro II e universidade federal, ganhava um dinheirinho, mas trabalhava como cão, saia 6:00 de casa chegava 1:00 da manhã, todo dia, todo santo dia, vinha almoçar a pé comer rápido e voltava, dava uma aula aqui outra ali agora que me aposentei, me aposentei por duas pela universidade, e pela escola técnica, só, ganho uma porcaria..

Sérgio: Ainda recebe?

MA: Hãn?

Sérgio: Senhor ainda recebe aposentadoria?

MA: Sim...ainda tô vivo se não tava fudido.

Sérgio: Tá bom seu Moacir.

MA: Agora escrevi...muitos livros, 30 livros mas hum...na verdade minha praia não é..eu só escrevo, hoje só não escrevo porque não dá pra escrever, porque não enxergo, não enxergo nada, não dá pra escrever agora na verdade vivo dá minha aposentadoria né eu e minha mulher, tem minha idade também outra moça que mora com a gente vida inteira que tá com mais de 80 anos, hum...

Sérgio: Tá levando né!?

MA: E a vida...gosto de fazer palestra, gosto de sociedade hoje a noite vai ter uma festa grande promovida pela... festa de natal pela...federação do comércio cujo o chefe é o doutor Jóse Roberto Tadros, é uns dos homens mais poderosos de Manaus, poderoso mesmo...

Sérgio: Já ouvi falar...

Sérgio: Então boa tarde seu Moacir, o senhor escreveu uma obra chamada “Manaus luz fachadas e varandas” porque o senhor deu esse título para essa obra?

MA: Rapaz eu não sei, aliás é um título que não cabe muito porque não condiz com as coisas que tão lá, mas “fachadas e varandas” porque as coisas antigas, agora sobre o negócio dos cavalos é preciso saber um seguinte, aquilo é uma época dos cavalos aqui no Amazonas, no Brasil inteiro, mas principalmente no Amazonas, aqui havia por exemplo inclusive a diversão, os clubes de cavalos...tinha cavalo de corrida, tinha cavalo para damas para usar pra elas andarem no cavalo, próprio pra isso agora a tristeza de tudo isso era o fim dos cavalos, eles eram abandonados ninguém matava os cavalos, como por exemplo os cavalos de corrida que tinha uma sociedade de hippe que era lá no parque amazonense, ali havia corrida de cavalo todo domingo tarde era uma beleza e vinha a alta sociedade né para assistir os cavalos, mas a tristeza é quando os cavalos ficava velhos e doentes, eles soltavam o cavalo na rua, mas era cavalos de corrida, dos vendedores de palha, porque Manaus naquele tempo 90% das casas eram de palhas, coberta de palhas e quem trazia as palhas do interior era os cavalos né os caras botavam palha em cima do cavalo e vinha vender aqui eles trazia as palhas como encomenda, e pra vender a varejo também quando era pra vender a varejo eles botavam em pé e quando não tinha era encomenda, agora...

Sérgio: Eu li alguma coisa nesse trabalho, sobre essa questão que o senhor está falando.

MA: Mas quem foi que te deu isso?

Sérgio: Não, eu li na biblioteca, biblioteca pública que tem lá esse livro “Manaus luz fachadas e varandas”.

MA: É, mas não tem tudo ali, havia naquela época também vendedores de água, tem agora aí os desenhos que encontrei nas carroças vendedores de água né, hoje ainda vendem água só que não é mais em lata é naqueles caminhões, mas continuam vendendo água, naquela época, na época de 30, 20. Os bairros não tinha água encanada, não tinha ainda, os caras comprava dos portugueses que iam buscar água nos cavalos nas beiras dos igarapés.

Sérgio: Mario Ypiranga né um pouco sobre esse vendedor de água, o aguadeiro.

MA: Eu não sei não, ouvi, mas eu assisti isso, como ele também tinha minha idade ...

Sérgio: Sobre esse livro também “Manaus, luz, fachada e varandas” o senhor fala um pouco sobre carvoeiros né, porque o senhor achou importante falar sobre isso no seu livro?

MA: Por que o carvoeiro era o mais importante de todos, porque toda cidade que era naquele tempo que tinha 50, 60 mil habitantes viviam sobre auspícios do carvão, não tinha água não nem eletricidade tinha nada, nada. Se cozinhava sobre carvão, quer dizer os caras tinha que comprar carvão dos caras que vinha sobre a mata que trazia nos cavalos, e também vinha ali na beira do rio d’baixo da ponte de ferro eles vinha vender na Cachoeirinha. Vendia de monte né, mas já pra revender, que por exemplo, algumas que...havia naquela época lugar perto pra eles ficarem os cavalos, eles corriam a cidade inteira beco em tudo, aonde tinha uma pessoa morando aí ia o cavalo, aonde tinha uma pessoa morando por mais miserável que fosse, aí ia o cavalo, porque por mais que miserável fosse ele tinha que comer, e ele só comia se tivesse carvão se não, não ia cozinhar a comida dele, entendeu? Então toda parte era milhares, milhares de cavalos, a cidade cheirava bosta de cavalo, toda cidade...o cheiro de cavalo sujava toda, indo e vindo, não tinha outra maneira.

Sérgio: Mas esse carvão só vinha da mata ou do interior?

MA: Vinha também do interior né

Sérgio: Humrum

MA: Vinha também do interior aqui dos rios, rio Solimões, vinha, mas não era grande coisa não por que...por exemplo um batelão não poderia vim muita coisa, porque vinha família outras coisas, não dá porque era muito carvão, e aqui não...vinha com dois cavalos era muito, vinha ensacados, tinha um saco de 500 réis, e tinha saco de 1 réis que era [inaudível] né; o saco de 1 réis era dois tipos, um de 50 réis e um de 1.000 réis esse era o tamanho deles ...mas agora eles já vinha pronto de lá, ensacados e pronto de casa.

Sérgio: Mas além das casas, eram usados também para que os carvões? Era carvão e a lenha né...

MA: A lenha era usado nas casas que tinha mais dinheiro, por que era mais caro, tinha um fogão a lenha, era caro um fogão inglês que vinha de uns fogões ingleses, vendido nas casas de ferragens na casa da minha mulher tinha um fogão inglês, então aí...agora as pessoas mais pobres eram assim usava carvão.

Sérgio: Se fala que o carvão era usado para energia, como se falava naquela época?

MA: Mas que tipo de energia?

Sérgio: Iluminação.

MA: Maninho aqui o que se usava aqui, só tinha uma usina de luz essa que não existe mais, mas no mesmo lugar tem uma usina de luz ainda, a primeira usina, mas era a lenha, não era carvão, não que eu saiba, nunca houve carvão pra gerar energia, era lenha mesmo que vinha de montão de lenha que ficava ali, vinha de barco e um trem, trazia lá de baixo pra cá, e jogava aqui e ia pro consumo.

Sérgio: Essa lenha era queimada e gerava energia, mas para essa área central né porque bairros não chegava não ou chegava?

MA: Como é?

Sérgio: Essa energia gerada era mais aqui pro centro?

MA: Naquela minha época, os bairros não tinha luz não, e a cidade não tinha, mas não era toda cidade não, o cabo “C” um cabo que nunca faltou, mesmo no tempo sem luz nunca faltou cabo “C”... era um cabo especial para quartéis polícia, prós hospitais que só tinha Beneficência Portuguesa, a Santa Casa de Misericórdia, então tinha 4 hospitais aqui a Beneficência Portuguesa, Santa Casa de Misericórdia, o hospital de São Sebastião, e os hospitais dos loucos só tinha esses 4 hospitais.

Sérgio: Então quer dizer a lenha que era queimada gerava energia e o carvão era para consumo doméstico?

MA: Não, não...não porque era muito pesado para trazer nos cavalos eles enchia o cambito enchia mas não dava...mas trazia lenha, era carroças que trazia.

Sérgio: Mas era empresas ou outra coisa...

MA: Era tipo de empresas pequenas né, porque não tinha empresas imensa era tipo pessoas que se dedicava a isso a vender só lenha, outras só carvão entendeu? Era empresas pequenas, não empresa grandes naquela época, não tinha luz em Manaus só tinha luz nos colégios, nos hospitais, que eram quatro, nas penitenciárias, nos quartéis e nas escolas públicas, só.

Sérgio: Até mais ou menos que época assim...

MA: Até 1950 e tal...depois da revolução aí que foi que melhorou, a revolução que trouxe todos benefícios para o Amazonas, foi a revolução.

Sérgio: Revolução de 64?

MA: Sim de 64...a revolução de 64 trouxe pra cá primeiro, trouxe o comando militar do Amazonas, mais de homens que trabalham permanente a base militar naval a Marinha do Brasil, a base aérea de Manaus que não tinha nada disso, mas, o mais importante criado pela revolução foi justamente a Zona Franca, porque a Zona Franca que tirou Manaus da miséria maninho, miséria total; as pessoas que tinha mais condições iam pro sul e casavam por lá, então a Zona Franca trouxe benefícios pra cá inclusive pros bandidos. Vou te dizer por que! Porque justamente com os políticos a revolução, caçou políticos e bandidos, ladrões dos estados né bem eles ficaram todo tempo, que durou a revolução ficaram caçados, alguns presos depois soltaram, quando veio a anistia veio geral, veio para os bandidos e políticos porque o bandido é bandido e político ele tem sua dignidade política, ele foi preso porque era político contra o governo e etc...mas o bandido é contra a sociedade é diferente, então o que acontece tanto bandidos como ladrões de horário público com os políticos foram anistiados e receberam de volta todos os dinheiro, sei lá quase 15 anos da revolução, tudo recebeu de volta tudo ainda recebeu o emprego de volta como tinha atrasado, aposentadoria então recebeu tudo queria que tivesse umas 10 revolução rapidinho país ficava mais rico do mundo já pensou se tivesse outra revolução...o que ia acontecer aqui? Só trouxe benefícios, quer ver uma coisa? eu era do clube da madrugada e não era comunista e nunca fui político tanto que a revolução veio e meus colegas da madrugada foram presos, a maior parte foi preso né, eu não fui, viajei pelo mundo inteiro pra porra sobre o ministério de relações superiores, entendeu? Conheci 197 países pouco mais que 60 anos porque ninguém mexeu comigo? Porque não era político embora sendo do clube da madrugada claro que o exército veio e levaram 40 álbuns, minhas fotografias, documentos e não devolveram mais, mas isso era norma pra mim porque eu fazia parte de uma sociedade que era contra o governo

então pra mim...ninguém mexia comigo, com meus filhos, com ninguém, foi o melhor tempo da minha vida entendeu?

Sérgio: Então voltando aos carvoeiros, seu Moacir...o que o senhor lembra deles, da condição social deles?

MA: Condição social deles era a mais pobre, pobres miserável quase os carvoeiros compravam carvão dos fazedores de caieras, chamavam de caieras, fabricantes de carvão; eles iam lá e saía com cavalos deles, compravam lá o carvão e vinha vender aqui, sobre o carvão que vendia tirava o lucros deles e ainda tinha manutenção dos cavalos; não sei se eles vinha pagar a prefeitura não sei, não lembro mas eram pobres todos eles era muito pobres, que no fim os cavalos quando estavam doentes eles largavam no meio da rua, ninguém queria mais, eles não matavam simplesmente jogava fora.

Sérgio: eles moravam onde geralmente?

MA: Eles moravam pra lá, na periferia de Manaus... naquele tempo só existia dois bairros; os bairros de Manaus era o bairro de São Raimundo, bairro que era bairro de operários, aqui na Aparecida, aqui o bairro no centro da cidade era o mais central, depois vinha o bairro dos Educandos e tinha o bairro da Cachoeirinha e o bairro dos Bilhares, só.

Sérgio: Até na década de 50 mais ou menos né?

MA: Mais ou menos na década de 50, 60, a época de 60 foi à época da ressurreição da Amazônia, principalmente da Amazônia que muita gente ficou rica principalmente os bandidos que ficavam cassados eles ficavam trabalhando e o dinheiro ficava acumulado, ficavam trabalhando em qualquer lugar por ai e tal, quando foram anistiados eles receberam tudo, tudo compreendestes? Essa que é a verdade, ainda vem bandido ai esculhambar com a revolução; esse Jô Soares uma vez eu tava...muitos anos já, foi no fim da revolução já em 1980 por aí, eu ia ser entrevistado na TV Globo né e no corredor um amigo meu me apresentou chamava-se o piratão de lemos que era uma pessoa grata lá dentro da Globo, me apresentou, como é o nome dele... é o Jô Soares, ai ele perguntou que tal gostou do meu programa? Aí eu disse rapaz é bacana o programa, mas eu acho que devia ter mais respeito com os generais, vocês debocham demais com os generais. “Vi que você é um lambisbota de militares” ele disse assim pra mim, eu só não dei uma porrada nele, quem se estrabolaria era eu né, mas tive uma vontade de dá uma porrada nele, me chamou de lambisbota, ele fazia deboche de um general, o general é cara de respeito, você não ver um general ladrão, tem general que manda matar mas esse é o trabalho dele pô, inimigo manda matar inimigo, inimigo né, mas esse negócio de estado não tem, não existe, nunca existiu, em parte nenhuma do mundo, compreendeu?! Eu gosto do programa do Jô Soares.

Sérgio: Assim e outra pergunta em relação as carvoeiros só tinham homens, só tinha mulheres, crianças como que era?

MA: Não...os carvoeiros quando eles vinham por exemplo domingo de manhã eles traziam a criança, tinha a mulher com o filhinho em cima do cavalo, eu tenho até o registro aí, eu fiz um desenho, eu devo ter por aí.

Sérgio: Depois o senhor pode me mostrar?

MA: Posso lhe mostrar, você pode tirar fotografia se você quiser tirar, é uma cópia do desenho meu, eles traziam mulher em cima do cavalo e atrás tinha uma menininha maior e no colo da mulher vinha o pequenininho e o cara vinha puxando o cavalo, isso eu vi milhares de vezes domingo de manhã, mas eles não vinham...

Sérgio: Eles vinham mais domingo de manha?

MA: Só domingo. Traziam a família pra ver pouca coisa, eles moravam lá na periferia de Manaus, na estrada, eram carvoeiros né, e lá eles compravam, muitos deles até



faziam caieiras né, muitos faziam caieiras, porque naquela época a terra era devoluta naquele tempo não tinha dono, era do estado, pra lá dos Bilhares, pra lá não tinha dono aquilo, você tomava conta do pedaço que você quisesse. Os Loureiros ficavam com a maior parte de Manaus; muito inteligente o velho Loureiro e hoje são os mais ricos de Manaus os Loureiro né, tudo aquilo é deles foram o que já venderam esses bairros inteirinhos deles, como aquele bairro Vieiralves como outros bairros inteiros, inteiros, o bairro da Ponta Negra tudo aquilo é deles, não tinha donos era do estado né.

Sérgio: E o senhor falou os que tinham as caieiras, produziam os que vendiam e tinha aqueles também que faziam e vinham vender.

MA: Não... tem uns carvoeiros que faziam caieiras, mas de uma, esses eram vendedores...

Sérgio: O senhor tem imagem, fotos desses?

MA: Tenho, tenho, mas não sei onde é que anda, mas eu tenho as cópias que eu vou te mostrar de algumas coisas; agora tinham os carvoeiros que moravam lá e lá mesmo eles faziam carvão, que a mata era deles, faziam o que eles queriam, a vontade e iam vender né, as terra era deles, saiam de manhã, de madrugada e quando era seis horas na manhã tava na porta nas casas...

Sérgio: E o senhor lembra mais ou menos quando esse movimento começou a diminuir, acabar?

MA: Maninho...os carvoeiros, a partir da revolução de 64, aí começou acabar mesmo tudo, porque vieram carro, caminhões tudo pra cá, encheu de caminhão, Manaus não tinha caminhão, tinha nada, só era carroças, só carroças, carroças, tinha carroças pra trazer mercadoria do mercado, carregar mercadoria, comestíveis...vinha em carroças agora era também utilizados carroças em hum...pessoas que mudavam de casa compreendeu? Saíam de casa pra outra, era carroça não tinha caminhão então era utilizado nisso. Era utilizado também a venda de areia pra construção, de pedra pra construção, não tinha caminhão, tinha que ser aquilo mesmo era tudo, tudo...tinha que ser carroça compreendeu?

Sérgio: E a questão da energia elétrica a expansão da energia elétrica contribuiu um pouco para essa diminuição do estado?

MA: Só contribuiu né, quando veio a revolução que fizeram uma nova, compraram uma nova usina, aí Manaus ficou como é hoje, mas antes só tinha essa usina velha, aí não servia mais pra nada, tanto que só tinha um, cabo era o cabo 7, assistia esse cabo uma população especial que era...justamente escolas públicas, os hospitais que era 4 os quartéis e as penitenciárias, tinha mais de uma aquela lá da Eduardo e outra não sei mais aonde... e tinha os caras que eram pessoas que tinha amigos políticos esses tinha, mas era coisa por de baixo do pano, por exemplo, essa casa de milionário, mas aquela casa do lado que não tinha nada, não tinha eletricidade, tinha lamparina e nessa época que não tinha eletricidade tinha uma indústria de lamparina, tinha os moleques que era vendedores de lamparinas, que os garotos vendendo lamparina aquelas pequenininhas assim... que era grande assim, 1,2,3 pontos de luz que eles usavam... na brincadeira de touro boi bulbar etc... nessas feiras, porque não tinha luz então era lamparinas não tinha gasolina, era querosene que vendia, era muitos querosene que eles vendia...

Sérgio: Querosene vinha da aonde?

MA: Vinha em latas, vinha do sul vinha em lutas de querosene como lata de lixo tanto que vinha negócio de vira lata, esses cachorros de rua, derrubava as de querosene pra comer, era latas de querosene, daí o termo vira-lata, que eles viravam latas pra comer jogava lata no chão e comia o que tinha dentro das latas...compreendeu? Pera aí que eu vou trazer uns desenhos pra ti.

Sérgio: Então o senhor falava que os carvoeiros tinham esses três derivados?

MA: Pois é tinha isso, tinha estão, tinha esses caras com ferraduras pra cavalo então tinha aqui na João Coelho, tinha os ferradores de cavalos, era uma espécie de...como tem hoje, por exemplo, aqueles caras que enche pneu? Como é que chama?

Sérgio: Os borracheiros?

MA: Os borracheiros...tinha os borracheiros dos cavalos que era os caras que perdiam ferraduras e colocavam novas ferraduras nos cavalo, porque os cavalos não podiam viver sem ferradura.

Sérgio: Os cavalos eram criados aqui mesmo?

MA: Não eram importados né, do Rio Grande do Sul, vinham de São Paulo.

Sérgio: Eram esses mesmo que usavam?

MA: Era... tanto que vinham de lá por exemplo, eles vendiam cavalos era um tipo de sacanagem os caras tinha muitos cavalos de corridas, e tudo, já não tavam meio velhos eram bem tratados, pois eram cavalos de corridas, escondia a velhice deles, então eles vinham pra cá, mas por pouco tempo porque os cavalos eles não tinham aqueles exercícios maneiro de correr eles fazia coisas pesadas e pouco tempo adoeciam e morria, compreendeu? Isso era umas das coisas que acontecia muito, os cavalos de corrida vinham muitos da Argentina, Paraguai, Uruguai, vinham pra cá pra Manaus, mas já eram cavalos que tavam velho, e não tinha na verdade um camarada...um cara especialista, que depois que vieram pra cá ficou mais difícil, não era cavalos doentes já era de idade, segundo o trabalho deles não era fazer nada, como já tavam meio envelhecido já não corriam mais, era só pra ser tratados, limpados, coisa toda vieram pra cá pra pegar peso pra correr botar em carroças, em pouco tempo eles morriam, isso era uma coisa que ninguém escreveu nada sobre isso, foi verdadeiro, porque foi eu que conheci um camarada, seu Antônio, que ele comprava só cavalo de fora, aliás todos os cavalos vinham de fora, todos aqui não tinha fazenda, mas ele por excelência comprava cavalo jovem, quer dizer que vieram de primeira mão de lá cavalo que já tinha comprado uns anos de fora e eram vendidos de novo, percebeu?

Sérgio: Mas esses cavalos que os carvoeiros usavam eram deles mesmo?

MA: Cada carvoeiro tinha o seu cavalo. Tinha carvoeiro que tinha família grande e tinha dois, três cavalos e cada qual usava cavalos pra vender, por exemplo, uma coisa interessante 99,9% dos carroceiros eram portugueses, todos os carroceiros, todos carroceiros, donos de bares eram carroceiros, todos os donos de restaurantes, vendedores dos açougues de Manaus, tudo era de portugueses, mas tudo era de português, as casas alugadas eram de português.

Sérgio: Interessante! E o que o senhor lembra em relação aos carvoeiros...eles eram o que?

MA: Não, os carvoeiros, os carvoeiros não tinham nenhum carvoeiro português, que eu conheça português; porque era um trabalho brutal, português num gostava muito de...ele era mais inteligente, ele era os dono né? Ele era o dono das carroças. Aqui tinha um camarada que tinha todas...as carroças de gelo era dele, chamava-se Felipe geleiro, era espanhol, todas as carroças de gelo Cristal. Já ouviste falar nisso? Pois é, puxada a cavale, né. Então ele comprava aqui na Miranda Correa, única fabrica de gelo que tinha era aqui, única. Ai ele compra aqueles blocos enorme e vendia em quilos nas casas, de manha, ele saia de lá cinco horas da manha, seis horas da manha e ia vendendo nas casas da cidade, e sabe a cidade era pequena naquele tempo, terminava no Boulevard Amazonas.

Sérgio: Vila Municipal, né?

MA: Lá era o mais longe de Manaus, o lugar mais longe, mais longe e aqui era o mais longe de Manaus, ia até ali no Boulevard Amazonas e pra cá já era a cidade, do Boulevard pra lá era mato, mato, mato, num tinha nada, nada.

Sérgio: Até mais ou menos na década de 60 foi o carvão foi essencial?

MA: Década de 50, 60 já melhorou a evolução que abriu tudo, veio a Zona Franca né começou entrar dinheiro.

Sérgio: Do petróleo e do gás né?

MA: Exatamente tudo isso, entrou veio com evolução antes não havia nada né.

Sérgio: Mas no início nem todos podiam ter né um botijão de gás né?

MA: Ninguém (risos) quem é que tinha um botijão de gás?

Sérgio: Mas ainda continuou por um tempo o carvão né?

MA: Até hoje maninho! Até hoje se usa carvão, não como se usava antigamente, mas agora na periferia de Manaus era só carvão mesmo, e as casas eram de palha, não era só a cobertura, as paredes; a nossa casa no interior era toda de palha e o piso era de paxiúba. Paxiúba é uma palmeira que a pessoa corta no meio e vai botando ali e pronto, é assoalho, só faz partir no meio, é assoalho, compreendeu?

Sérgio: E o senhor lembra desses carvoeiros se juntarem, se organizarem em algum tipo de organização?

MA: Não, não tinha não! Que eu me lembro não tinha não tinha eles era muito pobre e muitos primários era pobre e primários demais, analfabetos.

Sérgio: Eles só viviam mesmo do carvão ou tinha atividade na maioria deles?

MA: Só carvão! Pra eles qual seria útil? Por exemplo, na beira do mercado pra ajudar aqueles caboclos na mercadoria essa coisa, e tinha português que era dono da carroça que carregava o burro pra lá e pra cá era caboclo que ele pegava e levava assim ele não tinha emprego, tinha nada. O meu pai, quando caiu a borracha, a partir de 1910 que os ingleses levaram as sementes daqui pra Malásia, aí de lá quando começaram a vender a borracha nossa o resultado os armazém ficaram cheio de borracha e vendia pra ninguém, ninguém comprava, caiu tudo. O governo não tinha imposto, não tinha nada era uma miséria, uma fome enorme aqui em Manaus, até a prostituição profissional desapareceu naquela época, desapareceu.

Sérgio: E ficou o que?

MA: O meu pai era português né, ele era empreiteiro de obras, pedreiro né empreitava casas pra fazer.

Sérgio: Nessa época da borracha?

Moacir: É. E quando eu nasci em vinte e sete [1927] ele não tinha nada, ele teve que ir com a mulher e os filhos, só tinha dois, eu e meu irmão que era o mais velho, que já morreu. Então pra não morrer de fome ele foram pra terreno que era da minha família, que o pai da minha mãe era português, homem muito rico que era o dono de seringais etc...tinha esse terreno no Solimões, papai foi morar lá e viver como caboclo, com agricultura pesca de subsistência, caça de subsistência, pra não morrer de fome compreendeu?

Sérgio: E assim o senhor andou muitos por muitas cidades né o senhor andou por muitas cidades, nas outras cidades que andou tinha dependência do carvão na época?

MA: Que cidades?

Sérgio: Nas cidades que andou aqui Brasil.

MA: Não, daqui do Brasil quase todas era carvão, não tinha por exemplo, o Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul, já tinha eletricidade bastante, não tinha em Manaus, mas Manaus já tava mais pra nada compreendeu? Então a gente ficava, nós estávamos, como dizia a irmã superior “Estávamos fudido”. Eu me lembro que a mamãe...Uma das coisas lindas que a mamãe proporcionava pra mim e meu irmão era quando de madrugada pra ver os navios passarem no meio do rio, escuridão enorme, só se via o céu preto o rio preto e aquela...bola de fogo deslizando no meio do rio, o

navio todo iluminado aquilo pra nós era uma beleza, de madrugada ela acordava a gente pra ver, olha a mamãe acordava os dois filhos pra ver esse espetáculo.

Sérgio: A sua família, nos locais aonde o senhor morou aqui comprava muito carvão né?

MA: Há sim, quando mamãe ficou viúva, mamãe ficou viúva nova ainda, mamãe morreu com 45 anos nova, bonita, filha de português, era morena assim clara assim como eu, não era branca meu pai era ele era português mesmo e o seu Antônio, um carvoeiro que tinha dois cavalos pediu ela em casamento. Ohh [risos] filho da puta.

Sérgio: E aí?

MA: Mamãe achou aquilo um absurdo, pô carvoeiro, pô, filho da puta; ele viu a mamãe sozinha, vendia pra nós, ele tinha alguma coisa, dinheiro pra fazer isso né, mas eu ria.

Sérgio: E nessa época o senhor morava aonde?

MA: Morávamos na Rua Dr. Machado, ali no Alto de Nazaré, ali aquela rua que ficava entre a Tapajós e a Getúlio Vargas, aonde tem o diário oficial ali, morava ali eu morava bem em frente aonde é o diário oficial.

Sérgio: Aí o senhor Antônio fazia o carvão lá e vinha trazer pra vocês?

MA: Não ele fazia porra nenhuma ele tinha os carvoeiros dele.

Sérgio: Tinha empregados? Isso?

MA: Claro que tinha, mas ele vendia carvão pra qualquer um, ele se achava demais o dono da bola né, e veio pedir a mamãe em casamento.

Sérgio: E ela?

MA: Mamãe achou aquilo uma graça né.

Sérgio: E o que mais o senhor lembra mais desse seu Antônio?

MA: Só isso...Era mulato moreno, meio escuro, era um cara simpático, elétrico.

Sérgio: Morava lá para os...?

MA: Morava lá nos cafundó, sei lá onde ele morava [pausa]. Meu pai levou muitos anos doentes antes de morrer ele me viu a mamãe naquela miséria toda, achava que mamãe tava mais fudida do que já era.

Sérgio: Mas isso quando melhorou mais pra vocês? Aqui pra Manaus.

MA: Quando nós viemos pra Manaus, nós viemos pra Manaus, viemos morar na Dr. Machado né...aí eu comecei a trabalhar eu [pausa]; mamãe lavava roupa, de manhã e costurava à noite pra fora e eu o Mozá, que era o mais novo, a gente vendia “puxa puxa” nas porta dos mercados, não existe mais esse bombom cumprido, nas portas das escolas também a gente vendia garrafas vazias, vendia perfumes vendia essas coisas e isso de tarde porque de manhã nos tava estudando, foi um tempo duro, duro, duro. Agora fui interno na escola técnica de Manaus 1942, fevereiro de 42, quando saí de lá em 45 eu sabia bem português por causa da mamãe né, aí lá eu aprendi matemática e fui trabalhar no Jornal do Comércio, revisor do Jornal do Comércio, precisava bem o português, fazia uma prova lascada, foi meu primeiro emprego. Depois fui trabalhar na Crítica em 49, aí fiz concurso pra ginásio, escola técnica, aí melhorei minha vida graças a Deus melhorei só, mas minha vida como professor, todo mundo sabe que aquela merreca que todo mundo ganha. Então até hoje sou professor, não fui outra coisa na minha vida a não ser professor; sou escritor, que não ganha nada, pintor que não ganha porra nenhuma, poeta pior ainda; então eu ganhava mesmo ensinando matemática, português, fazendo palestra nas escolas; hoje tô velho com a mão na frente e outra atrás [risos].

Sérgio: Mas tem muita história pra contar né?

MA: Só? Haha

Sérgio: Tá bom seu Moacir muito obrigado!

Moacir: Só maninho, só história [risos].

### Anexo 3 - Imagens



**Imagem 1**

**Um gasogênio, tipo de motor a carvão vegetal (DEAN, 1996, p. 270)**

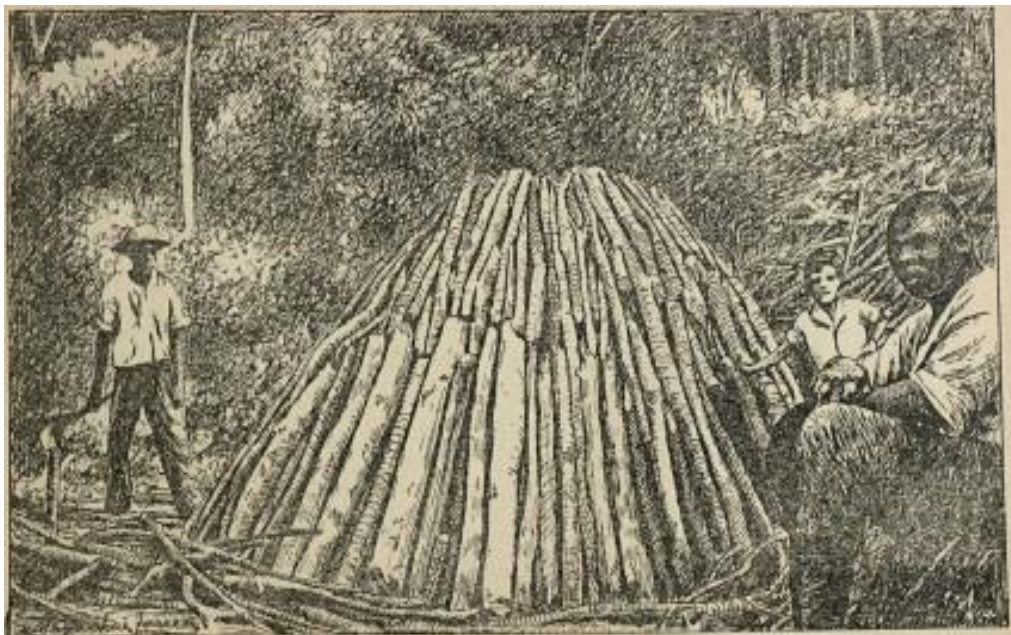


**Imagem 2**

**Uma carvoaria feita em área plana (IBGE, 1956, p. 208)**



**Imagem 3**  
O transporte de carvão feito no lombo de um cavalo (Andrade, 1984, p. 55)



**Imagem 4**  
A formação do “balão” para produção de carvão (CORREA, 1936, p. 86)



**Imagem 5**  
**Vendedores ambulantes de carvão vegetal (ANDRADE, 1984, p. 79)**



**Imagem 6**  
**Uma área produtora de carvão vegetal nos arredores de Manaus, por volta da década de 1960; Estrada do Aleixo Km 4. (Fonte: ANDRADE, 1984., p.193);**



**Imagem 7**  
**Praia do mercado, por volta de 1965 (Fonte: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>)**



**Imagem 8**  
**“Moça do lixo”, serviço de limpeza pública em Manaus (Fonte: Revista O Cruzeiro, 26/08/1950. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>)**